This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARY
1969

STANFORD UNIVERSITY LIBRARY
1969

a

O

SENTIMENTALISMO

PQ9261
A687S4

I

CARTAS

Carta a D. Antonio d'Almada

— No Bussaco —

Meu caro amigo.— Escrevo-te para conversar comtigo. Estou com saudades tuas, podes crel-o. Faz-me falta esse teu genio jovial, que umas vezes me leva a esquecer as tristes cogitações inevitaveis em quem toma, como eu, a serio o dever e a responsabilidade; outras me impacienta, me importuna, e me faz quasi desejar o ver-te longe de mim... provavelmente para commetter, como agora, a fraqueza de ter saudades tuas. Já não é moda ter saudades, bem o sei: e eu, a fallar a verdade, que não tenho sequer tempo para as ter, mal posso deixar de andar á moda. Não te rias, pois, de mim — faz de conta que não leste esta minha confissão de *sentimentalismo* — mas não deixes de ver o resto d'esta carta, porque te vou contar uma singela historia, e pedir-te um importante favor.

No proprio dia em que sahiste de Lisboa recebi uma carta, em que me pediam para ir ver o Carlos do Arnal, o advogado celebre pela rigidez de caracter, e talento com que

exerce a sua profissão. Conheço — como todos conhecem — o Arnal; não tenho tido com elle relações, mas aprecio em muito o seu merito, e ainda em mais a sua probidade. Corri logo a casa d'elle. Achei-o doente bastante, sem lhe observar symptomas de uma affecção bem definida; assustou-me comtudo o estado em que o vi. — Evidentemente uma causa moral actua sobre a organisação, já deteriorada pelo trabalho, do velho advogado. — Sabes ser opinião minha que muitas das mais graves enfermidades, que minam a existencia das pessoas que têm um espirito cultivado e um coração sensivel, são a principio de um caracter puramente moral. As lesões physicas vêm depois, e são essas que os medicos observam só, e contra as quaes applicam os meios — tantas vezes impotentes e inefficazes — de que a sciencia dispõe. Combater a doença material, por assim dizer, a doença que os sentidos observam, discriminam, pesam, medem; combater a doença do corpo, é apenas atacar os symptomas, mas não debellar a causa do mal, quando essa está no espirito ferido por uma dôr profunda, ou absorvido por uma grave preoccupação. O perfeito equilibrio do corpo e do espirito é indispensavel para que se mantenha a saude e a vida se prolongue, para que os orgãos funccionem bem e a razão conserve a sua natural lucidez; para... — não te rias da dissertação, nem te prevaleças, em favor do teu systematico scepticismo, d'estas minhas considerações — para que as digestões se completem sem embaraço, e o amor floresça.

Estou-te ouvindo d'aqui exclamar com emphase: — Que venha agora o meu amigo, dr. Luiz de Mello, accusar-me de leviano, de incredulo, de sceptico; elle, que suppõe que as mesmas causas, vulgares e prosaicas, podem perturbar a digestão e oppor-se ás manifestações de um amor poetico! — Eu sei que tenho irrespondiveis argumentos para provar, que só uma interpretação inexacta *das minhas doutrinas* pode levar um espirito pouco reflexivo, como o do meu amigo D. Antonio d'Almada, a fazer uma tão inopportuna

exclamação: fica, porem, para outra occasião o tractar tão grave assumpto. Por agora basta de dissertação, e vamos ao caso.

Vendo o Carlos do Arnal doente, e sem causa physica que podesse dar-me a explicação do seu estado, busquei informar-me — quanto o permittiam os melindres da minha e da sua posição — se algum motivo proximo de desgosto havia produzido no honrado advogado o abalo profundo, de que observava apenas os graves effeitos. Disse-me, que não tinha outro desgosto senão o de ver abatida, triste, languida, desprendida do mundo a sua pobre filha: mas que isso não era de agora, durava ha tempos já. E logo me consultou, com uma solicitude paternal que me impressionou, ácerca da filha, a qual parece — disse elle — affectada de uma doença, cujo principal symptoma é uma melancolia profunda. Esquecendo-se logo de si, e todo sustos, todo anciedade pela filha, pintou-me com tristes côres as angustias, em que o trazia continuadamente o vel-a, como uma flor pendida da haste, murchar, perder o viço, antes mesmo de haver ostentado á luz fulgente do sol todos os seus naturaes esplendores. — Ao fallar-me da filha as lagrimas marejavam-lhe nos olhos, e as palavras sahiam-lhe tremulas dos labios. — Interrompendo subitamente a phrase, quasi apaixonada, em que se retratavam os extremos do seu amor paternal, o Arnal levantou-se para ir chamar sua filha, que estava na sala proxima.

Não sou nem pintor nem poeta, bem sabes; e tenho pena de o não ser. Agora mais do que nunca, porque te quizera mostrar ao vivo a mulher mais suavemente bella, mais angelica, mais candida, mais graciosamente melancolica que existe no mundo. — Mathilde é uma esbelta rapariga; alta e flexivel como a haste da roseira. A natureza, como por pudor, não quiz de todo moldar-lhe ainda as formas; presente-se porem serem puras, correctas aquellas formas como as da Hebe antiga. São de uma doçura infinita os olhos, em cuja côr escura ha um tom azulado, que faz lembrar a côr

do céo ao terminarem os ultimos clarões melancolicos do crepusculo. Os cabellos, louro-escuro com reflexos quasi metallicos, ondeam-lhe em profusão sobre a fronte ligeiramente proeminente, e projectam sombra sobre ella, como para esconder mysteriosamente a melancolia dos pensamentos da formosa Mathilde. A bocca não é bella só, é divina; deslisa-se nella um sorriso, que parece receiar que o tomem por signal de alegria, e que é sem duvida uma suave e meiga manifestação de angelica bondade. É, porem, na voz que se sente toda a magia d'aquella organisação mysteriosa. Não ouviste... — tens ás vezes tu, meu caro D. Antonio, subitos arrebatamentos, em que o teu coração vibra como o de um poeta, embora o teu espirito ria e escarneça como o de um sceptico. — Não ouviste, em noite vivamente estrellada, quando parece haver-se esparzido no firmamento em gottas sem conto um orvalho de diamantes, as vagas e melancolicas harmonias que se formam com as mil vozes da natureza? Não notaste como naquellas harmonias os saudosos suspiros, que soltam as aves nocturnas, contrastam subitamente com os murmurios melodiosos da brisa por entre as ramadas, com as vibrações argentinas das aguas correndo na fonte ou no regato, ou com esses graves e lugubres gemidos que se levantam subito nos ares e fogem levados pelo vento, sem que se saiba onde nasceram, nem se possa prever onde irão extinguir-se? — A voz de Mathilde é como aquellas harmonias da noute; mysteriosa, incomprehensivel. Faz aquella voz tristeza e alegria; ao escutal-a sentem-se — como as sonhámos na infancia — as suavidades do céo... mas como se entre nós e ellas se interpozesse a morte.

Eu nunca senti impressão egual áquella, que em mim produziram os primeiros instantes que passei ao pé da filha de Carlos do Arnal. Esqueci-me, esqueci-me de que era medico... — Não, lembrei-me de que era medico só: e pareceu-me que a sciencia não era mais do que uma vaidade, futil, impotente, sem outro valor senão o de enganar, com

illusões vãs, os desejos d'aquelles que d'ella esperam a vida dos que lhes são caros.— Ainda que te queira explicar o meu pensamento ácerca de Mathilde, não posso. Não sei o que vi, o que observei nella: sei que padece. Ha alli um mal, que vai seccando na sua origem as fontes d'onde dimana a vida. Remedio para aquelle mal, não o conheço.— É uma saudade, saudade sem esperança, o que a consome.—E eu, tenho... odio ao mal, porque faz padecer um anjo, e tambem — como hei de negal-o — porque esse mal é uma saudade.

Se não fosse a confiança que tenho na bondade do teu caracter, rasgava agora esta carta, para que não lêsses a quasi involuntaria confissão dos meus mais intimos sentimentos. Peguei na penna com a intenção de conversar comtigo — como muitas vezes tenho feito — sem nada te esconder do que se passa no intimo de minha alma. Pois sabe, que não só a ti mas a mim proprio acabo de fazer uma revelação ao escrever-te esta carta. Só agora conheci a fundo o estado do meu coração, e — sinceramente t'o confesso — acho nelle symptomas assustadores. Não é difficil o diagnostico, e tu mesmo já o fizeste... — apezar de pouco conhecedor de enfermidades d'este genero, attenta a compleição *vigorosa e saudavel* do teu coração.— Prometti-te a narração de uma singela historia, e em vez d'ella fallei-te de mim. Parecia-me que tinha muito a contar-te; vejo agora que eram singelissimos os successos, e só importante, para mim, a impressão que elles haviam deixado no meu espirito.

Foi breve — pareceu-me a mim rapida como uma alucinação — a minha primeira entrevista com D. Mathilde. O Carlos do Arnal fallou-me largamente de Mathilde, ora com uma gravidade que denotava os sustos do seu solicito amor de pae, ora com uma falsa jovialidade que tinha por fim esconder á filha querida as suas tristes preoccupações. Eu, escutei-o — porque me sentia tanto como elle interessado pela pallida e melancolica menina — escutei-o com attenção; mas estava ao mesmo tempo esperando, quasi com ancie-

O

SENTIMENTALISMO

O

SENTIMENTALISMO

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1871

pmd

caro Luiz. O retrato que me fizeste de D. Mathilde está parecidissimo. Se não estivesse presente a minha ingrata D. Carlota — e, de mais a mais, sem o marido, o que a torna, se é possivel, mais seductora — declaro-te que me apaixonava por ella. Valeu-te o não estar só a melancolica D. Mathilde, porque senão a esta hora eramos rivaes.— E qual de nós seria feliz?

Tanto a pallida Mathilde como o pae me fallaram de ti; mas, devo confessar-te — bem que me peze — que, se elle te tem em grande conta como medico, ella não mostra haver reparado muito em ti como homem. Parecia fria, indifferente, e como em permanente abstracção, a tua predilecta D. Mathilde; mas por baixo d'aquelle gelo ha calor e vida. Tem, a interessante menina, subitos extasis, ao ver os esplendores da natureza; estremecimentos, ao ouvir as harmonias que se formam aqui na vasta copa dos cedros, quando sacudidos pelo vento; entonações, nas curtas palavras em que exprime a admiração ou a melancolia, que revelam bem a sua extrema sensibilidade.— É uma flor, que deve exhalar penetrantes, inebriantes perfumes, se algum dia se abrir sob o vivificante influxo de um amor puro, mas apaixonado.

Como me pediste que buscasse penetrar o segredo d'aquella melancolia — esquecendo-me, para que me não chamasses egoista, de mim e dos interesses do meu coração — fallei, n'uns momentos que estive só com a D. Carlota, — só, repara bem! — fallei unicamente da tua Mathilde. Mas... nada pude saber. Fiquei desconsoladissimo da minha loquela. Por tal modo se me arrevesaram as phrases, e tão embrulhadas me sahiram da bocca involuntariamente, que a malevola D. Carlota — tomando como para si as cousas que lhe eu dizia ácerca da sua amiga, e da paixão que ella havia accendido no coração de um amigo meu — se mostrou muito agastada comigo... a seu modo; isto é, desfechou uma gargalhada sobre a minha eloquencia, e poz-me um pouco fóra de mim, a ponto... de me calar de todo.

Queres um conselho, meu caro Luiz? Retira-me a tua confiança, e vem passar oito dias comigo. Nesses oito dias eu seguro a vida de todos os teus doentes. Nenhum d'elles quererá morrer, sem te ter ao pé de si. Um doente, quando se sente morrer com tão bom medico á cabeceira, diz comsigo: — Morro, porque tenho os meus dias acabados; a não ser assim Luiz de Mello salvava-me de certo.— Eu só conheço uma pessoa que não cré na tua sciencia medica: és tu. D'ahi vem a tua incontestavel popularidade, e a tua superioridade sobre os outros medicos, que até eu proprio reconheço.— Vem, meu amigo, porque talvez junctos possamos conseguir o que separados não conseguiremos nunca. Tu, accordar a sensibilidade de D. Mathilde; eu, adormecer a vigilancia suspeitosa de D. Carlota.

Ah! Esquecia-me dizer-te, que os meus trabalhos eleitoraes progridem com a maior actividade. O meu adversario, o sr. Adriano Ramires, apezar dos seus muitos contos de réis, das suas tradições de velho progressista — em Portugal, como sabes, todos os candidatos são velhos progressistas — e das suas notaveis arengas sobre a necessidade de restringir o suffragio, sobre a conveniencia de adiar a construcção dos caminhos de ferro, sobre a utilidade dos direitos protectores, e sobre outras muitas theses, todas — como estas — manifestamente *progressistas;* o sr. Adriano Ramires perderá a eleição, se... se tu vieres ter comigo ao Bussaco. Ha, como sabes, uma grande influencia no meu circulo: é o visconde d'Almeiroa. Decide da eleição o excellentissimo visconde, e tu já o curaste de um ataque de gota. D'aqui a casa d'elle são algumas horas de caminho.— Vem. Daremos uma saltada a casa do visconde. Fica assim segura a minha eleição. Eu, em sendo deputado, faço um discurso que abranda o coração de D. Carlota. Tu, com o auxilio poderoso d'esta Venus, consegues animar a bella estatua, que fez de ti um novo Pygmalião. — Vem. Não hesites, e não te faças esperar. Vê quanto te desejo aqui! Nem uma palavra nesta minha carta ácerca das tuas theorias esdru-

xulas sobre o amor e a digestão. Nem uma queixa pelas offensas que fizeste ao meu coração *vigoroso e saudavel.* Nada escrevi — creio — que podesse fazer-te amuar. Pois não me faltavam razões para isso. Deteve-me o receio de que não quizesses, — como homem de melindres e pontinhos que és, — vir dar um abraço n'um amigo, por elle te haver contradicto e offendido.

Se alguma palavra mal-soante se me escapou dos bicos da penna — e talvez escapasse — perdoa-m'a; e vem, que te espera com viva anciedade o teu verdadeiro amigo

Bussaco, 7 de maio de 186...

D. Antonio d'Almada.

II

OS DOIS AMIGOS

Era uma tarde de maio, mas quente, abafadiça, soturna. O sol declinava rapidamente para o horisonte. Dois homens, sentados juncto á ermida em ruinas, que fica no extremo da pequena esplanada situada ao norte da mata do Bussaco, seguiam com attenção o movimento das nuvens, as largas evoluções de uma tempestade, que percorria o espaço ao longe, e pareciam embebidos na contemplação do maravilhoso espectaculo que a natureza apresentava n'aquella hora. Nuvens pesadas, negras, formando massas espessas mais ou menos isoladas umas das outras, corriam, levadas pelo vento, dos pincaros da serra do Caramulo ás alturas da serra da Estrella. Por vezes uma linha de fogo sulcava subitamente essas nuvens caliginosas, ondulando como uma serpente e lançando um clarão livido, que a luz do sol mal deixava distinguir: então as serranias distantes ecoavam ao ribombo do trovão, que, sinistro e ameaçador, pouco a pouco a distancia ia amortecendo. Sobre a crista dos montes os raios, côr de fogo, do sol no occaso lançavam ondas de luz: no fundo dos valles o reflexo, livido e pardacento, das nuvens dava a tudo um tom phantastico,

lugubre, contrastando com a côr do topazio que brilhava nas alturas. O ar, onde estava suspenso, como tenuissima poeira, o vapor que pouco a pouco se condensava em nuvens, parecia dar corpo á luz, tornando como distinctos uns dos outros os raios obliquos do sol. O verde das arvores era aqui vivo e fulgente, alli baço e escuro, mais alem como azulado, segundo os varios cambiantes da luz. O chão, naturalmente avermelhado, conservava no primeiro plano d'aquelle vasto quadro a sua côr propria: nos planos mais distantes essa côr modificava-se, segundo os reflexos caprichosos do céo, segundo a densidade da nevoa, segundo a maior ou menor espessura do ar através do qual se observava.— Era grande, sublime o quadro; d'aquelles que produzem nas almas contemplativas uma melancolia quasi dolorosa, uma como saudade, vaga e indefinida, de um mundo que a imaginação sonhou nas horas de esperança, mas que na terra se não viu nunca realisado. Os dois homens que, dissemos, observavam este quadro das alturas do Bussaco não se deixavam, ao que parecia, impressionar por elle do mesmo modo.

Esses dois homens deviam ter aproximadamente a mesma edade — de trinta a trinta e cinco annos;— porem na physionomia, no gesto, nas formas, nos caracteres physicos, por assim dizer, havia notaveis differenças entre um e outro. Era um d'elles de altura mais que mediana; corpo esbelto, flexivel, sobre o delgado sem ser magro; rosto um tanto comprido e notavelmente anguloso; bocca rasgada e abrindo-se francamente para o riso, que alegravam duas ordens de dentes de um branco puro; olhos um pouco proeminentes e azues; bigode pequeno, cuidadosamente levantado nas pontas; cabellos quasi corredios e alourados. O outro era de estatura mediana, um tanto grosso para a altura, o que lhe dava a apparencia de robustez bem caracterisada: na physionomia mostrava uma gravidade reflexiva, que, a quem a visse sem bem attentar nella, poderia parecer orgulhosa exempção: os olhos negros tinham, por vezes, um brilho

quasi luminoso, por vezes exprimiam uma indifferença indolente: a testa era espaçosa e sulcada, entre as sobrancelhas, por duas rugas tão ligeiras que só de perto se apercebiam: a bocca, pequena e um tanto desdenhosa, escondia-se á sombra de um bigode pitorescamente desalinhado: os cabellos negros, sacudidos pelo vento, ondeavam-lhe sobre a fronte. Ambos aquelles homens vestiam singelamente trajos de campo; havia, porem, nas côres, no modo por que se ajustavam as pregas do fato ás flexões do corpo, nesse conjuncto emfim de pequenos nadas, que dão comtudo o estylo da *toilette,* o mesmo contraste que se notava entre a physionomia dos dois admiradores da natureza, que buscamos fazer conhecer ao leitor neste rapido esboço.

—É bello o ver assim a tempestade lançar-se de uma á outra serra, como impellida por mysteriosas attracções! —disse, rompendo o longo silencio, aquelle dos dois homens cuja physionomia, bem accentuada, deixava perceber uma alma reflexiva, uma intelligencia largamente desenvolvida.

—É—respondeu o outro distrahidamente, e como se as palavras do seu companheiro lhe não houvessem fixado a attenção.

—Eu—proseguiu o primeiro—não admiro nunca as grandes scenas da natureza sem me sentir profundamente triste. Ha em tudo, no mundo, mysterios sublimes que a razão não pôde ainda penetrar, mas que um vago sentimento de irresistivel attracção nos leva sempre a perscrutar com incansavel avidez. Que laços invisiveis unem o nosso espirito ao grande espirito da natureza? Não sentes tu, como eu, que aquellas nuvens correndo no céo e levando em si a tempestade, que a luz esparzindo-se sobre os montes, que os cedros bracejando alli e erguendo-se magestosos acima da floresta, que a natureza toda, emfim, obedece á mesma força que nos faz viver a nós? É essa unidade de origem, essa correlação intima, que nos leva a querer, sem alcançar nunca e sem nunca perder a esperança, descobrir o grande segredo da natureza. Esse segredo é o segredo da nossa

propria existencia; descobril-o, vel-o lucidamente, seria affirmar definitivamente o poder da razão, assegurar por uma vez a superioridade do homem na creação.

— Tens razão, meu caro Luiz de Mello. A natureza tem poderosas attracções sobre o espirito de pessoas... como tu, que vivem, pelo estudo, em constantes e boas relações com ella. Mas a mim falta-me o ter intimidade com a natureza, para sentir mesmo desejo de a comprehender nos seus profundos mysterios. Sabes que mais? — e nota a differença que vai de um ignorante a um sabio. — A natureza é uma admiravel paizagista, e nada mais, para mim. Eu estava pasmado deante d'este esplendido quadro das serras coroadas pela tempestade, deante d'estes contrastes sublimes de luz e sombra; e no fundo do meu espirito não havia a ambição de descobrir as causas d'esses phenomenos, mas apenas o modesto desejo de os poder imitar sobre a tela de um quadro, ou de os poder descrever na linguagem dos poetas. Gósto de admirar a natureza, de me sentir viver com ella sem lhe devassar os segredos. É o mesmo que se passa em mim quando estou ao pé de uma mulher bonita — proseguiu, rindo, D. Antonio d'Almada. — Admiro-lhe a belleza, sem buscar, sem querer saber... os segredos da sua alma, os mysterios do seu espirito. Até gósto das que não têm... espirito não digo, mas... Olha! Das que têm o espirito muito recheado de coisas poetico-sentimentaes não gósto eu, de certo. — Isto não é uma allusão, crê.

Decididamente estava quebrado o encanto que, por mais de uma hora, tivera enlevados os dois amigos.

— Não é allusão, mas parece-o — interrompeu Luiz de Mello. — E peza-me que a fizesses, porque bem sabes que não a merece a pobre Mathilde.

— Fizeste mal em vir ao Bussaco, meu amigo — acudiu D. Antonio. — Em vez de se dissiparem as impressões, que te havia causado a vista de Mathilde, têm-se ellas tornado mais profundas. E, por em quanto, não vejo que tenhas sequer distrahido da sua melancolia a filha do Carlos do

Arnal.—Estou arrependido de te ter convidado a vir ao Bussaco.

—Não te arrependas. É verdade que ha dois dias estou aqui, e ainda não pude notar em Mathilde o minimo indicio de poder, de querer ao menos, distrahir-se da magua profunda, que lhe punge o coração. Mas eu resigno-me, porque tenho o prazer de a encontrar a cada instante.—Tu dizias ha pouco, D. Antonio, que olhavas para as mulheres, como para a natureza, pelo lado pitoresco; sem buscar ir alem da forma e das manifestações externas do espirito. Eu tambem—agora pela primeira vez o sinto—só, como amo a natureza, podia amar a mulher; buscando no fundo do seu coração um segredo, no fundo da sua alma um mysterio. Explica-se assim o eu não ter, até agora, amado nunca. Só em Mathilde encontrei a attracção, que para mim tem o mysterio; só nella achei as seducções, que uma dôr indescriptivel, vaga mas pungente, difficil de comprehender, mais difficil ainda de curar, exerce sobre todas as potencias sensitivas da minha organisação. Não sei devéras se a amo; o que sei é que tenho d'ella um... dó, creio,—não sei como lhe chamar de outro modo—um dó tão grande, que nelle se absorve a minha alma toda.

—É singular tudo o que se passa em ti, Luiz. Tu, o homem impassivel que consumiu no estudo os melhores annos da vida, absorvido sempre no culto quasi supersticioso da sciencia; tu—proseguiu D. Antonio, estendendo a mão ao seu amigo—o meu inflexivel censor; tu, o severo, o grave doutor, assim namorado... mais que namorado, apaixonado, eis o que eu não chego quasi a comprehender.

—Não comprehendes?—perguntou Luiz de Mello, apertando a mão que D. Antonio lhe offerecia e tomando um ar jovial, que lhe dava á physionomia, naturalmente dura, uma expressão de extrema suavidade.—Não comprehendes? Pois tambem eu não posso comprehender que esteja namorado o sceptico D. Antonio; o *dandy* que se jactava de ser inaccessivel aos amores; o viajante que, depois de haver

percorrido a Europa em busca de emoções, se recolheu — emfim á patria, desenganado de que, para elle, nada havia a esperar nem a desejar no mundo revolto das paixões. Ora, meu caro D. Antonio — proseguiu o doutor no mesmo tom de amigavel ironia — o que ambos podemos affirmar é, que os heroes tambem podem ser vencidos. Nem sempre podem elles contar com a victoria, por mais que se julguem experimentados e sagazes.

— Tens razão. É tão verdade o que dizes, que, por mim, dou por quasi perdida de todo a partida.

Dizendo isto a voz de D. Antonio tomara um tom quasi plangente. Com a bengala, que tinha na mão, descreveu na terra algumas linhas; como se hesitasse em proseguir na conversação. As linhas tomaram, pouco a pouco, a forma de lettras, e essas lettras por fim formaram um nome.— Carlota! — exclamou elle, lendo o nome que havia escripto, e apagando-o logo com um movimento convulsivo.— Tens razão; tambem não posso quasi acreditar n'o que sinto.— E seguiu-se uma longa pausa.— Agora, que a partida está quasi perdida, é que eu mais desejo ganhal-a. Hei de hoje mesmo ter um desengano ou alcançar o direito de ter esperança, ao menos. A D. Carlota de Sousa é viva, alegre, jovial... fria de caracter; mas tem bom coração e é *coquette*. Creio impossivel que ella não deseje consolar quem por ella padece, que não a lisonjeie o ter quem a adore. Ora eu morro por ella, — e o tom em que D. Antonio disse estas palavras era levemente ironico, como se se envergonhasse da confissão que fazia ao seu amigo — morro por ella... e não sou um adorador para desprezar. Entre amigos a modestia é uma inutilidade, ou antes é uma hypocrisia e não uma virtude. Fallemos claro. Eu valho mais do que o José de Sousa, prosaico e semsaborão marido, que ri como um labrego, gesticula como um saloio, e falla como um abegão...

— O José de Sousa não é um *gentleman*, poetico e adornado das futeis prendas que dá o uso do mundo... — interrompeu Luiz de Mello, rindo: — prendas de muito va-

lor, sem duvida. Calçar bem uma luva, comer limpamente á mesa, fazer com graça um comprimento, ter a sufficiente hypocrisia para sorrir quando ha vontade de morder, para chorar quando ha vontade de rir, para dançar quando os pés doem, para estar sentado quando ha comichões de andar... estas e outras mil prendas são muito de apreciar. Não as tem perfeitas o pobre José de Sousa; mas, coitado! é um bom e sincero rapaz, que adora sua mulher, e tem... a vulgaridade de a fazer feliz.

— Feliz! Pois uma mulher formosa, cheia de espirito e de graça, como D. Carlota, pode lá ser feliz com aquelle sacco de prosa do marido!

— É um sacco de prosa... talvez: mas olha que o sacco de prosa, como tu lhe chamas, tem em si um thesouro de dedicação, de lealdade e de bom-senso.

— D'onde te veio esse enthusiasmo pelo José de Sousa, que apenas conheces? — prerompeu D. Antonio com visivel impaciencia.— Já sei. Veio-te d'esse eterno espirito de contradicção, que te leva a contrapôr as tuas ás minhas opiniões. Dizes que elle é bom, leal, dedicado, virtuoso e até sancto, para... para me ouvir.

— Não. Digo-o porque assim o sinto...— E proseguindo com voz insinuante: — Desejo persuadir-te a que desistas dos teus ruins projectos de conquista. Não é D. Carlota uma mulher feliz? Não, talvez. Mas vive tranquilla; vê correr mansamente a vida, sem que nada lhe perturbe a serenidade do coração, nem lhe altere a amenidade do caracter.

— Estás de uma rigidez de principios, de uma severidade moral, desde que te namoraste...

— Que talvez não possas comprehender! Pois é porque tu não estás namorado devéras.

— Não estou, dizes tu, não estou namorado devéras? Eu... que era capaz... de te ouvir mil sermões d'esses, para alcançar um sorriso d'amor; capaz... de beber toda a agua de Luso, para obter um beijo de D. Carlota.— E rindo com riso um tanto forçado, como para esconder a gravidade dos

sentimentos que o affligiam, proseguiu: — És um grande medico, meu amigo. Todos o dizem; mas eu agora duvido. Nem sequer sabes diagnosticar uma paixão amorosa.

— Ah! tu ris-te d'isso a que chamas amor? Então já nada receio: está segura a paz de coração de D. Carlota. Sem amor verdadeiro, um homem como tu, D. Antonio — que és bom, apezar de quereres tomar certos ares de D. João — não involve a vida de uma mulher, candida e virtuosa, no turbilhão das paixões.

— Deixa-me em paz: guarda para outros os teus sermões, Luiz. No fim de tudo és melhor medico do que missionario. Olha que eu percebo o teu egoismo, meu caro doutor...

— Egoismo! Em que?

— Pois tu julgas que te não comprehendo? Namorado como estás da D. Mathilde, que não faz caso de ti, suppões ter na D. Carlota uma protectora; e desejal-a livre, tranquilla, despreoccupada, para melhor cuidar dos teus interesses. Sacrificas-me ao teu egoismo, e a isso chamas virtude... pensas talvez que o é.

Luiz de Mello não era philosopho nas cousas do coração; tinha muita elevação de caracter para isso. A sua sensibilidade era extrema, quando a sobre-excitavam os receios de uma injustiça feita por um amigo, ou de uma duvida, se quer, sobre a sua lizura e honradez, viesse ella de quem viesse. Ao ouvir as palavras de D. Antonio fez-se subitamente pallido, duas rugas lhe sulcaram a fronte, tremeram-lhe convulsivamente os labios, e as lagrimas assomaram-lhe aos olhos.

— Queres offender-me?—balbuciou.—D. Antonio, desde crianças nos conhecemos e somos amigos... e sempre foste injusto comigo: mas esta injustiça!... Custa-me, faz-me pena que tão mal me julgues. Não fallemos mais neste assumpto, D. Antonio.

— Meu pobre Luiz! — exclamou D. Antonio, sorrindo com a expressão da mais singela bondade, da amizade mais cordeal.— Se eu fui sempre injusto comtigo, força é con-

fessar que tu te mostraste sempre propenso a desconfiar de mim. Não te amues comigo, Luiz... Não: amua-te, meu caro Luiz, que me faz isso lembrar do nosso tempo da infancia; tempo feliz, em que tu me prégavas já sermões de moral, e te amuavas comigo se eu ria dos teus sermões. Doce recordação, Luiz, que serve para estreitar mais ainda os laços da nossa indestructivel amisade.

— És sempre o mesmo, meu bom amigo. Perdoa-me.

Os dois aproximaram-se um do outro, e, n'um aperto de mão, manifestaram intimos affectos, que as palavras talvez não poderiam traduzir em toda a sua plenitude.

— Olha! — disse D. Antonio; rompendo o silencio, antes que Luiz de Mello proseguisse uma conversação que, provavelmente, para elle se tornaria penosa, depois da severidade com que tractára o seu melhor amigo.— Olha! Não vês como a trovoada tem caminhado da serra do Caramulo para aqui, para as alturas do Bussaco? Está todo coberto o céo, e as nuvens tão baixas que, n'um instante, toda a serra será involvida por ellas.

Estava o cimo da serra coberto de uma densissima nevoa, que vinha rapidamente baixando por sobre a copa das arvores da mata em rolos escuros. Por cima da nevoa o ar parecia uma massa solida, negra de um negro metallico, que causava pavor. Dir-se-hia que a montanha estava proximo a ser esmagada pelo peso immenso do céo.

— Já começa a chover — observou Luiz de Mello.

— E são enormes as gottas de agua. Vamos fugindo para o convento antes que desabe em torrentes. Não tarda.

Os dois amigos entraram, correndo, na mata pela porta que lhe ficava proxima, e, abrigando-se quanto podiam debaixo dos cedros collossaes que se erguem aos lados do caminho, chegaram emfim ao convento.

III

TEMPORAL E BONANÇA

O temporal cresceu rapidamente e invadiu toda a serra do Bussaco. O vento, soprando rijo por dentro da floresta, fazia-a curvar, ranger, torcer-se como em paroxismos de agonia. Por vezes recrescia o vendaval, e então ouvia-se o estalido das arvores a quebrar e o estrondo de pesados troncos a baquear em terra. O trovão rugia pela montanha, e, a curtos espaços, atroava os ares com aquelle estampido subito, assombroso, sem resonancia, que pode comparar-se talvez ao que produziria uma enorme barra de ferro, ao quebrar-se em estilhaços pelo choque subito de uma força prodigiosa.

Quando a natureza — perdido o equilibrio das forças que a animam — parece, agitando-se num accesso de raiva louca, querer esmagar, pulverisar tudo e entrar de novo no cahos, o homem não pode, por maior que seja o seu animo, deixar de se sentir invadido pelo pavor. Não é medo, não é só o medo da morte que produz esse irresistivel assombro, que o homem sente em presença da tempestade; é elle, sobre tudo, causado pela poderosa acção das forças physicas, sobre-excitadas durante as grandes, as violentas agitações da natureza.

Todos os que se haviam junctado no estreito e escuro corredor, que serviu de claustro no convento do Bussaco, estavam, mais ou menos, sob o influxo da tempestade: o susto, ou pelo menos a inquietação, lia-se na cara de todos. Os estreitos corredores do convento recebem luz apenas de algumas janellinhas, que deitam para pequenos pateos interiores, e da porta de entrada: as paredes, forradas de máos retratos de frades, rasgados alguns e quasi todos deteriorados, tem um aspecto grave e triste. Em frente da entrada uma grande cruz, tosca e ornada, na base, de uma caveira, — occupando justamente o logar onde a luz é mais viva — reveste a parede de alto a baixo, e augmenta ainda o aspecto lugubre d'aquelle recinto. No momento em que alli entraram Luiz de Mello e D. Antonio d'Almada, tres senhoras, de joelhos diante da porta que deita para a egreja, resavam fervorosamente uma ladainha; acompanhavam-as nesta piedosa oração algumas mulheres do campo e um homem, muito moço ainda, que, pelo vestuario, se reconhecia logo ser um *janota* da mais pura nata. A pequena distancia, de pé e encostados a uma janella, dois homens aguardavam que terminasse a ladainha, ou talvez a acompanhassem mentalmente mas com pouco fervor.

Um d'aquelles dois homens era um velho com o cabello todo branco: no rosto, secco e um tanto macillento, sobresahia notavel gravidade; a expressão era bondosa e ao mesmo tempo de uma tristeza, que bem se harmonisava com o quadro de que este personagem era, naquelle momento, a figura proeminente. O outro fazia verdadeiro contraste com o velho ao pé de quem estava, pela sua completa vulgaridade. Gordo; vermelho como uma lithographia illuminada; a fronte estreita, mas elevada em pyramide; olhos com uma unica expressão, a da mais completa bonhomia; bocca, que, mesmo naquelle momento e naquelle logar solemne, parecia querer-se involuntariamente dilatar n'um riso jovial, ao ver pallido, assustado e a rezar fervorosamente, o janota de que fallámos acima; cabellos castanhos, que é a côr es-

sencialmente vulgar; mãos e pés de notavel grossura; eis o retrato do homem que, juncto da janella, parecia olhar com curiosidade, ora para a chuva que cahia, ora para os que, de joelhos, resavam, temerosos da tempestade.— Foi este que primeiro rompeu o silencio, quando se manifestaram os primeiros indicios de querer melhorar o tempo.

— Ora ainda bem! — exclamou o José de Sousa.— Parece que já se vai querendo alliviar o céo. Está menos escuro, e a chuva não me parece tão forte.

— Deus queira que passe depressa a trovoada, para podermos descer para Luso — respondeu o velho.— Vai-se fazendo tarde, e se a chuva não acaba...

— Ficam aqui, no convento — interrompeu o D. Antonio d'Almada, aproximando-se dos interlocutores.

O som d'esta voz fez, por um instante, interromper a ladainha. Foi curta a pausa; mas bastou para que as tres senhoras, que rezavam, levantassem os olhos com curiosidade, baixando-os logo para proseguirem a reza; perdido, comtudo, um tanto o vivo fervor, com que até alli havia progredido.

— Ficar aqui no convento! — disse o Carlos do Arnal, o velho a quem havia dirigido a palavra o D. Antonio.— Minha filha é doente... ficariamos todos mal accommodados.

— Nós, eu e o meu amigo Luiz de Mello, cediamos-lhes a nossa casinha. Seria uma festa para nós, o termos taes hospedes no convento.

— Ora essa! E onde ficavam os senhores? — perguntou, rindo, José de Sousa.— A noute não estará de convidar, para ficarem a passear na mata.

— Não falta aqui nunca abrigo para todos — observou o Luiz de Mello.— O hospitaleiro administrador da mata seria a nossa providencia.

— É verdade — disse o Sousa.— Escapariam assim ao prazer de passear na mata a noute inteira. Mas a chuva vai passando; a trovoada já está mais longe, e nós poderemos ir para casa d'aqui a pouco. Isto de trovoadas de maio sempre são assim.

A ladainha havia terminado. Quasi socegados todos — porque os trovões se tornavam mais raros e menos atroadores, — haviam-se junctado em roda dos que estavam conversando, e pouco a pouco se haviam encaminhado para a porta do convento.

Feitos os comprimentos dos nossos dois amigos, Luiz e D. Antonio, ás senhoras, a conversação proseguiu, tornando-se geral.

— Minha mulher não costuma ser medrosa, nem de trovões nem de nada — continuou o José de Sousa: — mas hoje parece que teve medo. — Diz lá, Carlota, tiveste medo?

A pessoa a quem se dirigiam estas palavras era uma senhora nova, mais esbelta do que bella, mais graciosa do que esbelta. O que na sua physionomia se tornava verdadeiramente caracteristico era o riso: riso em que se revelava natural disposição para a alegria sincera, e uma infinita doçura; riso que, se por vezes tinha uma ligeira expressão de escarneo sem malevolencia, logo parecia pedir perdão; riso que aos infelizes offerecia consolação, aos ditosos dava sympathia, para os pobres era como uma esmola, e para os ricos uma lição de modestia e de caridade. Um riso assim é um dom do céo, que faz da mulher um anjo de ineffavel bondade, e lhe dá um immenso poder sobre todos os que d'ella se aproximam.

— Medo! — respondeu D. Carlota de Sousa a seu marido — medo não, mas... senti a necessidade de me unir a Deus pela oração. A minha querida Mathilde é que está toda trémula ainda. Olhe! Veja, sr. Carlos do Arnal, veja como ella está pallida. — E, dizendo isto, D. Carlota dava um beijo na sua formosissima amiga; na melancolica Mathilde, que nós conhecemos já, pelo retrato que d'ella fez o dr. Luiz de Mello.

— Estou nervosa, estou — respondeu Mathilde, com aquella voz sonora e vibrante, cujas modulações, como as de uma musica mysteriosa, tinham o poder de acordar a

sensibilidade dos que as escutavam.— Estou nervosa! E tu bem sabes, Carlota, quanto isso me contraria, porque...

— Porque receias que eu não creia nos teus nervos, como não creio nos das outras mulheres! Enganas-te. Tens o privilegio de me fazer acreditar em tudo: até em ataques nervosos.— Mas tu não tens d'isso, querida: — acrescentou a D. Carlota, rindo — porque se não, eu pedia ao sr. Luiz de Mello que te curasse d'esse... ridiculo.

— Nem sempre o é — acudiu o Luiz de Mello, quasi timidamente, aproximando-se de D. Mathilde com um movimento de viva solicitude.— Este tempo electrico, este como peso da atmosphera, assim carregada de humidade como está agora, tudo, perturba as organisações delicadas. Sente-se incommodada ainda?

— Uma leve falta de ar... uma ligeira oppressão, e nada mais — respondeu Mathilde, que estava effectivamente mais pallida do que de costume, mas a quem as palavras de Luiz de Mello animaram um tanto.— Sinto-me melhor, sr. Luiz de Mello; respiro mais livremente aqui...

— Tem-se dado bem a minha filha no Bussaco — acudiu o Carlos do Arnal.— Foi excellente o conselho do nosso doutor para a minha querida Mathilde.

— E para o sr. Carlos do Arnal tem sido proveitosa esta digressão, não é assim? — perguntou o Mello, como para desviar de si a attenção dos que o cercavam, a fim de que não notassem a sua perturbação.

— Para mim... — e um curto e involuntario suspiro lhe cortou a phrase — para mim tambem tem sido proveitosa. Aqui, está-se longe d'essa vida... toda cortada de cousas desagradaveis, que ha em Lisboa. Esquece-se, por vezes, tudo... ou quasi tudo.

— Aquelle abatimento, que por momentos o deixava sem forças, quasi, para se mover; aquellas perturbações de cabeça; aquellas subitas palpitações... aquelle sentimento de torpor que tanto o affligia; tudo passou? Não se tem re-

petido os ataques de tristeza... sem motivo, que tanto o affligiam?

— Não. Eu estou bom, estou contente... Quando a minha Mathilde está melhor, sinto-me eu viver.— E, ao dizer isto, os olhos do velho advogado tinham uma expressão de angustia, que lhe desmentia as palavras.

D. Carlota de Sousa notou o estado de Carlos do Arnal, e, como para dar outra direcção menos grave á conversação, exclamou:

— Sr. Luiz de Mello, venha aqui ao sr. Francisco da Ribaldeira. Elle é que está... ou vai estar com um ataque nervoso.

O sr. Francisco da Ribaldeira, para quem D. Carlota pedia, rindo, os soccorros da medicina, era o janota, que resava fervorosamente a ladainha em quanto os trovões rugiam sobre a serra, e que estava, naquelle momento, ainda pallido, tremulo, como assombrado, apezar da trovoada ir já longe e o sol começar a romper — em faxas de luz que por instantes desciam por entre as arvores, — as nuvens, que o vento norte, fresco e penetrante, ia rasgando e como fundindo pouco a pouco no azul esbranquiçado do céo.

Magro e direito como um ponto de admiração; possuindo, em relação á sua altura mais do que mediana, uma cabeça um tanto pequena, mas ornada de abundantes cabellos de um castanho tirante a loiro, que lhe davam uma certa grandeza apparente e fofa; cara angulosa, onde predominava um nariz direito e agudo como um espinho, onde se via cortada, em linha dura, a curva da maxilla, onde se abria larga a bocca, ornada por cima de um bigode loiro cuidadosamente encerado, torcido e nas pontas repuxado em bico agudissimo; pelle de um branco egual e um tanto parecido ao da cera; olhos buliçosos, mas esbranquiçados, o que lhes fazia perder o brilho sem diminuir a malicia; mãos longas, magras, e parecendo mover-se contra a vontade de seu dono; pés que não deixavam em duvida a estabilidade da desgeitosa construcção, que sobre elles assentara a na-

tureza; vestido de côr de azeitona d'Elvas dos pés á cabeça, e na mão uma *badine* tão fina, que poderia tomar-se por uma das guias do proprio bigode; eis o que era, na sua structura e apparencia externa, o sr. Francisco da Ribaldeira: litterato ambiguo, que começara por noticiarista a sua carreira e chegara já, apezar dos seus verdes annos, a *folhetinista*. Este, quasi sempre innocente, genero de composição litteraria não agradava — digamol-o já — ao sr. Ribaldeira. Sentia-se com muito má lingua e com uma consciencia — ou cousa que o valha — demasiadamente elastica, para não aspirar a jornalista politico; e mesmo, mais tarde, depois de um brilhante aprendizado de calumnias e venalidades, depois de haver provado, não as suas forças mas as suas fraquezas na ante-camara dos ministros, a alcançar uma cadeira no parlamento, para ahi espanejar a sua garrula e futil eloquencia.

— Não, não vou ter nenhum ataque nervoso... — balbuciou o sr. Francisco da Ribaldeira, ao ouvir a exclamação ironica de D. Carlota de Sousa. — O que eu tenho é uma impressão na cabeça... É, como dizia o sr. Luiz de Mello, o effeito da trovoada. E, depois, as sensações, que ha dois dias têm passado por mim, deixaram-me impressionavel... — Estas palavras, dictas já em tom mais firme, acompanhou-as o litterato de um olhar a D. Carlota, que tinha evidentes pretenções a fascinador.

— As imaginações vivas, os corações apaixonaveis, as almas... — assim como a sua, sr. Ribaldeira, — fóra do commum, deixam-se facilmente levar de arrebatamentos, que esfalfam... os que têm o privilegio de ser poetas — acudiu D. Antonio d'Almada em tom de zombaria; mas com um leve tremor na voz, que era evidente indicio de impaciencia.

O Ribaldeira fez uma contorsão, como se o houvessem pizado, quando ouviu ás palavras de escarneo de D. Antonio; cubriu, por isso, com um sorriso de falsa amabilidade, a impressão desagradavel, que essas palavras lhe causaram; e, em tom contrafeito de modestia, respondeu:

— Sr. D. Antonio, faz-me muita honra chamando-me poeta. Eu não sou senão um homem simples, que trabalha para aperfeiçoar a sua razão, para alargar a sua instrucção, e chegar assim a poder servir melhor o seu paiz...

— E a humanidade — accrescentou D. Antonio.

Esta conclusão, posta pelo elegante cavalheiro á phrase guindada do litterato, cortou-lhe subitamente a palavra, e deixou-o enleiado e estupefacto.

Uma voz um pouco trémula, e similhante á de uma falsa velha de entremez, veio intrometter-se então na conversação. — Todos se queixam, dizia a voz, todos se dão por doentes; até o sr. Ribaldeira, coitado! que farei eu... Jesus, Maria, José! que tive tanto susto... ainda não estou em mim! — Aqui no meio d'este arvoredo, de mais a mais! Dizem que os raios caem nas arvores... que é muito perigoso estar assim ao pé da mata quando faz trovões.— Bemdicto seja Deus! Diga lá, sr. Luiz de Mello, a trovoada voltará ainda? A modo que está tudo negro para o cimo da serra. Ainda não estou em mim, nem fico descansada em quanto não chegar a casa.— Não lhes dizia que não viessemos hoje á mata? Pois se eu sentia a trovoada já na cabeça desde pela manhã! Mas isto de meninas querem sempre fazer a sua vontade; e meu irmão não sabe resistir á filha...

Promettia não ter fim esta arenga, se alguem lhe não cortasse o fio. Encarregou-se d'isso o Carlos do Arnal. — Sentes-te doente, menina? — disse elle á irmã mais velha — pois estás a tempo de te queixares, se o sr. Luiz de Mello tiver pachorra para te ouvir... quero dizer — accudiu o advogado pondo a mão no hombro da irmã, como para a calmar — se elle souber de remedio para as exquisitas doenças que tens. Esta minha irmã tem medo de tudo, sente todas as doenças que vê nos outros.— Coitada! gosta de viver, e tem por isso muito medo da morte. Pois olhe, mana Barbara, que ha de morrer; fique-se com esta.

— Calle-se, mano Carlos, que não é bom fallar nessas cousas.

A irmã do Carlos do Arnal tinha os seus cincoenta annos, mas desejava que os outros lhe déssem quarenta, quando muito. Baixa e roliça, conservava uma certa ligeireza de movimentos, de que ella sabia fazer uso em beneficio das suas veleidades juvenis, e, ainda mais, da sua insaciavel curiosidade. A cara redonda e com poucas rugas tinha uma expressão banal, que era difficil distinguir da estupidez: uma leve enfermidade nos olhos, bastante esbogalhados provavelmente pelo exercicio que lhes dava a curiosidade, trazia-os mais ou menos innevoados de lagrimas; circumstancia de que D. Barbara tirava o possivel partido, para parecer condoída dos males alheios, e poder assim extorquir segredos aos que se deixavam imbair pela sua falsa sensibilidade. D. Barbara usava de côres claras nos vestidos, e gostava de ouvir conversações equivocas e com alguns resaibos de indecencia. Sempre que fallava do marido, que perdera havia dez annos, e que fôra muito mais novo do que ella, subia-lhe a côr ao rosto, e os olhos gottejavam-lhe lagrimas, sem que se podesse bem averiguar qual era o sentimento que lhe produzia taes affrontamentos.— Frequentava todos os dias a egreja; era de duas associações de beneficencia, o que lhe dava occasião de entrar em muitas casas para consolar os afflictos, e para satisfazer ao mesmo tempo o seu incansavel desejo de saber das vidas alheias. Certas beatas de polpa consideravam-n'a tola, mas tinham-n'a por excellente instrumento para forrejar noticias e propalar mexericos, e por isso a tractavam com certa intimidade, que muito a lisongeava, e a trazia subserviente a seus mandados.

Em quanto a sr.ª D. Barbara expunha as suas queixas e sustos, e se zangava pelo desabrimento do irmão, D. Antonio d'Almada aproximara-se de D. Carlota, que estava fóra da porta do convento, um pouco afastada dos outros personagens da scena a que vimos de assistir, e começara com ella, em voz baixa, um dialogo animado.

—Se eu podesse alcançar de v. ex.ª que me escutasse

por alguns minutos, sr.ª D. Carlota... — dizia D. Antonio, depois de algumas palavras banaes a respeito do tempo, que rapidamente mudara de tempestuoso para sereno e bello.

— O que me diria nesses minutos, se lh'os concedesse? — accudiu D. Carlota com um sorriso.

— Dir-lhe-ia...

— Não diga ainda; que não lhe fiz por em quanto a concessão... nem lh'a faço sem condições.

— Não me ponha condições, sr.ª D. Carlota. É tirar á graça, que v. ex.ª me concede, uma parte do muito que ella vale. Da sua generosidade...

— Tem limites a minha generosidade, como lhe quer chamar: e esses limites não os posso eu... nem o sr. D. Antonio, transpôr. Já vê — accrescentou D. Carlota — que o pôr condições, antes de conceder-lhe uma... conferencia, pedida com tanta solemnidade, é apenas tornar facil a exposição do grave negocio, que deseja, creio, submetter ao meu juizo; afastando tudo que possa desviar d'elle a nossa attenção.— Evidentemente D. Carlota buscava ganhar tempo, para tornar impossiveis as confidencias do seu interlocutor. E conseguiu-o; porque D. Barbara, vendo que duas pessoas fallavam uma com outra, sem que ella as podesse escutar, e de mais a mais sendo moças ambas, de sexo differente, e talvez — suppunha ella com a sua habitual candura — unidas por mysteriosa intriga, interrompeu os seus queixumes, esqueceu-se dos proprios nervos, e lançou-se, como caçador em busca da preza, entre D. Antonio e D. Carlota.

— Estavam fallando... da trovoada? O que estavam dizendo? — perguntou a velha beata.

— Estavamos dizendo, que o viver sem saber tudo quanto se diz e quanto se passa, é grande martyrio; e que, nesse caso, o melhor é morrer, para descanso proprio... e tambem para descanso dos outros — respondeu com impaciencia D. Antonio. E, voltando-se para D. Carlota, accrescentou: — Não é assim, minha senhora? Saber... tudo, não

digo, mas algumas cousas, seria talvez — quem sabe? — uma grande... direi felicidade? Não me responde, sr.ª D. Carlota; pois outra vez, espero, serei menos infeliz, e então alcançarei, talvez, descobrir o que tanto anceio por saber ao certo.

— Tambem é curioso o sr. D. Antônio? — exclamou a sr.ª D. Barbara. — E dizem que só as senhoras são curiosas!... E os homens! Não é verdade, Carlota, que os homens são mais curiosos do que as mulheres? Eu, e mais sou senhora, não sou nada curiosa.

— Nada, é verdade — confirmou D. Carlota, desfechando uma gargalhada. E, virando as costas á impertinente beata, encaminhou-se para a bella Mathilde, a qual, como estatua, immovel, silenciosa, a cabeça languidamente inclinada sobre o hombro, perdia o vago e melancolico olhar por entre a ramada dos cedros, dourada pela luz do sol.

Luiz de Mello, encostado ao portal do convento, contemplava absorto a pallida donzella, sem que do mundo externo chegasse nada ao seu espirito, senão a doce e pura imagem da mulher que adorava. Aquelle amor apossara-se de toda a grande alma de Luiz de Mello.

— Em que estás scismando, Mathilde? — perguntou D. Carlota. — Ao som d'esta voz, meiga e solicitamente sympathica, os dois acordaram: D. Mathilde para escutar a sua amiga, suspendendo, como a custo, as divagações mal definidas da sua imaginação enferma: Luiz de Mello para escutar D. Mathilde, e sentir-se enamorar ainda mais sob o magico influxo d'aquella voz grave e melodiosa. — Em que estás scismando? — repetiu D. Carlota.

— Estava a olhar — respondeu singelamente a filha do Carlos do Arnal.

— A olhar para que, menina? — perguntou D. Barbara, accudindo logo á nova conversação, a ver se encontrava pabulo para a sua curiosidade.

— O ar, as arvores, a luz... É tudo tão bonito! Tão triste, tudo! Meu querido pae — proseguiu ella, aproximando-se

do velho advogado, e tomando-lhe o braço com indizivel meiguice — vamos ver o pôr do sol. Hoje é admiravel.

— Filha! olha que está humido o ar, o chão ainda molhado; e tu doente, filha.

— Não tem duvida. O vento já enchugou as pedras, e nós demoramo-nos pouco. Tenho tanto desejo de ir ver o pôr do sol!...

— Que diz a isto o sr. dr. Luiz de Mello? — perguntou o Carlos do Arnal, como para encontrar na opinião do medico força para resistir á vontade da filha.

Não era o Luiz de Mello d'esses medicos que condescendem, por systema, com a vontade dos doentes, a fim de lhes captar a benevolencia, ainda que seja á custa da saude dos que se confiam aos seus cuidados. O seu caracter era muito elevado, a sua consciencia muito melindrosa, o seu respeito pela sciencia e por si proprio muito grande, para que hesitasse em dar a sua opinião, embora ella desagradasse aos que o consultavam.— A cobardia, ou a venalidade não podiam entrar na sua grande alma, e as condescendencias perigosas d'essa natureza são, ou uma ou outra cousa.— Naquelle momento, porem, a vontade de Luiz de Mello vacillou; a sua energia enfraqueceu. O desejo de D. Mathilde era tão vivo, tão intenso, que elle não ousou contrarial-o. Olhou para o céo, como para estudar o tempo: deu alguns passos, para verificar se o chão estava sufficientemente enxuto; passou uma rapida, mas minuciosa inspecção á *toilette* da filha do advogado, para ver se tinha as condições necessarias para a preservar da humidade e do frio, e por fim declarou: — que podia a sr.ª D. Mathilde, se promettesse ser prudente, ir á porta de Coimbra admirar as bellezas do sol posto.

Um olhar de reconhecimento foi o premio da sua fraqueza. Por aquelle olhar daria o Luiz de Mello a vida.

IV

O CÉO E A CARIDADE

Do pobre e singelo convento do Bussaco á antiga portaria, que fica no lado occidental da mata, corre um caminho plano, estreito, regular, e, em parte, traçado em linha perfeitamente recta: d'um e outro lado d'este caminho estendem-se dois renques de cedros, cujos troncos elevados, direitos, aprumados, e finos em relação á sua grande altura, são como as esbeltas columnas que formam a nave central d'algumas das mais vastas e bellas cathedraes gothicas. As ramadas d'essas formosas arvores entrelaçando-se a uma immensa altura, inclinando-se como em ogiva, formam uma aboboda, que ao sopro do vento oscilla, e deixa, abrindo-se, ver o céo. Em baixo, a vegetação vigorosa e luxuriante, mas singela e pouco ornada de flores, cobriu os muros quasi rasteiros que limitam o leito do caminho, o chão, as rochas, os troncos das arvores da floresta, os telhados das capellinhas em ruinas que a devoção ergueu de distancia em distancia, de uma alfombra verde esmeralda; só os fustes d'essas columnas vivas, d'esses gigantes da mata não ousou cobrir a vegetação parasita. Em cima, os raios do sol, coando-se por entre as folhas tenuissimas, coroam com esplendido brilho a copa dos cedros. É maravilhoso; porem melancolico, o effeito da luz e da sombra,

das linhas severas dos troncos e das linhas graciosas das ramadas dos cedros, das côres e dos tons da vegetação, naquelle caminho ao cahir da tarde. Quando por elle passavam os personagens que — segundo vimos no anterior capitulo — a tempestade reunira no claustro do convento, as gottas de chuva, pendentes ainda dos ramos dos cedros ou espalhadas sobre os fetos e os musgos, resplandeciam como diamantes; a luz do sol, como que encorporada na tenue nevoa que ainda corria na atmosphera, parecia cahir em chuva de ouro ardente pelo cimo das arvores.

Iam todos, mais ou menos, absorvidos nas suas cogitações, nos seus cuidados, ou nos devaneios da phantasia e do coração, os nossos intrepidos passeadores, a quem a humidade do chão, e as pesadas gottas d'agua que o vento fazia cahir dos ramos das arvores, não desviavam do proposito que haviam feito de ir admirar a belleza do pôr do sol. A magia portentosa da natureza pouco a pouco os foi fascinando, de modo que, ao sahirem a porta de Coimbra para o largo terrado, desafogado de arvoredo, que está em frente da antiga portaria, todos — até mesmo a propria D. Barbara — sentiam em si a vaga, mysteriosa e suavissima harmonia, que é como a vibração que as bellezas da natureza imprimem nos effluvios, que levam a vida e a sensibilidade a todos os orgãos.

E havia que sentir, que admirar, que pasmar diante dos esplendores do espectaculo que, naquelle momento, elles tinham diante dos olhos.

É vastissimo o paiz que se descobre d'aquella altura do Bussaco, magestoso o quadro que a vista pode abranger. No primeiro plano, e nos limites do estreito terrado da portaria de Coimbra, algumas arvores antigas de uma vegetação vigorosa, e uma cruz feita de dois troncos, erguendo-se sobre tosco pedestal de pedras mal junctas e a que os lichens e o tempo deram côr cinzenta, com leves toques amarellados: depois, a montanha, cortada em rapido pendor, indo-se perder na massa ondulosa, de um verde carregado, formada

pelos pinhaes que cobrem o sobpé da serra e as collinas mais proximas. Mais alem das primeiras quebradas e recostos que os pinheiros revestem, a vista perde-se na vasta amplidão de uma paizagem immensa, onde tudo se funde n'um como mar petrificado: erguem-se e curvam-se alli pequenos montes de um verde sombrio ou de um violete avermelhado, abrem-se valles estreitos e tortuosos, em que brilha na primavera o verde vivo dos prados: e aquellas ondulações irregulares lembram as vagas magestosas do oceano, ao declinar da tempestade. Aqui e alli destaca-se, por entre as pregas do terreno, a alvura das casas, já grupadas nas aldeias, já isoladas nos campos, coroadas por telhados de um vermelho vivo; acima das cumieiras dos pequenos montes elevam-se como pyramides as torres singelas de rusticas egrejas. Ao longe, quasi nos limites do horisonte, desenha-se uma longa lista branca: são as areias que, do Cabo Mondego até Ovar, limitam a costa do Oceano. Quando está puro o ar, quando o sol baixa sobre o horisonte, vê-se muitas vezes, alem d'essa linha branca, uma estreita faxa brilhante, luminosa, fulgente; é o mar.— Se a atmosphera está perfeitamente limpida, e a luz cáe resplandecente do céo, penetrando por todas as anfractuosidades do terreno e devassando todos os segredos da paizagem, então, o vasto territorio que da portaria de Coimbra se observa assemelha-se a um immenso mappa em relevo: perde o pittoresco, mas ganha o positivo, e os espiritos curiosos, e, por assim dizer, geometricos ficam satisfeitos, ao poderem reconhecer a posição da Mealhada, de Mira ou de Sangalhos, fixar bem por onde corre a linha ferrea, determinar a orientação da crista dos montes, medir as distancias, avaliar as alturas, em fim *proseficar* o que a natureza fez bello. Se uma nevoa tenuissima quebra a intensidade da luz, e lança um como véo transparente e de um branco azulado sobre a paizagem, tornando vagas, indecisas e fluctuantes as linhas, pallidas e cambiantes as côres, então cresce em magia o quadro. Ha um quê de mysterioso no incerto das formas,

que enleva as almas poeticas, que encanta e arrebata os que sabem ver e sentir o bello ideal através das realidades do mundo physico. Só Ruysdael, o melancolico paizagista flamengo, poderia traduzir na tela a idealidade de tão formoso quadro.

As maravilhas, que se admiram acima de todas, das alturas da serra do Bussaco que olham para o poente, são as que se passam, ao cahir da tarde, na amplidão da abobada celeste, que d'alli a vista pode alcançar. Os contrastes de luz e de sombra; a variedade e harmonia das côres na atmosphera; os tons vermelhos das nuvens, brilhantes como os do fogo, suaves como os das rosas, destacando-se sobre o azul cinzento de outras nuvens, que a natureza parece haver disposto para minorar os reflexos ardentes do céo; tudo dá ao occaso do sol uma portentosa belleza. É sempre admiravel um pôr do sol á beira-mar neste nosso paiz meridional: visto porem das alturas do Bussaco, esse grande espectaculo da natureza é, as mais das vezes, sublime. O azul das montanhas, que limitam o horisonte ao norte e ao sul; a vasta extensão de valles e collinas, que se interpõem entre a serra e o mar e a que a distancia dá côres variadas; o verde das arvores; o vermelho do terreno; o tom violete, que o ar lança sobre todas estas côres, adoçando-lhes os contrastes, e como esbatendo-as; tudo faz resaltar os vivos esplendores da amplidão celeste.

Quando os personagens da nossa historia chegaram ao terreiro da portaria de Coimbra, o sol já pouco elevado estava sobre o horisonte. Vermelho como o carbunculo, ou antes como o ferro encandescente, baixava o astro do dia por entre pequenas massas de nuvens, que, soltas e como suspensas e immoveis no ar, eram os ultimos vestigios do temporal que passara: a grande altura, uma nevoa transparente e branca cobria como um véo o azul do céo, e quebrava sensivelmente o brilho dos raios do sol. O que sobretudo caracterisava o formoso quadro do cahir da tarde, naquelle momento, era o vigoroso contraste entre a côr sombria da terra e o brilho esplendido do céo; era a me-

lancolia, o silencio, a laxidão da natureza depois dos paroxismos da tempestade.— Grupados sobre as pedras que ficam juncto da cruz nos limites do estreito terreiro, em breve, e depois de algumas palavras de admiração pela belleza do espectaculo, todos se engolfaram nas proprias meditações, mesmo a loquaz D. Barbara e o litterato farfalhão Francisco da Ribaldeira.

Ouviu-se então uma voz, pura e infantil, entoando uma d'aquellas melodias populares na Beira; melodias singelas, entre alegres e melancolicas, regulares no rhythmo, cuja nota final se prolonga como imitando o echo na montanha; melodias que lembram a rustica belleza da urze, o penetrante perfume do rosmaninho. Escutaram todos. A uns movia-os a curiosidade; a outros o desejo de achar uma distracção, porque os cançava já a contemplação da natureza. A voz aproximava-se: acompanhavam-a os balidos trémulos das cabras, que vinham descendo a serra, ora saltando de rocha em rocha, ora parando para lançar olhar curioso ao espaço, ora correndo, ora travando, por momentos apenas, graciosa luta.

Guardavam o rebanho duas raparigas; uma de quatorze, outra de dezeseis a dezesete annos, quando muito. Era esta ultima que vinha cantando; porem, mal viu que a escutavam, callou-se, e começou a chamar as cabras, como para esconder o enleio em que a pozera a vista de tanta gente estranha para ella.

— Pequena... ó pequena! Chega-te aqui, e canta-nos uma cantiga, que te queremos ouvir — disse o Francisco da Ribaldeira. E proseguiu fallando ás senhoras: — Serra sem pastorinha e sem rebanho não é serra que poetas possam admirar. Sem pastora e sem amores — e os seus olhos buscavam os de D. Carlota — diz Bernardes:

Nos campos para mi não ha verdura;
Nas fontes para mi agua não vejo;
De mi se esconde o sol em nevoa escura.

Assustadas pelas palavras bruscas e quasi imperiosas do Ribaldeira, as duas cabreiras afastaram-se em vez de se aproximar, e continuaram seu caminho, enchotando o rebanho; apezar de um veterano, que estava encostado ao pé da porta da mata a tomar o fresco, lhes recommendar com tom de auctoridade — que escutassem o que aquelles senhores lhes diziam, e lhes fossem dar as boas tardes.

Foi então que D. Mathilde as chamou. Ao ouvirem aquella voz melodiosa, doce e vibrante ao mesmo tempo, as duas serranas pararam, olharam um instante uma para a outra como para se consultarem, e encaminharam-se depois resolutamente para o grupo, onde sobresahia pela suavidade e belleza a melancolica menina.

A mais velha das duas pequenas serranas era magra e franzina, mas esbelta nas formas; modesta, timida, mas graciosa nos movimentos. A saia curta deixava ver o pé pequenissimo, e a perna delgada, a que o continuo correr nas serras dera vigor e elasterio comparavel ao das ligeiras corças. O chapeo de feltro e aba larga, negro como a saia e as roupinhas, cobriam-lhe a custo a profusão dos cabellos louros: os olhos eram verde-claro e de infinita doçura: pallido e branco o rosto, dir-se-ia que o sol da serra o não crestava. O que sobre tudo, porem, prendia a attenção dos que viam a pobre serrana era a indizivel expressão de tristeza, de dôr quasi, que se lhe pintava na doce physionomia; principalmente quando buscava sorrir, e deixava ver os dentes alvos e de uma perfeita regularidade.

A companheira era o typo vulgar da serrana.— Trigueira, olhos negros e vivos, cabellos de um castanho alourado, bocca bem conformada mas grande, dentes brancos, pouco desenvolvimento para a edade, sem lhe faltar comtudo o vigor; mais acanhada do que timida, mais boçal do que inintelligente.

— Anda aqui, menina — disse D. Mathilde á mais velha e mais bonita das duas serranas.— Não tens medo de nós, não?

— Não — respondeu ella. E, olhando bem fito para Mathilde, abriram-se-lhe os labios n'um sorriso meigo, doce e triste, que lhe deu á physionomia um ineffavel encanto. Mathilde sorriu tambem: e as duas, tão distantes pela posição e pela educação, sentiram involuntariamente que uma mysteriosa sympathia as aproximava uma da outra.

— Como te chamas? — perguntou Mathilde.

— Soledade.

— E a tua companheira?

— Rosa.

— E os nomes harmonisam-se com a physionomia de cada uma d'ellas — observou Luiz de Mello.

— São vocês as donas das cabras? — perguntou D. Antonio d'Almada.

— Ah, senhor! Nós?! — exclamou Rosa. — As cabras são do Francisco Marques, alli de ao pé de Luso. Andamos a guardal-as. A Soledade sabe já guardar um rebanho; eu ando a aprender.

— Pobres crianças, sós pela serra! — accudiu a D. Carlota de Sousa, com voz compassiva.

— Sós não, minha senhora, que anda comnosco o Lobo. O cão, que havia recebido este nome sinistro e de certo não merecido, attenta a sua pacifica apparencia, levantou a cabeça, olhou para a Soledade com visivel ternura, e proseguiu na sua tarefa de vigiar dois cabritinhos, que se haviam imprudentemente aventurado sobre os penedos.

— E o que fazem na serra, em todo o dia?

— Fiar. Aqui temos cada uma, no cesto — e Soledade mostrava o cesto que trazia no braço, e a roca de canna posta na cinta — tres massarocas, e ainda na roca o resto da tarefa d'hoje.

— É para tua mãe esse fiado, que ahi levas? — E vendo a tristeza que estas palavras haviam subitamente causado a Soledade, D. Mathilde accrescentou: — Ainda tens mãe, não é assim?

— Tenho mãe, tenho, minha senhora.

— Estás com ella?

— Não. A minha mãe vive alli para Mortagua... e ha tanto tempo que a não vejo! — Os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas ao fallar da mãe.

— Pois ella não te vem ver?

— Está doente. Anda muito doente a minha mãe, coitada! Não pode vir... nem eu lá posso ir, que estou sempre com o rebanho. E é tão longe d'aqui a casa da mãe! — Duas lagrimas escorregaram, lentas e mudas, pelas faces descoradas da pobre serrana. Mathilde escondeu um instante os olhos com a mão, para que os outros não vissem as involuntarias manifestações da sua sensibilidade exaltada.

Ha pessoas, fadadas para os contrasensos, que não fazem nada a proposito, e não perdem occasião de practicar um desconcerto ou dizer um disparate. A sr.ª D. Barbara era uma d'essas incommodas pessoas: o sr. Francisco da Ribaldeira não tinha nesse ponto que lhe invejar.

— Ah! Ah! A rapariga é sensivel — disse rindo a velha beata. — E tu tambem, Mathilde, estás sensibilisada... Não me admira, porque é sempre assim. O que a cabreira quer é algum vintem; e achou a corda sensivel de minha sobrinha — accrescentou fallando ao Ribaldeira, mas de modo que todos ouviram.

— Mana Barbara! Ora que admira que esta criança chore pela mãe... se está doente, coitada? — accudiu o Carlos do Arnal; vindo assim em defesa da filha, cujos sentimentos elle compartilhava quasi sempre, e que estava naquelle momento manifestamente sensibilisada.

— Não admira... Eu de nada me admiro. Mas estou mais costumada do que o mano a lidar com gente d'esta. Bem sabe que sou da associação dos *misericordiosos,* e que ando todos os dias por casa dos pobres...

— Bem sei, bem sei. E era bom que aprendesse a misericordia por lá, Barbara.

D. Barbara não atacava nunca de frente, nem as opiniões, nem o máo humor do irmão; mas o ficar callada era-lhe

impossivel, e por isso acrescentou, a modo de quem falla comsigo proprio: — Elles tanto choram como se lamentam, quando querem mover a gente á piedade. E, em alcançando a esmola, não pensam mais em magoas, e vão comer e rir.

A Soledade, ao ouvir estas palavras, levantou os olhos ainda humidos de lagrimas sobre a beata, passou por elles rapidamente as costas da mão como para os enchugar, e, corando ligeiramente, accudiu em tom entre magoado e queixoso: — Eu não pedi esmola, minha senhora; nem peço para mim nunca.

— E que pedisses, pequena, — accudiu o José de Sousa, tirando da algibeira algum dinheiro — fazias o que fazem os pobres. E ser pobre não fica mal a ninguem.

Não quiz a Soledade receber o dinheiro que lhe davam, e despedia-se já apressada, para se ir embora, quando Mathilde, com meiguice e brandura, se aproximou da serrana e lhe disse, offerecendo-lhe cinco tostões e pondo-lhe a mão no hombro: — Não te vás assim, Soledade. Olha, acceita este dinheiro... — a pequena fez um signal de recusa. — Não é para ti, é para mandares a tua mãe. Sou eu que t'o dou; repara, sou eu que te offereço isto.

— Para minha mãe!... — E a serrana não pôde deter as lagrimas, ao receber o dinheiro da mão de Mathilde, que beijou com verdadeiro reconhecimento.

— Queremo-nos tambem associar a essa obra de caridade, se v. ex.ª nol-o consente, sr.ª D. Mathilde — disse o dr. Luiz de Mello, apresentando o seu donativo.

— Acceito, acceito em nome da Soledade. Coitada! Ella agora terá que mandar á mãe, para lhe alliviar os padecimentos.

Todos quizeram depôr o óbolo da caridade nas brancas e formosissimas mãos, que D. Mathilde estendia supplicantes; mesmo a sr.ª D. Barbara, apezar das suas reflexões intempestivas sobre os pobres, e o sr. Francisco da Ribaldeira, cuja sensibilidade se não sobre-excitara muito durante esta scena sentimental, o que era facil reconhecer em vista

do empenho com que buscara, por tregeitos e visagens, fazer rir a companheira da Soledade.

— Olha, Rosa... — disse elle dando-lhe algum dinheiro — Não quero que te cresça agua na bocca, pequena. Pois a ti, como não choramingas não te dão nada, e á outra dão-lhe tudo.

A serraninha estendeu o cesto, acceitou o que lhe dava o Ribaldeira, mostrou n'um riso aberto duas fieiras de dentes brancos, e foi, levantando respeitosamente a aba rota do chapéo, pôr nas mãos de D. Mathilde o que acabava de receber. — É tambem para a mãe da minha Soledade, disse ella, com sublime simpleza.

O sr. Ribaldeira evidentemente não gostou d'esta generosidade da serrana, que tornava bem patente a sua indelicadeza; e, para esconder o vexame pelo qual sentia haver passado diante de D. Carlota de Sousa, o que lhe era desagradavel, disse imperiosamente ás serranas: — Que cantassem, porque era tempo de deixar tristezas, e a elle lhe agradavam muito as trovas da Beira, por lhe lembrarem — accrescentou com emphase — os seus tempos de estudante em Coimbra.

— Hoje não, hoje é tarde já para se demorarem mais as raparigas — accudiu a D. Carlota de Sousa.

— Vão-se, vão-se com Nossa Senhora — disse o Carlos do Arnal.

— Voltem ámanhã por aqui — recommendou a D. Mathilde.

E, depois de se despedirem, as serranas desceram pela serra seguidas pelo rebanho, que o Lobo, o cão fiel, ia enchotando com viva solicitude, como se sentisse que a aproximação da noite augmentava a sua responsabilidade.

Estava já o sol de todo escondido no oceano. Tinha o céo então no occidente tanta e tal belleza, que todos, ao fitarem nelle os olhos, ficaram como tomados e absortos na contemplação do portentoso espectaculo.

A terra estava quasi em trevas. As diversas tintas da ve-

getação do solo, nos montes afastados e mesmo nos valles e recostos proximos, haviam-se fundido n'um azul escuro de um tom carregado e sombrio, que fazia sobresahir as côres luminosas do céo. No zenith, e no que do céo a serra deixava ver para o oriente, o ar, de uma côr vermelho purpurino, cobria a serra do Bussaco como de um formoso toldo, similhante ao *velarium* que se estendia sobre os amphitheatros antigos. Da côr purpurina o céo passava a um branco, brilhante como o da prata, que ia pouco a pouco, ao baixar para o occidente, passando ao amarello de ouro. Fórmava tudo isto — o azul escuro da terra, o vermelho purpurino, largamente franjado de prata e ouro, do céo — uma immensa e sumptuosa moldura aos esplendores do occidente. Alli, no extremo occidente, onde o sol, havia pouco, se escondera, nuvens de ouro, luminosas e diaphanas, realçadas por toques de luz vermelho-rosado, desenhavam no espaço, pouco acima do horisonte, uma como linha de costa irregular, escabrosa e pouco elevada, fechando em curva graciosa vasta bahia de um mar transparente, radiante e de um verde claro, só comparavel ao das chammas onde ha algumas particulas volatilisadas.—A illusão era completa. Dir-se-ia a imagem d'um d'esses largos mares do norte, cercados de massas de gelo illuminadas pelo sol, reflectindo-se, por miragem maravilhosa, nos confins da atmosphera, tornada espelho pelas desegualdades da temperatura.

— É uma miragem, uma phantasia de luz e côres, traçada no céo pelo melhor dos paizistas, pela natureza — disse, com verdadeiro enthusiasmo, Luiz de Mello, depois de um longo silencio.

— É como um mar, cercado por verdadeiras arribas de luz — accudiu D. Mathilde, a quem a belleza do espectaculo havia levado a um como extasi candido e infantil.— Olha, Carlota — accrescentou — não vês alli como a costa se abre, para deixar passar aquelle mar... verde dourado? E á direita... á direita ha como uma linha de montes, mais es-

curos do que o resto do paiz... e prolongam-se até se perderem de todo, ao longe.

— É a luz, alli — exclamou pondo-se de pé o sr. Francisco da Ribaldeira, tirando o chapéo, e sacudindo a cabeça, como para afastar de si os pensamentos vulgares da terra. — É a luz, alli; aqui, no mundo, as sombras. Aqui o revolutear continuo de paixões, que colleam como serpentes, e se espiralam, e silvam, e empeçonham a lugubre existencia da humanidade: alem, suspensas por Deos n'um raio de luz da vasta cabelleira do sol, as harmonias do celeste empyreo crystallisadas na harmonia das côres. Aqui, as existencias apavoradas pelos medos da morte fundem-se em lagrimas, que depois, acrysoladas pela eterna misericordia do Senhor, vão alem conglobar-se em nuvens de fogo amassado com ouro e rubis...

— Muito bem — exclamou a sr.ª D. Barbara, que se enthusiasmava sempre que não entendia. — Muito bem, sr. Ribaldeira. É um grande... — ia proseguindo, voltando-se para o irmão.

— É grande, é — respondeu este seccámente.

— Em verdade — interrompeu o Luiz de Mello, como se não tivesse ouvido as declamações do litterato — tem razão a sr.ª D. Mathilde. É uma serra o que se vê ao norte do paiz... d'aquelle paiz phantastico. Dir-se-ia que estamos vendo espelhar-se no céo uma d'essas bacias maritimas, que se abrem nas costas da America.

— É mais exacta do que talvez pensas essa comparação — accudiu D. Antonio d'Almada. — Aquella côr brilhante de ouro fundido, que têm as nuvens... Aquillo são nuvens, de certo. — E havia na voz do interlocutor uma intonação de duvida. — Aquella côr é a dos gelos do norte, illuminados pela luz do sol ao amanhecer. Estou vendo, mesmo agora, o vasto golfo de S. Lourenço. Alli estão, quasi ao meio, as ilhas da Magdalena, e no extremo oeste do golfo a ilha d'Anticoste; que poderia — tão grande é o seu brilho — tomar-se pela arrebentação do mar, no meio de tor-

rentes de luz... Os montes, á nossa direita, são os Laurentides; e aqui, na sombra, á esquerda os Alleganis.— E, rindo, subitamente parou na sua enthusiastica descripção.

— E o resto... não nos descreve o resto do paiz, sr. D. Antonio? — accudiu D. Mathilde, com viva curiosidade.

— Paiz de sonhos, que as nuvens crearam no ar. Mania de viajante, minha senhora. Estar sempre vendo recordações, imagens do que passou já, nas sombras fugitivas do que está passando agora. Ha mais de cinco annos que eu fui, na minha rapida viagem pela America, ao golfo de S. Lourenço; e as fórmas, as côres que as nuvens desenham alli no occidente, são tão semelhantes ao que eu vi então, que só isso pode explicar a illusão que tive. Pareceu-me que voltara áquellas paragens... e tive saudades. Estava então, como hoje, só no mundo... mas hoje sinto mais a minha solidão.— E, involuntariamente, os olhos de D. Antonio buscaram os de D. Carlota.

— Estamos todos sentimentaes — accudiu esta, levantando-se com ar jovial, verdadeiro ou fingido. — E, assim, ao cahir da noite, com o tempo humido, o sentimentalismo faz mal.

— E já nos vai, tens razão, fazendo mal — accrescentou o José de Sousa.— É quasi noite, e nós ainda aqui. Felizmente ha luar, e o tempo poz-se bom. Vamo-nos embora.

— É tempo é, meus senhores, de se irem — intrometteu o veterano, que guardava a porta da matta.— D'aqui a pouco fecham-se as portas, e não podem ir para Luso.

O leitor talvez não saiba que as portas da matta do Bussaco se fecham, como as de um castello em tempo de guerra, logo ao anoitecer; pois assim é, e assim se explica a pressa com que José de Sousa tomou o braço de sua mulher para dar o signal da partida, e atravessou, quasi correndo, toda a matta seguido pelos seus companheiros de passeio.

V

POLITICA E AMORES

O sr. Francisco da Ribaldeira ficára no Bussaco com os dois amigos, Luiz de Mello e D. Antonio d'Almada. Estes haviam insistido com elle que não fosse para o Luso naquella noite, por motivos que não ousavam a si proprios confessar; mas que, nem por isso, haviam sido menos poderosos, exèrcido menos influencia para os obrigar a quasi importunarem o litterato com os seus amaveis obsequios. Um queria saber a historia de D. Mathilde; o outro queria afastar o litterato de D. Carlota. Ambos se envergonhavam do que sentiam: a curiosidade invencivel, que o atormentava, tinha-a o Luiz de Mello por uma offensa á casta e suave D. Mathilde: o quasi ciume, que o affligia, tinha-o D. Antonio d'Almada por uma injuria á exempção e franqueza de Carlota.

O Ribaldeira era d'aquelles homens que não resistem a um convite. Parasitas encartados, taes homens julgariam faltar ao seu dever se não acceitassem um jantar, se faltassem a uma partida de campo, se não solicitassem convite para todos os bailes, se não se mostrassem sempre promptos para fazer companhia a todo o mundo e em todas

as circumstancias: raras vezes uteis, serviçaes e importunos sempre, taes homens são um verdadeiro trambolho, para os que têm a desgraça de merecer a sua dedicação interesseira. O Ribaldeira era, porem, uma variedade na especie. Em vez de agradecido, era com ares de quem faz uma honra que recebia, e quasi exigia dos outros favores e condescendencias. Aos que lhe davam de jantar, ou lhe emprestavam dinheiro, pagava com palavras resonantes; não por gratidão, mas para ter o gosto de se ouvir fallar, o que, para elle, era prazer sem egual. Importuno trambolho dos que lhe davam azo para isso era elle, e era-o perfeito; mas serviçal nunca, porque seria descer, no seu modo de sentir, da sua dignidade de grande homem o cuidar d'alguem, o pensar, o admirar outrem que não fosse elle proprio. Epigrammas não os poupava aos amigos, aos que elle chamava amigos: e, por vezes, a injuria e a maledicencia era o que dava em pago, áquelles que lhe haviam estendido mão benefica nos momentos mais angustiosos da vida. Como se vê, era o sr. Ribaldeira um homem, no seu genero, perfeito; digno de representar papel distincto em certa ordem de politicos da nossa terra, onde os aleijões moraes prosperam.

— Ainda bem que estamos livres das mulheres — exclamou elle, quando ficou com D. Antonio e Luiz de Mello. — Já não as podia aturar.

— Então porque, sr. Ribaldeira? — perguntou D. Antonio, escarnecendo.— Que lhe fizeram... as mulheres?

— Ou antes, o que lhe não fizeram? — accudiu o doutor. — Porque o peccado, creio, foi só de omissão, não é assim?

— Tenho andado em peregrinação por essa terra, — e Deus sabe que de trabalhos tenho passado.— O meu intuito é estudar os costumes, avaliar o estado intellectual, conhecer a opinião publica do paiz. Estive em Vianna, em Braga, no Porto... fui até a Amarante e á Regoa, passei por Aveiro, e d'aqui, do Bussaco, vou estar alguns dias

n'essa minha mimosa Coimbra, na terra onde senti acender-se em mim o primeiro fogo da inspiração litteraria...

—E leva já a opinião publica, hein?—E D. Antonio parou, esperando a resposta.

—Levo, creia-o, D. Antonio. O meu amigo propõe-se como candidato a deputado nas proximas eleições? Pois digo-lhe que a opinião publica lhe não é favoravel; nada favoravel.

—Está bem informado? Então pode dizer-me, por que motivo eu, que pela primeira vez aspiro ás honras de representante da nação, não estou nas boas graças da opinião publica... da sua opinião publica?

—Ora, essa! Pois precisa perguntal-o?

—Está claro que preciso.

—Cançado o paiz da corrupção, que lavra fundo e lhe corroe, como cancro despiedado, as entranhas, precisa, quer, exige, pela voz potente da opinião publica, manifestada nos *meetings*...—os *meetings* são uma grande instituição, que devemos copiar da nobre e livre Inglaterra—manifestada, dizia eu, nos *meetings* e na imprensa... repito, o paiz exige moralidade e economia. Ora chegou a occasião de sacudir do parlamento, d'esse templo augusto das leis, os publicanos. O governo—mantenedor das liberdades—deu as mais terminantes ordens ás suas auctoridades, para se opporem á eleição de todos os que não prometterem apoial-o... Porque elle é o verdadeiro representante da moral e da democracia.

—Singular modo de o provar é esse!

—Sim—continuou o sr. Francisco da Ribaldeira, sempre em tom de discurso—sim, senhores, é preciso afastar os corruptos, a fim de manter puras e limpidas as vestes candidas... dos amigos do governo, dos reformadores...

—Vestes limpidas!...—accudiu o Luiz de Mello.—Grande talento de orador tem o sr. Ribaldeira!

—Limpidas vestes são as que involvem a consciencia immaculada dos amigos do povo, que são os amigos do governo. São elles que hão de salvar a patria dos esbanja-

mentos dos perdularios, que, por cega imitação dos extrangeiros, abriram ahi estradas, e fizeram concessões a companhias para a construcção de caminhos de ferro, que ninguem viu ainda...

—Que ninguem viu? Pois não tem por elles feito o sr. Ribaldeira a sua... peregrinação, em busca da opinião publica?

—Que ninguem viu ainda... para que serviam.—E, um pouco desconcertado, o politico litterato proseguiu: —Eu... a opinião publica, digo—porque eu não faço senão exprimir os votos da opinião publica...—Ella, a opinião, quer economias. Acabem-se essas sinecuras, em que se locupletam, com pingues proventos, os parasitas do orçamento. Para que carece Portugal de tantos funccionarios? Pois não sabe elle administrar-se por si, exercer por si a policia, fazer-se justiça pelas suas mãos... e,—se a independencia da patria estivesse em perigo—não se levantaria elle, como um só homem, para repellir... com a energia da sua vontade, os exercitos do inimigo...

—Bravo! muito bem!—exclamou D. Antonio.—Isto é que é eloquencia. Porque se não propõe a deputado, sr. Ribaldeira? O governo, isto é, a opinião publica que não quer, nem estradas, nem administração, nem policia, nem justiça, nem exercito... nem empregados publicos, tinha no sr. Ribaldeira um digno representante. Foi injusto o governo, preterindo-o.

O Ribaldeira scismou um pouco, fez um gesto de despeito, e, depois de uma pausa, cahindo do tom declamatorio no tom trivial da conversação, disse:—Não ha remedio se não ceder ás necessidades... do estomago. Eu quero ser deputado, mas fica isso para uma vagatura... quando já me tiver despachado o ministro da fazenda, para um logar que me prometteu, na alfandega.

—Ah! Começam as economias por lhe encher o estomago!—observou, rindo, o Luiz de Mello.—Ainda bem. Coitado! O meu amigo precisa de pão, e é bom que lh'o

dêem... para lh'o tirarem depois em nome das economias. Sempre ficam as paredes untadas; como diz o povo, cuja opinião publica o sr. Ribaldeira conhece tanto a fundo. — E depois, receiando escandalisal-o, poz-lhe familiarmente a mão no hombro, e disse mudando de tom: — Não fallemos mais em politica, por agora.

— Pois não fallemos. Mas devo avisar o meu amigo D. Antonio, que o seu competidor, o Adriano Ramires... homem dinheiroso, grande proprietario...

— Que vai comprando a provincia toda, é verdade, com o dinheiro que ganha nas usuras patrioticas que faz ao governo — accudiu o D. Antonio.

— Pois sim — proseguiu o Ribaldeira, que evidentemente não queria acceitar a discussão. — O Adriano vai lançar no publico um pamphleto, vigoroso no estylo, fulminante na doutrina, contra o sr. D. Antonio...

— Como? Contra mim? E o que diz o folheto?

Visivelmente embaraçado, o litterato respondeu titubeando: — Eu sei! Não o li ainda. Ouvi dizer, em Aveiro... onde estava o Adriano...

— Ah! Esteve com elle.

— Estive... um momento, apenas. Mas ao pamphleto do Adriano responde-se com outro... Ha muito que dizer d'aquelle velho usurario. E se quer, sr. D. Antonio, como eu estou costumado a escrever...

— Pamphletos?...

— Estou ás suas ordens, porque sou seu amigo. Com tanto que se não saiba... que o não saiba o governo, porque...

— Entendo. O emprego da alfandega... Fallaremos depois no que convem fazer, para destruir o effeito do pamphleto do Adriano Ramires. Por em quanto não sei, nem posso adivinhar o que diz o tal pamphleto contra mim: e, como o sr. Ribaldeira o não conhece tambem, segundo diz... e eu sinceramente creio — proseguiu rindo o D. Antonio, e pesando sobre as palavras, como para indicar a sua pouca con-

fiança nas affirmações do litterato — como o não viu, o tal pamphleto, o melhor é deixarmos, para quando elle nos vier ás mãos, o discutir o modo de lhe responder.

— Tens razão, D. Antonio — accudiu Luiz de Mello.— Agora diga-nos, o sr. Francisco da Ribaldeira, o que o poz de tão máo humor contra as mulheres. Que lhe fizeram ellas?

— Que me fizeram? A mim, nada. Acabo, como lhes disse meus amigos, de percorrer as provincias. Julgava encontrar singeleza, candura... nas provincianas; e por toda a parte achei vaidade... como na capital. Estão intoleraveis as mulheres, por toda a parte. Não fallam senão de modas, não pensam senão em si, não contam senão comsigo no mundo. Decididamente, meus ricos, as mulheres portuguezas são prosaicas, vulgares, e — com perdão da sua ausencia — tolas quasi todas.

— Ai! de certo — disse D. Antonio com a mais imperturbavel serenidade.— Pois as senhoras, as provincianas sobre tudo, têm occasião de disfructar... a espirituosa conversação do grande folhetinista do mais litterario dos nossos jornaes, e, em vez de admirarem uma das glorias da patria, desperdiçam o tempo a fallar em modas e a pensar em si!

— Não é verdade, sr. D. Antonio, que em toda a Europa os homens de lettras...

— Em toda a parte um homem de lettras, como o sr. Ribaldeira, é tido como um... semi-deus. As mulheres adoram-o...

— E aquella — accrescentou o Mello — sobre quem elle baixa os olhos, a quem dedica os seus pensamentos, sente-se, entre todas, gloriosa; como se lhe pousassem na fronte os louros do grande homem.

— Não se riam — accudiu o Ribaldeira com tal ou qual desconfiança.— Não se riam, porque assim deve ser... assim é, de certo, nas nações cultas. Eu não fallo por mim, que pouco valho; mas posso dizer, que entre nós succede aos ho-

mens de lettras o contrario, do que lhes acontece na França, na Inglaterra, na Allemanha... Repito, eu valho pouco; mas a verdade é que goso de uma certa celebridade, tenho um nome conhecido, uma reputação feita, uma gloria litteraria, ainda que modesta, já reconhecida pela opinião publica...

— Por aquella opinião publica?... A sua, de que fallámos ha pouco — perguntou, chasqueando, D. Antonio.

— Deixe fallar o D. Antonio. Está ainda zangado pelo que lhe disse ácerca do mal vista que era pela opinião publica a candidatura d'elle, como deputado de opposição. Conte-nos as impressões da sua viagem.— E o Luiz de Mello sentou-se no adro do convento, onde haviam chegado naquelle momento, como para escutar com mais descanso os contos do Ribaldeira.

— São tristes as minhas impressões. Faltam por toda a parte os commodos a quem viaja: e, ainda mais do que os meios de satisfazer necessidades physicas, escaceam os de contentar o espirito e a imaginação. As mulheres... as mulheres, principalmente, são verdadeiras banalidadas de saias.

— Não o comprehenderam, Ribaldeira?

— Não entendem o que se lhes diz, nem sentem o que dizem... que é, quasi sempre, pouco e sem sabor.

— Estão perdidas as senhoras, ao que vejo — accudiu D. Antonio.— Com um inimigo como o nosso litterato Ribaldeira, bem podem contar com uma fulminante... apreciação, recheiada de ironias e sarcasmos. Temos, de certo, a breve publicação d'algum d'esses livros, que ficam, como a photographia de uma epocha, nas tradições litterarias do paiz.

— Precisam de uma boa lição, é verdade. É indispensavel dizer a verdade ás senhoras portuguezas... para as civilisar — accudiu o enfatuado litterato.

— Ora faz muito bem o sr. Francisco da Ribaldeira. Civilisadas por elle, as senhoras hão de ficar... preciosas.

— Vou escrever as minhas impressões de viagem. De

umas, das que se têm em conta de valer muito, direi o que sinto...

— E é?...

— Já sabe. Direi mal. Mas das insignificantes, das incolores, das semsaboronas nada direi.

— E quem serão as principaes victimas da colera do sr. Ribaldeira? Coitadas!

— Meus amigos...— Estamos em intimidade, posso fallar-lhes com inteira confiança.— Meus amigos, ha duas senhoras, duas sobre tudo, que me têm feito perder a paciencia, pela sua... tonta indifferença.

— E são?...

— As que ha pouco acompanhámos. D. Mathilde e D. Carlota não são duas provincianas... Fingem saber ler... dizem ter lido...

— As suas composições litterarias...

— Sim. E nem uma palavra me disseram ainda... de comprimento, ao menos.

— Pois confesso-lhe, Ribaldeira, que tal não esperava. Julgava-as capazes de apreciarem o bello na arte, e na litteratura... A natureza, pareceu-me que ellas a sabiam admirar.

— Em confidencia. Eu quiz ter um namoro com a pallida Mathilde; parecia-me poetica, julgava achar-lhe na alma harmonias que...

— E então?... — interrompeu o Luiz de Mello com impaciencia.

— Não achei nada. Quasi que me não escutou... a pobre tonta.— Luiz de Mello respirou e sorriu, involuntariamente. O Ribaldeira proseguiu: — Metteu-se em cabeça á pobre Mathilde ter umas saudades romanescas. Já duram ha annos. Agora queria eu offerecer-lhe occasião de pôr termo a essa monotonia de um modo poetico... Já tinha preparado uma elegia...— O cantico dos tumulos, terminando n'um hymno á esperança.— Abria-lhe largos horisontes, pelo amor e pela poesia: mas ella foi myope. Não viu, não quiz ver nada. Perdeu um bom ensejo de saccudir de si aquelle crepe negro;

salpicado de lagrimas, no qual se involveu por sentimentalismo; e que é já incommodo para ella, fastidioso para os outros.

— Que saudades são essas que tem a filha do Carlos do Arnal? — perguntou com curiosidade o Mello.

— Pois não sabem? Eu lhes conto. — A historia não vale quasi a pena de contar-se, porque é uma historia burgueza e chata. — Mathilde tinha um noivo... um noivo *da baixa*, creio eu: um d'estes noivos, nascidos e creados no commercio, que buscam o amor nos seus livros do *deve e ha de haver*... Estava para breve o casamento, e vai se não quando... morre o noivo. — De que? Não sei. — Foi uma morte prosaica; na cama, entre um enfermeiro e um padre. A boa da Mathilde, que não tinha até então dado pelos meritos do noivo, logo que o viu morto, mal o viu pelas costas, comprehendeu-o... O que nunca ninguem tinha podido fazer. Declarou-se inconsolavel: emmagreceu, fez-se pallida, ornou-se de uma permanente melancolia... e, como achou que lhe estava bem, ficou assim como a vêem.

— Não é para rir a saudade pelos mortos, sr. Francisco da Ribaldeira — disse severo o Luiz de Mello.

— Ora, meu caro Luiz, tu não vês que o nosso poeta está despeitado por o não acceitarem como consolação? E, em verdade, tem razão o sr. Ribaldeira. Não deve uma mulher ter saudade de um morto prosaico ao pé de um poeta vivo. É quasi... é um escandalo inteiro.

— Ri-se, ri-se o sr. D. Antonio d'Almada... Ah! Ah! Ah! o extravagante que em nada crê, que de tudo escarnece como homem *blasé*... que está. Não o irrita a indifferença das mulheres, porque para elle as mulheres são como a fructa... sorvada uma, colhe outra que esteja sazonada. — E, tomando subitamente um ar semi-sentimental, proseguiu: — Eu, infelizmente, não cheguei ainda a tal perfeição. A minha alma é, digo-o sem jactancia, uma alma poetica...

— E o que succede á sua alma poetica?

— Não pode, sem soffrer uma dolorosa decepção, sen-

tir-se mal apreciada pelas mulheres. A mulher é o iman para que tende incessantemente o nosso pobre coração. Desejamol-a, nós os poetas; ambicionamos os suffragios d'ella, como o melhor premio dos nossos lavores litterarios: creamos na nossa alma um ideal da mulher... mas esse ideal não o vemos realisar-se nunca.

— Têem, os poetas, a gloria para se consolar d'essas decepções — accudiu o Luiz de Mello.

— A gloria! A gloria litteraria só as mulheres a dão e a tiram: e é triste, bem triste! o viver n'um paiz onde não ha mulheres... onde ha femeas, só.

— As femeas que lhe agradeçam a conta em que as tem — disse, levantando-se e fazendo um gesto de desprezo, o D. Antonio d'Almada.

O Ribaldeira nem escutou a observação, nem notou o gesto desdenhoso do elegante cavalheiro, e proseguiu em tom de confidencia: — Quando reconheci que era de pedra... estatua de bruto marmore a pallida Mathilde, busquei consolar-me com D. Carlota, e fiz-lhe a côrte...

— E então essa .. escutou-o? — perguntou D. Antonio, escondendo a custo a colera que o agitava.

— Escutou...

D. Antonio levantou, involuntariamente, a varinha que tinha na mão.

— Escutou — repetiu o folhetinista — mas riu-se, porque não entendeu o que lhe eu dizia.

A mão de D. Antonio, que empunhava a varinha ameaçadora, perdeu a contracção que a tinha hirta, e a colera fundiu-se n'uma gargalhada.

— Riu-se do sr. Francisco da Ribaldeira?... — E D. Antonio desatou n'um frouxo de riso nervoso.

— Riu-se... — balbuciou o Ribaldeira — de mim, não... Riu-se da sua propria insipidez... da sua parvoice...

— Fallemos antes de politica — interrompeu D. Antonio, deixando subitamente de rir, contrahidos os labios pela colera. — Olhe, sr. Ribaldeira, se eu precisar de al-

gum papel para enganar os eleitores, hei de recorrer á sua pericia.

— Estou, já lhe disse, ao seu dispôr, como amigo...

— Amigos, amigos! negocios á parte; e isto é negocio.

— Mas eu...

— Não ha que discutir. Se o pamphleto que me annunciou ha pouco, esse pamphleto em que o Adriano Ramires mandou dizer mal de mim, merecer resposta, ha de ser o sr. Ribaldeira que lhe ha de responder.

— Eu...

— De certo — accudiu o D. Antonio, com escarneo.— Como foi o sr. Ribaldeira que o escreveu, ninguem melhor o pode refutar.

— Eu... eu... — regougou o litterato mudando de côr.

— Deram-lhe dez libras pelo pamphleto, já sei; e eu dar-lhe-ei vinte pela resposta... Se merecer resposta, o que eu duvido. E agora, meu caro amigo — e poz-lhe a mão no hombro com familiaridade — vamos tomar chá, que são horas.

VI

A VIA-SACRA

Corre pelo interior da matta do Bussaco um caminho de aspera subida, que leva, em voltas curtas, até ao mais alto da serra; onde se levanta uma cruz que, pela sua situação, se chama a Cruz-Alta. Nesse caminho, todo assombreado pela ramada das arvores que se entrelaçaram, encontram-se numerosas capellinhas, onde esculptores mais piedosos do que artistas representaram, em toscas estatuas de barro pintadas com vivas e discordantes côres, os passos da paixão de Christo. O tempo e a estulta brutalidade de alguns visitadores do Bussaco tem ido destruindo as frageis figuras, de modo que dentro das capellinhas se não vêem hoje mais do que troncos sem cabeça, pernas decepadas, braços partidos; mutilações hediondas, a que a côr vermelha do barro dá o aspecto repugnante de carne em putrefacção. A tradição popular conserva ainda, em parte ao menos, a veneração com que outr'ora eram visitadas aquellas «figuras de vulto», que o ill.mo sr. Antonio de Sousa e Vasconcellos, prelado da diocese, mandou substituir, por

um impulso de generosidade de máo gosto, ás pinturas que existiam anteriormente nas capellinhas; figuras essas que, segundo a opinião do proprio chronista dos Carmelitas descalços, fr. João do Sacramento, «não sahiram do primor, que a generosidade do prelado quizera.» As capellinhas, que a natureza cobriu de uma graciosa e virente vegetação — como para occultar os destroços das monstruosas esculpturas que na sombra escondem o seu desgracioso e repellente aspecto — são ainda visitadas pelas mulheres que dos montes vizinhos vêm, em romaria, percorrer a via-sacra do Bussaco.

O dia seguinte áquelle em que tiveram lugar os factos de que demos noticia nos anteriores capitulos era domingo. Corriam a via-sacra umas vinte beiroas, vestidas ao modo da provincia: saias curtas, de côr escura; roupinhas da mesma fazenda, deixando ver um lenço de côres vivissimas cruzado sobre o seio; capa lisa, preta, debroada de fita azul; os pês mettidos em tamancos de uma fórma quasi elegante, e que em nada impedem nem o desempeno nem a rapidez dos movimentos; na cabeça um largo chapéo negro, cujas abas se prendem á copa por cordões ornados de borlas, e debaixo do qual sáem as pontas soltas de um lenço de cambraia, de uma alvura deslumbrante; ao pescoço um molho de cordões de ouro, tendo pendente um largo rosicler; nas orelhas arrecadas de filagrana de ouro, cahindo até aos hombros. — Entoavam as serranas, em côro triste e suave, um hymno religioso, interrompido por longas pausas: ao chegarem defronte das capellinhas rezavam com pouca devoção, e aproveitavam os intervallos dos hymnos e das orações para fallarem, rirem, chasquearem umas das outras.

Seguiam a pouca distancia a curiosa romaria D. Carlota e D. Mathilde, acompanhadas por José de Sousa. Atraz, uns trinta a quarenta passos, iam o Carlos do Arnal, Luiz de Mello e D. Antonio d'Almada. Afastados d'estes, pro-

ximamente outros trinta a quarenta passos, caminhavam a D. Barbara e o Ribaldeira.

As mulheres da romaria cantavam:

Ave Maria,
Sancta Maria.
Põe em nós olhos piedosos,
Sancta mãe de Deus.
As preces dos desditosos
Recebe nos céos.

Ave Maria,
Sancta Maria.
Os nossos passos
Na terra, guia.

Ave Maria,
Sancta Maria.
No lenho crucificado
Foi o bom Jesus
Das trevas e do peccado
Livre-nos a cruz.

Ave Maria,
Sancta Maria,
Divina estrella,
Ao céo nos guia.

— Ó Francisca! — gritou uma das serranas.

— Eh! lá, Maria — respondeu outra.

— Hoje não vês tu o teu derriço?!

— Mas tu já viste o teu, Maria. E elle lá está em baixo á tua espera.

— Não te rales, rapariga — accudiu outra das serranas: — a gente nem sempre pode ver o que deseja.

Uma moça serrana entoou, e as outras acompanharam-a:

Ave Maria,
Sancta Maria.
Pelas tuas sete dores,
Ó Virgem, tem dó
Da mulher que tem amores
E que vive só.

Ave Maria,
Sancta Maria,
Das tentações
Longe nos guia.

—Como vi crescer-te a agua na bocca — disse a Maria, olhando de soslaio para D. Carlota e José de Sousa, que iam fallando com intimidade; — tive dó de ti, rapariga.

—Cá a mim não me vem agua á bocca pelo que vejo: não sou como tu...

—Nenja eu. Olha, mana, quem pela lingua pecca pela lingua perde: e eu lá para graças não sou...

—Eu comtigo não me metti. Estas que o digam—accudiu a Francisca, mocetona com cara de poucos amigos, traçando a capa.

—Nada de graças pesadas, ouviram?—interrompeu a mais velha das mulheres, em tom de auctoridade. E, como para cortar a conversação que se ia azedando, entoou:

Ave Maria,
Sancta Maria.
Mãe de Deus, piedosa accode
A quem padecer.
Quem mal vive ao menos pode
Bemdicto morrer.

Ave Maria,
Sancta Maria,
Na vida e morte
Os homens guia.

— Não se esqueçam de rezar pela Salomé — disse, ao terminar o canto, a velha serrana que primeiro o entoára. — Quem sabe se estará viva a estas horas?!

— Deus lhe accuda, que bem tem penado neste mundo os seus peccados — accrescentou outra velha.

— Eu fui lá hontem, e parecia que estava a decidir.

— Ó tia Josepha! — accudiu a Francisca. — Aquella mulher, a Salomé, não é como a gente cá: ella é outra coisa. Sempre falla com uns modos!... Olhe que nem o nosso vigario falla como ella... Nenja elle!

— Da nossa terra não é a Salomé... hein, tia Josepha? — accrescentou outra rapariga.

— Não é, não — respondeu a velha Josepha. — Haverá uns quatorze annos que a Salomé veio para aquella casita... onde está agora... ao pé mesmo de Mortagua; e lá se tem conservado, a viver de trabalho e de lagrimas... Que ella, coitada, chora vezes sem conto. Em fallando na filha chora logo.

— A filha não a vejo ha muito. Ella anda aqui, por estas serras, a guardar as cabras de um lavrador ahi do sitio.

— É verdade; e mal sabe a rapariga que tem a mãe a morrer.

— Olhe lá, tia Josepha — disse a Maria — eu já ouvi dizer... — disse-m'o quem o sabia, tia Josepha — ouvi dizer que a Salomé era bruxa, que fazia feiticerias e adivinhava... e dava máo quebranto...

— Ó rapariga! — interrompeu a velha — quem te azoinou com essas patranhas?

— Lá patranhas é que não, tia. Eu sei de umas poucas de moças, que foram ter com ella, para coisas... sim, para...

— Para lhe prantar as aranhas para fóra do miolo... — interrompeu a Francisca, como para desafiar as iras da companheira. — Pois olha que tu tambem devias ir ter com a Salomé...

— Faze-te fina comigo, Francisca — acudiu a Maria — faze-te fina e queixa-te depois. Sabes que mais, uma das que tem ido mais de uma vez á Salomé...

— Cal-te ahi, mulher. Olha que eu já te disse...

— Leva rumor! — bradou a velha Josepha. — Estamos ao pé do Calvario. É rezar: e peço primeiro uma Ave-Maria pela Salomé.

— Pois vá, que se ella morre... faz falta a todos: á filha e ás moças da nossa terra, a quem ella ensina e ajuda a embonecar-se. — Tem umas mãos de prata, a Salomé.

As serranas entoaram uma Ave-Maria; ajoelhando diante da arruinada capella do Calvario, situada a consideravel altura no pendor da serra.

D'esta capella vai, trepando pela serra acima, um carreiro bastante escabroso até dar á Cruz-Alta, como já dissemos. Por esse carreiro proseguiram a sua ascensão os nossos *turistas*.

— É ingreme a subida — dizia D. Carlota de Sousa, encostando-se a um páo de loureiro que levava na mão, e em cuja casca abrira, a canivete, as proprias iniciaes, como para assegurar a sua propriedade. — Vamos, Mathilde, não desanimes... e sobre tudo não me cáias em melancolia, filha. Aqui o ar livre tudo leva; tristezas e saudades.

— Tens razão, Carlota — acudiu, com a sua natural bonhomia, o José de Sousa. — A sr.ª D. Mathilde deve lançar de si estas tristezas, que lhe fazem mal... a ella e ao pobre do pae, que tanto lhe quer.

— Eu não estou triste — respondeu a D. Mathilde. — Estou cançada...

— Para isso ha remedio; aqui está o meu braço...

— Aqui está o meu, Mathilde — interrompeu a D. Carlota. — Eu é que não estou cançada. Bem sabes que nasci

para andar em peregrinação pelo mundo... mas não em penitencia. Gósto da alegria; e quando a natureza está alegre, e quando está verde e florida, tambem eu me sinto contente... e parece que me nascem flores cá dentro da alma.

— Pois, Mathildinha, já que não quer o meu braço — disse o José de Sousa, rindo — vou-lhe cortar um bordão-sinho, que faça inveja á Carlota, que vai alli toda vaidosa com aquelle feio cajado, em que poz o nome... como se alguem tivesse o máo gosto de lh'o querer roubar. — E o Sousa ficou para traz um pouco a cortar uma haste de arvore, para cumprir a promessa que fizera. Carlota e Mathilde proseguiram no seu caminho.

— Fiquei scismando no que diziam aquellas mulheres da romaria — disse Mathilde á sua amiga. — Se aquella Salomé que está a morrer, por quem ellas estão rezando agora, será a mãe da nossa cabreirasinha de hontem á tarde?!

— Eu sei?! Tambem fiquei pensando nisso. Mas porque ha de ser? Pois não ha mais mulheres velhas que possam morrer, e mais cabreiras que tenham mãe?

— Como eu tive dó d'ella — acudiu Mathilde com tristeza — e sou... assim, de máo agoiro para quantos se chegam a mim, talvez...

— Bom! Ahi estás tu com as tuas scismas... funebres. Olha, Mathilde, és uma criança ainda; é preciso que trates de ser feliz.

— Feliz, eu?

— Pois então...

— E crês que é possivel ser eu feliz?

— Creio. E porque não?

— Não conheces tu o estado d'esta minha pobre alma?

— Sei que és boa, terna, que tens um coração sensivel, e não te esqueceu ainda aquelle bom rapaz que esteve para ser teu marido. Tens saudade...

— Uma saudade immensa, uma dôr sem consolação! — exclamou a pallida Mathilde com uma exaltação, que mais era visivelmente o effeito de uma sobreexcitação nervosa,

do que de uma paixão profunda.—Só tu, minha Carlota, conheces o que se passa no meu coração. O esposo da minha alma vive ainda em mim... e não posso, não quero ser-lhe infiel, porque o amo sempre.

Soltando estas palavras apaixonadas, a D. Mathilde parecia bem convencida de que ellas eram a viva expressão dos seus sentimentos: comtudo dir-se-ia, ao ver um leve rubor subir-lhe á face, e ao attentar na titubeação quasi imperceptivel com que pronunciára a ultima phrase, que uma como hesitação ou duvida se lhe levantava, pela primeira vez, no espirito.—O phenomeno psycologico, que se dava em Mathilde naquelle instante, é mais commum do que geralmente se pensa. A alma tem as suas vaidades, como as tem o corpo. Quando, uma vez, chega a paixão a exaltar a alma, e essa paixão se tem ostentado aos olhos de um publico, grande ou pequeno — nada mais elastico do que essa entidade, vaga e tyrannica ao mesmo tempo, a que se chama o publico, e que para uns é o mundo, para outros apenas o numero limitadissimo de pessoas que possa conter o estreito ambito de uma casa — quando a paixão tem sido admirada, louvada ou mesmo condemnada *pelo publico,* então, detida pelo orgulho, excitada pelo amor-proprio, não quer a alma que a tenham por fraca, cedendo aos conselhos ou ás censuras dos que pretendem arrancar-lhe o que ella suppõe ser a sua grandeza, o que reputa a melhor prova da sua energia. A alma da filha de Carlos do Arnal tinha-se coberto de luto pela morte do noivo; não que por elle sentisse um verdadeiro amor, mas porque a havia impressionado vivamente a perda inesperada d'aquelle, que ella se costumara a considerar como o companheiro da sua vida. A commiseração que aos outros causava a sua dôr, e a exaltação que na propria alma produziam as expansões da saudade, tinham tornado paixão o que não era, a principio, mais do que um sentimento passageiro. Nos paroxismos do padecimento que a attribulava D. Mathilde sentira passar-se essa metamorphose mysteriosa, que da criança

faz a mulher; metamorphose, lenta muitas vezes, mas outras rapida, quasi instantanea, sobretudo quando se passa sob o influxo de um amor sincero, ou de uma dôr profunda. Dotada de verdadeira bondade, naturalmente impressionavel e meiga, a pena sincera, que lhe causara a morte do noivo, transformara essas qualidades na morbida excitação da sensibilidade, que é o *sentimentalismo*.— O *sentimentalismo* é uma doença que affecta, ao mesmo tempo, o espirito e o corpo. No espirito manifesta-se, muitas vezes, por uma melancolia quasi constante; pela tendencia invencivel para tirar dos factos mais singelos um pretexto para idéas funebres; pela pertinacia monomaniacá com que a mesma sensação triste — saudade ou desalento, desejo da morte ou despreoccupação da vida, ternura exaggerada ou indifferença extrema — se repete e se exacerba. Ao corpo dá o sentimentalismo uma sensibilidade quasi dolorosa, que se revela, o mais das vezes, pela subita espontaneidade das lagrimas. O sentimentalismo consome a vitalidade, e por isso nas pessoas *lealmente* sentimentaes se observa quasi sempre um abatimento, uma ausencia de energia, uma pallidez, que fazem receiar a existencia de uma d'essas lesões profundas, que rapidamente destroem os orgãos essenciaes á vida. — D. Mathilde padecia de *sentimentalismo*. Seria incuravel a doença? A sua amiga D. Carlota tinha confiança de a ver de todo restabelecida.

— Comprehendo e admiro o teu coração, Mathilde — disse a D. Carlota, respondendo ás phrases sentimentaes da melancolica amiga.— Mas, minha irmã... quero dar-te este nome...— E, dando um beijo em Mathilde, proseguiu, hesitando, como se receiasse o effeito das suas palavras — Minha irmã, bem sei que ha saudades que duram sempre... como essa tua, querida: mas dôres que se não acabem, isso é que não ha... porque matavam, se as houvesse.

— Morta estou [illegible]

— O Mathilde, pois tu não tens nenhum outro sentimen-

to?... Ingrata! Nem amizade me tens a mim, que tanto te quero!

— Perdoa-me, minha Carlota...— acudiu com effusão a D. Mathilde.— Quero-te... tenho-te amizade como se fôras... mais do que se fôras minha irmã. Não creias no que eu disse agora... Era a dôr que fallava por mim. O coração abjurou já as palavras que a bocca ingrata soltou... sem saber o que fazia.

A D. Carlota beijou, sorrindo, a sua amiga.

— Pois perdoe-se, por agora, á criminosa bocca. Eu, por mim, já estou consolada; mas teu pae, o teu bom pae que te adora, é que, se te ouvisse aquellas palavras... em que a dôr fallava e não tu... ficava penalisado de certo, e com razão. Pois é tão grande a tua saudade, essa tua dôr é tão poderosa, que nem te deixa...

— Carlota! — interrompeu Mathilde — pois tu duvidas do amor... do sancto amor que eu consagro a meu pae? Que te fiz eu, Carlota, para assim julgares tão mal de mim?

— Mal de ti, querida? Bem sabes que conheço o teu coração. Perdoa-me, Mathilde; mas como me disseste que estavas morta para todo o sentimento, menos para a saudade que te enche a alma, que te transborda do coração... quiz lembrar-te o amor que deves a teu pae...

— Que lhe devo, e que lhe tenho — acudiu calorosamente a D. Mathilde.— Para meu pae é que vivo. Ai, Carlota! Se não fôsse meu pobre pae, já me tinha deixado morrer.

— E esqueces-te de mim, outra vez? — disse, entre magoada e prazenteira, a D. Carlota.— Bem sabes que não sou sentimental... como tu: custa-me o ver-te sempre melancolica e lacrimosa. Como eu gósto de ver-te é no mundo, na sociedade; quando estás... distrahida, e deixas entrever os thesouros do teu espirito; quando te esqueces...

— Quando me esqueço?!...

— Não, não esqueces, bem sei... — E, brincando com extrema amenidade, D. Carlota proseguiu: — A menina não

sabe como é graciosa, como enleva e encanta os que a escutam, quando, para não penetrarem os segredos do seu coração, finge esquecer... tudo; e anima, e illumina a conversação com os esplendores da sua intelligencia.

— Não zombes de mim, Carlota.

— Que modestia, essa tua, menina...

— É que não creio na tua sinceridade. Já vês que não é modestia...

— É incredulidade, já vejo.

— Como hei de eu acreditar em ti, que me dizes...

— Verdades.

— E se eu te acreditasse, chamavas-me vaidosa.

— Não: chamava-te justa.

Neste momento haviam as duas amigas chegado ao caminho que corta a matta transversalmente, na parte mais elevada. Naquella altura a vegetação é pouco vigorosa, devido á pobreza e pouca profundidade do solo, e á maior aspereza do clima. As arvores, pequenas e como atrophiadas, cobrem-se de folhas quasi desde a base, á similhança dos arbustos; e os seus ramos, tortos, irregulares, mal nutridos, curvam-se até ao chão como para evitarem os impetos do vendaval, ou para pedirem á terra o sustento que as esfaimadas raizes lhes não podem dar.

— Tomemos á esquerda — disse o José de Sousa.— Por este caminho vamos ter á porta que deita para a serra: e eu trago a chave. Aqui tem um bonito cajadinho, sr.ª D. Mathilde. Vê-se que é obra minha.

— Vê, de certo — interrompeu a D. Carlota — pelo desageitado que é. E os arabescos, Mathilde! Já admiraste os arabescos?

— É uma serpente enroscada — disse a D. Mathilde, agradecendo a José de Sousa o presente que lhe offerecia.

— Uma serpente enroscando-se a um páo! Este meu marido tem singulares idéas. É o symbolo de Esculapio, Mathilde.— E dizendo isto a D. Carlota olhou, como por

acaso, para onde vinha Luiz de Mello, conversando com D. Antonio d'Almada e Carlos do Arnal.

D. Mathilde seguiu o movimento dos olhos da sua amiga, viu o dr. Luiz de Mello, e córou ligeiramente.

—Vamos a ver se encontramos na serra a Soledade, a nossa graciosa cabreira—disse ella apressando o passo, como para escapar á sua propria perturbação e, ainda mais, ás observações da sua amiga.—Estou com receio de que a pobre pequena tenha a mãe a morrer.

VII

CONVERSAÇÕES GRAVES

Acompanhado por D. Antonio d'Almada e Luiz de Mello subia o aspero caminho da Cruz-Alta, em seguimento da filha, o velho Carlos do Arnal. O seu espirito como que se havia desanuveado, pela acção benefica do ar puro da serra, da alegria da manhã, e sobre tudo por ver na filha, que elle adorava, symptomas, manifestos para a perspicacia do seu amor paterno, de melhora no estado physico, de menos desalento, de menos depressora tristeza. Parando de quando em quando, já para discorrer sobre os assumptos da conversação que havia entabolado com os seus dois companheiros, já para admirar, aqui e alli, uma arvore magestosa ou uma vista larga e esplendida, d'aquellas que tanto maravilham os que vagueiam pela matta do Bussaco, o velho advogado parecia haver esquecido as causas de profunda mágoa a que, segundo a opinião esclarecida do dr. Luiz de Mello, se deviam attribuir os padecimentos que lhe ameaçavam, de modo assustador, a propria vida.

Carlos do Arnal não era um d'esses homens, laboriosos mas de faculdades pouco expansivas, que fixam em estreitos limites o campo de seus estudos, e se desinteressam, por assim dizer, de tudo que não é o assumpto das suas cogitações e leituras predilectas. Sem ter um talento supe-

rior, possuia entretanto o honrado advogado uma intelligencia clara, e, sobretudo, uma espontanea sympathia por quanto ha de grande, quanto ha de admiravel nas producções da intelligencia, e nas nobres, nas heroicas acções que illustram a historia da humanidade.

O seu caracter, rigido e recto, não era d'aquelles que se dobram ás mudanças da opinião publica, e que o desalento arrasta a todas as cobardias; a amesquinhar as antigas glorias de Portugal; a rebaixar as suas virtudes; a deslustrar os seus feitos; a descrer do seu futuro. Grave censor dos vicios que corrompem a vida social; aspero inimigo de todos os que, por vil interesse ou baixa hypocrisia, tramam contra a liberdade; sentindo, com extremos de angustia, os males da patria que elle amava a par de sua propria filha, o velho advogado sentia-se por vezes tomado d'uma nobre cólera, e então as palavras sahiam-lhe quasi involuntariamente da bocca rudes e verberantes. O mais das vezes, porem, o que o dominava era uma tristeza morbida e inextinguivel, que lhe emmudecia até os mais reconditos murmurios da intima voz do espirito, e lhe deixava apenas um vago sentimento da aniquilação. D'este estado doloroso tirava-o sempre, com subito sobresalto, o amor paterno. Lembrava-lhe a filha, e como que volvia á vida.

Portuguez de lei, sem vãos orgulhos, sem exaggerações fanaticas, mas sem tibieza de convicções, o Arnal tinha para si, e com razão, que em epocha alguma da moderna civilisação houvera feitos que podessem antepor-se, e nem sequer egualar-se aos que practicaram os grandes navegadores portuguezes. Era dos maravilhosos descobrimentos que em Portugal illustraram o XV e XVI seculos, que, segundo elle, se derivaram os largos desenvolvimentos do commercio e da navegação; o rapido incremento da riqueza; e esse grande e universal impulso, que transformou o mundo: alargando os dominios da intelligencia: ampliando sem limites o campo do trabalho: estreitando a união do homem com

a natureza pelo conhecimento mais perfeito da terra e do universo: lançando emfim no meio do regimen já impotente da edade media novas idéas, inoculando na Europa precocemente caduca novos principios, que a fizeram entrar em vigorosa elaboração, para buscar as formulas sociaes, a philosophia, a sciencia da brilhante era em que entrou pouco depois a civilisação. Descobertos pelos portuguezes novos e remotos mundos, mudadas assim as condições economicas da Europa, a intelligencia humana, quebradas quasi subitamente as cadeias da tradição que a enleiavam, lançou-se pelas reconditas e amplissimas regiões do pensamento a demandar tambem novos mundos de idéas.

Maravilhava-se, o estudioso advogado, de que historiadores e publicistas não dessem aos sublimes feitos dos portuguezes a immensa importancia, que elles evidentemente merecem em relação á phase moderna da civilisação.— Do torpor moral, em que a Europa se deixara cahir, em consequencia da acção deleteria dos velhos preconceitos, das estereis lutas, da immobilidade theocratica, foi — dizia elle — foi esta nação portugueza, hoje tão esquecida dos que tanto lhe devem, que a tirou. O homem não era o senhor do mundo, antes de nós lh'o ensinarmos a conhecer. Para as bandas do Equador, alem do cabo Bojador, trevas e terrores. Lembram-se — continuou o Carlos do Arnal, fallando com animação, e parando para ver a impressão que as suas palavras produziam nos seus dois companheiros — lembram-se do que diz Gomes Eannes de Azurara d'aquellas regiões, que se reputavam, antes das emprezas do grande infante D. Henrique, não menos areosas do que os desertos da Lybia, sem agua, nem arvore, nem erva verde, e onde o mar tinha correntes tamanhas que navio que lá fosse jámais poderia tornar? Para o norte, para essas regiões onde os navegadores de hoje têm feito expedições memoraveis, pelas quaes se interessa o mundo civilisado, tambem nós fomos, os portuguezes, em busca de novas terras. A primeira viagem de João Vaz Côrte-Real nos mares do norte,

esse descobrimento da Terra-Nova que a historia deixou involto em mysterio, é uma grande, uma portentosa maravilha.

— Houve dois navegadores com esse nome — acudiu D. Antonio com vivo interesse.

— Houve. Foi uma familia heroica essa dos Côrte-Reaes. O segundo quiz descobrir, através dos gelos do polo, um caminho para a India, mais curto do que o seguido pelos navegadores que passaram o Cabo da Boa Esperança; como nos conta Ramuzio.

— Louca esperança!

— São as loucas esperanças — disse Luiz de Mello, respondendo á exclamação do seu amigo — são as loucas esperanças, as aspirações poeticas, as ambições heroicas, que têm levado os homens á conquista do mundo physico, e até do mundo moral. Onde não ha senão a chamada razão, essa razão fria que o vulgo divinisou, apezar ou antes por causa da sua prosaica estupidez, nada pode ser grande. Na bocca do vulgo a razão é apenas a mascara com que se disfarça a banalidade. Não podendo ter azas para voar, os reptis gloriam-se de saberem rojar bem pelo pó o ventre escamoso e faminto. Tu, meu caro D. Antonio, sabes bem o pouco que valem os chamados homens de juizo, de prudencia, de experiencia...

— Que não têm consciencia. Conheço-os bem: e quando fiz a exclamação que tanto te irritou, não era para tirar aos Côrte-Reaes a gloria da sua... loucura sublime.— E, ao dizer estas palavras, D. Antonio deixava transparecer o despeito, que lhe causára a quasi reprehensão do seu amigo, e que este buscára adoçar nas suas ultimas palavras.

— Eu, meus senhores, — disse rindo benevolamente o velho advogado — não quero que me contem entre os taes homens razoaveis, que só admiram a vulgaridade, e só crêem na... raza e estafada experiencia.

— Ainda bem que o sr. Arnal, que pela sua intelligencia, saber e longo conhecimento do mundo é um d'aquelles

a quem todos escutamos com respeito, não quer ser só o homem da razão e da experiencia — acudiu o D. Antonio.

— A experiencia! — interrompeu o Luiz de Mello. — A experiencia, só, faria do homem uma machina, capaz de repetir sempre os mesmos actos, aperfeiçoando-os talvez, mas não de descobrir, de inventar, de progredir. O que se desconhece ainda é immensamente maior do que o pouco que sabemos... E para achar o incognito é preciso ter *loucas esperanças*.

— E ser martyr d'ellas, não é assim? — accrescentou o Carlos do Arnal. — Martyres foram os Côrte-Reaes. Gaspar Côrte-Real foi em busca do novo caminho da India. Era uma louca esperança, como disse o sr. D. Antonio, e custou-lhe a vida.

— Perdeu-se, como Franklin? — perguntou D. Antonio.

— Na segunda viagem. Na primeira, em 1500, descobriu grande extensão da costa da America do Norte. A terra, onde no nosso tempo se tem constituido a mais portentosa associação politica que tem havido no mundo, fomos nós que a descobrimos.

— Fomos tão grandes, por um momento, que a propria grandeza nos prostrou quasi moribundos — disse o dr. Luiz de Mello. — Ha phenomenos parecidos com este no organismo vivo. Entes fracos podem, por uma excitação momentanea, practicar actos de pasmoso vigor, de energia sobre-humana: mas depois segue-se o cansaço, o abatimento, a prostração, e até a morte.

— O que nos abateu — dil-o a historia — não foi a grandeza desmesurada dos nossos feitos heroicos; foi antes a pequenez das nossas paixões. A inveja e a ingratidão — accrescentou com tristeza o Carlos do Arnal — a cubiça de uns e a frouxidão moral de quasi todos fizeram rapidamente de Portugal uma nação... que um fanatismo estulto levou á Africa, a perder a sua gloria e o seu rei n'uma triste batalha.

— ... E que uma ignobil venalidade — acudiu D. Anto-

nio—uma repugnante depressão moral levou, pouco depois, a perder a independencia e a honra.

—Tristes, dolorosas recordações são estas! — exclamou o Luiz de Mello.— E agora mais do que nunca o são, porque... porque vão tendo de dia para dia mais força aquellas mesmas paixões miseraveis, que já uma vez nos perderam.

—Foi um tempo, aquelle dos nossos descobrimentos, bem glorioso, bem esplendido para Portugal! É certo— disse o Arnal.— Mas aquella grande luz escondia muita sombra... lugubre e pavorosa sombra. Duarte Pacheco, Affonso d'Albuquerque, Lopo Vaz de Sampaio, Nuno da Cunha, Antonio Galvão são a gloria da patria, é verdade; mas são tambem a sua deshonra. Lembram, esses nomes de heroes, que se o poder de Portugal foi grande, não foi menos grande a sua ingratidão.

—Já o illustre Camões puniu, com a aspera severidade dos seus versos, os que deixam

> Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
> Os que ao Rei e á lei servem de muro!

—Havia naquelles tempos, sr. D. Antonio—acudiu o advogado—a gloria para encobrir as nossas funestas paixões, a nossa ruindade; hoje não ha nada... Se a liberdade não robustecer a nação, se a indole honrada do nosso povo não vencer o desalento que o invade... não ha nada. Fomos grandes—proseguiu elle—e não nos fazem toda a justiça a que temos direito, incontestavel direito. Portuguezes foram os maiores navegadores... Outros, que não sendo portuguezes occupam eminente logar entre os navegadores, aprenderam na nossa grande eschola.

—Fernando de Magalhães era portuguez...—disse D. Antonio.

—Era—acudiu o Arnal.—Era portuguez: e a inveja, e a mesquinhez, e a ingratidão portugueza lançaram-o para

Hespanha. Com uma armada hespanhola é que elle practicou o maior feito que illustra a historia da navegação. Foi elle que ensinou aos navegadores a dar a volta do mundo. É uma historia que merece conhecer-se. Fernão de Magalhães andou na India com o viso-rei D. Francisco d'Almeida — outra victima da ingratidão portugueza.— Pelejou, o Magalhães; foi ferido; salvou de um naufragio grandes riquezas do rei de Portugal; mas nessas náos — como diz Gaspar Correa — perdeu sua pobreza, e pobre se foi a Portugal. Pedia, o pobre marinheiro, ao rei que lhe accrescentasse *cem réis* por mez em sua moradia: e o rei não lhe concedeu o que elle pedia.

— Achou que era de mais tal premio para quem o servira.

— A Providencia em breve castigou esta ingratidão. Fernão de Magalhães foi para Hespanha, e de lá partiu, com uma armada de cinco navios, a immortalisar o seu nome e a ingratidão portugueza.

— Quantos a podem proclamar, essa funesta ingratidão?! — disse Luiz de Mello.— As nações, como os individuos, vivem pelas tradições gloriosas, pela intelligencia, pela força. As que não sabem manter as tradições, que as não proclamam, nem buscam continual-as; as que se deixam vencer pelas outras nas conquistas da intelligencia, nos progressos moraes e nos progressos physicos; as que não crêem em si e se desalentam, se enfraquecem, se confessam vencidas antes da peleja, por não confiarem na propria força; essas taes nações a si mesmas se condemnam a uma rapida decadencia, a uma inevitavel aniquilação.

— Pobre terra, infeliz Portugal! — exclamou suspirando com profunda mágoa o velho advogado.— O que em Hespanha fizeram a Fernão de Magalhães, não o soubemos nós fazer a Christovão Colombo, que nos veio offerecer um mundo.

— Era um sonhador tambem, Christovão Colombo! — acudiu, zombando, D. Antonio — d'aquelles que os homens de juizo não querem escutar.

— E era. O genovez, diz-se, lêra em Marco Paolo, que existia uma ilha onde se podia ir, navegando para o occidente; e em demanda d'essa ilha de Cypango desejou elle emprehender uma expedição. Mas el-rei D. João, que era homem positivo, grave e de juizo, mandou ouvir uma especie de academia de cosmographos, a qual, como de costume, concluiu dos seus estudos um disparate. Christovão Colombo foi para Castella, onde, como diz Barros, andou *ladrando,* sem o quererem ouvir... Por fim conseguiu o favor de dar á Hespanha o Novo-Mundo; favor que Portugal não quizera conceder-lhe.

— Contam que Colombo aprendera de portuguezes o caminho que o levou á America — disse Luiz de Mello.

— Dizem, é verdade, que Colombo, estando casado na ilha da Madeira, recebera em casa um Affonso Sanches, natural de Cascaes; o qual lhe contara como um temporal o havia arrojado a uma terra remota, situada muito para o occidente; e que assim soubera o grande navegador genovez da existencia da America. Tambem se conta que, estando numa das ilhas portuguezas, vira Colombo, alem do oceano, terras distantes situadas para o occidente.

— Seria talvez uma d'essas phantasticas visões, como a que hontem ao pôr do sol tivemos occasião de admirar! — disse D. Antonio.

— Talvez. Quem sabe? — respondeu o Arnal. — Desde aquelle maravilhoso espectaculo de hontem que eu fiquei scismando n'isso; e veio-me por essa causa á lembrança quanto a respeito das navegações portuguezas tenho lido.

— Era um quadro esplendido aquelle que vimos hontem — disse o dr. Luiz de Mello. — Parecia mesmo uma miragem luminosa de uma terra longinqua. Não seria para estranhar que um sonhador como Colombo julgasse, n'um espectaculo semelhante, ver a miragem da ilha phantastica de Marco Paolo.

Em quanto o pae de D. Mathilde dissertava com os seus dois companheiros sobre questões de historia, dissertava

com não menos vivacidade a velha irmã do advogado, sobre questões de actualidade, com o seu braceiro, o illustre litterato Francisco da Ribaldeira.

—Cada vez está peior o mundo—dizia philosophicamente D. Barbara, levando o lenço aos olhos, dos quaes gottejavam aquellas perpetuas lagrimas que a enfermidade, como por escarneo, d'elles fazia marejar.—Cada vez isto tudo vai a peior! Homens, em quem as mulheres, coitadinhas! se possam fiar, já não ha.

—Parece-me injusta a sr.ª D. Barbara com os homens de agora—interrompeu o Ribaldeira.—Os do seu tempo, minha senhora, não eram melhores...

—Do meu tempo?!—exclamou a delambida velha.—Eu sou d'este tempo; o meu tempo é este. Minha mãe, que Deus haja, contava-me historias de amor ternissimo, como hoje se não vêem já.

—V. ex.ª é de todos os tempos, sr.ª D. Barbara—acudiu o litterato, aguçando as pontas do bigode.—É privilegio das senhoras sympathicas... e boas, o serem sempre prezadas por quantos têm a dita de as conhecer e admirar.

—Muito obrigada, sr. Ribaldeira. É lisonja sua, mas é agradavel ás mulheres a lisonja.

—Não é lisonja: mas que o fosse... É natural que ás senhoras agrade o que agrada aos soberanos. As senhoras governam, são soberanas no mundo.

—Eu já ha muito que o não sou. Desde que morreu o meu Aleixo...

—Era o marido de v. ex.ª?

—Não imagina, sr. Ribaldeira, como elle era. Que guapo moço! E, depois, que vida, que animação que elle tinha!—E córou a D. Barbara até á raiz dos cabellos, ao lembrar-se do seu Aleixo. A mão, involuntariamente de certo, apertou o braço do litterato, como se nelle visse resuscitado o seu chorado marido.

—Que pena que havia de ter o sr. Aleixo de morrer, deixando cá na terra uma tal esposa!—acudiu, em tom de

zombeteiro sentimentalismo, o folhetinista.—Eu cá, se fosse a elle, não morria... ou levava-a comigo para o outro mundo.

—Credo! Jesus, Maria, José!—E a velha, como assustada pela idéa de acompanhar o marido em tão longa viagem, agarrou-se com mais força ao braço que lhe servia de apoio.

—Pobre sr. Aleixo!—suspirou o Ribaldeira. E, como levado por subita e irresistivel curiosidade, perguntou:—Diga-me em verdade, sr.ª D. Barbara, nunca lhe passou pela cabeça... commetter uma... infidelidade ao seu marido?

Ao vermelho que afogueava o rosto da beata sobrepoz-se uma nova camada de tinta, o que lhe deu um tom quasi rôxo: os olhos deitaram duas grossas lagrimas; a bocca franziu-se, e exclamou:—Que diz, sr. Ribaldeira?! Pois eu havia de faltar aos meus deveres de esposa? Bem dizia eu, que tudo está mudado. O ultimo homem... bom e candido, que houve no mundo, foi o meu... foi o meu Aleixo.

—Perdoe-me a sr.ª D. Barbara. Eu não queria senão vêr assim mais a fundo um coração, cuja pureza admiro. Muito havia de custar o morrer ao seu sancto marido, ao seu sancto Aleixo.

A esta borrasca seguiu-se um tempo de silencio, que a beata empregou em alisar os cabellos e reparar os desarranjos da *toilette*, lançando de quando em quando um olhar quasi terno ao seu braceiro: o Ribaldeira aproveitou-o em cofiar o bigode e espreitar o que faziam as pessoas que, adiante d'elle, iam subindo a serra.

—Hoje meu irmão está de bom humor—disse, rompendo ao cabo de algum tempo o silencio, a D. Barbara.—E, em elle estando de bom humor, falla muito lá das cousas que elle sabe. Porque anda sempre a ler livros velhos, este meu irmão, e d'elles sabe muito. Eu gósto de-o ouvir fallar das coisas passadas. Eram tempos bons aquelles, em que havia gente temente a Deus, e se não consentiam as heresias que hoje se estão vendo... Pobre religião! Olhe, sr. Ribaldeira, o que devia fazer era escrever contra estes cos-

tumes depravados de hoje. Um homem de talento, como o sr. Ribaldeira, podia hoje fazer muitos serviços á sancta causa da religião. Eu fazia-o eleger secretario da associação dos *misericordiosos;* com o apoio da minha prima Benedicta... que é presidente, e muito dos bons padres francezes. E em breve o sr. Francisco da Ribaldeira seria tido na conta que merece, pelas senhoras que patrocinam a religião...

— E me patrocinariam a mim tambem? — perguntou o Ribaldeira, para cortar o fio do discurso de D. Barbara.— Essas senhoras devem ser muito sanctas, e ter o coração muito terno. O zelo com que ellas cuidam dos infelizes, e estudam a caridade com bons mestres extrangeiros, prova que um homem, humilde e dedicado como eu, se pode fiar nellas...

— Nós temos cedo eleições, meu caro sr. Ribaldeira. Minha prima Benedicta anda em luta com a condessa d'Algeruz, que lhe quer disputar a presidencia; e um homem de talento, como o sr. Ribaldeira, poder-lhe-ia fazer neste momento bem bons serviços. Ella, a minha prima, escreveu-me ainda hontem uma carta, e recommenda-me que sollicite o seu auxilio. Pode fazer muito a bem da candidatura de minha prima. A condessa é uma tola; e, de mais a mais, os padres não têm muita confiança nella. Aqui para nós — que ninguem nos ouve — a condessa tem... umas amizades intimas com certo deputado, que outro dia fallou... de um modo que causou escandalo contra os interesses da religião, contra os conventos de freiras... Eu sei cá o que elle disse, o tal homem!... E olhe, no dia seguinte esteve a condessa a conversar com elle um serão inteiro. Todos viram.

— Em que posso eu servir sua prima, a sr.ª D. Benedicta?

— Se minha prima podesse annunciar á associação que tinha catechisado... — é assim, creio eu, que ella me diz na carta — um homem de tanto merecimento como o sr. Ribaldeira, a eleição d'ella seria certa. E para mim, que gloria! Dever-me a minha prima o seu triumpho!

—Mas o que deseja de mim?

—Não conhece a condessa d'Algeruz?

—Conheço.

—Se n'um dos seus folhetins, n'um dos seus escriptos fallasse d'ella... assim encapotadamente, mas de modo que todos percebessem que é d'ella que se falla, e... désse a entender...

—Que não é uma sancta?...—interrompeu o litterato.

—Mal d'ella não diga... Olhe, sr. Ribaldeira, o melhor é ler a carta que minha prima Benedicta me escreve.—E a velha beata tirou d'algibeira um papel, que entregou ao seu companheiro.—Isto é só para nós.

O sr. Ribaldeira leu a carta, e notou para si, com admiração, que D. Barbara tinha aprendido bem a lição que a honesta prima lhe dera. Ao chegar quasi ao fim da carta, o litterato fez uma exclamação de surpreza. D. Barbara reconheceu que tinha feito uma tolice, em lhe confiar os segredos da prima Benedicta.

—Já leu a parte que lhe dizia respeito? Bem vê quanto a Benedicta tem em conta os seus merecimentos—acudiu a zelosa cuscuvilheira.—Agora o resto da carta não se refere ao sr. Ribaldeira.

—Não: mas já agora não tem remedio. Eu li tudo—respondeu o litterato, rindo maliciosamente.—Diga-me, sr.ª D. Barbara, porque tem a sr.ª D. Benedicta, sua graciosa e bemaventurada prima, tanto desejo de fazer de sua sobrinha uma serva de Deus?

A beata titubeou, ao perguntar parvoamente:—Pois leu isso?

—Já lhe disse que li. E, visto quererem associar-me aos seus piedosos trabalhos, é preciso que me digam tudo com sinceridade. Querem que D. Mathilde se faça irmã da caridade, que deixe o pae, que vá para França?... Com que fim?

—São segredos... segredos que não nos é dado indagar. Dizem que seria um grande triumpho para a religião.

—Sua sobrinha é filha unica?

— É.

— E o sr. Carlos do Arnal é rico?

— Tem de seu, meu irmão. Não é rico, mas... emfim, com as suas economias deve ter junctado alguns contos de réis. Está interessado n'uma fabrica, ahi perto do Porto. É quasi toda d'elle. Tem, de mais, dinheiro nas mãos do seu amigo Adriano Ramires. Homem honrado que, dizem, vai agora ser deputado.

— Ah! E a sr.ª D. Barbara ainda trabalhando para que seja irmã da caridade a sr.ª D. Mathilde?

— Ella não me escuta muito, a mim; mas a Benedicta é que tem sobre minha sobrinha grande influencia. A rapariga ficou infeliz com a morte do noivo. Queremos dar-lhe a unica consolação verdadeira; a consolação que dá a fé aos que se votam ao serviço de Deus.

— A sr.ª D. Mathilde está decidida...

— Ainda o não está de todo. Aquella Carlota de Sousa anda a desfazer, por seu lado, quanto nós fazemos pelo nosso em beneficio da pobre pequena.— E, ao dizer *nós*, a D. Barbara tomou um tom de grave importancia, que fez rir o Ribaldeira.

— A D. Carlota não quer que a amiga seja freira?

— Não quer. É uma mulher leviana, um espirito mundano. Eu já tenho dado a entender a meu irmão, que não convem que a Carlota tenha tanta intimidade com minha sobrinha.— Veja o sr. Ribaldeira como a Carlota de Sousa anda agora derretida para o D. Antonio d'Almada... mesmo nas barbas do marido!

— É escandaloso, é — acudiu o Ribaldeira, entre serio e jovial.

— Se continuam as amizades de minha sobrinha com a Carlota, eu receio que meu irmão acabe por ter serio desgosto.

Não pôde deixar de rir-se o Ribaldeira quando disse:— Tem razão. Quebradas as relações da sr.ª D. Mathilde com a mulher de José de Sousa, fica o sr. Carlos do Arnal livre

de desgostos. A filha vai-se-lhe embora para França, e elle fica só no mundo.

—E eu, sr. Ribaldeira, não fico com elle para o consolar, e o aconselhar?...—acudiu D. Barbara.

O riso do litterato transformou-se n'uma gargalhada.

Neste momento chegavam todos á porta, que da matta deita para o planalto, que corôa a serra do Bussaco.

VIII

HORA DA AGONIA

Levanta-se a serra do Bussaco, soberba e altiva, rude no aspecto, aspera nas formas. É a serra como um immenso leão recostado, cujos membros se espreguiçam e alongam para as alturas do Caramulo, cuja cabeça em repouso, coroada de uma juba frondosa de cedros e carvalhos, mira incessantemente a amplidão incommensuravel do céo, a vasta extensão do oceano. O dorso do severo monte é uma larga, escalvada e triste planura, onde as flores avermelhadas das urzes rasteiras parecem manchadas ainda pelo sangue d'aquelles, que alli perderam a vida na famosa batalha do Bussaco. Interrompem a extensa chapada apenas algumas ligeiras ondulações, que fazem lembrar as pregas da pelle do monstruoso animal. De um e outro lado o monte se despenha para estreitos valles em rapido pendor.— Os passeantes, cuja ascenção penosa e longa acompanhámos nos capitulos anteriores, estavam emfim reunidos na planura que corôa o Bussaco, admirando a belleza das linhas desenhadas pelas cristas dos montes, que em multiplices planos se succedem até ao limite que ao horisonte põem os pincaros elevadissimos da serra da Estrella.

Andando passo a passo se chegaram D. Mathilde e D. Carlota, acompanhadas por Luiz de Mello e D. Antonio, a al-

guns penedos, que formavam como um parapeito ao norte da planura. Uma voz infantil, e suavissima, cantava uma especie de melopéa doce e triste, que por vezes se alongava em notas decrescentes e como suspiradas.

— É a nossa Soledade — disse D. Mathilde com alvoroço.— Escutemol-a.

Sentada numa pedra a fiar, Soledade cantava. As cabras vagueavam pela encosta. Correndo e saltando, Rosa enchotava com pedras, ou chamava, as rezes que se afastavam do rebanho. O cão, preguiçosamente deitado ao pé de Soledade, ora olhava curioso para a cabreira que o andava substituindo nas suas funcções de guarda, ora parecia escutar a melancolica voz de sua dona.

Era assim a lettra da cantiga de Soledade:

Ai que dôr! Viver sósinha
Tão longe de quem me quer!
Geme, só, triste a rolinha:
Se está só, chora a mulher.

Accenda o céo mil estrellas,
Que chorem raios de luz.
Eu quero chorar com ellas
Esta dôr, que é minha cruz.

As saudades que me matam
Nada as pode consolar.
São prisões que se desatam,
Que nunca mais se hão de atar.

Vinha subindo pela encosta, em quanto Soledade cantava, um serrano. Quando chegou a poucos passos da cabreira, parou, dizendo-lhe: — Não cantes assim, moça. Olha que está a morrer tua mãe.

Soledade levantou-se hirta, pallida como se fôra cadaver.

— A mãe!... — E a palavra expirou-lhe nos labios.

— Agora mesmo venho de Mortagua; e, quando passei pela porta da tua casa, disseram-me que a Salomé, tua mãe, estava quasi a dar a alma a Deus, e que chamava por ti, pequena... que não queria morrer sem te ver.

— Ai Jesus da minha alma! — exclamou a Soledade; e cahiu de joelhos, e como perdido o alento.

Rosa, vendo a afflicção da companheira, veiò correndo para ella, e, tomando-a nos braços, deu-lhe palavras, rudes mas profundamente sentidas, de consolação: — Soledade, minha Soledade, cobra alento. A tua mãe não ha de morrer, não... sem que tu a vejas. Olha, vou correndo dizer a nosso amo que te deixe ir ver a mãe. Eu fico com as cabras estes dias. Já as sei guardar. Mas torna a ti, Soledade. Nossa Senhora me acuda. Dê-me v. mercê d'alli uma pouca d'agua.

O serrano, cujas palavras haviam excitado aquella grande dôr na pobre Soledade, acudiu logo com a bilha d'agua que Rosa lhe indicava. Tornando a si, a desditosa filha exclamou:

— Quero ir ver minha mãe. Como hei de ir tão longe!... Quero vel-a, antes que morra.

— Pois sim, Soledade. Has de ver tua mãe, se Deus quizer. Nós vamos já.

Quem dizia estas palavras era D. Mathilde que, seguida de D. Carlota, de Luiz de Mello e do seu amigo, se havia encaminhado rapidamente para a angustiada serrana.

— Deus seja louvado! — exclamou esta beijando as mãos de D. Mathilde. — Ai! Minha senhora, leve-me... vamos... mas depressa; que a minha mãe morre, se eu não for já. — E, subitamente, uma torrente de lagrimas se desprendeu dos olhos da Soledade.

— Carlota, vae dizer tudo a meu pae... conta-lhe tudo — disse D. Mathilde precipitadamente. — É necessario arranjar um carro para irmos a Mortagua. Vae, antes que seja mais tarde. Não, é melhor irmos todos ter com meu pae. A Soledade vem comnosco...

—E o rebanho? —perguntou a triste cabreira, lembrando-se no meio da angustia do seu dever.

—Rosa pode guardar o rebanho; e este homem ajudal-a-ha—acudiu D. Antonio. E, dando algum dinheiro ao serrano que trouxera a triste nova, recommendou-lhe que substituisse Soledade na guarda das cabras.

Uma hora depois partia um *char-à-banc* do Bussaco para Mortagua, levando dentro as duas amigas e Soledade, acompanhadas pelo dr. Luiz de Mello e José de Sousa; a quem a mulher pedira para ir com ella, a fim de impedir que D. Antonio d'Almada a seguisse. Este, porem, não se déra por entendido, e, sorrindo com meiga brandura quando offerecia a mão a D. Carlota para subir á carruagem, dissera: —Vou tambem, minha senhora; quero-me associar a todos os seus actos de caridade.—E, saudando-a respeitosamente, tomara logar ao pé do cocheiro.

A pequena distancia de Mortagua apearam-se; ali, guiados por Soledade que corria levada pela afflicção e pela impaciencia de ver a mãe, que receiava já não achar viva, em breve chegaram a uma casinha terrea, triste, quasi derrocada, que estava como escondida por detraz de um vallado coroado por sebe de piteiras e silvas.

Estava a baixa e desconjuntada porta meio cerrada. Fóra, no campo, era tudo luz, flores, perfumes, canto suave e melodioso de alegres aves, emanações inebriantes; dentro da casa tudo era escuridão, miseria, lugubres sons de gemidos e soluços de agonia, e aquellas exhalações nauseabundas e suffocantes que cercam o leito da morte, principalmente na casa do pobre.

No chão, sobre a terra negra, a enxerga, onde uma mulher estava quasi agonisante; a pouca distancia uma velha cadeira de páo e uma arca, que parecia—imagem da sepultura—estar esperando já aberta o cadaver da moribunda; na chaminé uma fogueirinha, ardendo por baixo da trempe em cima da qual estava, fervendo n'uma panella de

barro, magro caldo; eis tudo o que havia na miseravel e desolada casa.

A moribunda era uma mulher a quem as magoas, a pobreza, o trabalho, e não os annos, pareciam haver consumido, gastado, envelhecido. O rosto pallidissimo, livido, anguloso, contrahido pela agonia que se avizinhava, era ainda, nas suas linhas principaes, de notavel belleza. Os olhos, em extremo abertos, estavam sem brilho, embaciados e amortecidos, perdida a vista e como desmerecida a côr. A bocca semiaberta deixava passar ruidosa a respiração, e com ella um como gemido, suspirado e rouco, que pouco a pouco ia degenerando em estertor. O corpo por tal modo estava emmagrecido, que quasi não fazia vulto por baixo da manta rota e velha que o cobria.

Ao canto da chaminé, sentada na lareira, encolhida e como dominada pelo pavor, uma rapariga, suja, rota, com os cabellos desgrenhados, emmaranhados e cahidos para a testa, e physionomia rude e selvagem, fitava attenta os espantados olhos na moribunda.

Ao abrir-se a porta, apezar de uma viva luz penetrar no lugubre aposento, em nada se alterou o funebre quadro: só quando Soledade, cahindo de joelhos e beijando a mão da agonisante enferma, clamou com angustia: — Mãe... mãe! Sou eu, mãe! — é que a pobre Salomé, como invocada do sepulchro, estremeceu, voltou lentamente a cabeça e, entrevendo a filha, cercou-a n'um esforço sublime com os descarnados braços, e puxando-a a si, deu-lhe um beijo de infinito amor.

A bocca da moribunda pousou como annuncio de morte na testa de Soledade. Quando se sentiu como envolvida pelo halito gelado da mãe, a criança deu um grito involuntario de anciedade e de terror, e cahiu sem sentidos.

— Filha... Soledade... Onde vás, filha?... Não me deixes — murmurou a Salomé, sentindo que a filha se lhe escapava dos braços. — E, extenuada pelo esforço que fizera, ficou sem alento por alguns instantes.

— Carlota! — exclamou D. Mathilde, pallida, convulsa, opprimida, em vista d'aquelle doloroso espectaculo.

— Aqui estou, Mathilde — respondeu D. Carlota, que já estava ao pé de Soledade e buscava soccorrel-a.

— Onde está... onde está o sr. Luiz de Mello?

— Aqui, sr.ª D. Mathilde — respondeu o medico, que tomava o pulso, e observava a moribunda.

— Que diz?

— Está em agonia. Não pode durar muito. Leve, sr.ª D. Mathilde, leve aquella criança para fóra d'esta casa. Vão-se todos. Eu fico com a doente.

— Vae, Mathilde — insinuou D. Carlota, que receava o effeito de uma impressão demasiado dolorosa sobre a debil saude da sua amiga. — Tu tens que soccorrer a pobre Soledade. És-lhe necessaria agora. Eu fico...

— Não...

— Fico só com o sr. Luiz de Mello.

Por uma causa que ella propria não podia explicar, D. Mathilde, ao ouvir estas palavras, obedeceu a D. Carlota. José de Sousa levou nos braços para fóra da casa Soledade desmaiada. D. Antonio, que estava ao pé da porta, sahiu tambem, não sem lançar olhos invejosos para o seu amigo doutor.

Passados alguns minutos, a doente tornou a si em virtude dos cuidados do dr. Luiz de Mello e de D. Carlota. As forças, porem, diminuiam-lhe de instante para instante; a vida ia-se extinguindo rapidamente.

— Filha! — murmurou com esforço a Salomé. — Tu estavas... estavas ahi, minha filha.

— Vem já a Soledade — acudiu D. Carlota. — Precisa d'alguma cousa?

— Da minha... filha.

— Vem já.

— Não posso... esperar.

Luiz de Mello chegou á porta, e voltou logo.

— Ainda está desmaiada — disse a D. Carlota.

— Soledade! — articulou instantes depois a moribunda. — Soledade! Onde estás?

Recobrando de repente mais os sentidos, a Salomé olhou em roda de si, e, fixando D. Carlota com pasmo, perguntou: — Quem é? Como... veio aqui, minha... senhora?

— Vim para lhe acudir — respondeu esta. E ajoelhando juncto da moribunda, e tomando-lhe a mão: — Quê me quer? Que posso eu fazer-lhe?

— Mas... porque... Perdoe-me, minha senhora. Porque está ao pé de mim: pobre... moribunda?

Em breves palavras D. Carlota explicou tudo á Salomé.

— Louvado seja Deus! — exclamou esta, com ardente devoção.— Bemdicta senhora, Nossa Senhora!... E a minha filha?...

— Fel-a padecer muito o vel-a assim — acudiu o Luiz de Mello.— Mandei-a sahir um momento lá para fóra. Assim era preciso.

— Mas... que eu a veja ainda antes de morrer!... Não tarda? — perguntou, voltando os olhos para Luiz de Mello: Este fez um gesto ambiguo, d'aquelles que os medicos uzam em semelhante caso.— Não tarda... bem sei. Mas sem ver a Soledade... não quero.

A Salomé parecia hesitar em exprimir uma idéa, que lhe dominava o espirito. Os olhos fixavam-se-lhe alternativamente em D. Carlota e Luiz de Mello; os labios moviam-se-lhe sem articular palavras; e, ao mesmo tempo, fazia um esforço sobre-humano para conservar a vida, para não cahir de novo em lethargo. Luiz de Mello comprehendeu o estado da angustiada mulher, e, pondo-lhe a mão na cabeça como para melhor lhe fixar a attenção, disse:

— Qual de nós, Salomé, ha de ir buscar a sua filha. Eu ou esta senhora?

— Ella — respondeu a doente, com visivel animação.

— Vá, sr.ª D.. Carlota.— E baixando a voz o doutor accrescentou: — Esta mulher tem um segredo, que me quer confiar... ao que parece.

—Vou chamar a Soledade—disse D. Carlota, encaminhando-se para a porta.

—Não vá só—acudiu a Salomé, voltando os olhos para a rapariga que estava sentada ao pé do lume, e que não mudára de posição durante os successos que ficam narrados; trocando apenas a expressão de terror, que tinha, por uma expressão de estupida curiosidade. Satisfazendo-lhe os desejos, D. Carlota ordenou á rapariga que a seguisse.

Ao ver-se só com Luiz de Mello, a Salomé teve um momento em que na physionomia, inteiramente reanimada, se lhe manifestou alternativamente viva anciedade, intima confiança, receio, duvida, esperança e tristeza. Era violenta a luta. O tempo fugia, porem, e com elle esvaía-se-lhe a vida. Sentiu-o a pobre moribunda, e, em dolorosa supplica, disse:

—Mais alguns momentos... quero viver.

Com avidez, mas a custo, enguliu o liquido que o medico lhe chegou á bocca; mais confortada, proseguiu:—Fica só a minha filha... Ninguem para a proteger. Só, pobre... orphã...

—Não fica sem protecção a sua filha—acudiu o Luiz de Mello.—Aquellas senhoras, que a acompanharam aqui, não a hão de abandonar.

—É que... ella não é o que parece. Para o futuro... talvez que tudo mudasse... se um protector...—Não posso fallar... Deus me acuda.—Alli... alli...—accrescentou a moribunda, apontando com supremo esforço para um armariosinho que havia na parede, por cima da chaminé.

O Luiz de Mello abriu o armariosinho e tirou de dentro um pequeno maço de papeis.

—É isso...—murmurou a Salomé.—Guarde... É um segredo agora...

—Mas, posso ler?...—perguntou o doutor.

—Sim... mais tarde. D'aqui a tempo... um anno.

—E que hei de fazer, depois?

—O que for bom... para a minha filha... Se Deus tiver misericordia... Proteja-me a minha Soledade... Mas segre-

do... agora: sobretudo para ella... — E levantando as mãos, como se a anciedade lhe houvera dado forças: — Que ella não saiba... se podér ser... que não saiba a minha filha o que eu fui... Deus seja comigo e me perdôe...

Depois d'estas palavras um gemido, fundo e dolorosissimo, pareceu rasgar o peito da moribunda; e o estertor pronunciadamente se manifestou.

Chamadas por Luiz de Mello, entraram na casa D. Mathilde e D. Carlota, trazendo quasi em braços a pequena Soledade. Esta foi cahir de joelhos ao pé da mãe, tomou-lhe uma das mãos e inundou-lh'a de lagrimas, sem dizer uma palavra.

Seguiram-se alguns minutos em que na pobre choupana se não ouviram senão os gemidos e o estertor da Salomé. Por fim a respiração foi baixando, e tornando-se cada vez mais curta e entrecortada de soluços; até que, abrindo desmesuradamente os olhos, e movendo os labios como se quizesse dizer um adeus á filha, a misera agonisante, n'um derradeiro arranco, exhalou o ultimo suspiro.

Horas depois — depositado o corpo da Salomé na egreja de Mortagua, e tomadas todas as disposições necessarias para que se lhe fizesse um enterro decente — voltaram para o Bussaco, trazendo comsigo a inconsolavel Soledade, aquelles que haviam, por um puro sentimento de commiseração e caridade, levado a pobre serrana a receber o ultimo suspiro da mãe.

IX

TRABALHOS ELEITORAES

Vinha alvorecendo a manhã quando D. Antonio d'Almada e Luiz de Mello corriam, em carruagem, pela estrada que do Bussaco desce ao Luso. O céo estava purissimo e suavemente illuminado; o campo, coberto de verde e esplendida vegetação, matizava-se de flores como se fôra um jardim; as aves chilreavam com vivissima alegria, e, pulando de ramo em ramo, sacudiam das arvores as gotas de orvalho, que cahiam brilhando como chuva de diamantes; o tintinar das campainhas do gado, que ia trepando para as pastagens da montanha, harmonisava-se docemente com as vozes das mulheres que, rindo ou cantando, iam para os trabalhos do campo; ao longe o chiar dos carros, monótono e ininterrompido, aspero guincho por vezes, por vezes silvo agudo ou nota melancolica e grave, fazia, ás mil vozes confusas da natureza que acordava, selvagem acompanhamento. Aos esplendores da natureza respondiam com enthusiasticos arroubamentos as almas naturalmente poeticas dos dois amigos.

—Que formoso quadro! Que admiravel madrugada! — exclamou D. Antonio.

—Olha como no céo se harmonisam as côres... todas as côres! Vê as largas faxas de purpura, o verde-claro, o

azul intenso, os suavissimos cambiantes que esbatem as transições de uns para outros tons! — acudiu Luiz de Mello.— Ha na natureza uma suavidade immensa, esta manhã!

— Eu cá, meu caro Luiz, tenho na alma uma tal musica, uma tal primavera, que me parece, por instantes, que essas harmonias, essa primavera que nos involve não são senão reflexos... pallidos reflexos do que se passa dentro em mim.— Ha muitos annos não sinto esta juvenilidade. Olha, parece-me ver pela primeira vez a natureza! — É verdade que não a tenho observado muitas vezes a esta hora. E nessas, em que a tenho visto — accrescentou, rindo, D. Antonio d'Almada — tem-me parecido estar ainda a pobre natureza com somno, a bocejar, a espreguiçar-se, rabugenta e de máo humor.

— Eu tambem admiro as alegrias da natureza — respondeu Luiz de Mello.— Mas em vez de me parecerem reflexo da minha alma, encontro antes impossibilidade de que a minha alma com ellas se harmonise. Está risonha a natureza, é verdade, mas esse riso contrista-me. Lembra-me aquelle lugubre quadro de hontem...— e tantos como aquelle, que tenho visto! — aquella mãe expirando, na miseria, separando-se, com dôr infinita, da vida onde deixava a filha orphã... Lembra-me tudo isso, e pasmo da indifferença com que a natureza abandona os que morrem, para acalentar no seu regaço maternal, para amamentar os que vivem... para lhes sorrir e lhes ensinar o esquecimento.— E comtudo é esta, D. Antonio, uma das grandes leis do mundo physico. Dura, mas sublime e irrevogavel lei. Conheço-a, admiro-a, mas custa-me a conformar com ella.

O D. Antonio d'Almada olhou fixamente para o doutor, como se estranhasse nelle aquella linguagem sentimental, e, depois de alguns momentos de silencio, exclamou: — E a tua sciencia, Luiz de Mello, onde está? Pois o medico experiente, o sabio consummado, o homem da razão fria, estranha agora á natureza a sua indifferença para tudo o que passa, a sua solicitude para tudo o que existe, a sua pre-

videncia para tudo que ha de vir? Querias que todos... que tudo no mundo estivesse a chorar sobre uma sepultura. Ha talvez quem o faça... — Luiz de Mello fez um gesto para o interromper — ha; mas creio que não é isso muito do teu agrado. A natureza, meu caro, é que não tem tempo para chorar pelos mortos, porque foi convidada a assistir a todos os nascimentos.

— Assim é! — acudiu, rindo, o doutor.— Como sempre a natureza tem razão, e nós não...

— Não sejas injusto comigo, Luiz. Confessa a superioridade da minha philosophia, sem te deixares cegar pela inveja.— Eu sou já um bom philosopho... e, talvez, d'aqui a poucos dias serei tambem um pae da patria, um politico de polpa, um grande homem, emfim... como esses que vão a S. Bento encher-se de gloria a si, e á patria de leis beneficas, que outros, alcançando gloria egual, destroem tempos depois. D'aqui a poucas horas estaremos no meio dos meus futuros eleitores; e tu, illustre doutor, convencido como deves estar da excellencia das minhas qualidades, dos meus talentos politicos, irás solicitar para mim a influencia do nobre visconde da Almeiroa, teu amigo, e tua victima... quero dizer, teu doente.

— Estava capaz de te recusar a minha poderosa influencia, á vista da... leviandade com que te oiço fallar das cousas publicas.

— Fazes bem. É justo que me ache leviano, para representante da nação, o grave medico, que anda com a cabeça cheia de sonhos amorosos... que não pensa senão na melancolica, na romanesca, na sentimental D. Mathilde.

— Sobre esse assumpto, não: não gracejemos, D. Antonio — interrompeu o Luiz de Mello, tomando involuntariamente ares de gravidade.

— Pois não gracejemos, meu amigo.

A conversação entrou, depois d'isto, em nova phase. Os dois amigos fallaram, com a mais completa e desassombrada confiança, de tudo o que lhes preoccupava o coração e a

cabeça. Eram ambos bons; tinham ambos nobreza de alma, elevação de idéas, principios generosos, consciencia melindrosa, sensibilidade de coração; e apezar de haver entre um e outro consideraveis disparidades de caracter, grandes differenças na cultura intellectual, harmonisavam-se perfeitamente um com outro, e quasi sempre estavam de accordo nas cousas em que a razão, a consciencia ou o coração podiam formular uma opinião definida, aconselhada pela probidade, ou inspirada pela amizade.

Horas depois entravam os dois amigos no largo pateo de uma casa nobre e apalaçada, onde os esperava o visconde da Almeiroa, acompanhado de alguns magnates da villa proxima, e cercado de criados; uns de libré agaloada, outros com vestuario menos ostentoso, todos porem com o ar boçal e desastrado de camponios que se não ageitam dentro do fato que lhe vestiram. Luiz de Mello teve de cahir inevitavelmente nos braços do visconde, que o apertou com a ancia de quem lhe queria pagar, numa amigavel esmagadura, o favor da vida, que elle dizia dever-lhe.

— Ora venha cá o meu doutor! — dizia o visconde, apertando cada vez mais o abraço em que enlaçára Luiz de Mello. — Isto é que é homem! Eu bem lh'o tenho dicto, compadre Soromanho. Por duas vezes me salvou a vida. E aquillo foi logo, quando já outros me andavam a apregoar como um homem perdido, irremessivelmente perdido.— Lembra-se como eu andava, sr. Rodrigues? Era mesmo um morto. Se não vou a Lisboa, e não tópo com o sr. Luiz de Mello, era de uma vez... A viscondessa espera-o com impaciencia. E nós a perdermos aqui o tempo.— E ao dirigir estas ultimas palavras ao Luiz de Mello, o. implacavel na sua gratidão, visconde da Almeiroa, abriu os braços e deixou-o cahir quasi asphyxiado.— Vamos á viscondessa, vamos.

Luiz de Mello, solto emfim do lethal amplexo do gigante...— É tempo de dizermos que o visconde, homem dos seus cincoenta annos, era de uma altura muito acima do ordinario, grosso, largo da face, olhos vivos um tanto en-

terrados em carne, bigode e cabellos grisalhos, bocca tão grande que, ao abrir-se, deixava, por assim dizer, ver a simplicidade quasi rustica do seu excellente e generosissimo coração.— Solto, como diziamos, do doloroso abraço, Luiz de Mello julgou que era tempo de lembrar ao seu honrado admirador que não vinha só, nem era elle, naquella occasião, o principal personagem de quem o visconde se devia occupar.

— Meu caro visconde — disse elle — a minha impaciencia de ir aos pés da sr.ª viscondessa é muito grande; mas antes, quero...

O visconde cahiu em si, e, sem deixar proseguir o Luiz de Mello, exclamou, rindo benevola e escancaradamente:— Ah! Ah! Ah! Que cabeça esta minha! Perdôe-me, por quem é, sr. D. Antonio d'Almada... Eu creio que é v. ex.ª o sr. D. Antonio? Perdôe-me. Cá a gente quando vê um amigo... a quem deve a vida.— Porque eu dir-lhe-ei, sr. D. Antonio, devo a vida ao nosso doutor...— Quando o vejo, o meu doutor, tenho vontade de o metter em mim...

O Luiz de Mello não pôde deixar de se rir, ao lembrar-se das diligencias que effectivamente o visconde acabava de fazer para o engastar em si por um abraço, e ainda mais ao observar a cara angustiada de D. Antonio, a quem o visconde agarrava a mão com aquelle enthusiasmo mechanico que o caracterisava.

— Sr. visconde — acudiu o D. Antonio, com o fim de minorar as manifestações de gratidão de que o seu amigo era o objecto mas de que elle era a victima — sr. visconde, eu tenho uma verdadeira satisfação em que v. ex.ª me queira fazer a honra de receber-me em sua casa. Ha muito que o nome de v. ex.ª me era conhecido, e eu, como todo o paiz, sabia quanto as qualidades...

— Bom, bom! — exclamou o visconde.— Ponhamos de banda cerimonias. Os amigos dos meus amigos são tambem meus amigos. Esta casa é como se fosse sua... E, de mais, eu sei que é... que se propõe a ser o candidato, cá do nosso

circulo. É cá dos meus, o sr. D. Antonio; inimigo do governo, e inimigo d'aquelle...— Eu cá digo as cousas pelo seu nome — d'aquelle tratante do Adriano Ramires.— E o visconde d'Almeiroa disse, em tom de colera, esta injuria, que involuntariamente, quasi, lhe sahiu da bocca.

— Não é tanto assim — acudiu o compadre Seromenho; homem ainda moço, esguio e vesgo, que já fôra administrador do concelho, que o queria tornar a ser, e a quem, por isso, não convinha estar de todo mal com o Adriano Ramires, influencia do districto e amigo do governo.— Não é tanto assim, sr. visconde. O sr. Adriano é... nosso inimigo politico; mas bom homem, com boas intenções... e o districto deve-lhe muito.

O visconde olhou para o seu compadre, como admirado da ousadia com que elle fallava, contrariando-lhe as opiniões ácerca do seu maior inimigo. Quiz fallar, mas sahiu-lhe das guellas um grito inarticulado. Reportou-se, engüliu em secco, e por fim exclamou: — Sr. Seromenho, não me diga isso. Não me diga que é bom um homem que traz intrigadas todas as familias, que tem accendido as paixões, os odios politicos em todo o districto... um homem, que se creou na minha casa, filho de um caseiro de meu pae, que Deus haja... e tudo nos pagou com ingratidões sobre ingratidões... um homem, que nada tinha, que fez uma fortuna, Deus sabe como, e agora já quer ser deputado; e para isso persegue as auctoridades, ameaça com o recrutamento, com os impostos, com tudo que é máo, os povos, para que votem n'elle... um homem, que me quer tirar a influencia; a mim que sempre a tive, áqui onde meu pae fez sempre as eleições, onde o deputado sahiu sempre da nossa casa para a camara!...

— Sr. visconde, não se exalte v. ex.ª Eu cá gósto de fazer justiça a todos...

— Cale-se, sr. Seromenho. Do que o senhor gosta é de estar bem com todos. Mas d'esta vez é preciso que se decida. A luta ha de ser renhida: e eu, ainda que perca a minha fortuna, hei de fazer com que o meu... presado amigo,

o ex.^{mo} sr. D. Antonio d'Almada, sáia deputado.— Irritado pela contrariedade, o visconde, que pouco antes estava indifferente, e nem se quer conhecia a D. Antonio, já lhe chamava «presado amigo» e offerecia a sua fortuna para lhe alcançar o triumpho na eleição. Era assim feito, o nobre visconde; e, como provavelmente o leitor sabe, ha muita gente d'este mesmo feitio.

— Olhe, meu caro visconde, que a sr.ª viscondessa espera por nós — insinuou o Luiz de Mello.

— É verdade, é verdade. Ora este compadre Seromenho sempre me ha de fazer zangar com as suas pastelarias!

— Bem sabe v. ex.ª que elle é assim — murmurou ao ouvido do visconde o sr. Rodrigues, velhaco sem mistura, que passava o tempo a demolir os seus vizinhos na opinião das pessoas importantes e particularmente na do visconde, com quem elle tinha grande confiança.— É assim, o Seromenho. Sevandija e sem opinião.— E, voltando-se para a victima d'esta observação com um sorriso, apertou-lhe a mão, dizendo-lhe ao ouvido: — Tem paciencia. O visconde é insupportavel.

A viscondessa tinha menos alguns annos do que o marido, e fazia com elle, no physico e no moral, um perfeito contraste. A sua magreza era tal, que deixava desenharem-se-lhe por baixo da pelle os ossos de um modo assustador: os olhos proeminentes tinham notavel vivacidade, mas moviam-se a compasso com as palavras e reviravam-se languidamente, de modo que mais pareciam destinados a gesticular do que a ver; a bocca franzia-se a cada palavra, e por vezes sorvia os sons de uma maneira gulosa e delambida. Consideraveis artificios tentavam esconder os defeitos, e, sobre tudo, attenuar as faltas, que a natureza imprevidente deixara na pobre viscondessa: mas todos serviam unicamente para chamar a attenção sobre aquillo que a fidalga provinciana mais desejava passasse desapercebido, sem illudir ninguem ácerca da descarnada verdade que se buscava disfarçar.

Recebeu a viscondessa os dois recem-chegados com um chuveiro de palavras occas, um sem numero de caretas, uma profusão infinita de olhares desordenados. O D. Antonio, na sua qualidade de pretendente, escutou as tolices da velha, e achou, para lhe responder, bom numero de banalidades, que captivaram o espirito e o coração da viscondessa, que a captivariam toda inteira, se elle não tivesse a prudencia de se não deixar cegar pelos fumos da gloria. Foi a viscondessa quem apresentou D. Antonio d'Almada a todos os influentes da localidade, que haviam sido convidados para o jantar. Este foi, como é costume na provincia, abundantissimo, variadissimo, compridissimo e impertinentissimo; e comtudo durante elle o D. Antonio quasi que não teve occasião de fallar com os seus futuros eleitores; tanto a viscondessa o havia confiscado para seu proprio uso!

Ao jantar seguiu-se curto passeio, durante o qual o infeliz candidato levou a viscondessa pendurada no braço esquerdo. Ao serão reuniram-se *todas as pessoas decentes* da vizinhança, senhoras e homens; e d'ahi resultou a liberdade para o nosso amigo D. Antonio d'Almada, que conseguiu emfim ver-se alliviado da pesada protecção da viscondessa.

Os homens reuniram-se quasi todos numa sala, em que havia uma ou duas mezas de jogo; e ahi estabeleceu-se, ao cabo d'alguns minutos, uma conversação politica, presidida pelo dono da casa, o nobre visconde da Almeiroa, que as saudes ao jantar e as libações ao café haviam animado até ao enthusiasmo.— Discutiu-se, com mais ou menos falta de senso, a politica do governo; barafustou-se ácerca das prepotencias commettidas já, para preparar o triumpho eleitoral, pelas auctoridades; descreteou-se sobre as necessidades publicas, concordando todos em que era excellente construir um caminho de ferro através da Beira, abrir estradas em todos os sentidos, e não pagar nem mais um real de impostos; declamou-se violentamente contra o governador civil, os administradores de concelho, os regedores e os cabos

de policia; lançou-se um anathema contra os escrivães de fazenda; e por fim a bilis exaltada da assembléa veio a descarregar-se, violenta e corrosiva, sobre o candidato governamental, o sr. Adriano Ramires.

— Aqui, nesta casa, foi creado: — dizia o visconde da Almeiroa — creado e educado. Filho do caseiro da nossa quinta da Almeiroa, meu pae, que Deus haja, pelo achar esperto trouxe-o para casa. Quando morreu o pae do Adriano, continuou este a viver comnosco; até que, já homem e formado, fez uma maroteira...

— Bem me lembro — acudiu um velho commendador, que estava jogando o voltarete.— Furtou uma rapariga... Prima d'elle, creio.

— Sim. Era a filha do José da Gandra, que trazia a quinta do Dezembargador de renda. Bonita moça era ella! — accrescentou outro parceiro.

— Poucos mezes depois de lhe roubarem a filha, o pobre José da Gandra morreu — disse o commendador.

— E parece que deixou uma fortuninha bem boa, o tal José da Grandra.

— Assim foi — accrescentou o visconde.— D'ahi a dias o Adriano Ramires desappareceu. Foi para o Brazil; esteve por lá uns cinco a seis annos e ha hoje uns dez ou onze annos que voltou.

— Muito rico! — disse, mettendo-se na conversação, o compadre Seromenho.

— Não se sabe o que foi feito da rapariga? — perguntou, com interesse, o dr. Luiz de Mello.

— Não — respondeu o visconde.— Elle foi para o Brazil, só; mas a rapariga desappareceu e nunca ninguem mais soube d'ella. Affirma-se que o Adriano lhe levára todo o dinheiro que o pae, o José da Gandra, lhe deixou.

— Isso serão calumnias — observou um dos individuos presentes.— Depois que veio do Brazil tem o Adriano, isso não ha duvida, feito bem a muita gente; distribuido esmolas aos hospitaes; dado pão a ganhar aos pobres... Não sou

por elle em politica... porque este governo não despachou, como era de justiça, o meu genro para administrador de Celorico; mas por isso não hei de negar a verdade conhecida por tal.— Satisfeito com a explicação honesta que dera da sua posição politica, o caritativo orador lambeu os beiços, passou pela testa um lenço de uma alvura duvidosa, e ficou, empinando-se, á espera da resposta. Esta não se demorou. O visconde d'Almeiroa, colerico, exclamou:

— Não sei como ha paciencia para ouvir isto. Pois não conhece toda a gente que o Adriano Ramires dá só esmolas para que todos o saibam? Não é notorio que, ao passo que distribue alguns centos de mil réis aos hospitaes e aos asylos, esfola os pobres lavradores com usuras escandalosas? Agora, dés que se metteu na politica, não ha casta de pouca vergonha que não tenha feito. São tudo intrigas e desaforos! Tem mettido empregados seus em toda a parte. Mette-se com todos os governos e a todos atraiçôa.

— Não se exalte v. ex.ª, sr. visconde — disse o D. Antonio d'Almada.— A politica nem sempre é de uma irreprehensivel honestidade.

— Faz bem em defender o Adriano, sr. D. Antonio d'Almada. Sabe o que elle fez? Publicou um pamphleto contra v. ex.ª, em que lhe levanta as maiores calumnias. E a mim, meus senhores, a mim tambem nesse papelucho me chamam... paspalhão, inimigo do povo, reaccionario... fidalgo de casta nova, tolo provinciano... Infamias, infamias!

— Que importa isso? — acudiu D. Antonio.— O que eu não sabia era que o Adriano Ramires tambem fazia pamphletos.

— Elle, sim!... Encommendou aquella caterva de desaforos e sandices, a um litteratiço... a um tal Francisco da Ribaldeira. Pagou-lhe bem, segundo contam... Mas vamos ao que importa — proseguiu o visconde, acalmando-se um tanto.— Amanhã é necessario que façamos uma pequena reunião eleitoral. Convidam-se todos os amigos mais in-

fluentes, e alguns lavradores de maior importancia. É bom que elles conheçam o seu candidato, sr. D. Antonio d'Almada. Diz-lhe v. ex.ª algumas palavras para os animar, porque a luta ha de ser renhida: o resto fica por minha conta. As eleições estão á porta. São d'este domingo que vem a quinze dias. Para esse tempo volta o sr. D. Antonio por aqui, se for necessario.

— Estou-lhe agradecidissimo, sr. visconde, pela sua benevolencia — respondeu D. Antonio. — Seja qual for o resultado da eleição, para mim não ha senão ganho, porque alcancei a amizade de v. ex.ª...

— E a da viscondessa — acudiu o dono da casa; — da viscondessa, que está enthusiasmada pelo sr. D. Antonio. Olhe que fez a conquista da viscondessa. E ella, em querendo, leva mais votos á urna do que eu. Não é verdade, compadre Seromenho?

— É verdade: a sr.ª viscondessa tem grande influencia no circulo — respondeu o compadre.

— E detesta o Adriano — accrescentou o visconde.

— Isso é verdade — disse a viscondessa, que neste momento entrava na sala, onde se celebrara a conferencia politica a que acabamos de assistir. — Mas deixemos agora a politica. Aquellas senhoras lá fóra estão impacientes por dançar; e eu venho buscar para meu par... — não é costume, mas a uma provinciana tudo se desculpa — venho buscar para dançar o sr. D. Antonio d'Almada.

— Estou ás ordens de v. ex.ª — gemeu este, sorrindo contrafeito.

Uma vez nas garras da sr.ª viscondessa d'Almeiroa, o desditoso candidato a deputado teve de dançar e ser amavel toda a noite, e só recobrou a sua liberdade quando o deixaram recolher ao quarto para dormir.

X

UMA ASSEMBLÉA DE ELEITORES

O agente eleitoral é um dos mais curiosos typos d'este nosso tempo, em que abundam as singularidades, em que pululam as esquisitices.

É o agente eleitoral fabricante e commerciante de um producto que se não vê, que se não apalpa, que nenhum sentido emfim alcança: producto immaterial, virtual, que só tem valor em quanto se não realisa. O agente eleitoral fabrica e vende votos.— *Tenho tantos votos, posso arranjar ainda tantos votos,* diz elle aos seus freguezes.— E logo alli debate o preço, estabelece as condições do mercado, vende a vontade do proximo de que não dispõe, mercadeja a consciencia propria e a alheia: depois, contente de si, satisfeito pela simpleza d'aquelles que lhe pagam por bom preço uma immoralidade ou um sonho, vai negociar outra vez aquillo mesmo sobre que já fez uma transacção, que chamou honesta, definitiva, e até inspirada pelo amor da patria e pela dedicação partidaria.

O agente eleitoral occupa varias posições sociaes, faz o seu negocio por differentes modos e em diversas condições, mas não perde nunca os seus caracteres essenciaes, aquel-

les que distinguem a especie. O agente eleitoral: É patriota; quer dizer, fala no paiz, declama com mais ou menos ignorancia ácerca das necessidades publicas, confunde principios com pessoas e pessoas com principios, e faz ouvir alto e bom som a sua historia politica, alindada e accommodada ás circumstancias: É importante; o que significa que falla muito na sua influencia e nas suas relações, quer nas salas, quer nas tabernas, já na aristocracia, já no clero, ou já no povo: É eloquente; não porque falle bem, mas porque falla de papo, e sabe infiar em todos os casos um chorrilho de palavras, que soam como cascaveis e se podem applicar, com pequenas alterações, em todas as circumstancias: É activo; sem que por isto se haja de suppor que é laborioso, pois a sua propensão para a perguiça é manifesta, mas unicamente que se agita nas occasiões criticas, fazendo como o remoinho muita poeira sem mudar de logar: É pretendente, sobre tudo; pretendente por si e pelos outros; quer ser commendador, ou conego, ou governador civil, ou cabo de policia, ou qualquer cousa grande ou pequena, conforme a sua cathegoria e posição; traz na algibeira um sem numero de memoriaes em que se pede tudo, e que, a serem attendidos, absorveriam d'um sorvo todos os dinheiros publicos.—Estes caracteres *especificos* e permanentes do agente eleitoral não excluem muitos outros, que distinguem as suas numerosas e curiosissimas variedades.

A reunião eleitoral que teve logar em casa do visconde d'Almeiroa era, na maxima parte, constituida por agentes eleitoraes. Compunham o resto da assembléa amigos do visconde, que formavam, capitaneados por elle, uma especie de partido de resistencia ás invasões de Adriano Ramires, e alguns caseiros, que pertenciam corpo e alma a seus amos, votando sem mesmo saberem em quem nem por que, quando para isso recebiam ordem. Estes caseiros achavam-se alli unicamente para fazer numero: eram comparsas d'aquella representação aldeã da semsaborona comedia politica.

Presidia á reunião o visconde, cuja physionomia assumira, naquella solemne occasião, uma expressão de gravidade que destoava do seu natural, expansivo, palreiro e folgasão. Á sua direita sentava-se D. Antonio d'Almada, que buscava imitar a seriedade do presidente da assembléa, o que fazia sorrir maliciosamente o Luiz de Mello, que assistia ao espectaculo como pessoa que a elle se devia conservar extranha. Á sua esquerda, fazendo de secretario, sentava-se, contrafeito e de máo humor, o compadre Seromenho, a quem as circumstancias forçavam a comprometter-se, para não perder a amizade e protecção do compadre visconde.

— Meus senhores! — começou o presidente em tom de discurso, e meneando a gorda cabeça, como se quizesse vascolejal-a para fazer sahir d'ella uma idéa: — Meus senhores!... — Seguiu-se uma pausa. — Estamos reunidos aqui, para nos occuparmos dos interesses vitaes do nosso circulo eleitoral. É grave a crise. Ameaçam-nos com impostos novos, e a tyrannia... sim, digo eu, a tyrannia dos nossos adversarios pesa cada vez mais sobre o povo.— Aqui o visconde tomou folego, porque se lhe iam varrendo da memoria as phrases que lêra no jornal opposicionista da localidade.— A liberdade está em risco, os direitos dos cidadãos... menosprezados... Um! um! O nosso districto está desconsiderado e esquecido, em quanto outros estão já cortados de estradas... Todos sabem, senhores, que precisamos de quem advogue os nossos interesses, de quem... pugne pelos nossos direitos, de quem conheça as nossas necessidades... mas não de quem seja subserviente, e abuse da sua posição para nos opprimir...— Um murmurio de approvação correu pela assembléa. Engrossando a voz, e em tom declamatorio, o visconde proseguiu: — Acabou a paz, a harmonia entre nós. Homens sem consciencia arrastam, pela violencia ou pela corrupção, os eleitores a faltarem aos seus deveres. Ainda me lembra aquella epocha em que todos nos levantámos... um! como um só homem, e marchámos

para a grande revolução... da Maria da Fonte. Então eramos nós os liberaes, os progressistas... hoje... hoje, uns homens... vindos não se sabe d'onde, com umas idéas apanhadas não se sabe quando, tomaram para si... o monopolio de progressistas... e ahi vai tudo razo com estes progressistas.— Esta phrase arrancou applausos á assembléa.— Senhores! A resistencia é indispensavel, para... pôr um dike ás invasões da auctoridade. Devemos escolher para nosso deputado um homem que nos defenda, que nos entenda... que seja verdadeiro progressista; que peça estradas para nós, e o caminho de ferro da Beira, e...

A voz de um dos circumstantes pronunciou com hesitação a palavra «impostos». O visconde, como orador experimentado, exclamou logo: — Impostos! Querem-n'os esmagar com elles!... mas nós havemos... sim! havemos de pagal-os quando nos derem obras publicas, e quando a descentralisação... de que ha de vir a vida para as localidades... a descentralisação, que é a salvação do paiz, que é a descentralisação emfim... Digo eu, que havemos de pagar impostos quando... for justo que os paguemos. Agora tractemos de eleger um deputado. Eu apoio a candidatura do meu honrado amigo o sr. D. Antonio d'Almada. Não é nosso patricio, o sr. D. Antonio, mas é como se o fosse; porque é nosso correligionario politico... é dos nossos, e ha de tomar a peito os nossos interesses. As nossas relações no circulo são importantes, e... com o meu... um! um! com o nosso apoio ha de triumphar d'esse outro candidato apoiado pela auctoridade, e cujo triumpho seria a deshonra d'este circulo... Não digo mais nada. O sr. D. Antonio d'Almada explicará melhor as suas idéas á assembléa... e exporá o seu programma.

Teve o nobre visconde d'Almeiroa a satisfação de ouvir os prolongados applausos com que foi recebida, pelos seus amigos, a arenga que, na sua jactancia, elle considerava um discurso politico.

D. Antonio d'Almada, violentado pelas instigações do vis-

conde, e com mais resignação do que enthusiasmo, tomou a palavra, para expôr succintamente os seus principios, para declarar as suas intenções, e delinear o seu plano politico, se tivesse a honra de entrar no parlamento. Como homem de juizo recto, que era — apezar da sua apparente leviandade, e inconsistencia do seu desregramento de vida — o D. Antonio não fez um programma pomposo, nem prometteu o que sabia não poder cumprir, nem usou de nenhum d'aquelles subterfugios, com os quaes os pretendentes em politica costumam sophismar a verdade, e illudir não só os outros mas a propria consciencia: fallou com singeleza, de modo que todos o entendessem; mostrou-se sinceramente liberal; enthusiasta pelo progresso verdadeiro, por aquelle que melhora as condições moraes e physicas do povo; corajoso defensor da verdade, mesmo quando ella podia desagradar aos que o escutavam; conscio dos males da patria, mas não persuadido de que fossem sem remedio esses males, logo que a nação se não deixasse corromper pelo egoismo, abater pelo desalento moral, ennervar pela indifferença, consumir pela desesperança. — Apezar de chão e claro não foi o breve discurso de D. Antonio entendido pela maior parte d'aquelles a quem era endereçado; comtudo era tão evidente a lealdade, tão manifesta a sinceridade das convicções do orador, que a assembléa expontaneamente prerompeu em vehementes e prolongados applausos.

Um agente eleitoral, homem que exercera já varios logares publicos, que nas horas vagas era correspondente officioso de jornaes, e por officio procurador de causas, administrador de propriedades rusticas, ou *factotum* dos ricaços da localidade, tomou a palavra. Pertencia este agente eleitoral á notabilissima variedade da especie, que podemos chamar «dos paparrotões».

— Senhor presidente — disse o sr. Antonio Sorvedouro — depois dos brilhantes, eloquentes, importantes discursos que acabamos de ouvir, grande é a minha ousadia em tomar a palavra. — Pausa. O orador passa a mão pela testa,

e prosegue com entono: — Mas eu, sr. presidente, tenho feito serviços á patria; fui empregado publico; já fui camarista; servi a Juncta do Porto; por muitas vezes fui victima dos acontecimentos politicos; por isso me julgo com direito de fallar, onde estão reunidos cidadãos livres. O talento, sr. presidente, é a luz que illumina, é o sol que brilha... Sem o sol não ha dia, e nós queremos que haja dia. Por isso devemos voltar as nossas vistas para um homem de talento, que esteja á altura d'este circulo, embora seja de fóra d'elle. É verdade, senhores, que ha entre nós homens que, pelos seus serviços á patria, pelos cargos publicos que têm exercido... pelos seus... — a modestia não é para aqui — pelos seus merecimentos, eram dignos de que os eleitores os honrassem com os seus suffragios. Eu não fallo por mim. Todos sabem que, apezar do muito que tenho feito, apezar de ter sido camarista, e provado o meu amor á liberdade, me não julgo com direito de... exigir a gratidão dos meus patricios. Não, sr. presidente, o que eu quero é que todos concordemos com a escolha que v. ex.ª fez. Seja o nosso candidato o sr. D. Antonio d'Almada; mas... — E aqui assumiu o orador um tom e um gesto que se poderiam tomar por ameaça, a não ser, como eram, a simples apresentação de um memorial — mas que não esqueça elle, que á dedicação, aos esforços, aos trabalhos de nós... — e apontou para si — de nós todos, deve... ha de dever a sua eleição. Estou prompto para trabalhar. Sabem todos que tenho amigos... muitos amigos; e se me não proponho eu a deputado... — Um murmurio de irrisão zumbiu na sala, mas o orador fingiu não o ouvir — se me não proponho, não é por falta de pessoas que me conhecem... e me sejam dedicadas. Pode o sr. D. Antonio contar com esses amigos: e, se s. ex.ª m'o permitte — concluiu com a voz insinuante de quem propõe um negocio — logo mais em particular fallaremos d'este assumpto.

O mercado estava aberto, e *a offerta* não faltou, como succede em todo o mercado bem abastecido. Um velho, baixo

e gordo, de larga face e fronte calva, bocca textualmente copiada da mascara antiga da comedia, voz somnolenta e monótona, ares de humildade fradesca, ergueu-se lentamente, e, depois de uma profunda venia, soltou um grunhido que poderia, por condescendencia, tomar-se como uma palavra articulada, ainda que inintelligivel. O visconde, com um sorriso de verdadeira complacencia, voltou-se para o velho, dizendo-lhe: — Pode fallar, José de Sancta Rosa. É bom sempre ouvil-o a você nestas cousas de eleições.— É o sacristão da freguezia; grande espertalhão, e que foi leigo — segredou o visconde a D. Antonio.

— Meu senhor — disse o sacristão, que era um agente eleitoral «clerical» — louvado seja Deus, que nos dá a todos animo para ir servindo a v. ex.ª, que tão bom senhor é. Ainda ha senhores que se compadecem dos pobres, e com elles nos achamos nas horas de amargura, que ha cá por este mundo. Eu, meu senhor, devo-lhe muito... devo-lhe muito; e o que fôr da vontade de v. ex.ª é que se ha de fazer, se nos ajudar o nosso padre S. Francisco. Cá a gente humilde sabe o que deve aos fidalgos... e o mal que nos têm feito os que sahiram do povo e depois se fizeram gente, e ricos, e poderosos... sabe Deus como. Eu, meu senhor, servi os frades muito tempo; e olhe v. ex.ª que me ensinaram sempre a respeitar os que lhe faziam bem... a elles, e aos pobres...

— O que pensa você da eleição? — perguntou o visconde, para evitar que se prolongasse indefinidamente aquelle engaço de palavras sem chorume.

— Se s. ex.ª me dá licença... — acudiu o sr. José de Sancta Rosa, entrando sem mais preambulos no que era util, por julgar satisfeita a obrigação, que suppunha ter, de começar por um exordio humilde e lisonjeiro.— Se s. ex.ª me dá licença, direi o que souber. A eleição, senhor, não está facil. O sr. Adriano Ramires tem espalhado já muito dinheiro por ahi. As auctoridades são por elle, e por elle são os da quinta da Sabuga, todos os Carvalhaes, o Antonio dos Ar-

neiros... quasi tudo lá das freguezias da serra... em fim, muita gente, que dispõe de votos. Mas por lá mesmo se podem arranjar alguns votitos... em correndo a teca. E depois, á ultima hora sempre se arranja alguma cousa... Em indo para ao pé das egrejas alguns homens desembaraçados, para trocar listas... e dar de beber áquella gente... —que em dia de eleições ha sempre sêde — pode-se contar que se lhes apanham tres ou quatro duzias de votos.— Eu, meu senhor, já fallei ao padre Malachias; e esse vai pela gente. O boticario lá de cima... — e o homem pode: oh! se pode! — em lhe dando cebo nas rodas logo se meche, e leva comsigo gente em barda. O padre Francisco da Abrunheira, se v. ex.ª lhe fallar, é contar que vai comnosco; mas elle precisa gastar algum vintem com os caseiros do morgadinho, e com alguns fazendeiros alli de ao pé, e então, como é pobre, não será máo abrir-se o sr. visconde com elle.— Olhe, sr. visconde, á minha parte conto levar uns quarenta votos á urna. Gente de ganhar. O sr. Adriano já os comprou, a alguns d'elles; mas é que eu compro-os outra vez. E nestas coisas de eleições — com perdão dos que me ouvem — candeia que vai atrás é que allumia duas vezes. O que é preciso, já, já, é que v. ex.ª dê uma palavra aos srs. padres da Alpendurada. Elles não querem bem ao Adriano Ramires; mas se lhes não fallarem, mettem-se em casa, e deixam correr a eleição á revelia. São muito... aquelles, esses senhores da Alpendurada: querem que lhes peçam pessoas de importancia; sem isso não fazem nada. Olhe que isto é o que eu mais lhe recommendo.

O sr. visconde d'Almeiroa prometteu que seriam seguidos os conselhos do sacristão, deu a entender claramente que não faltaria dinheiro, e isso animou a tomar a palavra um rustico, vestido de briche, com uma larga cinta encarnada, e camisa de linho grosseiro presa no collarinho por dois grandes botões de prata. Os cabellos, cahidos para a testa, eram, na altura quasi das arcadas formadas pelas sobrancelhas, cortados em linha recta; os olhos pequenos eram

d'aquelles que vulgarmente se chamam avinagrados; as faces, retintas de um vermelho intenso, pareciam afogueadas e rutilantes. Era este um agente eleitoral dos que se podem considerar como formando a variedade, que a voz publica chama dos «pepineiros».

— Meus senhores — começou, em voz rouquenha, o Manuel Enfialmudes, que tal era a sua graça — eu cá tambem peço licença para dizer umas cousas, que tenho que dizer. Um homem como eu não deve atrever-se a abrir bico diante de gente como... sim, digo eu, diante de pessoas que não são cá como a gente. Mas, assim como assim, mais vale uma verdade a tempo do que um... cal-te tu que eu me calarei. Olhem os senhores que sem dinheiro, os pobres... não querem saber de eleições; ou então quem os leva é o regedor. Um homem tem filhos, tem a sua fazendita... querem levar-lhe os rapazes para soldados, ou todo o dinheiro nas decimas; e elle diz lá comsigo: — Então a gente ha de perder-se... ha de levar o diabo tudo, por causa de um papelinho que se bota na urna? Nada: isso lá é que não. — E, meu dito meu feito; não vão votar. Ao menos querem ganhar o seu dia; que lhes paguem e lhes dêem de beber. Eu cá tenho para mim que é preciso matar duas ou tres vitellas... uns poucos de carneiros... pôr o vinho a correr como agua na fonte... e depois é deixal-os comigo. — Eh! rapaziada! Toca a beber e a comer... dinheiro é a rôdo: e vamos todos botar o papel cá pelo sr. visconde. — Que a gente não conhece... — com perdão lá d'esse senhor que ahi está — não conhece senão o sr. visconde. Vinho e mais vinho. E deixa correr. Cá para mim os votos sáem da pipa; e só vota bem quem tem a barriga cheia, e a algibeira quente. Contem vo-mecês com o Enfialmudes, que elle aqui está prompto e lestro. Em estando com um grão na aza, vou até ao inferno, e trago os diabos a botar... mesmo á egreja os trago.

Contente da sua oração, o Enfialmudes bateu sobre o estomago, soltou uma risada e cahiu na cadeira estrebuxando.

A plebe da assembléa deu signaes de approvação á arenga avinhada do Enfialmudes, mas não assim a parte fidalga d'ella: isto é, os amigos e parceiros do visconde e todos os *influentes* da localidade; incluindo um boticario representante da sciencia, um tendeiro representante do commercio e da industria, o sacristão representante das influencias padrescas, e o eloquente orador que, na sua oração, reservára para si o nobre papel de representante das heroicas tradições politicas e do funccionalismo. Seria desdouro para aquelle brilhante *meeting* eleitoral o fechar-se sobre tal orador e tal discurso: ora nas occasiões difficeis nunca o destino deixa de mandar um homem, que é a personalisação, ou o julga ser, da providencia, e como tal faz bastante bulha para que se possa crer que vale alguma cousa. Não faltou, naquella occasião, o homem providencial, para manter a honra da parte, não diremos sã ou respeitavel, porque não era nem uma nem outra cousa, mas engravatada da assembléa. Era feio, de nariz desmesurado e adunco, maxilla saliente, beiços grossos e dentes negros, olhos redondos, como os do mocho symbolo da Academia; tinha uma voz cava e sonora mas sem melodia, trémula mas sem inflexões, por vezes clamorosa mas sem grandeza, o orador que se levantou para salvar da vergonha, que os ameaçava, os eleitores de D. Antonio d'Almada e o nobre visconde da Almeiroa, que os presidia. Houve um murmurio na sala quando se levantou o dr. Farelorio—era doutor em direito, e de fresca data, o Cicero d'aldeia — e pediu a palavra. Concedida que foi a palavra ao dr. Farelorio, este começou, desempedida a goella de importuno pigarro, um discurso em estylo confuso-altisonante, e no tom choramingo-declamatorio de um Jeremias piégas.

— Sr. presidente — começou o dr. Farelorio — obscuro, novel, sahido apenas das faixas infantis da minha iniciação nos arcanos da sciencia, já sinto a pipillar em mim a esperança e a ambição de desvelar aos olhos da minha patria o mysterioso esphinge, que guarda o desconsolativo

segredo dos nossos males politicos. Andam allianças no mundo moral todas as verdades; e não podem as da sciencia desprender-se das da politica. Sente-se infernar a alma ao enxergar como se apagam os vivissimos clarões da liberdade, onde se desenrolam em nuvens caliginosas o erro e a mentira. Não é, não pode ser o embate das opiniões, diante da urna fatidica d'onde hão de sahir os destinos da patria, este permutar ignobil de venalidades, este almoedar das consciencias, este revolutear das opiniões. A luta é nobre, e isto é vil. A alma alanceada de dôres não pode ver, sem se arrecear do que ha de vir, este mal, cuja graveza de dia a dia se entumece. Nós os homens do futuro, nós que soterrámos o passado para jornadear no presente, livres de fanatismos e abusões, nós a quem a Providencia confiou, para os resolvermos, os grandes problemas que assoberbaram por seculos a humanidade, e que os havemos de resolver, nós queremos a verdade rasgadamente desvelada, queremos luz despenhando-se a jorros nestas trevas caliginosas, queremos já o relampaguear da tempestade, precursora do verbo divino, que nos ha de guiar pelos caminhos penhascosos da nova era.—Cortem, embora, as negras e profundas aguas d'esses mares tormentosos da politica, os palinuros experimentados, que, almejando pelo porto onde os espera a corôa do triumpho, se não arreceiam do perigo, e, salteados de ambições, se confiam no fragil lenho da fugaz popularidade. Não serão elles, argonautas que não sabem ver a estrella polar das sublimidades espirituaes do novo credo, que hão de aportar á Colchida e trazer de lá o vellocino de ouro da regeneração dos povos.—Voz em grita estruge os ares a populaça ignara, ao prepassarem os que levam o roto pendão onde mal se lê já, tanto o tem o tempo desvanecido, o velho rotulo dos antigos liberaes. Paladeem a saborosa alegria do viver os que o sepulchro se abre já para sorver! Em pó vai cahir o pendão dos liberaes antigos, que outros, melhor inspirados, desenrolam já a bandeira do saneamento moral e do robustecimento physico

dos povos.—Não é esta, sr. presidente, occasião para descerrar o véo sob cujas pregas se occulta o prestigioso segredo das gerações futuras. Tractamos agora de escolher quem vá, no seio do parlamento, representar os nossos interesses, defender os nossos direitos, sublimar transcendentalmente as nossas aspirações. Sirva-nos a honra do auspicioso candidato de regaço gasalhoso onde recostemos a nossa confiança.—Symbolisa-se aqui a trilogia de todas as epochas: o passado, o presente, o futuro. É no nobre visconde da Almeiroa, respeitavel pelo sacrificar longo de vida e honra ás velhas idéas liberaes, no nobre visconde que arregoou de sangue o solo da patria, que o passado se symbolisa. No nosso candidato, o illustre D. Antonio d'Almada, se symbolisa o presente, descuidoso do futuro que mal entrevê, e já despreoccupado do passado que esqueceu:—D. Antonio fez involuntario movimento de despeito ao ouvir esta phrase pouco lisongeira, mas julgou prudente guardar silencio, em vista dos signaes manifestos de importancia que a assembléa dava ao esdruxulo orador.—Em mim, sr. presidente, homem d'esta nova geração esperançosa e galharda, que vai caminho do futuro aureolada pelos raios esplendorosos da philosophia transcendental, em busca da solução magnificente dos problemas sociaes que jazem no limbo das gerações que passam, em mim, humilde por condição, que nem posso defrontar-me auspiciosamente com os heroes da politica, em mim symbolisa-se o futuro: porque o futuro é a esperança; o futuro é o arregaçar o véo do templo mystico; o futuro é o rasgar da nuvem mysteriosa; o futuro é o ranger dos quicios das bronzeas portas do templo de Jano; o futuro é a tempestade que se acalma; o futuro é a consubstanciação dos povos na grande unidade humanitaria; o futuro é... é o que vem, que por isso é que é futuro.—Tenho dito.

Callou-se o dr. Farelorio. Ninguem o percebeu, e por isso mesmo fez o seu discurso profunda sensação na assembléa. Comprimentado pelos seus numerosos amigos o dr. Farelo-

rio sensibilisou-se, limpou os olhos humedecidos, apertou com effusão todas as mãos que se lhe estenderam, e acabou pedindo para si os votos dos seus admiradores n'uma proxima eleição.

— Que tal te pareceu o dr. Farelorio? — perguntou em voz baixa D. Antonio ao Luiz de Mello.

— Prefiro o Enfialmudes — respondeu o distincto medico. — Gósto só d'aquillo que entendo.

— Alma prosaica! — exclamou o D. Antonio rindo.

Não foi com o espirito satisfeito que o D. Antonio sahiu da reunião eleitoral. Pareceu-lhe que havia alli mais palavras do que energia, mais promessas do que boas intenções, mais especulação do que probidade. Tinha elle um espirito que se não surprehendia, nem com a cobardia, nem com as infamias humanas, e ainda menos com essa laxidão interesseira, mal escondida por uma filaucia hypocrita e vaidosa, que constitue o caracter proeminente da epocha actual; com tudo não era indifferente o D. Antonio ás demonstrações, que observava a cada passo, da decadencia do espirito publico, do esvaecimento de todas as paixões elevadas, d'esse abatimento moral, emfim, que ameaça o futuro e deshonra o presente. Naturalmente jovial e pouco reflexivo, porem, não pôde deixar de commentar, em conversação intima com o seu amigo, quanto acabava de ver e de ouvir. Luiz de Mello, alma mais impressionavel, alma onde, por assim dizer, encontravam maior espaço para se expandirem os sentimentos graves, não pôde deixar de censurar a especie de escarneo complacente com que o D. Antonio fallava dos typos grutescos, que se haviam exhibido e posto á venda na assembléa. Resultou d'aqui, como sempre, uma altercação entre os dois amigos, a qual o D. Antonio terminou, dizendo: — Meu caro censor, fica-te a dizer mal de mim, que eu vou buscar consolações nas dulcissimas palavras da ex.ma viscondessa.

Enganou-se um tanto o fatuo D. Antonio d'Almada; porque a viscondessa tinha trespassado parte dos seus enthu-

siasmos para o eloquente dr. Farelorio, cujo discurso ella escutára de uma sala proxima áquella em que se reunira a assembléa de eleitores, presidida por seu respeitavel marido.

—Sublime! Sublime!—dizia ella em alta voz, e fazendo olhos ternos ao dr. Farelorio.—Palavras aprimoradas, conceitos... esquisitos... esquisitos! Eu cá nunca ouvi uma cousa assim! Olhe que me lembrou... Foi como se estivesse a ouvir um sermão, um sermão devéras, dos que fazem chorar a gente.—Ó sr. Farelorio, muito deve ter lido para saber tanto... tanto. Um homem não pode tirar aquillo tudo da propria cabeça. Mas quem tem memoria sempre pode muito! —Sublime! Oh! lá se é! Sublime.

O Farelorio lambeu os beiços com tal soffreguidão que parecia que se lambia todo; beijou a mão da viscondessa, e começou novo discurso em estylo refinado, sublimado e alambicado. O D. Antonio teve a prudencia de o não querer escutar. Sahiu da sala, e a viscondessa—ó poder da eloquencia!—não deu pela sua falta.

XI

MERCADO DE VOTOS

Dois dias depois da reunião eleitoral de que fizemos no anterior capítulo relatorio circumstanciado, o sr. Adriano Ramires tractava activamente, no seu palacio da Ramalhosa, da propria eleição.

O palacio estava mostrando a opulencia de seu dono, e sobretudo o firme proposito que este tinha de sobrepujar em tudo o visconde da Almeiroa, seu vizinho e antigo protector. O palacio e quinta da Ramalhosa ficava a pouco mais de legua e meia da casa do visconde; e esta proximidade das duas habitações servia só para manter em perpetuo azedume as relações entre os seus proprietarios. Rivaes na influencia, rivaes na representação politica e social, os dois vizinhos odiavam-se profundamente; e para manter, para irritar esse odio havia no visconde a lembrança da ingratidão com que Adriano Ramires esquecera o carinho com que fôra creado em sua casa, e em Adriano havia a mais pungente das recordações para os espiritos baixos, a do beneficio recebido, quando elle era pobre, quando era o filho humilde de um simples caseiro da casa do visconde.

Eram amplas e luxuosas as salas onde Adriano Ramires

esperava os seus activos agentes eleitoraes. Alcatifas sumptuosas, reposteiros e bambinellas de damasco e veludo, mobilias douradas ou acharoadas, largos espelhos, um magnifico piano d'Erard, alguns vasos de porcelana e de onix tudo estava proclamando bem alto a riqueza do sr. Ramires: faltava, porem, alli a vida, o pensamento, esse quê, indefinido e vago, que indica o gosto, a arte, a physionomia moral do dono da casa. Estava tudo irreprehensivelmente no seu logar, tudo tinha o brilho e até o cheiro de novo; em tudo se notava a influencia rutineira do armador, que satisfez uma encommenda e seguiu sem as perceber as regras banaes das harmonias e dos contrastes; de modo que mais pareciam aquellas salas uma exposição de mobilias, e um prospecto de armador, do que uma casa de habitação. O sr. Adriano Ramires vivia só com os seus criados; não tinha familia. Para entreter o tempo, quando estava na Ramalhosa, passava o dia a inspeccionar os trabalhos dos operarios, que trazia sempre empregados em obras no palacio, porque, dizia elle, não queria dar por acabada a sua casa, para se não realisar o triste dictado portuguez «ninho feito, pega morta»: de noute mandava muitas vezes acender lustres, serpentinas e candelabros nas salas, e passeiava depois por todàs ellas só e triste, ou acompanhado pelo seu guarda livros Henrique Furavidas, o que era muito peior. Cubiçoso e avarentissimo em tudo, no que era ostentação vaidosa que podesse fazer sombra ao seu vizinho visconde, ou esconder a sua plebea origem, era o sr. Ramires não só largo senão até perdulario. Quiz ter uma casa superior em grandeza e esplendor á do visconde da Almeirôa; melhores carruagens, cavallos estrangeiros *com maior volume*, criados mais numerosos e bem vestidos, propriedades muito mais notaveis; e tudo conseguiu com o dinheiro. Agora tractava de tirar ao visconde a influencia eleitoral, de adquirir uma posição elevada entre os argentarios politicos, e ia conseguindo os seus desejos; o que lhe dava fundada esperança de satisfazer em breve á sua maxima ambição, a de

ser tambem visconde e... o mais que podesse alcançar o dinheiro, o desavergonhamento e a hypocrisia.

Adriano Ramires passeiava lentamente numa das salas, parando de quando em quando para fallar ao seu guarda livros. Este, de pé entre-portas, escutava attentamente o que lhe dizia o seu patrão, e respondia sempre em poucas palavras, e n'um tom de familiaridade, entre submisso e despejado, que denotava bem haver nelle a convicção de que, se estava na dependencia do Ramires, tambem este o devia considerar como indispensavel. A conversação tinha sido longa e de certo interessante para ambos, porque um e outro mostraram surpreza quando o relogio, que estava sobre o tremó, deu oito horas. Apagavam-se já os ultimos clarões do crepusculo, e apezar de abertas de par em par as duas largas janellas da sala que olhavam para o poente, a escacez da luz já não deixava ver a physionomia dos dois personagens.

— Mande acender luzes — disse o Adriano Ramires. — Já são oito horas; e hão de estar ahi já os homens que esperamos. Você deu ordem para os encaminhar para differentes casas? Não convem que se encontrem uns com outros.

— Tudo ficou determinado, como v. ex.ª ordenou. Vou dar ordem para se acenderem as luzes.

— Tudo... deve estar tudo o melhor que podér ser. Quero que se veja que esta não é casa de provinciano. Tudo á larga e á farta hoje, mas á moda de Lisboa. Olhe, Furavidas, semear, semear bem e a tempo para tirar boa colheita.

Sahiu o Henrique Furavidas para cumprir as ordens de seu patrão: e este proseguiu no seu lento passeio pelas salas, como quem tinha o espirito profundamente occupado de importantes assumptos. Acenderam-se os lustres. Dir-se-ia que as salas se preparavam para uma festa; que as poltronas estofadas abriam os braços, para receberem hospitaleiramente os convivas; que os espelhos se alegravam ao clarão das luzes, prevendo o momento em que reflecti-

riam a belleza das mulheres, fugitiva no voltear da valsa vertiginosa, ou languida e cheia de suave morbidez nascida entre os devaneios do amor; que o ar tranquillo e tepido esperava, para se animar, o perfume das flores e as harmonias da orchestra. A solidão porem continuava fria e pesada, e Adriano Ramires proseguia no seu lento caminhar, quasi automatico.—Era baixo o dono da quinta da Ramalhosa, e desproporcionado pela curteza dos membros: o tronco, bastante desenvolvido sem obesidade, tinha aproximadamente a fórma de um ovo, á parte mais delgada do qual se fixava a cabeça; as feições eram regulares, mas a finura extrema dos labios, o engorgitamento consideravel das faces, a côr trigueira com reflexos esverdeados, e sobretudo a ausencia dos olhos que uns oculos esfumados e quasi negros de todo encobriam, davam-lhe á physionomia um aspecto lugubre e repugnante, que fazia lembrar um cadaver em decomposição. Os pés do sr. Adriano Ramires eram pequenissimos, como se a natureza houvesse querido nelles imitar os pés de cabra, que as lendas da edade media consideravam um attributo do diabo: relativamente, as mãos eram ainda mais exiguas do que os pés. Seccas, myrradas, de aspecto coriaceo, aquellas mãos mais pareciam as de uma mumia do que as de um homem vivo. As mãos cubiçosas d'aquelle insaciavel avarento não podiam sequer — singular escarneo da Providencia! — abranger e sopezar um punhado de ouro: não podiam tambem encontrar-se, em virtude da curteza dos braços a que estavam desharmonicamente ligadas, senão com difficuldade diante do ventre proeminente de seu dono. Nem uma com a outra podiam fraternisar aquellas mãos: não se podiam aproximar, talvez com receio de que uma á outra se roubassem: por isso os gestos do Adriano Ramires eram, por assim dizer, uma perpetua disjuncção, uma mimica grutesca e desazada que provocava riso, em vez de dar força á sua palavra, aliás fluente e muitas vezes mesmo incisiva, sarcastica e penetrante.

As meditações do Adriano Ramires foram interrompidas

pela entrada do seu guarda-livros, amigo e cumplice; porque tudo isto era o Henrique Furavidas.

— Já lá estão em baixo os dois caseiros do visconde, de quem hontem fallei a v. ex.ª — disse este, ao entrar.— Forrageamos já no campo inimigo. O José de Sancta Rosa ahi está tambem, com dois padres: o padre Malachias e o padre Francisco da Abrunheira. Vêm muito ás escondidas, estes, porque querem ser tidos em conta d'amigos pelos do visconde. É um hypocrita refinado, o Sancta Rosa. Foi leigo!

— Que quer elle? — perguntou o Ramires.

— Dinheiro, já se vê...

— Isso querem todos. Máos raios os partam! E que mais?

— Um logar de servente na repartição d'obras publicas.

— É facil. O Sorvedouro veio?

— Está visto.

— O homem não é para opposições acintosas, nem para servilismos ao poder. Quer estar ao mesmo tempo com todos, para que lhe dêem o premio da sua gloriosa carreira politica. Tem sido, diz elle, victima da sua dedicação á patria, e agora...

— Quer dinheiro — interrompeu o Furavidas.

— Quer — proseguiu o Ramires — e faz bem. Mas não serei eu que lh'o dê...

— Então vai-se o homem.

— Não vai, porque se lhe promette um logar... de administrador, por exemplo.

— O homem tem cabedaes para isso? — acudiu o guarda-livros.

— Tem desejo de arranjar cabedaes, o que é o mesmo para o caso — respondeu, rindo, o patrão.

— O Enfialmudes...

— Veio?

— Está lá em baixo com os outros bebados...

— Pozeram-lhes vinho?

— Uma pipa a correr sempre.

— Que remedio — disse, suspirando, o Ramires. — Custa uma dinheirama esta maldicta eleição, Furavidas. Fico arruinado d'esta vez.

— Coitado! — gemeu o Furavidas, como se estivesse compungido. — Gastam-se quatro a cinco contos de réis...

— Não. Isso não pode ser. Cinco contos de réis! Jesus, misericordia! Cinco contos! Onde os hei de eu ir buscar, e para que?

— Vão-se buscar á burra, já se vê: agora para que v. ex.ª os gasta, isso não sei eu.

— Não sabe? Toda a vida você ha de ser um asno, Furavidas! Pois você não sabe o que val ser deputado? É uma larga carreira que se abre, e leva a...

— Á gloria? — perguntou com sarcasmo bem acentuado o Furavidas.

— Ora essa! Bem digo eu que você é tolo! Á gloria!... — E o Ramires riu-se a gargalhadas, mas gargalhadas frias. — Á gloria!

— Pois não é uma gloria o ser visconde? — perguntou, fingindo-se innocente, o velhaco Furavidas.

O Adriano ficou enleiado um tanto com esta pergunta.

— Ser visconde... — disse, rindo contrafeito — ser visconde não é gloria... talvez: mas serve para encher de raiva os que nos querem mal... por inveja. Depois... Você conhece-me, e eu fallo-lhe como fallo a mim proprio.

— E faz bem, v. ex.ª, em se confiar em mim, porque tenho provado que lh'o mereço. Sei tudo...

— É verdade, Furavidas: sabe tudo, da minha vida — acudiu o Adriano. — Tudo. Dizia eu que o ser visconde era bom para se esquecerem os outros...

— Não esquecem... nada esquecem, creia-o v. ex.ª

— Fingem, ao menos, esquecer-se do primeiro nome da gente. Nome novo, é vida nova. Visconde, rico, com uma posição na vida publica, influencia nas altas regiões do poder, e...

— E um servidor dedicado como eu... — interrompeu o Furavidas, quebrando um pouco o tom de respeito que até alli conservara.

— Tem razão... E um servidor, um amigo como você é... — apressou-se em dizer o Adriano. — Tudo se consegue, assim.

— Menos a eleição, se continuarmos nesta conversação, deixando as influencias eleitoraes á espera — acudiu o guarda-livros.

— Quem está ahi mais? — perguntou o Adriano.

— Adivinhe v. ex.ª, meu senhor, quem está ahi.

— Eu sei? O proprio D. Antonio d'Almada. Em lhes cheirando a dinheiro...

— Esse não — interrompeu o Henrique Furavidas, em tom involuntariamente respeitoso: — esse é outra cousa. É de rija têmpera; orgulhoso, e... insolente.

— Olé! Que tom é esse com que você falla do D. Antonio? Parece que tem medo d'elle.

— Podéra! Pois esta manhã encontrei-o: — andava eu a distribuir, lá proximo da casa do visconde, o papel que v. ex.ª mandou fazer ao Ribaldeira, para descompôr o D. Antonio — e como me viu, chegou-se a mim... — tinha os olhos a brilhar como os de um gato bravo — chegou-se a mim...

— E o que fez?

— Tirou-me os papeis da mão, e... cortou-me a cara com uma chicotada. Aqui está ainda o vergão.

— E você, com esse corpo todo!... — O Furavidas era alto, grosso, mas desarcado e mole. — Você deixou-se chicotear?!

O guarda-livros riu-se, e, em tom de escarneo, respondeu apenas: — É o que lhe aconteceria a v. ex.ª, meu senhor, se estivesse no meu logar.

O Adriano Ramires fez-se mais verde do que naturalmente era, e balbuciou: — Mas vingava-me...

— Tambem eu o farei, se podér — acudiu o Furavidas;

e depois, mudando de tom, disse: — Ainda não adivinhou quem está alli fóra...

— O Francisco da Ribaldeira...

— Esse de certo. Está desde esta manhã escrevendo uma nova proclamação contra o D. Antonio.

— Quem lh'a encommendou? Eu não; e não lh'a pago — acudiu colerico o Adriano.

— Esta pago-a eu; e ha de ser mais salgada do que a primeira — redarguiu o guarda-livros.

— É a paga da chicotada, meu caro Furavidas. Logo vi que você não era homem para se deixar ficar sem desforra. Mas é pequena...

— Em quanto não chega outra maior, vai esta.

— Quem é então que está ahi? Quem é esse personagem importante, com que você me quer excitar a curiosidade?

— É aquelle doutor, que assombrou...

— Ah! Já sei. É o Farelorio — interrompeu o Adriano Ramires.— Dizem que fallou maravilhosamente. Ninguem o entendeu; tanta foi a sua eloquencia! Faz-nos conta esse rapaz, para fazer discursos aos eleitores. Elle tem ambições, e, promettendo-lhe uma candidatura, tudo se consegue d'elle. Vou escrever ao ministro para ver se nesta eleição elle pode entrar para a camara...

— Que enthusiasmo! — exclamou o Furavidas.

— Você bem sabe que eu... não sou orador; e por isso faz-me conta ter na camara quem falle por mim. E depois fica bem a um homem politico proteger os moços de talento...

— Inventar rapazes de talento — acudiu o guarda-livros; — inventar aspirantes a ministro... Todos os dias se estão vendo d'essas invenções, e na verdade não costumam sahir grande cousa.

— Está muito politico, você!

— Leio os jornaes, faço-lhes commentarios, e tenho um livro com notas biographicas ácerca dos nossos homens pu-

blicos. Quasi sempre as invenções são infelizes, e os inventados sáem ingratos e tolos.

— Mas este!... o dr. Farelorio...

— Ha de ser como os outros. Nem mais, nem menos.

— Agora serve-nos. Mande-o você entrar...

— Por em quanto vem incognito — observou o Furavidas.— Custou a convencer... não queria vir aqui. O homem quer-se fazer valer.

— Pois dá-se-lhe valor. Pomol-o depois em relações com o Ribaldeira. São ambos litteratos... e, creio, foram contemporaneos na Universidade.

Momentos depois entrava o dr. Farelorio. Cabeça levantada, gesto sobranceiro, olhar arrogante, sorriso protector na bocca; como quem sentia em si o genio a levantar-se em borbotões de eloquencia campanuda, e via já aos pés vencidos os inimigos, humildes e pasmados os amigos. Correu a recebel-o á porta da sala o sr. Adriano Ramires, e, feitos os primeiros cumprimentos, conduziu-o para um sofá, obrigou-o a sentar-se, e só depois se sentou elle numa cadeira, a respeitosa distancia.

— Muita honra é para esta casa o receber um homem de talento como é o sr. Farelorio — disse o Ramires.— Eu sempre admirei os homens de verdadeiro merito. E quando os vejo apparecer no nosso paiz, sou dos primeiros a mostrar-lhes a minha... o muito que os prézo. Nunca vi, confesso-o, entrar ninguem tão brilhantemente no mundo politico como o sr. dr. Farelorio... Não se falla d'outra cousa em toda a provincia, senão do seu eloquentissimo discurso em casa... do visconde d'Almeiroa. O governo não pode deixar de querer chamar a si os homens puros, os homens novos, os homens de talento. É d'esses que o paiz carece. As boas intenções do governo...

— Sr. Adriano Ramires... — interrompeu o eloquente Farelorio, que tinha até alli escutado sem pestanejar o elogio que, á queima-roupa, lhe dirigia o senhor da Ramalhosa.— Sr. Adriano Ramires, v. ex.ª sabe as minhas opiniões po-

liticas. Estou na opposição... não a este governo, senão a todos os governos. A periclitação em que anda a cousa publica, gerida por governos que se não consubstanciaram com os generosos principios da moderna eschola, só pode acabar quando fôr completa a victoria da revolução. Façamos o cháos, para então levantarmos sobre essa larga e solida base a pyramide das liberdades, e desenrolarmos no vertice d'essa pyramide o pendão rutilante da democracia.

— Tem razão — acudiu o sr. Adriano, que nada havia entendido: — tem razão o sr. Farelorio. Mas bem sabe que o optimo é o inimigo do bom, e, em quanto não chega essa epocha de regeneração... chaótica da sociedade, é bom que os jovens talentosos que... que aspiram... sim, que... Bem me entende, de certo. É bom que vão ao parlamento homens como v. ex.ª...

O apostolo do futuro sorriu complacente ao ouvir dar-se *Excellencia:* e foi com ternura quasi que disse ao Ramires: — Podemos, neste periodo de transição, entenderm'o-nos todos.

— Ainda bem. Pois eu escrevi ao ministro, contando-lhe o que se passára na reunião eleitoral de casa do visconde da Almeiroa; e principalmente exaltando-lhe, como elle merece, o talento do sr. Farelorio. Conto que o governo, pela volta do correio, lhe mande offerecer uma candidatura.

O dr. Farelorio sentiu-se desmaiar de gosto: subiu-lhe depois á cabeça um calor tropical, e balbuciou por fim: — A minha dignidade... os compromissos que tomei... não consentem que eu acceite... agora...

— Não tem que ter escrupulos. O governo nada lhe exige. O que o governo quer, sr. dr. Farelorio, são deputados independentes, que votem com elle. São esses que dão fôrça aos governos.

— Permitta-me, para nos entendermos, sr. Adriano Ramires, que eu lhe explique as minhas idéas, que eu lhe exponha largamente os meus principios.

E logo alli o dr. Farelorio começou uma embrulhada de

palavras, uma salsada de idéas incompletas, abstrusas, incongruentes e absurdas, que pozeram em agua a cabeça do sr. Adriano. Impacientado por fim este exclamou, pondo-se de pé: — Basta!... basta por agora. Tenho ainda que fallar com varias pessoas, que esperam nas salas proximas. Admiro, admiro os seus talentos, sr. dr. Farelorio; e na camara terei occasião de ouvir os seus discursos, se... se quizer ir á camara d'esta vez.— Que hei de responder ao ministro?

— Que acceito, com tanto que...— respondeu o dr. Farelorio, pondo-se em pé.

— Tudo o que quizer, se lhe concede; dada a condição de votar com o governo...

— Oh!

— Com o governo que é progressista, liberal, e cujas intenções são as melhores em relação aos interesses publicos. Creio que não pode ter escrupulos.

— Á vista do que me diz, sr. Adriano, não os tenho já. A sua reputação de homem honrado, dá-me inteira confiança na sua palavra. Aceito a candidatura.— E estendeu a mão ao Adriano Ramires, que lh'a apertou.

— Está dito. Eu conto com o ministro, que nada me recusará. Auxiliemo-nos um ao outro nesta campanha eleitoral.— E abrindo uma porta e atravessando um corredor, o Adriano conduziu o dr. Farelorio a um gabinete, onde estava escrevendo o litterato Francisco da Ribaldeira; o qual, ao ouvir abrir a porta, escondeu rapidamente os papeis que estava escrevendo, cobrindo-os com outros que tinha ao lado.

Ao reconhecerem-se, as duas luminarias da imprensa e da tribuna, uniram-se em estreitissimo abraço; e, em vista d'aquellas expansões de intima amizade, o Adriano Ramires retirou-se cortezmente. Os dois talentaços buscaram a principio enganar-se um ao outro em estylo arrebicado; vieram, porem, ás boas por fim. E então começou entre elles uma larga conversação, não sobre os problemas trans-

cendentes da politica ou da litteratura, mas a respeito do modo de fazer fortuna mais depressa, e chegar com mais segurança e facilidade aos postos elevados da republica.

— Estás aqui, estás na camara — dizia, com acrimonia mal disfarçada, o Ribaldeira.— E eu, que tenho escripto tanto, e com tanto applauso, na imprensa periodica, ainda não achei quem promovesse a minha eleição: fico ainda de fóra. Olha que foste feliz; entendes? Um discurso... inflado...

— Inflado! — exclamou o Farelorio.— Diz, eloquente...

— Para a provincia? Talvez. Seja pois eloquente o discurso; mas é certo que, a não serem os apertos em que se vê este tratante do Ramires, tu ficavas com a gloria, mas não ias ao parlamento... Se fores.

— Tenho fé que vou. Mais ainda: tenho fé que dentro de um anno serei...

— O que?

— Ministro.

— Um pimpolho como tu... ministro?

— D'esta massa se fazem, meu caro. A palavra inspirada pelas puras convicções, pelas elevadas aspirações...

— Guarda os discursos para a camara: e ouve. Vou ler-te o que eu estava escrevendo, quando entraste agora. É bom que saibas como eu mordo. Bom amigo, mas inimigo perigoso...

— Agora tambem eu te digo, que guardes esses feros para quem d'elles tiver medo.

— Um homem que aspira a tão alto, começando tão baixo... tão baixo como tu, Farelorio, deve temer-se de tudo. É um bom conselho; e para veres que é bom, ouve sempre. Tenho aqui dois trabalhos differentes, que estou escrevendo ao mesmo tempo. Um, é uma proclamação, ou antes um pamphleto contra o D. Antonio d'Almada...

— Já li isso — acudiu o Farelorio.

— É outro, é um novo pamphleto, para sahir na vespera da eleição.

— Bom. E o outro?...

— O outro escripto não t'o mostro, porque não me fio de ti.

— Podes fiar-te. Façamos um pacto...

— Qual?

— O de dizermos um ao outro os nossos segredos...

— Agora... — disse o Ribaldeira.

— Agora e sempre — respondeu o outro.

— Mais de vagar, amigo. Não é pacto esse que proponha um aspirante a ministro, como v. ex.ª é.

Desataram n'um frouxo de riso ambos, de repente: e foi no meio da hilaridade a mais estrondosa que o Francisco da Ribaldeira leu: primeiro, parte de uma violenta proclamação contra o D. Antonio d'Almada; logo em seguida, um atroz libello contra o Adriano Ramires, libello que o litterato tencionava offerecer a D. Antonio, com o fim de lhe captar a benevolencia, e de lhe apanhar algumas libras.— Esta duplicidade do folhetinista pamphletario não escandalisou, antes encheu de jubilo o apostolo enthusiasta das doutrinas do futuro. Eram dignos um do outro.

Adriano Ramires, ao entrar na sala onde pouco antes estivera com o dr. Farelorio, encontrou lá o Furavidas, que vinha annunciar a chegada á Ramalhosa do administrador dô concelho. Deu-se pressa em o mandar entrar, e recebeu-o com affabilidade, mas ao mesmo tempo com certo ar de auctoridade e protecção.

— Seja bem vindo, o sr. Fragoso — disse o Ramires — seja bem vindo por esta sua casa. O que nos traz de novo?

— Tudo vai bem — respondeu, curvando-se em profunda reverencia o administrador.— O triumpho do governo é certissimo. Não creio mesmo que o visconde conserve grandes esperanças de poder lutar com vantagem. Eu, agora quando entrava, vi em baixo uns poucos de agentes do candidato da opposição... O sr. Ramires é fino como um coral. Com homens assim a auctoridade não tem trabalho nenhum para vencer.

— Não se descuide o sr. Fragoso. Olhe que as cousas

de um dia para o outro podem mudar: e bem sabe que, se perder a eleição, o governo demitte-o logo. O ministro do reino quer que se respeite a liberdade da urna, com a condição porem da auctoridade vencer em toda a parte. Quem não vencer vai para a rua.

— Bem sei, bem sei — acudiu, tremendo, o administrador.— Mas eu recebi ordem de me pôr á disposição de v. ex.ª, e conto que me não faltará com os meios para ganharmos a eleição.

— Pois sim: mas eu não posso fazer tudo, nem posso comprar uma eleição em pezo...

— Nem todos os eleitores se vendem — reclamou com energia o Fragoso.— V. ex.ª está enganado. Ainda ha muita gente honrada no mundo: muitos amigos sinceros e leaes das instituições liberaes, e esses não ha dinheiro que os compre.

— Ah! — exclamou o Ramires, em tom de mal encoberto despeito.— É escusado dizer-me que ha homens de bem. O sr. Fragoso bem sabe que eu os respeito... e os conheço. Queria eu dizer, que, como pobre que sou, não podia estar a gastar dinheiro, sem conta, nem peso, nem medida. A auctoridade tem recursos que dispensam o dinheiro: e como ha muita gente honrada, e essa deve ir á urna pelo governo, que é honrado, claro está que o triumpho na eleição depende só do sr. administrador. É isto mesmo que eu vou escrever ao ministro.

O administrador não gostou do raciocinio de Adriano Ramires, e ainda menos da ameaça; e, por isso, acudiu logo: — Não escreva... não escreva v. ex.ª, nem me abandone. Ha muitos homens de bem, mas ha tambem muitos miseraveis que vendem a liberdade, vendendo o voto. Eu por mim quizera que esses taes fossem punidos com severidade, desprezados como merecem; mas como se abriu mercado de vilões, é preciso compral-os.

— Pois compremol-os; e não se afflija, sr. Fragoso, que não é o caso para isso.— E vendo que o honrado adminis-

trador fazia um gesto de desprazer, o Adriano accrescentou: — Bem sei que é triste essa corrupção que lavra por ahi. Eu, que fui sempre homem honrado, não posso ver, sem me sentir indignado, a abjecção em que tem cahido... tudo! Devia formar-se uma sociedade de homens de bem, para oppôr um dike a esta torrente de devassidão... Gastam-se rios de dinheiro n'uma eleição! — Esta ultima exclamação era expressão sincera da mágoa de Adriano Ramires; e o pobre administrador do concelho, enganado pela hypocrisia do tom e das palavras, teve quasi desejo de abraçar o prestante cidadão, que tão vivamente sentia os males da patria.

Captada a dedicação, assegurada a obediencia do administrador, o Adriano deu a este largas instrucções sobre a eleição e despediu-o, recommendando-lhe «que viesse todas as noites narrar-lhe o que houvesse passado, e receber os seus avisos.»

A conversação de Adriano com o patriota eximio, glorioso e eloquente cidadão, o sr. Sorvedouro — typo, como dissemos já, do agente eleitoral «paparrotão» — foi breve e compendiosa. Sorvedouro offereceu os seus serviços, se lh'os pagassem. Ramires agradeceu, promettendo o logar de administrador de concelho para logo depois da eleição; attendendo á incompetencia — queria dizer honradez — do Fragoso, e á necessidade de o demittir. Sorvedouro impertigou-se, e aceitou o mercado. Ramires deu, como signal, algumas libras, que foram fazer companhia ás que Sorvedouro recebera do visconde d'Almeiroa. E os dois despediram-se como bons amigos, que deviam ser e ficaram sendo.

Seguiu-se a conferencia com o sacristão e os padres, que nada teve de interessante mas teve muito de repugnante. Os padres desejavam melhorar de posição, e receberam gostosos as promessas do Ramires. O sacristão queria mudar de officio, e passar do serviço da egreja para o serviço da engenharia; e ficou contente, quando o candidato governamental lhe disse que já estava tudo arranjado.

Despedido o sacristão e os padres, desceu o Adriano Ramires a uma grande casa de jantar, onde estavam, capitaneados pelo Enfialmudes, uns dez ou doze camponezes sentados em roda de uma meza, de copo em punho e meio bebados.

A algazarra era grande, e cresceu ainda quando o senhor da Ramalhosa entrou na casa de jantar, acompanhado pelo seu fiel Furavidas.

— Guarde-os Deus, rapazes — disse elle da porta.

— O patrão! O nosso amo Ramires que chega — bradou Enfialmudes pondo-se, depois de dois ou tres arrancos, de pé, porque as pernas não lhe obedeciam nem a cabeça governava bem. — Eh! rapaziada, levantem-se todos... levantemo-nos... — Todos obedeceram a esta ordem com maior ou menor difficuldade.

— Então sempre te resolveste a vir por cá, Enfialmudes? — disse o Adriano Ramires. — Tinham-me contado que, ha tres dias, em casa do visconde fallaste contra mim...

— Eu, senhor! — balbuciou Enfialmudes. — Mal do patrão, não podia eu dizer... cá por cousas... Que a gente... o senhor bem sabe, nem sempre diz o que sente... Sim! a gente, quando está com uma pessoa, não tem antojo de a offender... E, lá o sr. visconde não gosta do patrão...

— Para lhe agradares disseste-lhe mal de mim. Já entendi. — Não se tracta agora d'isso; o que se quer saber é se tu e os teus podem levar a votar esses caseiros por ahi... Alguns eleitores...

Levantou-se na casa um clamor geral, porque todos fallavam ao mesmo tempo na esperança de fazer valer a sua importancia, e de alcançar por ella boa paga.

— Eu conheço mais de vinte eleitores... — dizia um.

— Com o meu compadre, e mais aqui o Francisco, eu arranjo por hi mais de meia freguezia — expunha outro.

— Diabos me levem — clamou outro — se eu não arranjo mais votos do que todos estes junctos.

— Cal-te ahi, Papafigo — interrompia outro, que mal se

tinha nas pernas.—Se não for eu que tenha... sim, como quem diz dó de ti...

—Estás bebado—barafustava o Papafigo.—Estás bebado, Albardeiro... e deixa-me fallar com o patrão...

—Bebado estás tu... e não sei o que me tem que te não... Olha que eu...

—Olha que o que se ganhar... é para ambos—quiz dizer em voz baixa o Papafigo ao seu contradictor.—Homem de palavra...

—Qual palavra, nem qual carapuça—clamou por fim o Enfialmudes.—É calar tudo... que o sr. Ramires é quem manda aqui....

Ajudado pelo seu guarda-livros conseguiu o Adriano Ramires acalmar a excitação, que os fumos do vinho e a sêde do ganho haviam produzido na assembléa.—Sentem-se vocês todos, e falle cada um por sua vez.—Sentaram-se todos. —Votos não se pagam, fica entendido, senão no dia da eleição, e á porta da egreja...

—Assim é que deve ser—interrompeu o Papafigo.

—Bico callado, diabo. Olha que senão...—disse em tom de ameaça o Enfialmudes.

O Ramires proseguiu:—Á porta da egreja é que se pagam os votos: mas na vespera á noite junctam-se aqui... parte, e na minha quinta da Azenha a outra parte dos eleitores. Carne e vinho não hão de faltar...

—Viva o sr. Ramires!—bradou um dos bebados.

—Guarda lá essa berraria para quando tiveres a algibeira quente...—disse outro.—Por em quanto... são promessas... E alli o sr. Ramires...

—Não é largo dos encontros!—acudiu o primeiro.

Uma gargalhada geral exprimiu o assentimento da assembléa. O Adriano fez um gesto de impaciencia, mas proseguiu:

—Pela madrugada põe-se todos junctos a caminho para a egreja respectiva. Os d'aqui vão comigo; os da Azenha vão com o Furavidas...

— A pé? — perguntou um dos camponios, com insolencia.

— Vamos ao colo uns dos outros — respondeu o Enfialmudes: e esta graça teve grande aceitação.

— É preciso que me traga, cada um de vocês, a relação de todos os eleitores com quem se pode contar e que arranjou — disse o Adriano.

— A questão é ver dinheiro, sr. Ramires — acudiu o Enfialmudes.— Ha muitos homens que em não vendo dinheiro não se mechem.

— Mas diz-se-lhe... — ia observar o Adriano, para quem a idéa de perder dinheiro era uma dôr d'alma.

— Dizer não é dar — ponderou o Papafigo.

— E prometter não é fazer — respondeu o Adriano.— Tragam vocês, por estes dois dias, os nomes dos eleitores, e depois se combina a maneira de os contentar.

A esta observação, que mostrava no candidato a deputado melhor disposição para gastar dinheiro, seguiu-se um murmurio de satisfação. Os fumos da embriaguez desvaneceram-se um tanto, e cada um dos venaes eleitores presentes começou a enumerar as pessoas que conhecia, e as circumstancias que podiam influir-lhes no voto.

Esta longa e fastidiosa enumeração foi interrompida pela entrada de um criado, que disse algumas palavras em voz baixa ao Ramires; palavras de certo importantes, porque elle se levantou logo, ordenando ao Enfialmudes e companheiros que voltassem no dia seguinte.

XII

O BRAÇO DIREITO DO SR. ADRIANO RAMIRES

N'um gabinete situado a um dos angulos do palacio da Ramalhosa, e, por assim dizer, isolado por extenso corredor do resto da casa, um sugeito esperava, passeando rapidamente com mostras de impaciencia, o Adriano Ramires.— Ha homens cujo caracter se revela na physionomia, no gesto, na voz, nas linhas geraes, nas inflexões do corpo: são esses os homens definidos, caracterisados, moral e physicamente. Outros ha em que tudo é fluctuante; tudo é incerto, variavel, sem firmeza, sem harmonia; como se o medo de deixar perceber ou a fraqueza ou a corrupção do caracter lhes intorpecesse a livre expressão dos sentimentos, lhes paralysasse os movimentos e lhes tolhesse a palavra. Formam estes dois modos de ser do extravagante e contrafeito ente chamado homem civilisado um perfeito contraste: e tornava-se elle bem visivel ao comparar um com o outro, o dono da Ramalhosa e o homem cuja visita elle, com visivel precipitação, correu a receber.

Poderia ter pouco mais de trinta annos o Silvestre Palmar; a julgar pela frescura e juvenilidade da sua cara, onde

se não desenhava senão uma unica ruga, que de uma á outra fonte lhe sulcava a testa. Era pallida a face d'este homem e de notavel alvura, apezar do tom metalico com que o sol dos tropicos a havia dourado. As feições tinham perfeita regularidade, e guardavam entre si harmonica proporcionalidade; com tudo o conjuncto do rosto tinha, em consequencia da fórma quadrilonga da fronte, da largura e accentuado das linhas da maxila, um singular aspecto. Dominava alli a linha recta; dir-se-ia que aquella cabeça fôra moldada n'um cubo perfeito, de modo a não lhe alterar senão ligeiramente as arestas. Os cabellos de um louro escuro, côr intermedia entre o ouro e o bronze, encrespavam-se em anneis, que eram com esmero aproveitados para dar ao penteado uma fórma artisticamente desalinhada; mais claro que os cabellos da cabeça o bigode, farto, longo e como ouriçado, dava-lhe á physionomia notavel dureza. Completavam o caracter d'aquella cabeça de gladiador os olhos quasi redondos, brilhantes e de uma côr esbranquiçada, que fazia lembrar os reflexos do aço. A estatura de Silvestre Palmar era pouco mais que mediana; com tudo as fórmas grossas, athleticas, desenhavam-se-lhe vigorosamente por debaixo da sobre-casaca de pano preto, e do peitilho da camisa de fina cambria de linho, profusamente bordada. Luvas de pellica, cuja côr vermelho-escuro se parecia com a do sangue coagulado, a custo lhe continham as mãos musculosas e largas: os pés, apertados em estreitos sapatos de polimento, pareciam gemer pelo martyrio a que a vaidade os havia condemnado.

Ao entrar no gabinete o Adriano, parou no seu rapido passeio Silvestre Palmar, e, estendendo a mão sem hesitações e sem cerimonia ao dono da casa, exclamou em voz clara, vibrante e aspera: — Julgava já que não vinha, sr. Adriano. Estava impaciente... que diabo!

— Vim logo — acudiu o Adriano, como para se desculpar. E, com visivel inquietação, accrescentou: — Ha alguma novidade... má?

O outro riu-se, e, depois de uma pausa, disse: — Pelo contrario... boa.

O dono da Ramalhosa respirou ruidosamente, e deixou-se cahir n'uma cadeira, como quem receia desmaiar.

— Boa! — exclamou.

— Excellente! — respondeu Silvestre.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual este proseguiu no seu passeio pela casa, como se não pensasse, sequer, na existencia de Adriano. Passados alguns minutos Adriano Ramires, não podendo conter já a curiosidade impaciente que o agitava, rompeu o silencio.

— Estava com cuidado em você...

— Já era tempo — interrompeu o Silvestre.— Ha quatro mezes que não tinhamos noticias um do outro.

— Conte-me o que succedeu, Silvestre Palmar. Tudo chegou a salvamento? Não houve avaria...

— Nos sanctos, nenhuma. Agora no meu estomago é que vae havendo já avaria grossa. Tenho fome... Não tinha dado por tal; mas agora vejo que tenho fome e sêde

— Vamos á casa de jantar. Ainda lá haverá que comer, creio eu — disse, com sollicitude interesseira, o dono da casa.

— Nada. É melhor aqui. Irei fallando e comendo ao mesmo tempo.

Sahiu, para satisfazer os desejos do seu hospede, o Adriano Ramires.— Pouco depois um criado entrava, trazendo uma enorme bandeja carregada de comestiveis e ornada de duas garrafas de vinho do Porto, a qual punha sobre a mesa a que se havia sentado Silvestre Palmar. Este começou logo a comer com voracidade e a beber com avidez, ordenando ao mesmo tempo ao criado, com a maior sem-cerimonia, que se fosse e fechasse a porta. Passados os primeiros impetos da fome, voltou-se para o senhor da Ramalhosa e com a bocca cheia perguntou, em tom de zombaria: — Então o meu patrão sempre quer saber se os sanctos chegaram a salvamento?

— Ainda m'o pergunta! — exclamou Adriano Ramires, disfarçando a custo o seu máo humor.

— Pois ahi vai tudo. Os maldictos sanctos...

— Homem! Veja como falla! — acudiu com gesto e tom compungido o grave candidato a deputado.

— Ah! ah! — regougou o Silvestre Palmar.— Não lhe sabia da prenda. Pois devoto tambem!?... Tem todas as hypocrisias, o meu caro patrão.— V. ex.ª já está visconde?

— Deixemo-nos de gracejos, capitão — disse o Adriano em tom que buscava tornar severo, mas em que se sentia tremer o susto.— Quero saber o que se passou...

— Pois eu não lh'o ia contar, quando me cortou a palavra? Não pude deixar de me surprehender, vendo esse amor pelos sanctos, em quem... em quem foi meu mestre...

— De que?

— Do commercio de pretos para a America. É verdade que poucas vezes lhe vi arriscar a pelle, sr. Adriano. Isso é verdade. Mas olhe que em girias, em ciladas ninguem o eguala.

O Adriano Ramires estendeu as mãosinhas myrradas, carregou nos oculos escuros para melhor esconder os olhos, mas não pôde disfarçar um sorriso, que era expressão genuina do seu amor proprio lisongeado.

— Mas você nunca me ouviu dizer blasphemeas, meu caro Silvestre — disse elle quasi enternecido.

— Não lh'as ouvi dizer!... Com um milhão de diabos!... Vamos a beber ás recordações do passado... d'aquellas duas carregações que levámos de S. Thomé para Cuba.— Bebendo um copo de vinho do Porto, o Silvestre proseguiu:

— Excommungada carga a de negros! Que medo que teve, ó sr. Adriano, quando avistámos aquelle cruzeiro inglez! Sempre andava mais amarello que uma cidra! Parecia que lhe estavam a apertar já a corda á roda das guelas. Ó homem!... que abobora que você... que v. ex.ª se tem feito! Parece estar ainda agora com medo. Vamos; um copo...

mais um copo de vinho para animar.— E, bebendo, obrigou o Adriano a despejar novo copo do Porto.

— Capitão, olhe que eu ainda não sei o que succedeu nesta viagem que você fez, e bem vê...

— Que tem cubiça de arrecadar o dinheiro que a cousa rendeu; vejo-o muito bem. Mas olhe, sr. Adriano, que d'esta vez não ha de succeder como d'aquella em que eu fiz a ultima viagem a Cuba... Ha quatro annos, bem sabe, a bordo do brigue *Açor*. Eu estive vae não vae a ser apanhado, e enforcado, provavelmente. Os periodicos inglezes fallaram no caso, que me ia dando uma triste celebridade; e, por fim, foi o sr. Adriano, que estava aqui socegadamente lançando os alicerces d'este palacio, quem arrecadou os proventos, em quanto eu...

O sr. Adriano, como homem que não pode conter a sua indignação ao ver-se injustamente tratado, levantou-se de pé sobre as curtas pernas, deitou para diante á rotunda barriga, ou antes o volumoso figado que a enchia, e bradou:

— Você, que tanto me deve, é um ingrato e... um tratante.

— Agora digo-lhe eu tambem, sr. Adriano: Veja lá como falla! — interrompeu o negreiro, accendendo tranquillamente um grande charuto.

— Esquece-se você de que era um pobre grumete, quando eu o tomei debaixo da minha protecção, e lhe mandei ensinar pilotagem? Varreu-se-lhe da memoria que em navio meu fez as primeiras viagens, e ganhou o primeiro dinheiro?... Pois o que é, a quem o deve senão a mim?...

— Não se exalte, sr. Adriano, que lhe faz mal ao figado — acudiu o Silvestre Palmar, com uma tranquillidade mais apparente do que real, e tornando-se um tanto mais pallido do que o seu natural.— Devi-lhe... muito: mas tenho-lh'o pago com muitos e muito bons contos de réis. Eu não sou nenhum preto, entende? Não me vendi. As nossas contas estão saldadas ha muito, e agora é melhor abrir conta nova. Cada um tem direito a haver o que é seu; e quem

arrisca a pelle tem dobrado direito. Olhe! o melhor é fallarmos socegadamente. O que lá vai, lá vai. Por fim de contas é um gosto para mim o ver uma casa tão bonita como esta, e dizer comigo: — anda aqui muito do meu dinheiro!... Sabe que mais, zangar-se a gente faz mal depois de comer; e eu não sou seguro... não respondo por mim, bem sabe. Mais um copo de vinho, para afogar paixões. — E Silvestre com avidez, Adriano por condescendencia, ambos despejaram o seu copo de vinho.

— Pois então não nos zanguemos — concluiu o Adriano Ramires com agri-doce amabilidade.

— Em sinceridade, sr. Adriano, digo-lhe que um homem que vive no mar, ganhando dinheiro, sim, mas com risco de vida, não pode ver entrar na algibeira de outro tudo quanto ganha... ou quasi tudo. Eu gósto do dinheiro para o gastar...

— E de que modo o gasta, capitão! — acudiu o patrão. — Eu quero-lhe como se fosse um filho meu...

— Bem se vê — observou o Silvestre com escarneo.

— Quero, sim: e custa-me ver que você não pensa no seu futuro. Quanto tem, quanto gasta.

— Pois se eu não tenho futuro, como hei de pensar nelle? Estou sempre a ver a morte diante de mim, e creio pouco na vida, a não ser para a gozar. Comer, beber, fumar, lutar com os perigos, e amar... á pressa, é tudo quanto desejo cá neste mundo...

— E no outro, Silvestre? — interrompeu o Adriano, em tom de sermão.

— No outro, se ha inferno, lá nos encontraremos. Porque eu, não creio, sr. Adriano, que o senhor compre, mesmo com todos os seus contos de réis, a sua carta d'alforria. O diabo não lh'a vende, descance. No inferno nos encontraremos...

— Não brinque, homem. Ha cousas com que se não brinca — balbuciou, enleiado, o Ramires.

— Pois eu não brinco, fallo serio — disse, entre garga-

lhadas, o negreiro.— Apezar de estar em boas relações com os sanctos agora, tenho poucas esperanças de escapar ás garras do diabo! Dizem que Charonte transportava na sua barca as almas para os infernos... Eu sou agora uma especie de Charonte dos sanctos. Ah! ah! ah! — E, depois de uma longa risada, proseguiu, pondo-se de pé e lavando a guella com um copo de vinho: — Ó sr. Adriano, olhe que sempre tem uns escrupulos... bem esquisitos! O seu amor pelos sanctos é interesseiro, homem! Diabos o levem, ao senhor, e mais aos seus escrupulos.

— Ainda me não disse como correram as cousas nesta viagem, Silvestre — interrompeu o Adriano, visivelmente incommodado, e buscando desviar a conversação para assumpto menos melindroso.

— Não tem capella, cá no palacio? — perguntou o capitão do brigue *Açor*.

— Pois não ha de haver capella n'um palacio como este? Não tem capella o visconde d'Almeiroa?

— Então mande accender velas a todos os sanctos, porque lhe fizeram o milagre. Não ha sancto no kalendario que não chegasse, são e salvo, ao Brazil com a sua indigestão de notas falsas. O brigue *Açor* era mesmo um paraizo. Iam alli todos os sanctos da côrte do céo, e cada sancto levava no ventre um milagre.

— E salvou-se tudo! — exclamou Adriano Ramires pondo as mãos involuntariamente, e levando-as depois aos olhos para enchugar uma lagrima de alegria que vinha deslisando por debaixo dos oculos.— Louvado seja Deus!

— O que lhe eu posso dizer, patrão — acudiu o Silvestre Palmar — é que os sanctos fazem menos estôrvo a bordo do que os escravos... e não rendem menos. Mas eu é que difficilmente me metteria noutra como esta. Passei colicas atrozes, em quanto não vi os sanctos todos chegarem ao seu destino, abrirem-se, e derramarem sobre o imperio do Brazil uma chuva, não de ouro... isso é bom para o tonante do Jupiter... mas de notas.

— É o que se chama uma viagem feliz! — concluiu o Adriano Ramires.

— E mais ainda não sabe o resto... — observou o capitão Silvestre.

— Então... que mais?...

— Já fui a Inglaterra buscar as machinas e os cunhos novos, que lá tinha encommendado para a fabrica de Sancta Eulalia; já os desembarquei ao pé da Povoa, e lá estão armados. Pode v. ex.ª, sr. commendador e futuro visconde, cunhar moeda d'ouro e prata como o rei. As machinas que lá estavam venderam-se, como ferro velho, para uma fabrica do Porto, e as que eu lá puz são mais perfeitas do que as da casa da moeda. Diga agora o meu amigo que não fui diligente e feliz, e que não mereço uns poucos de contos de réis para ir gastar a Paris e a Londres.

— Bravo rapaz! Você é o meu braço direito!

— Pois antes queria ser o seu braço esquerdo, se é esse que se mette na burra.

— É uma joia!...

— Que o sr. Ramires, meu patrão e mestre, não quer encastoar em ouro! — interrompeu o negreiro.

— Mas diga-me cá, Silvestre — proseguiu o dono da Ramalhosa, mudando de tom — o transporte das machinas fez-se sem que ninguem désse por isso na fabrica?

— Está visto. Conduziram-nas de noite os meus marinheiros, e só o soube o Manuel Moita, director da fabrica de Sancta Eulalia, e os homens que trabalham na cunhagem. São seis apenas, e gente de segredo.

— As cousas alli, por em quanto, vão bem? — disse o Adriano.

— Pois não sabe que vão bem. Ninguem suspeita nada. A fabrica de fiação encobre a de moeda. Uma trabalha de dia, outra de noite. Aquillo fica n'um descampado; e, como todos dizem que a fabrica de Sancta Eulalia é hoje do Carlos do Arnal, que passa por muito honrado, a ninguem vem a suspeita de haver alli cousa que se esconda. Foi uma boa

lembrança a sua, sr. Adriano Ramires — proseguiu o capitão Silvestre.— É um golpe de mestre.

— Eu já quasi nada tenho com a fabrica — observou, sorrindo de orgulho, o Adriano.— O meu amigo Arnal é hoje, pode dizer-se, dono d'ella; porque lá tem ido empregando todas as suas economias, até ao ultimo real.

— Quando eu parti para esta viagem, ainda o senhor lá tinha uns tantos contos de réis — observou o Silvestre.

— É verdade; mas passei-os a um tal Manuel Agueda, do Porto, que obteve do Carlos do Arnal uma lettra a um anno. De modo que para mim já não ha perigo algum; e nem um real perco — proseguiu o sr. Adriano, esfregando as mãos, e espreguiçando-se de gôsto.— A bandeira cobre a mercadoria, não é verdade, capitão? Se descobrirem a fabrica de moeda, é em casa de Carlos do Arnal que a descobrem.

— Como é que um homem de intelligencia como o Carlos do Arnal, advogado distincto, se deixou apanhar assim?

— Tem inteira confiança em mim.

— Ah! — E esta exclamação do negreiro terminou n'um riso de escarneo e desprezo flagellador.

— Por ora não tem o Arnal razão de queixa. Vai tirando o juro do seu dinheiro — acudiu o dono da Ramalhosa.

— Mas vê-o sumir-se todo na fabrica de Sancta Eulalia; sente o pezo já de uma divida de dez contos... São dez contos, não?

— Doze.

— Doze contos, são! Não ha de estar muito tranquillo o pobre advogado. Elle tem uma filha... bonita?

— Tem — respondeu o Ramires.

— Então foi-se o dote... e talvez com elle, quem sabe? a honra do pae.

— Eu preciso casar-me — disse indolentemente o honrado Adriano.

— E então?...

— Talvez em tempo se salve tudo.

—Conhece a rapariga? — perguntou o capitão em tom de confidencia.

—Conheço, e ha muito.

—Bom. Maganão!

XIII

SUAVE DESENGANO

Coimbra é uma cidade graciosamente sinzelada n'um monte, e que se retrata nas aguas limpidissimas do mais ameno rio que a imaginação pode sonhar nas horas risonhas de suas fragrantes e suaves phantasias. Entre as cidades de Portugal — vulgares e prosaicas umas; outras tristes e dominadas por informes ruinas; algumas como requeimadas e calcinadas pelos ardores do sol; muitas, pobres e sem physionomia, como grandes aldeias que são — distingue-se Coimbra pela belleza dos seus contornos, pela largueza das suas fórmas, pelos esplendores da natureza em que se acha primorosamente engastada. Coimbra é uma cidade esculptural. Coroam-na, com a severidade austera e quasi monastica das suas linhas rectas, os vastos edificios da Universidade. É alli que está o centro da vitalidade; é d'alli que descem até ao rio, como em tumulto e apertadas nas anfractuosidades da encosta, as casas da cidade, que parecem querer esconder na multidão a vulgaridade da sua architectura, e a sua desgraciosa apparencia. Na raiz do monte o contorno onduloso da cidade curva-se como a cauda de um manto, e estende-se depois pelas margens enramadas do Mondego. D'entre o acervo de casas burgue-

zas sobresaem, pela sua grandeza, pelas suas frontarias vetustas e escuras, e algumas pelo seu estylo architectonico, as edificações que o poder e a influencia da theocracia levantaram em Coimbra. Um grande interesse attrahia em roda da Universidade todos os representantes d'esse grande poder: era alli que se formava o espirito da mocidade estudiosa, d'alli irradiavam para a sociedade portugueza todas as influencias intellectuaes, todas as forças da razão e da consciencia, toda a verdadeira e efficaz auctoridade moral.

N'aquella harmonia de luz, de côres, de linhas e de fórmas, o rio e a cidade não podem separar-se. A cidade revê-se nas aguas crystallinas do rio: o rio beija amoroso a fimbria do manto á cidade que o domina. Coimbra eleva-se entre duas poesias: A poesia da mocidade, impetuosa e fremente, aspirando a uma vaga e indefinida grandeza, á liberdade sem limites, á expansibilidade indefinida; preludiando, em aspirações insoffridas e em hymnos d'amor, á aspera luta do bem e do mal a que se chama a vida: A poesia da natureza, placida e melodiosa; que murmura com as aguas correndo sobre as areias douradas; que canta com as aves amorosas sobre os ramos dos salgueiros; que desabrocha em flores e se exhala em aromas nos prados e nas serras; que se involve de luz e de côres; que trabalha sem descanso e sem fadiga nas prodigiosas metamorphoses da materia, creando, ou destruindo para crear de novo.

Revoam sobre a poetica cidade, contrastando com a alegria que d'ella se exhala como por irresistivel magia, duas melancolicas e lugubres tradições. Uma, que por entre as suas tristezas rescende os mais suaves perfumes do amor; outra, em que lampejam os clarões sinistros da mais revolta tempestade de ruins paixões.

A linda Ignez

que cortada
Antes de tempo foi, candida e bella,

deixou para sempre na lembrança das filhas do Mondego

«o caso triste e digno de memoria» da sua «morte escura.» Tradição dolorosa, que uma fonte pura repete em seus sùspiros suavissimos, entre candidas boninas!

> Vêde que fresca fonte rega as flores,
> Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

A formosa Maria Telles, irmã da ambiciosa e cruelissima mulher d'el-rei D. Fernando, legou á velha Coimbra da edade-media a funebre memoria da sua pavorosa agonia. A cega ambição, a infame calumnia armaram contra uma fraca mulher o braço do traidor infante D. João, que, surdo aos clamores piedosos da innocente esposa, lhe arrancou a vida no delirio de sua ferocidade; e a tradição exclama ainda hoje com o velho chronista Fernão Lopes: «Oo piedade do «muj alto Deus, se entom fora tua merçee de botares aquel «cruel cujtello, que nom damnara o seu alvo corpo ino«çente de tam torpe culpa!»

Entre aquellas duas poesias, entre aquellas duas tradições que tanto com ella se harmonisam, esconde a formosa Coimbra a mais vulgar e a mais ruim prosa que uma cidade banal pode conter em si. É necessario percorrer as estreitas e Jamacentas ruas do bairro alto, ou observar, no bairro baixo, o trafego indolente que se espaneja ás portas das lojas, ou escutar as conversações que entre as mulheres se travam, quer de janella a janella ao pregar da agulha, quer no rio ao encher os cantaros, para alcançar toda a ruindade da prosa, que se occulta á sombra d'aquella graciosa e romanesca cidade.

Essa prosa desprestigiadora não a percebiam os dois amigos, Luiz de Mello e D. Antonio d'Almada, quando deslisavam n'um barquinho, rio a baixo, levados pela mansa corrente das serenas aguas. Os ardores do estio não haviam ainda exhaurido as fontes d'onde mana o Mondego: o rio, n'uma e outra margem, banhava os salgueiros que para elle amorosamente se debruçam. Era uma noite de luar,

suave e fagueira; o ar estava ligeiramente impregnado de uma nevoa, que, aos raios da lua, parecia toda formada de tenuissimas palhetas de prata. Coimbra estava involta n'um alvo manto, no qual brilhavam aqui e alli, como diamantes, algumas luzes, a que a nevoa quebrava a vivacidade; os contornos, os angulos, as fórmas, as côres, tudo fluctuava, tudo se confundia: os vultos haviam tomado maiores proporções, mas perdiam-se incertos n'um esfumado phantastico. Eram as aguas de uma limpidez purissima, e deixavam devassar descuidosas os seus mais intimos segredos: a lua lançava sobre ellas tons vivos, metallicos e brilhantes, que contrastavam com os tons escuros das margens do rio, e ainda mais com o aspecto quasi lugubre dos choupos, que se desenhavam, negros e esguios, no branco-azulado do céo. Dir-se-ia que o rio não queria perturbar a grave e sisuda tranquillidade d'essas arvores que, de um e outro lado, lhes formam alas; tão grande era o silencio com que escorregava sobre os seixos e areias no seu lento caminhar para o Oceano.

Parecia, naquella noite encantada, que a natureza se havia deixado tomar de dulcissima melancolia, e, em mysterioso devaneio, buscava os moldes de um mundo mais suave, mais poetico, mais puro do que este em que o homem vive captivo, e morre tendo apenas sonhado a perfeita liberdade e a felicidade completa.—D. Antonio d'Almada e Luiz de Mello sentiam enlevado o espirito, profundamente commovido o coração pelo magico influxo do quadro que os cercava, e ainda mais pela extatica contemplação em que viam absorvidas a melancolica D. Mathilde e a graciosa D. Carlota, que iam recostadas no barco, defronte d'elles. Exhalavam-se tão amorosos effluvios d'aquella placida natureza, que o proprio Carlos do Arnal, admirador sincero de toda a belleza physica e moral, sentia no coração confusas saudades da quasi olvidada mocidade.

A sensibilidade, quando suaves impressões a exaltam, não é expansiva. Concentra-se, teme o ruido, ama o silen-

cio, e só busca revelar-se aos outros por meio d'essas emanações mysteriosas que entre si trocam as pessoas agitadas pela mesma paixão, ou commovidas por identico sentimento. Apezar, pois, da multiplicidade de pensamentos que lhes esvoaçavam na mente, guardavam ininterrompido silencio os nossos bons amigos.

Ao chegarem a um logar onde o rio se estreita e são mais densos os arvoredos, principalmente na margem direita, D. Mathilde pediu para desembarcarem, e logo o barco se aproximou de um pequeno caes, para que podesse ser satisfeito o desejo da formosa filha do advogado.

Sentaram-se, depois de curto passeio, Carlos do Arnal, Luiz de Mello e D. Mathilde; continuaram caminhando até d'estes se afastarem, de modo que podessem fallar sem serem ouvidos, D. Carlota de Sousa e D. Antonio d'Almada. Escutaremos nós esta conversação, que um e outro mostrava desejar; pois que, por tacito accordo, ambos aproveitavam o primeiro ensejo favoravel de fallarem, livres da espionagem incansavel da importuna D. Barbara.

—Noite formosissima — principiou dizendo, não sem leve tremor na voz, D. Antonio.— Fizeram bem em se demorar estes dias em Coimbra. Só para gozar tão formoso espectaculo valia a pena da demora.

— Agora vamos para aquella Lisboa, tão nossa conhecida — disse D. Carlota.— Estou já com saudades d'ella...

— Apezar da sua eterna monotonia? — perguntou elle, intencionalmente.

— Apezar... ou antes por causa d'essa que chama monotonia, e que eu chamo tranquillidade — respondeu ella. — Bem sabe que eu gósto da vida que passa sem sobresaltos — accrescentou, sorrindo com malicia — que corre como o Mondego... agora.

— Pois não acha ainda placida bastante esta tranquillissima digressão que fez no Bussaco?

— Para mim foi de certo... tranquillissima, sr. D. Antonio. Mas eu não sou egoista.

Reflectiu um instante o D. Antonio, como quem peza as palavras que ouve, e depois disse em tom um tanto ironico:

— Egoista não será... não é de certo v. ex.ª, minha senhora: mas... — permitta-me que lhe diga — mas generosa...

— Não sou generosa? E é agora que me accusa de falta de generosidade! — interrompeu, rindo, a mulher de José de Sousa.

— Perdão, sr.ª D. Carlota. Egoista sou eu, e não v. ex.ª Lembrava-me que lhe pedira uma graça, ha dias, que me não fôra concedida; e d'ahi nascem as minhas queixas... injustas e absurdas, bem sei.

— Disse já — acudiu ella, tomando o tom de uma graciosa solemnidade — que concedia a audiencia sollicitada, mas não sem condições.

— E quaes são? — perguntou D. Antonio, radiante de alegria.

— Condições!... — disse ella, scismando. — Não. Uma só condição basta. Basta que v. ex.ª se lembre... do respeito que... um ao outro devemos.

— Não me esqueço nunca do respeito que devo a uma senhora — acudiu D. Antonio, um pouco despeitado. — E neste caso ainda menos me esqueço. Não é respeito só, é adoração o que sinto por v. ex.ª

— Não quero tanto. Sou muito d'este mundo para merecer adoração. Desejo a sua amizade... se d'ella me julga digna — concluiu estendendo a mão a D. Antonio d'Almada.

— Amizade só! — interrompeu D. Antonio, beijando a mão que lhe offereciam, com effusão. — É maior... mais sublime o sentimento que lhe consagro, minha senhora.

D. Carlota retirou a mão precipitadamente, e com nobre gravidade disse: — Sr. D. Antonio d'Almada, julga do seu dever como homem do mundo... achando-se só com uma mulher... e para não desdizer da sua reputação, fazer-lhe

a côrte. Sinto que v. ex.ª pensasse agora por essa fórma. Sinto-o... por mim e por si.

— Não foi uma causa miseravel, uma vaidade indigna de mim e, sobre tudo, da sr.ª D. Carlota, que me levou... a dizer palavras não sentidas.— E, com impeto de verdadeira paixão, D. Antonio accrescentou: — Foi um impulso irresistivel que me arrastou, humilde, aos seus pés, para implorar....

Cortando-lhe a palavra, ella exclamou: — Que humildade, meu Deus! Parece que me vem pedir uma esmola...

— Esmola é, de certo, a que lhe venho pedir, D. Carlota — proseguiu no mesmo tom apaixonado o namorado fidalgo.— Peço-lhe remedio para um padecimento grave, consolação para uma acerba mágoa. Amo, sr.ª D. Carlota... amo, como não amei nunca!

— Para confidente me escolheu? — interrompeu ella.— Para isso me pediu que o escutasse? Pois seja assim. Escuto-o... com uma condição.

— Já sei — disse elle.— Com a condição... inutil era pol-a... com a condição de guardar a v. ex.ª o respeito... que eu, mais do que todos, lhe tributo.

— Não. É outra a condição agora.— E, com forçada jovialidade, D. Carlota proseguiu: — Exijo que não diga o nome da mulher que ama. Não gósto de saber os nomes, mas é-me agradavel escutar historias. Era bom o costume dos antigos romancistas, que escondiam... em estrellas os nomes das suas heroinas, para não comprometterem ninguem. Siga-lhe o exemplo, sr. D. Antonio, e verá como o escuto attenta e o aconselho com prudencia. Designemos a heroina...

Em quanto D. Carlota fallava, a physionomia de D. Antonio, que o luar allumiava em cheio, ia mudando de expressão. Brincava-lhe um sorriso na bocca, e os olhos buscavam em vão conservar a expressão de melancolia apaixonada que, durante algum tempo, nelles divisara a sua interlocutora.

— Designemos a heroina... por um *C...* com o numero de estrellas... que v. ex.ª quizer.

— Assim seja — acudiu D. Carlota, rindo com suave bondade.— Eu escolheria outra lettra... Ah! Que importa? Pode começar o seu romance.— E, como para escutar com mais attenção, sentou-se n'um tronco de arvore.

— Romance! — exclamou elle, sentando-se tambem.— Não é romance, não. É verdadeira a historia.

— Historia romanesca. Será... quero crer que seja romanesca. Mas vamos á historia; que o tempo passa, e d'aqui a pouco voltamos para casa. Olhe! sr. D. Antonio, não dê côres muito carregadas ao seu quadro. Tenho medo de entristecer.

— O heroe da historia sou eu proprio — começou D. Antonio com gravidade.

— Já faltou á condição... Não quero saber nomes.

— Julguei que só o nome da heroina se occultava... para não a comprometter.

— Como não tem remedio, ficarei sabendo quem é o seu heroe.

— É pois a minha historia que eu vou contar a v. ex.ª — proseguiu elle.— Tem sido accidentada... tormentosa a minha vida. Entrei no mundo rico, por todos da minha familia querido e amimado. Julgava eu que a terra era um paraizo, onde só padeciam — se padeciam! — esses desgraçados que vivem na miseria, que á sorte condemnou ao trabalho, á ignorancia e á pobreza. Tinha a alma a transbordar de esperanças; sequiosa de prazeres, de festas, de alegria e de amores.— E depois de ligeira hesitação e de ter olhado para D. Carlota, como para lhe pedir licença de dizer tudo, continuou: — Ás mulheres suppunha-as anjos, que o céo creára para me cobrirem de flores, e me embalsamarem de perfumes o caminho da vida...

— É poeta, sr. D. Antonio d'Almada? — perguntou ella, com ironia.

— Não, minha senhora. Já o não sou.

—Pena é. Prosiga na sua historia, que me dá gosto ouvil-o.

—Puz-me a adorar... esses anjos; essas mulheres...

—Todas! — exclamou, com não simulada admiração, D. Carlota.

—Todas as que Deus involveu no véo celeste e mysterioso a que se chama belleza. Era esse véo que me attrahia: a luz que elle irradia fascinava-me. Uma fatal curiosidade... A curiosidade perdeu o primeiro homem...

— E a primeira mulher — accrescentou D. Carlota.— Por isso lhe mostrei ha pouco não ser curiosa.

—Perdeu-me, a mim tambem, uma fatal curiosidade — continuou elle.— A belleza não bastava para saciar as aspirações que atormentavam a minha alma. Quiz rasgar o véo mysterioso...

—Não rasgue o véo todo diante de mim — interrompeu D. Carlota, com um gesto de verdadeiro susto.

—Penetrei os segredos que a belleza escondia — disse elle, levado pelo impulso da paixão — e achei... desenganos; tristes desenganos!

—Foi infeliz, já vejo, nos seus primeiros amores?

—Nos primeiros, e nos ultimos... e sempre. Procurei muito...

—Foi por isso que não encontrou — observou ella, ironica e um tanto despeitada.

D. Antonio sentiu a ironia, mas como estava verdadeiramente commovido, proseguiu: —Não encontrei. De certo não encontrei o que buscava: uma alma boa, um espirito elevado, um coração puro, uma emanação da divina luz... Isso tudo, que eu esperava encontrar n'uma mulher bella, não o achei... Ainda até hoje o não achei.

—Não é sempre nos bellos templos — disse D. Carlota, disfarçando a turbação que as ultimas palavras de D. Antonio lhe haviam causado — que ardem diante do altar as luzes mais puras e se eleva ao céo a oração mais fervorosa.

—Não pode ser... Não pode Deus ter dado á mulher a belleza, como pharol enganoso, para perder os naufragos do mundo. Eu espero... ainda espero.

—Por isso continúa a adorar todas as bellezas, como nos primeiros annos da mocidade.

—Como nos primeiros annos não, sr.ª D. Carlota. As illusões passaram; agora faço...

—Romances admiraveis—disse ella, rindo.—Continue, que me interessam os seus romances.

Esta observação, que D. Antonio tomou por um frio epigramma, causou-lhe viva e dolorosa impressão.

—Romance, chama v. ex.ª á sincera historia de verdadeiras desventuras?

—Não se escandalise comigo, sr. D. Antonio. Pedi-lhe, lembre-se, que não désse á sua historia um caracter demasiadamente triste... Eu sou tão nervosa!—A voz de D. Carlota tomara um tom mavioso ao dizer estas palavras, que lhe mitigava completamente a intenção ironica; de modo que, mais calmo, o seu interlocutor, observou apenas:

—Uma vez que consentiu que lhe eu contasse a minha historia, não pode v. ex.ª exigir de mim que falte á verdade.

—Não: mas illumine-a, meu amigo... quanto possivel, com um raio de alegria.

Os dois sorriram. Ella estendeu-lhe a mão com ternura e franca lealdade: elle beijou-a com respeito e effusão verdadeira. Era uma reconciliação, ou antes um pacto de amizade que entre ambos se fazia naquelle momento.

—Ainda não chegámos ao ponto em que apparece... a heroina da nossa comedia—disse então D. Carlota.

—Agora... agora mesmo devia de apparecer—acudiu D. Antonio em tom jovial—mas a actriz a quem eu desejava distribuir o difficil papel, recusa-se a represental-o...

—Pois dê-lhe, a essa actriz, papel que ella leve mais em gôsto.

—E qual?...

—O de verdadeira amiga, por exemplo.

— E acceita-o?

— Acceito — respondeu elle irreflectidamente.

Seguiu-se um longo silencio.

— A felicidade que tanto buscou em vão — disse ella por fim, dando um leve suspiro — talvez a encontre agora... nos sentimentos puros.

— Talvez! — respondeu D. Antonio, com expressão de duvida.

— Talvez, não... de certo. Vou-lhe dar occasião, meu amigo, de o experimentar...

— E por que modo, minha senhora?

— Associando-o comigo n'uma boa obra — respondeu D. Carlota.

— Ó minha senhora D. Carlota, como provar-lhe o meu reconhecimento?...

— Fallando-me com inteira franqueza.

— Ordene v. ex.ª

— Diga-me... — acudiu ella com alguma hesitação — diga-me com a lealdade... com a sua lealdade: Luiz de Mello ama... ama devéras Mathilde... a minha Mathilde?

— Quanto um homem com um nobre caracter e um grande coração pode amar — respondeu elle.

— E é capaz de a fazer feliz? — perguntou D. Carlota.

— Olhe que é difficil. Mathilde tem um caracter em extremo sentimental. É uma alma melindrosa... e que uma grande dôr feriu, logo ao entrar da vida... Mas é uma sancta, a minha querida Mathilde.

— E a sr.ª D. Mathilde virá, crê v. ex.ª, a corresponder ao amor... sublime, assim se lhe pode chamar, que por ella sente o meu amigo?

— Quem pode responder pelos caprichos de um coração de mulher... sentimental? — acudiu D. Carlota, sem responder directamente ao que lhe perguntavam.

D. Antonio d'Almada reflectiu um instante, como quem peza a responsabilidade do que vai dizer; e, depois, com gravidade, disse: — É justa a sua pergunta, sr.ª D. Carlo-

ta; mas não responde á que eu tive a honra de lhe dirigir. Luiz de Mello é mais um homem de sciencia, do que um homem do mundo: não soffreu ainda as desillusões... que preparam o coração para resistir impavido, por orgulho ou por insensibilidade, a todos os golpes. Elle ama D. Mathilde com paixão, mas talvez sem esperança. Levar aquella alma nobilissima a dedicar-se toda a um amor... ao seu primeiro amor, posso dizel-o, para depois a ver sacrificada a um capricho... ou antes a um sentimentalismo exaggerado... egoista até, não o posso eu fazer... nem o pode querer a minha boa amiga.

— Tem razão em pensar assim, D. Antonio. Se eu suppozesse que não havia possibilidade de vencer o estado de deploravel desalento, em que se acha a alma de Mathilde, de certo lhe não pedia que nos associassemos... para fazer felizes os nossos dois amigos. Com o tempo tudo se poderá vencer. Nada de precipitações...

— Não ha a temel-as — acudiu D. Antonio — da parte de Luiz de Mello. Está elle tão namorado, que mais ha a receiar da sua timidez do que das suas ousadias.

D. Carlota, ao ouvir estas ultimas palavras, soltou involuntaria risada, e depois, com doce ironia, observou: — Não são as ousadias prova de grande affecto, sr. D. Antonio?... Ainda bem. Fico livre assim de um remorso.

Fez D. Antonio um gesto de impaciencia, e, sorrindo contrafeito, balbuciou: — Ás vezes... os amores impetuosos... os caracteres pouco reservados...

— Da historia que me contou — interrompeu D. Carlota — não se torna mais a fallar.

— Pois não... eu não torno mais a fallar nessa historia, minha senhora.

Levantando-se, D. Carlota caminhou com certa precipitação para onde estava D. Mathilde e os seus companheiros, e pouco tempo depois embarcavam todos para voltar a Coimbra. Durante o caminho D. Antonio d'Almada ani-

mou a conversação, pela vivacidade de espirito e graça com que narrou alguns episodios das suas viagens.

Quando ficaram sós os dois amigos, Luiz de Mello exclamou: — Que alegria essa tua, D. Antonio! Correu-te bem a conversação com D. Carlota, e espero que acceites os meus parabens!...

— Acceito: e dou-t'os a ti tambem — respondeu D. Antonio.

— A mim! Porque?

— Porque venceste...

— Como... venci?...

— Escutei os teus sermões, e segui os teus conselhos moraes.

— Não creio — disse Luiz de Mello.

— Crê n'o que te digo. Fiz de um máo amor uma adoravel amizade.

— Ainda bem.

— E de mais a mais... ingrato! — accrescentou D. Antonio — olha que alcancei para os teus amores... sentimentaes a mais generosa e dedicada protectora que tu podias desejar.

XIV

TRISTEZAS E CONFIDENCIAS

Passados mezes, um anno quasi depois dos successos anteriormente narrados, Carlos do Arnal, só no seu escriptorio, passeava lentamente e com passo incerto, como absorvido em profundas e dolorosas meditações. O velho advogado estava pallido, e com os olhos encovados; nas faces, involuntariamente contrahidas, desenhavam-se-lhes duas fundas rugas, que lhe davam á physionomia notavel expressão de angustia: os cabellos brancos, revoltos em desordem, coroavam-lhe a larga fronte, assombrando-a como nuvem que pousa sinistra no cume da serra e parece dar á natureza a livida côr do medo. Era ao cahir da tarde; a luz entrava frouxa pelas janellas guarnecidas de cortinas de lã verde-escuro, e dava um tom sombrio aos moveis, aos papeis, aos livros, que em desordenada confusão enchiam a casa, deixando apenas livre o espaço que percorria Carlos do Arnal.

O grave e nobre espirito do honrado velho vacillava, opprimido e acabrunhado sob o pezo dos cuidados, dos receios, das apprehensões dolorosas que lhe causavam o incerto futuro da filha bem-amada, as contingencias da sua

situação gravemente compromettida, os males da patria que venerava, os perigos da liberdade a que consagrava um culto quasi supersticioso.

Passara largos annos trabalhando sem descanso, para assegurar a Mathilde um futuro exempto de inquietações, ao abrigo da miseria, independente e, quanto possivel, feliz. Largas horas consumira, como um avarento, a pensar no modo de augmentar os seus haveres, e a contar, com soffrego ardor, quanto o trabalho honrado e a prudente economia haviam accrescentado ao dote da filha. Davam a esse dote valor sem par a honra com que fôra ganho, e o amor de pae que lhe fôra origem. Por uma vida laboriosa, empregada em defender os opprimidos, em proclamar a justiça, em exaltar a probidade e flagellar o crime, nos tribunaes e na imprensa, conseguira emfim o Carlos do Arnal junctar uma modesta fortuna, que contava dar em dote a Mathilde, quando lhe ajustara o casamento com o filho de um seu cliente, excellente rapaz, rico e intelligente. A morte do noivo de Mathilde e as saudades morbidamente sentimentaes d'esta tornaram impossivel realisar os planos do honrado advogado. Mais tarde a sorte adversa destruiu-lhe o thesouro, tão laboriosa e sanctamente alcançado.

Sentindo-se velho, quebrado de animo, desconsolado da vida e com pouca ou nenhuma esperança de vencer na filha a obstinada tristeza, que a fazia renunciar á vida de familia e escutar complacente as suggestões de beatas e de padres, que a queriam persuadir a entrar n'uma congregação religiosa, o Carlos do Arnal perdera muito da sua laboriosa actividade no trabalho. O seu espirito vergava sob o pezo do desalento; d'esse desalento inconsolavel, que nada pode reanimar, porque lhe falta horisonte onde veja ao menos vacillante e tenue clarão de esperança. Tudo em torno d'elle lhe parecia involto em trevas; agonisante e para sempre perdida a patria; extinctas as nobres virtudes, os grandes sentimentos, as heroicas paixões que fazem levantar-se fortes e radiantes os homens e as nações. A filha, parecia-lhe

vel-a perder-se nas solidões da clausura, sem quasi lhe deixar uma saudade por consolação nas tristes horas da velhice e da doença, que já iam chegando a passos rapidos: a patria, sentia-a tremer, oscillar, como um monumento prestes a desabar em ruinas, sacudido pelos impulsos subterraneos de tremendo terremoto, extincta a grande força que sustem os imperios na sua queda, a fé no futuro, a fé em si, ou a fé na liberdade e nos seus gloriosos destinos. Carlos do Arnal, para quem a honra era um bem precioso, para quem o ser honrado era mais do que o cumprimento de um dever, era uma nobre alegria da alma, sentia exacerbarem-se-lhe as angustias com o vago receio de ver pôr em duvida o que elle mais do que a vida quizera conservar, a sua propria honra immaculada.

Pensava, o desditoso velho, na injustiça com que a sorte o tractava. As tres cousas a que elle mais queria no mundo, a filha, a patria, a honra, todas como que o abandonavam, quando elle mais carecia de consolações para chegar sereno de animo ao termo da sua vida laboriosa.

Não lhe era ingrata, a filha. Mathilde tinha por elle uma sincera devoção: mas era demasiado mystico aquelle sentimento; pairava nas regiões da abstracção, onde o detinham as idealidades de um melancolico sentimentalismo. O amor filial em Mathilde era — ou pelo menos assim o julgava o Carlos do Arnal — muito abstracto; era como um espirito sem corpo. Costumada a deixar-se adorar, a sentir-se livre de todos os laços que prendem á vida vulgar e protegida, pela sollicitude paternal, até mesmo quando a sua phantasia se engolfava n'uma exaltação esteril e perigosa, Mathilde não comprehendia que seu pae podesse carecer d'ella senão para a ver viver e para a amar. Por isso a candida menina, que tinha em si thesouros inexhauriveis de dedicação e de amor, parecia muitas vezes indifferente a quanto a cercava, fria e sem ternura para os que mais lhe queriam. Ao abrir-se para a vida, tinha o coração de Mathilde experimentado uma dôr aguda, e subitamente comprehendido

o que ha de amarguras, de decepções, de tristes realidades no mundo; ao contacto pungente do soffrimento fechou-se aquelle coração, e emmudeceu; mas não sem que dentro d'elle ficasse uma saudade, como para lhe lembrar que não morrera de todo. Preoccupado pelos cuidados que lhe dava o estado melindroso do espirito e da saude de Mathilde, não tinha o Carlos do Arnal por muito tempo notado a falta que nella havia de expansibilidade e de energia moral: todo amor, todo sollicitude, todo dedicação quasi apaixonada pela filha, mal podia elle buscar mais do que o ineffavel gôzo de a involver no seu affecto, de a vivificar pelo calor da sua alma. Chegadas, porem, angustiosas e inesperadas desgraças, então o velho advogado, a quem os annos e os trabalhos tinham profundamente deteriorado a organisação debil de si, sentiu elle proprio necessidade de conforto, de que lhe dessem animo para lutar, de que o ajudassem a soffrer os seus males com resignação, de que lhe deixassem entrever ao menos uma esperança, para de todo não sossobrar. Foi então que pensou vagamente e a medo que a filha lhe não podia dar um amor como o que elle lhe consagrara; e não tinha a esperar d'ella o conforto de que tanto carecia a sua alma.— Os animos energicos, e que têm durante longos annos lutado contra os embates e vai-vens da vida, se uma vez se tomam de desalento, carecem mais do que os animos fracos de quem os conforte, para de todo não cahirem prostrados. Esse allivio, essa consolação, essa transfusão de vida só pode vir de um ente infinitamente amado, de quem o coração tudo recebe, a quem o coração dá tudo.— O medo, vago mas dolorosissimo, de não achar em Mathilde apoio e guia de seus ultimos e tremulos passos nos escabrosos caminhos da vida, por tal fórma se apoderou do espirito de Carlos do Arnal, que elle nem sequer ousava confiar á filha querida os segredos da sua vida attribulada; ainda menos esperar que ella sacrificasse as mysticas aspirações da sua alma, os melindres do seu coração, as exaltações da sua sensibilidade ao descanço, ao repouso,

ao socego dos seus ultimos annos. Entre aquelles dois incommensuraveis amores de pae e de filha, levantava-se, como succede muitas vezes, a timorata e retrahida incerteza.

Aos desconsolos de pae junctavam-se os desanimos de patriota sincero. A alma genuinamente portugueza de Carlos do Arnal não se queixava da ingratidão da patria; dera-lhe sempre tudo, sem nada esperar d'ella. Era porem causa constante de mágoa para o honrado patriota o ver como se gastam nas lutas, estereis sempre, torpes muitas vezes, das cobiças e ambições mal disfarçadas em lutas de partidos, as forças vivas, a energia do paiz. A sua primeira aspiração, o seu primeiro enthusiasmo, quando ainda cursava a Universidade, fôra pela liberdade. Entre hymnos enebriantes; o coração a trasbordar de poesia, d'essa poesia grande e generosa que nasce do amor á humanidade e da esperança sublime de um dia ver o mundo governado pela razão, pela justiça e pela verdade; sonhando glorias, grandezas e venturas para esta terra tão amada, para Portugal, correu Carlos do Arnal a alistar-se nas legiões que pelejavam pela liberdade. A pureza da sua alma encobria-lhe a vileza das paixões, que a guerra civil deixava á solta em toda a sua hedionda ferocidade; as harmonias do seu espirito não lhe deixavam ouvir os gemidos e imprecações dos vencidos e dos vencedores na luta fratricida; os esplendores do futuro, que elle via na sua phantasia, nem sequer lhe deixavam perceber que, no meio da tormenta revolucionaria, se iam já agglomerando as lobregas nuvens, que mais tarde haviam de lançar sobre a patria, como pragas maldictas, a corrupção, a immoralidade e a anarchia. Combatera pela liberdade; e quando, alcançada a victoria, quasi todos estendiam a mão para receber a paga de haverem pelejado em defeza dos proprios foros de homens e de cidadãos, elle só cuidou de ganhar a vida pelo trabalho honrado, n'uma terra que suppunha resgatada da escravidão do absolutismo. Callaram-se os hymnos; emmudeceu a poesia patriotica; não se realisaram as sonhadas glorias, nem chegou o tão anhelado

dominio da razão, da justiça e da verdade: as illusões apagaram-se, e os dolorosos desenganos cobriram de lucto a alma pura e desinteressada d'aquelle honrado cidadão. Tinha elle pela patria um sentimento de piedade, amoroso e resignado, similhante ao que a sua alma sentia pela filha querida. Filha e patria, pareciam-lhe vencidas pelos males que as consumiam, sem terem, nem uma nem outra, força, energia, poder para lhes resistirem.

Em si proprio sentia elle tambem um mal, que lhe invadia o espirito, que lhe quebrava a vontade, que lhe debilitava as forças physicas. Crescera rapidamente o mal, fizera assustadores progressos em pouco mais de um anno. Agora aproximava-se uma crise, e ao nobre velho, olhando em roda de si, parecia não ver mão amiga que o soccorresse, voz que lhe désse palavras de consolação, uma opinião honrada e benevola que fizesse justiça ao seu caracter e não pozesse em duvida a sua probidade. A adversidade azedára de certo a alma de Carlos do Arnal, a ponto de nella poderem entrar ruins sentimentos. Esta duvida de tudo e de todos, mesmo da propria filha, era uma cruel ingratidão.

Onze annos, proximamente, havia que elle recebera do Brazil uma carta, em que se louvavam com grande encarecimento, mas em singelos e nobres termos, os seus talentos e sobre tudo a sua honradez e desinteresse: nessa carta Adriano Ramires, cuja era, a quem elle não conhecia nem de nome, confiava-lhe a administração e gerencia de uma somma avultada de contos de réis; recommendando-lhe, apenas, que a empregasse em compra de propriedades, sem lhe exigir nem caução nem declaração de especie alguma. «Onde ha por garantia, dizia a carta, uma probidade como a do dr. Carlos do Arnal, toda a segurança escripta é mais para enfraquecer do que para fortalecer a confiança. Ha homens que valem por si um thesouro, palavras que valem mais do que uma firma.» O advogado sentiu-se orgulhoso ao ler esta carta; e quando, mezes de-

pois, chegou Adriano Ramires a Portugal, logo com elle se ligou em estreita amizade. Adriano buscava por todas as fórmas tornar bem publicas as suas relações com o advogado probo e talentoso, e proclamava por toda a parte as excellencias do seu *intimo amigo*.

Annos depois formaram os dois amigos uma sociedade, para estabelecer uma fabrica de fiação n'um sitio não muito affastado do Porto, chamado Sancta Eulalia. Prosperou apparentemente a fabrica por alguns annos; mas nella se absorveram todas as economias penosamente accumuladas pelo Carlos do Arnal. Ás observações e perplexidades d'este acudia sempre o Adriano Ramires com promessas de inauditas prosperidades para um futuro proximo, se não faltasse animo para empregar na fabrica os indispensaveis capitaes. Como era o Adriano que administrava a fabrica, por intermedio de um agente seu, e este dava sempre contas e informações as mais satisfactorias, não podia o advogado deixar de ter confiança nas palavras e promessas do seu associado. Pouco a pouco, porem, com pretextos mais ou menos plausiveis, foi o Adriano Ramires retirando da fabrica parte dos fundos que lá havia empregado; apezar de crescer em vez de diminuir o seu rendimento, segundo as contas que o administrador dava já directamente ao Arnal. Um dia, emfim, sem prévio aviso ao advogado, e a pretexto de que tinha a pagar uns doze contos de réis a um tal Manuel Agueda, do Porto, passou a este o resto da sua parte na propriedade de Sancta Eulalia. Manuel Agueda, pouco depois, exigiu do Arnal que lhe entregasse os doze contos; porque, dizia elle, não desejava ser fabricante e tinha em que empregar melhor o seu dinheiro. Ás acerbas queixas do advogado, respondeu o Ramires com calorosos protestos de amizade, com extensos calculos para mostrar as probabilidades de sempre crescente lucro que na fabrica se davam, mas com a peremptoria recusa de tornar a associar se em tal empreza «porque, escreveu elle, era conveniente ao seu prezado amigo Carlos do Arnal ser o unico

possuidor de uma propriedade valiosa, com a qual podia dotar a sua boa e formosissima filha.» — Para adiar uma ruina que elle começava a receiar viesse a ser inevitavel, o honrado advogado tomou o grave compromisso de restituir, no prazo de um anno, a Manuel Agueda os doze contos de réis, assignando para isso uma lettra garantida n'uma escriptura de hypotheca.

A crise aproximava-se. Nos ultimos mezes a fabrica entrara em pavorosa decadencia. Era inevitavel a liquidação; os valores realisaveis quasi nullos; a ruina de Carlos do Arnal completa; e d'essa ruina o seu nome não sahiria immaculado, talvez, na opinião do mundo, sempre malevolo para todos aquelles que, por muito tempo, o assombraram pela rigidez do seu caracter e rectidão dos seus actos. O medo da deshonra cada vez mais angustioso, a vida de dia a dia mais cortada de desgostos e anciedades, os continuos sobresaltos, as incessantes e pungentissimas dôres, tudo passado no intimo e secreto amago de um espirito melancolico e retrahido, que não ousava confiar os seus segredos nem mesmo á filha, de quem só lhe podiam vir consolações efficazes, rapidamente destruiram a saude do pobre Carlos do Arnal.

O mal chegára porem ao seu auge: não podia já contel-o a alma attribulada do pae de D. Mathilde. Uma explicação com a filha tornára-se inevitavel, era certa; mas o extremoso pae hesitava ainda em perturbar a melancolia tranquilla, que ella parecia amar tanto, e em que se encerrára como em recinto sagrado, aonde não deviam chegar os importunos echos do mundo, e ainda menos as suas paixões, as suas alegrias ou as suas dôres vulgares e prosaicas. O proprio interesse da melancolica Mathilde estava, porem, exigindo que o Carlos do Arnal se resolvesse a quebrar um silencio que, por demasiado, se ia tornando em verdadeiro perigo. O receio da morte, entrando funebre e ameaçador no espirito do velho advogado, fez-lhe, como um clarão sinistro, ver a solidão e a pobreza em que a sua filha bem-

amada ia ficar no mundo. Com a idéa de que ella entrasse n'um convento se não podia elle conformar: não só porque as suas opiniões eram inteiramente contrarias a que fosse serviço de Deus o affastar do mundo, da vida de familia, a mulher, a quem a Providencia deu uma grande missão a preencher nessa harmonia da sociedade, que é uma das manifestações sublimes da omnipotencia do Creador; senão tambem porque, no seu coração de pae, elle tinha como um presentimento de que um dia, passadas as exaltações sentimentaes que um estado morbido do espirito havia produzido, a sua querida Mathilde sentiria talvez mágoa profunda de se ver na isolação, consumindo em vagos e mysticos arroubamentos os caudaes de pura sensibilidade que espontaneos lhe manavam da alma.

Elle, que nunca tivera ambição para si, tinha-a pára a filha. Queria-a rica e em elevada posição no mundo; podendo dar largas á nobre generosidade do seu coração; derramando a torrentes em torno de si, sobre a propria familia e sobre os desgraçados, a meiga bondade, a suave doçura de uma alma unida ao céo pela virtude, mas presa á terra tambem pelo sentimento da solidariedade humana; d'essa solidariedade entre todos, felizes e infelizes, grandes e pequenos, ricos e pobres, que é a religião do nosso seculo, que poucos ainda comprehendem mas que um dia ha de transformar o mundo.

Não ousava o Carlos do Arnal, força é dizel-o, fallar á filha na opportunidade, na necessidade urgente de se casar. Receiava affligil-a, e, demais, repugnava-lhe a idéa de que se podesse suppor, que elle sacrificava a filha ao seu proprio interesse. A suspeita mesmo de egoismo, não a podia o melindre do seu caracter supportar: e, comtudo, o perigo de se ver deshonrado era martyrio para que lhe faltavam forças. Perplexo, hesitante, entre sustos e esperanças, resolveu o pae de D. Mathilde abrir-se com José de Sousa, confiar-lhe os seus segredos e as suas angustias. Era por José de Sousa que o Arnal estava esperando no seu escriptorio,

— Muito obrigado, José de Sousa, pelo incommodo que teve em vir aqui agora — disse o advogado, quando viu entrar o seu amigo.

— Não tem de que me estar obrigado, sr. Carlos do Arnal — respondeu este singelamente.— Disse-me que viesse, aqui estou. Sabe que me tem sempre e para tudo ás suas ordens.

O Arnal ficou por algum tempo calado; e depois, como vencendo a repugnancia que o dominava, parou defronte de José de Sousa, que se assentára ao pé da janella, e disse com voz commovida:

— Estou velho e doente... Deus sabe se os meus dias estão contados...

— Ora, deixe-se de tristezas — interrompeu o Sousa, buscando tomar um tom jovial.

— Eu cá me sinto. Escute-me, meu amigo. Estou velho, doente... e pobre. Pouco... nada tenho, talvez, que deixar á minha triste Mathilde. Um d'estes dias posso morrer... — A gente não sabe quando lhe chega a sua hora. — E, quando eu já não estiver no mundo, quem ha de cuidar, quem ha de amparar aquella fraca menina... que da vida conhece só a tristeza, e nem sequer tem força para se deixar viver, se não cuidarem d'ella com carinho e brandura? — Limpando as lagrimas, que lhe escorregavam lentamente pelas faces, o desditoso pae proseguiu: — Tenho pensado, muito! em a casar: mas bem vê, José de Sousa, que nem se lhe pode fallar n'isso. Comtudo, offerece-se agora... um excellente partido: um homem rico, em elevada posição, honrado e bom. Seria, se ella quizesse casar-se, uma fortuna para Mathilde... e para mim tambem, que tiraria do coração este grande cuidado, em que me traz a incerteza do futuro.

Vendo que o Carlos do Arnal ficava callado, como esperando ouvir a sua opinião, o Sousa disse, não sem hesitação: — A sr.ª D. Mathilde é uma sancta menina. Minha mulher... — Bem sabe que a minha Carlota é boa e de

juizo! — minha mulher quer-lhe como se fôra sua irmã. Muitas vezes fallamos nós, um com outro, da menina Mathildinha, e a Carlota diz-me sempre: Olha, José, o que faz mal á minha Mathilde é... Deixa-me dizer-lhe tudo?

— Diga, diga.

— É o mimo com que o pae a tem tractado, deixando entranhar-se-lhe na alma... e nos nervos, aquella exaltação sentimental, que a faz viver para dentro. Agora é tarde para lhe acudir; porque, de mais a mais, a prima D. Benedicta... Eu não sei se diga tudo, porque emfim a minha Carlota, quando falla comigo só, abre-me o coração de par em par.

— Já lhe pedi, José de Sousa, que me dissesse tudo; tudo que pensa a sr.ª D. Carlota, que é verdadeira amiga da minha filha, e a conhece bem... melhor do que eu — acudiu o pae de Mathilde, sentando-se como para escutar com mais attenção.

— Diz minha mulher, que a Mathildinha tem como que uma especie de vaidade naquellas saudades; que julgaria fraqueza mostrar agora que podia consolar-se...

— O que me ia ha pouco dizendo da minha prima Benedicta? — atalhou o Arnal. — Que tem mettido em cabeça a minha filha que se faça freira, não é isso?

— É isso mesmo — respondeu o José de Sousa. — A sr.ª D. Benedicta é... uma das columnas da religião, á moda. E anda sempre n'uma roda viva; a metter-se em tudo, a... encaminhar homens e mulheres para o céo, a fazer e a desfazer casamentos... e testamentos.

— Está severo de mais, creio, com a Benedicta. Ella, coitada! anda naquillo tudo talvez de boa fé. — E o advogado ficou um pouco scismando, até que, pondo-se de pé, com um gesto de impaciencia, exclamou: — Anda... talvez de boa fé. Mas é certo que me tem mettido na cabeça á Mathilde que deixe o mundo, e se metta não sei em que congregação. Ainda não quiz profundar esse mysterio... Tenho tido medo d'elle.

— E com razão. A minha Carlota tem sabido tudo, pela

propria bocca da sr.ª D. Mathilde. Se não fôra o muito juizo que tem sua filha, sr. Carlos do Arnal, teria... fugido para França, para se fazer irmã de caridade, ou professar n'algum convento... não sei aonde. Apezar das suggestões e importunidades da sr.ª D. Benedicta, e de sua irmã, a sr.ª D. Barbara...

— Tambem minha irmã! — exclamou o advogado.— Assim me queriam pagar ambas o muito que lhes quero... São tudo desenganos!

— Não quizera ser causa de inimizades na sua familia, meu honrado amigo — disse, com extremo embaraço, o bom do José de Sousa.

— Não, não. Podemos fallar livremente... d'aqui nada transpira. Então ellas queriam que minha filha me deixasse... só e velho. Para que?

— Para alcançarem um triumpho sobre as cousas mundanas, dizia a D. Benedicta. O exemplo da sr.ª D. Mathilde, filha de um homem celebre pelo seu talento e saber, seria seguido por muitas outras senhoras; e assim cresceria o numero das servas de Deus, e augmentaria o thesouro dos pobresinhos...

— O thesouro dos pobresinhos não cresceria com o que minha filha levasse...

— Todos a julgam rica, bem sabe.

— Em breve saberão todos que é pobre — disse com um gemido o advogado.— Talvez m'a deixem agora... a minha filha!

— A sr.ª D. Mathilde terminantemente declarou, que não deixaria seu pae em quanto vivesse... Depois, se Deus não a chamasse primeiro a ella, iria esconder-se com a sua dôr n'uma clausura.

— Bem vê, José de Sousa, que é difficil fallar a Mathilde n'um casamento, tendo ella essas idéas. E, comtudo — accrescentou o Arnal — eu morreria com uma grande dôr n'alma se a deixasse desamparada, pobre, e com a certeza de que ella se condemnaria a uma eterna isolação. Não,

meu amigo, isso não pode ser. Procuremos persuadil-a a casar-se...

— Use da sua auctoridade de pae, e a sr.ª D. Mathilde não lhe resistirá — acudiu José de Sousa.

Estas palavras sobresaltaram o Carlos do Arnal, como se lhe houvessem suscitado um pavoroso pensamento, a que o seu espirito não estava preparado. Calou-se um instante, e depois: — Obrigar a minha Mathilde pela força!... Isso não — disse. — Convencel-a, convencel-a com brandura é o que é preciso. E para isso conto com o benevolo auxilio da sr.ª D. Carlota. É preciso convencel-a. Mais do que nunca é preciso convencel-a...

— Ha muito que a Carlota o deseja. Mas é bem difficil — observou José de Sousa. — Agora... ha quasi um anno, parece que está ainda mais apegada á sua saudade, a sr.ª D. Mathilde. Minha mulher diz-me ás vezes: — A Mathildinha anda como quem tem medo que lhe fuja uma cousa a que muito quer. Nunca a vi tão agarrada ás suas recordações... E sempre triste, e sempre a rezar, ou a fallar de que tem a alma morta para tudo. Por vezes parece-me, accrescenta minha mulher, que ella tem duvida em que os outros acreditem na realidade d'aquellas mágoas sentimentaes. Tenho ciumes d'ellas, eu, porque me roubam a minha Mathilde.

— E eu tambem, José de Sousa, tenho ciumes já d'aquelle morto por quem a Mathilde se esqueceu... Não esqueceu, não: a minha Mathilde não se esqueceu de mim. Ella quer-nos, a todos os que a amamos, muito: a mim, á sr.ª D. Carlota... e até á pobre Soledade, que ahi está em casa ha quasi um anno, como se fôra minha filha tambem. Estavamos quasi a dizer mal da Mathilde; e é injustiça, é. Veja como ella se tomou de amizade por aquella triste pequena, que nós encontrámos no Bussaco. Quando a viu só, e sem mãe, não a quiz mais abandonar... a minha boa Mathilde. Ella é um anjo, José de Sousa. Cuidemos de a fazer feliz. — E, reflectindo um pouco, proseguiu, como fallando comsigo proprio: — Quando ella tiver mais alguns annos e

uma familia para amar, então havemos de vel-a satisfeita por cumprir os seus deveres, feliz por estar em paz com a sua consciencia. O melhor, o mais completo prazer neste mundo é gozar paz de consciencia, e merecer... e ter a estima e o respeito dos homens... Nem sempre se consegue isto, mesmo não faltando nunca aos preceitos da mais severa probidade. Olhe, José de Sousa, é preciso que a sr.ª D. Carlota, tão amiga da minha filha e tão boa sempre para todos nós, queira ajudar-nos... a resolver a Mathilde...

— A que? — perguntou o Sousa, notando as hesitações do Carlos do Arnal.

— A casar-se com o meu amigo... amigo antigo e provado... Adriano Ramires.

José de Sousa deu um pulo na cadeira. — Adriano Ramires! — exclamou. — Um homem... de edade.

— Desprendida do mundo, como está, a minha Mathilde achará em Adriano um segundo pae. É do que ella precisa.

— Mas olhe, sr. Carlos do Arnal, que vai fazer de sua filha a irmã de caridade do proprio marido.

— O meu amigo Adriano, quando, o anno passado, veio a Lisboa como deputado e viu a minha filha, que conhecera ainda pequena — disse o velho advogado, não respondendo á observação do José de Sousa — mostrou logo por ella grande sympathia e amizade calorosa; mas nada me disse, que me podesse levar a crer que elle pensava em casar-se. Abriram-se as côrtes agora, o Adriano voltou a minha casa, viu a minha Mathilde, e... ha dois dias, claramente me deu a entender, que a sua maior ventura seria... alcançar a mão d'ella. Não m'a pediu, em regra; mas de um homem como o Adriano Ramires basta uma palavra. Eu julgava ter razões de queixa do meu amigo Adriano — proseguiu o Arnal, prevenindo uma objecção que lhe parecia estar lendo na cara de José de Sousa. — Por causa d'elle empreguei todo o fructo das minhas economias... o que era de Mathilde, na fabrica de Sancta Eulalia. Com a ruina da fabrica inevitavel era a minha ruina; mas o casamento

da minha filha pode salvar tudo. Eu não posso nem sequer pôr em duvida se o Adriano, que conhece a fundo os meus negocios, resolverá todas as difficuldades... que até põem em perigo o meu unico thesouro hoje... a honra do meu nome.

Convulso, angustiado, pallido e como suffocado, cahiu quasi sem alento o valetudinario advogado sobre uma cadeira. Aquellas palavras haviam-lhe custado a soltar da bocca, porque o seu coração, grande e nobre, não as approvava todas. Parecia que a razão estava a querer-lhe convencer o coração, e que este, levado por um invencivel presentimento, repellia quasi indignado as suggestões da razão.

—Tudo contarei a Carlota—disse, depois de breve pausa, o José de Sousa.—Ella ha de fazer quanto podér para conseguir a felicidade da sr.ª D. Mathilde. Mas bem sabe que minha mulher se guia sempre pela sua cabeça; e que ninguem a faz mudar de proposito, uma vez que se persuada que cumpre um dever ou serve alguem a quem ella seja affeiçoada. Eu, por mim, nunca vou contra a vontade da Carlota. Aqui para nós, sr. Carlos do Arnal, creio mais nella do que em mim proprio.

XV

UMA LEITURA COM COMMENTARIOS

Tem as mulheres o mysterioso condão de imprimir em tudo que as cérca o cunho da sua individualidade; de se retratarem, por assim dizer, de revelarem ás vezes os mais intimos segredos do seu caracter até nas minimas cousas que em torno de si dispõem, para maior graça e ornato dos seus aposentos. Era assim que na salinha de trabalho de D. Mathilde se estavam vendo a simplicidade do caracter, a serenidade do espirito, a melancolia do coração, as romanescas aspirações amorosas de uma alma candidissima, temperadas por um vago ascetismo; todo esse composto, emfim, de suavidades, de tristezas, de desejos sem esperança, de anhelos sem destino, de saudades amadas e de consolações repellidas, que faziam da formosa filha de Carlos do Arnal o dulcissimo ideal da dònzella casta, que em si esconde, em innocente segredo, divinas harmonias.

Deliciosamente impregnada do perfume mimoso das flores, seu mais esplendido ornato, a sala de Mathilde era de uma graciosa e artistica simplicidade. Os moveis de madeira negra e polida como marmore, apenas realçada por leves embutidos dourados, eram todos estofados de seda violeta

e branco-perola. Nas janellas tudo eram plantas raras, que maravilhavam ou pela belleza de fórma e matizadas côres das folhas ou pelo mimo e fragrancia das flores; umas grupavam-se nas jardineiras como em jardinsinhos encantados, outras trepavam em linhas tortuosas, e cahiam em festões por entre o cortinado de seda. A um canto da sala um piano aberto, posta na estante uma melodia de Mendelssohn. Na parede um quadro antigo de pintor hespanhol, representando uma Virgem no estylo de Murillo. Sobre uma pequena secretária, toda embutida de ouro e tartaruga, entre jarras de flores um formoso crucifixo de marfim, que podia considerar-se ou como primoroso objecto d'arte, ou como imagem de grande devoção. Sobre a larga meza de serão um immenso e precioso prato de porcellana, onde as mais formosas e variadas flores abriam, livres de toda a compressão e em desordenada competencia, as suas perfumadas e graciosas corollas: albuns com desenhos de valor: algumas aquarellas por acabar, representando paizagens tristes, e em que se revelava o habito de conviver com a natureza: um bordado de flores a matiz, onde apenas estava acabada uma saudade: emfim alguns d'esses nadas, que são recordações umas vezes, outras apenas vestigios de um capricho que nasceu e morreu sem se saber por que.— Um candieiro de bronze, collocado no centro da meza de serão, as luzes do piano, e dois castiçaesinhos postos de cada lado do crucifixo illuminavam a sala.

A D. Mathilde tinha acabado de tocar, mas estava ainda assentada na cadeira do piano; olhando vagamente para as flores, para o crucifixo, e para D. Carlota, que, ao pé da meza, ensinava a Soledade a fazer certo ponto n'um bordado que tinha nas mãos. A filha de Carlos do Arnal, pallida sempre como a idealisação da melancolia, parecia ter comtudo agora uma expressão menos vaga, menos triste do que um anno antes; podia notar-se-lhe talvez nos olhos suavissimos, e mesmo em toda a physionomia, menos frouxidão, menos debilidade, uma expressão um pouco mais

definida, revelando uma vontade mais energica. Estava a formosa Mathilde mais pensativa do que triste. Via-se, porem, que uma exaltação intima, quasi febril, que a vontade buscava comprimir e recalcar no fundo da alma, era a causa d'aquella morbida contensão d'espirito. D. Carlota era sempre a mesma: serena como a bondade; alegre como a luz; pura e transparente como um céo sem nuvens.

Em quem a metamorphose era completa, era na interessante cabreira do Bussaco, na graciosa Soledade. A criança tornara-se mulher, e mulher formosa. A magreza, consequencia da miseria e das privações, tinha desapparecido; as fórmas haviam-se arredondado em curvas graciosas; a pallidez morbida trocara-se no branco puro do marmore pentelico, animado por suave colorido, tenue reflexo da vida que renascera naquella organisação profundamente deteriorada pelos soffrimentos. Era triste ainda o sorriso, mas não transparecia nelle, como d'antes, a angustia de quem se sente abandonada, desprotegida e só. Os olhos tinham maior brilho; o verde d'*agua-marinha* que nelles se admirava havia adquirido uns reflexos luminosos, que moviam á curiosidade. O que, porem, se tornara prodigioso eram os cabellos: abundantes, voluntariosos, indomitos, louros e brilhantes como fios de ouro, resaltavam-lhe em torno da cabeça, assombravam-lhe a fronte, encobriam-lhe em parte o collo gracioso, formavam-lhe uma esplendida corôa, de cujas ondulações desalinhadas a luz lançava vivos reflexos. Vestia singelamente de seda preta; um estreito cabeção branco e sem bordados e punhos egualmente singelos davam-lhe comtudo singular relevo áquella modestissima *toillete*, porque faziam sobresahir as bellezas da sua cabeça esculptural, e a pureza de fórma das mãos admiravelmente modeladas. A não ser na modéstia quasi timida das suas palavras e modos ninguem de certo reconheceria naquella formosa menina a pobre Soledade, a triste cabreirinha do Bussaco. Todos em casa de Carlos do Arnal a tractavam como senhora; só ella se considerava sempre como uma

orphã humilde, que buscava pagar com os seus serviços o pão e a educação que devia á caridade. Attenta ao que lhe dizia D. Carlota e buscando seguir-lhe os preceitos, levantava comtudo de instante a instante os olhos para D. Mathilde, com uma expressão de sollicitude, de meiguice, de ternura, que revelava os thesouros de gratidão e de apaixonada amizade d'aquella alma, que as circumstancias haviam como subitamente aberto a todos os sentimentos grandes, a todas as nobres paixões.

— Já sei — disse ella, depois de mostrar que fazia com destreza e perfeição o que a D. Carlota de Sousa lhe estivera ensinando.

— É sempre assim — disse D. Carlota. — Quasi que nem dá gôsto o ensinar-lhe cousa alguma, Soledade. Esta rapariga não aprende; adivinha!

— Nem quer que eu lhe agradeça a sua bondade? — perguntou a Soledade, com um sorriso.

Seguiram-se alguns minutos de silencio; até que, levantando-se, D. Carlota foi dar um beijo na pensativa Mathilde, dizendo-lhe em tom de benevola queixa:

— Já é de mais, tanto scismar! Pois vem aqui a sua amiga; ouve-lhe tocar, sem abrir a bocca, um d'esses plangentes *romances sem palavras* do seu querido Mendelssohn, e quando ella esperava a paga da sua resignação, nem se quer lhe dá um ar da sua graça!

— Estavas tão entretida com a Soledade! — respondeu a D. Mathilde.

— Que foi a menina aproveitando o tempo para os seus intermínaveis devaneios. Pois olha que tenho hoje que te mostrar uma cousa curiosa, e que muito te ha de lisongear. Já anda o teu retrato pelos periodicos, minha Mathilde.

— Como assim?

— De certo. Não ha enganar-se: os retratos que vêm neste folhetim do sr. Ribaldeira são os nossos.

— A que proposito se lembrou elle de nós... esse homem? — acudiu a D. Mathilde. — Quasi que o não temos visto

dês que viemos, vai fazer agora um anno, do Bussaco...

— No theatro, ha oito dias, quando lá estivemos, veio elle ver-nos ao camarote. Não te lembras? Não foi dignamente recebido, o vaidoso litterato. Tu, Mathildinha, estavas distrahida, como sempre: a nossa Soledade era toda curiosidade, toda encantamento, toda enthusiasmo pela musica: eu, tive vontade de me rir d'aquelle fôfo estafermo... e ri-me. O odio velho do litterato reverdeceu. Bem sabes que o D. Antonio d'Almada nos disse um dia, que o Ribaldeira nos tinha em má conta por o não termos comprehendido, nem apreciado os seus talentos, quando tivemos a ventura de estar com elle no Bussaco. Reverdeceu aquelle odio, e por isso nos flagellou no seu folhetim.

— Estás-me fazendo curiosidade — disse Mathilde, indo sentar-se ao pé de D. Carlota e de Soledade.

— A mim não, a mim não me faz curiosidade — disse esta com voz ligeiramente convulsa. — Não gósto d'aquelle homem. Tractou-me mal, quando eu... pobre cabreira do Bussaco, fallei da minha infeliz mãe, que estava a expirar.

— Não merece tomar-se a serio... o Ribaldeira, querida menina — acudiu a D. Carlota, passando familiarmente a mão pelos louros cabellos da Soledade. — Os homens assim são para rir...

— Serão, minha senhora... noutras occasiões; mas naquella!... ainda cá dentro me dóe.

Tirou a D. Carlota um periodico da algibeira, e abrindo-o sobre a mesa: — Espero que esta seja occasião para nos rirmos, e não para dar importancia ao que não a merece — disse, buscando distrahir com o seu tom jovial as tristezas das suas duas companheiras. — É curioso o ver até onde pode ir a vaidade dos homens: assim podemos, nós as mulheres, reconhecer modestamente que valemos muito mais do que elles. Chamam-nos vaidosas porque gostamos de enfeites, porque cuidamos em nos fazer bonitas... Pois para quem é que fazemos isso tudo? Para esses ingratos,

que nem sequer comprehendem os nossos actos... de abnegação. Estão dispostas a ouvirem sem se zangar? Diz lá, Mathilde?... E a nossa menina melindrosa tambem promette não se agastar com o que neste folhetim se diz d'ella?...

— De mim! — exclamou a Soledade com sobresalto.— Pois esse homem pensou n'uma pobre rapariga... como eu? Que lhe faria eu para elle me querer mal?

— Não lhe quer mal, não: pelo contrario. Vão ouvir. É uma semsaboria, mas serve para passarmos o tempo. A descripção do theatro... da Opera não se lê. Vamos ao que importa.— E a D. Carlota começou a ler:

— «As mulheres estudam ao espelho o caracter que hão «de ter, para que diga bem com a sua physionomia: escolhem o caracter do mesmo modo por que escolhem a côr «da fita e a fórma dos ornatos com que enfeitam os cabellos. São negros os cabellos, pallida e quasi morena a tez, «despedem os olhos raios ardentes, curvam-se os labios «n'um riso desdenhoso, franze-se a testa em graciosas linhas aproximando as sobrancelhas revoltas? Então põe a «mulher na cabeça uma corôa côr de fogo, e toma um caracter duro e sarcastico. Se as linhas do perfil são puras «e correctas, se é a côr da pelle como a do marmore estatuario, se a bocca exprime o orgulho, e os cabellos côr «da noite desenham na fronte uma curva magestosa, coroa-se «a mulher com um diadema em que se entretecem alguns «ramos de carvalho, e orna-se com um caracter de deusa «Minerva.»

— Até aqui não vejo para que nos estás lendo isso, Carlota — interrompeu a D. Mathilde.— Nenhuma de nós é, nem deusa Minerva, nem mulher de caracter duro e sarcastico...

— Agora chegam os nossos retratos, querida. Começa pelo meu a galeria. Vê se está parecido.— E D. Carlota proseguiu na leitura: — «Ha mulheres buliçosas que crêem «ter azas para voar, mas em espirito, de assumpto para «assumpto, de sentimento para sentimento... de paixão para

«paixão não dizemos, porque taes mulheres não souberam «nunca o que isso era: ora, se tem bonitos dentes para «mostrar quando riem, e uma voz que sabe, variando de «modulações, exprimir os multiplices cambiantes d'esses «fingimentos convencionaes, que a sociedade tem a hypo«crisia de acceitar como sinceras manifestações do coração, «se, alem d'isso, podem apparentar uma facil virtude, que «apenas é prova da frieza da sua compleição e nada mais, «essas mulheres adoptam um caracter franco, aberto, mas«culino, e dizem tudo que lhes vem á bocca, dando-se ares «de superioridade, que servem para encobrir a falta de in«telligencia e a ausencia de coração que fundamentalmente «as distinguem.»

— A minha sr.ª D. Carlota — disse com indignação a Soledade — crê que esse Ribaldeira a quiz retratar em taes palavras?!

— Porque?... Não julga parecido o retrato, Soledade?

— Não brinque com uma cousa tão séria, minha senhora — acudiu, exaltando-se mais a Soledade.— Dizer cousas assim, de uma senhora tão boa! Bem me disse logo o coração que de tal homem não podiam vir senão maldades!

— Vamos, Soledade, não se exalte; e escute. De si não diz o Ribaldeira mal.

— Que me importa, se o diz das minhas queridas protectoras! — E beijou as mãos de uma e outra das suas duas amigas.

— Está-me parecendo melhor pôr termo á leitura, Carlota — acudiu a D. Mathilde.— Não ha prazer nenhum em ouvir d'essas impertinencias.

— Talvez tenhas razão, querida — respondeu a D. Carlota; — mas agora que li já o meu... elogio, não posso deixar de lhes ler os seus.— E proseguiu: — «Nem em todas «as mulheres o caracter artificial, o caracter tomado como «ornato moral e physico é uma completa hypocrisia. Algu«mas têm propensões de espirito e de coração que se har«monisam com a sua physionomia, e com os factos da sua

«vida; como se a natureza e o destino se houvessem asso-
«ciado para dar, aos phantasiadores e aos poetas, util lição
«na arte de crear typos romanescos. Supponha o leitor que
«das serras agrestes foi trazida para um jardim, e posta
«entre flores que a cultura transformou em monstruosida-
«des mais ou menos esplendidas ou mimosas, uma planta
«do mato, singela de fórmas, de florescencia exuberante
«mas desgrenhada, de folhas verdes e viçosas mas escon-
«dendo espinhos, e exhalando perfume penetrante mas acre
«e quasi deleterio; e diga-me, se irresistivel curiosidade o
«não levaria a buscar, entre todas, aquella planta selvagem
«para lhe estudar os intimos segredos da organisação, e
«descobrir nella essa graciosa espontaneidade que a cul-
«tura faz perder ás plantas que transforma, tirando-lhes a
«singeleza, destruindo-lhes os naturaes encantos? A filha
«dos matos, flor ou mulher, não pode perder subitamente
«os seus caracteres agrestes. Por mais que a queiram dis-
«farçar, transformar e confundir com os productos da civi-
«lisação, lá está sempre a aspereza, lá estão os espinhos e
«os acres perfumes para lhe descobrirem a origem e lhe
«revelarem a rude natureza. Se me não prezasse de dis-
«creto, poderia eu agora dizer ao leitor em que jardim se
«acha uma planta *alpina,* cujo estudo eu quizera empre-
«hender, apezar mesmo do susto que me causam os seus
«espinhos agudos e emanações *virosas.*»

— Está contente, minha flor do mato? — perguntou, rindo, D. Carlota.

— Eu? — disse a Soledade com acanhamento. — Bem do mato sou; e, sem que m'o digam, sei que não é o meu logar aqui.

— Com a Soledade não se pode brincar. Não o sabes, Carlota? — observou a D. Mathilde. — Está sempre... séria; como se não quizesse acceitar de todo a nossa intimidade.

— Recebo-a, minha sr.ª D. Mathilde — respondeu gravemente a Soledade — com gratidão, com respeito, com um sentimento intimo que não posso... que não sei exprimir.

—Mas eu quero-te para amiga... como a minha Carlota o é.

—Mais do que a sr.ª D. Carlota não posso eu ser sua amiga. Mas nesta minha... devoção, sr.ª D. Mathilde, ha um contentamento que nada pode egualar, o de lhe dever tudo.—E, depois de um curto silencio, a Soledade exclamou em voz profundamente commovida:—Queira Deus que eu não possa nunca ser accusada de ingratidão! Morreria de dôr e de vergonha.

—Foram feitas uma para a outra!—exclamou a D. Carlota por seu turno.—Sentimentaes, e tecendo a vida de imaginarios desgostos!—As duas suspiraram, como opprimidas pelo pezo de tão injusta censura.—Pois ahi vai agora o castigo dado ao sentimentalismo pela severidade do Francisco da Ribaldeira. «Mulheres ha—proseguiu ella, lendo «—que julgam ser o sentimentalismo o seu melhor, ou «antes o seu unico ornamento. Essas, não prendem quasi «os cabellos para que lhes cáiam ondeantes pelos hombros; «cruzam as mãos, baixam os olhos, e não deixam sequer «abrir-se-lhe o riso na bocca, para imitarem assim as es«tatuas dos tumulos. Têm, essas mulheres sentimentaes, «sempre um morto por quem chorem, uma saudade para «as consumir, uma dôr eterna que as desprenda do mundo. «Não escutam o que se lhes diz, porque estão sempre a «ouvir as queixas plangentes de uma alma do outro mundo, «que por toda a parte as acompanha. Não podendo com«prehender o espirito dos vivos, fingem estar em intima «convivencia com o espirito dos mortos...»

—Não leias mais—interrompeu a D. Mathilde com impaciencia.—Que mal faria eu a esse homem?

—O mesmo que eu lhe fiz, querida—respondeu a leitora.—Não lhe lisongeámos a vaidade. Tu estiveste triste, a Soledade distrahida, eu alegre de mais... todas deixámos passar, sem a admirar, a sua vaidosa insignificancia.

A filha do Carlos do Arnal guardou um momento de silencio, e depois, com uma expressão triste, que não condizia

com a futilidade do assumpto com que a sua amiga a buscara distrahir, disse: — É impossivel para mim o viver neste mundo! Nada é sagrado á critica mordaz, que de tudo murmura e de tudo escarnece. Nem a tristeza que se esconde, nem as lagrimas que se occultam para não perturbar as alegrias do mundo, são permittidas aos infelizes. Suppõem vaidade a melancolia, hypocrisia as saudades, e as lagrimas um ornamento dos olhos. Carlota, a vida assim não a posso eu supportar. Quero para sempre afastar-me do mundo... ir-me para onde a minha tristeza não offenda ninguem!... — Cedendo a um movimento de subita irritação, a D. Mathilde exclamou: — Quem me déra achar socêgo para esta excitação moral... e physica, que me consome as fôrças, e me perturba a serenidade da alma!

Um tal impulso de impaciencia, de colera quasi, na sua amiga, sempre tão branda e resignada, causou grande extranheza á D. Carlota.

— Nunca julguei, menina, que te incommodassem os desconcertos de um vaidoso irritado — disse ella. — Que te importa o que de ti pensa um Francisco da Ribaldeira?

Sempre impaciente, a D. Mathilde respondeu, batendo com a mãosinha trémula sobre a mesa: — O que elle pensa, nada; mas o que elle escreve importa-me... porque alguem o póde acreditar. — Ao soltar estas ultimas palavras subiu-lhe ás faces um subito rubor. D. Carlota sorriu-se; a Soledade, trocando involuntariamente com ella um olhar de intelligencia, sorriu-se tambem. Instantes depois — dizendo que ia ver se nos quartos do sr. Carlos do Arnal estava tudo arranjado para quando elle viesse — Soledade sahiu da sala.

— Ninguem crê no que se diz de ti neste papel. Ninguem — disse depois de um longo silencio a D. Carlota, pegando nas mãos da sua amiga. — Olha, Mathilde; todos... os que podem adivinhar que falla de ti o Ribaldeira, te conhecem melhor do que elle, e sabem que tens o caracter muito elevado, a alma muito pura e leal, para poderes fingir... para quereres illudir ninguem. Mas escuta, minha

boa amiga — accrescentou, dando á voz inflexões insinuantes e meigas — o que me parece, a mim que te quero muito, é que deves pôr um termo a este lucto do coração... Não te digo que esqueças o passado, mas aconselho-te a que penses no futuro.

— Já te disse, Carlota, que hei de estar com meu pae em quanto Deus m'o conservar. Mas, se o perder um dia, então, como nada me prende ao mundo, irei esperar, no silencio de um convento, o fim dos meus tristes dias.

— Sabes tu, Mathilde — acudiu D. Carlota — que essa idéa é uma angustia para teu pobre pae? Diz elle, e tem razão, que tu és muito nova para te poderes assim afastar do mundo, sem lhe deixares saudades e sem levares em ti recordações que mais tarde te hão de fazer soffrer. Está doente, abatido, e velho, teu pae... e o seu maior desejo é vér-te protegida contra as eventualidades da vida...

— Bem vês que me não posso casar... — interrompeu com precipitação a D. Mathilde.

— Não vejo não, querida: antes creio...

— O que?

— Creio que darias, casando-te, uma grande consolação a teu pae; e que o deves fazer.

— Carlota! — disse a Mathilde em tom de queixa. — O que meu pae não teve animo ainda para me dizer... por ter dó de mim, vens-m'o tu recommendar agora como um dever de filha! Por vezes meu pae tem-me, como a pezar seu, dado vagamente a entender que desejaria ver-me casada... com um protector e um amigo... mas não mostrou nunca querer-me impôr a sua vontade, nem sequer sobresaltar-me.

— É triste dizer-t'o, Mathilde; mas, embora tu m'o leves a mal, hei de fallar-te a verdade inteira. Teu pae consome-se com a idéa de morrer deixando-te só no mundo... e... a sua saude está deteriorada; tudo a pode fazer perigar. Sabes porque elle te não tem confiado o segredo mais intimo da sua alma? Vou dizer-t'o, minha querida amiga; e

perdoa-me se te faço soffrer. Teu pae, tão bom, tão nobre, tão virtuoso, receia que tu o não comprehendas...

— Como! Que dizes, Carlota? — exclamou com viva anciedade a filha de Carlos do Arnal.

— Não te afflijas, querida. Teu pae não te ama, adora-te...

— Bem n'o sei: mas... o que significa...

— Socega — acudiu a D. Carlota, buscando mitigar a impressão que as suás palavras haviam produzido.— Eu não exprimi bem o meu pensamento. Queria apenas dizer, que teu pae receia que tu não comprehendas o sentimento de pura sollicitude pela tua felicidade, que o leva a desejar ver-te casada... preoccupada, como estás, pela idéa de entrar n'um convento, e por essa saudade... a que tanto queres.

Houve uma larga pausa nesta conversação melindrosa e difficil para ambas. Anciosa, e em luta com os seus proprios pensamentos, a D. Mathilde guardava silencio, como temendo que as suas palavras mostrassem o que ella a si mesma não ousava confessar; duvidas e esperanças. Duvidas ácerca da sua fidelidade ao passado: esperanças, mal definidas ainda mas suaves e amadas já, de felicidade no futuro. A D. Carlota, não podendo interpretar o silencio da sua querida Mathilde, receiava havel-a offendido; e calava-se para não irritar susceptibilidades e melindres que respeitava, apezar de os reputar o resultado de uma sensibilidade exaggerada. Foi a filha do advogado quem primeiro rompeu o silencio; e fel-o como se estivesse respondendo aos seus proprios pensamentos.

— O casamento—disse—deve ser um martyrio quando o amor... um amor profundo, sublime, o não purifique, o não levante acima das vulgaridades do mundo.

Destruidos os receios que lhe assaltavam o espirito, não pôde a D. Carlota deixar de sorrir-se ao ouvir esta phrase de D. Mathilde, que era quasi uma confissão do que nella se estava passando. Julgou opportuno proseguir na conversação, dando-lhe uma direcção mais definida.

— Diz-me cá, minha querida Mathilde, tu nunca suspei-

taste qual era o homem com quem teu pae mais desejaria ver-te casada?

Esta pergunta inopinada perturbou profundamente a D. Mathilde. Mudou de côr, levou ambas as mãos á cara como para sacudir de si um triste pensamento ou afugentar uma visão má, e depois disse, em voz convulsa: — Com Adriano Ramires, com o seu amigo... intimo, como elle lhe chama, é que, supponho, meu pae me quer casar.

— Para que tu tenhas um amigo tambem, é que elle te quererá casar com o Adriano Ramires. É muito rico, dizem; e bom homem, dizem tambem. Hoje está deputado, e em breve será visconde.— Estas palavras pronunciou-as lentamente a D. Carlota, estudando na physionomia da sua amiga o effeito que ellas produziam. Foi doloroso o effeito: porque as lagrimas rebentaram, violentas e precipitadas, dos bellos olhos da D. Mathilde. — Não chores, meu anjo — proseguiu então carinhosa e enternecida — não chores, que teu pae não quer senão a tua felicidade.

— Que me deixe então viver só, e morrer em paz — acudiu suffocada a triste menina.

Com blandicias e beijos conseguiu por fim D. Carlota acalmal-a. Quando a viu mais socegada disse-lhe: — Não dês um grande desgosto ao teu velho pae, Mathilde; não lhe repitas o que me disseste agora a mim. Olha que elle traz no coração um funebre presentimento de morte; e uma grande dôr pode matal-o.

— Jesus, meu Deus! Então que hei de fazer?... Casar-me com... aquelle homem. Eu odeio-o, Carlota.

— Não, com elle não te deves casar. Confia no amor de teu pae, que é immenso. Esperemos.

— E depois?... — perguntou a filha de Carlos do Arnal, com anciosa e infantil curiosidade, no meio mesmo da sua angustia.

— Depois — respondeu-lhe a sua amiga acariciando-a — resignar-te-has...

— A que... a que me hei de resignar?

— A escutar o teu coração... ás horas mortas da noite, para ver se elle murmura baixinho algum nome.

A formosa Mathilde córou, e deu um beijo na bocca da sua imprudente amiga, como para a fazer calar. Neste momento entrou na sala a D. Barbara, com um cestinho de costura pendurado de um dedo da mão esquerda, um rolo de panno debaixo do braço, e uma palmatoria com vela acesa na mão direita.

— Ora, parecem mesmo duas pombinhas — disse a beata em tom agri-doce.— Se as incommódo vou-me embora. Vejam lá.

— É sempre bem vinda a sr.ª D. Barbara onde ha meiguice e carinho — respondeu a D. Carlota, no mesmo tom.

— Então para aqui venho com o meu serão. Hei de estar por pouco tempo; porque ainda esta noite hei de sahir.

— Onde vai, tia Barbara? — perguntou a D. Mathilde.

— A casa da nossa prima Benedicta, onde já hoje estive — respondeu a tia Barbara, sentando-se e pondo a luneta. — Ha grandes novidades, Mathilde; grandes novidades... e a que a menina não é estranha.

— E quaes são, tia, essas novidades?

— Por em quanto não t'as posso dizer, sobrinha.— E a beata poz-se a coser, sem dizer mais palavra.

XVI

FALAS DE AMOR

Não pôde a faminta curiosidade da sr.ª D. Barbara encontrar pabulo na sala de sua sobrinha; porque tanto esta como a sua amiga D. Carlota guardaram silencio imperturbavel, mostrando-se muito occupadas e entretidas nos seus lavores. Não ha nada que impaciente uma velha curiosa como o silencio; sobretudo quando ella propria — como naquella occasião acontecia á irmã de Carlos do Arnal — sente um segredo a titilar-lhe a guela, a provocar-lhe a lingua, e se julga na necessidade de emmudecer pelo receio de que seus instinctos chocalheiros a compromettam.

Ao cabo de meia hora já a beata se não podia conter; parecia-lhe que rebentava se não fallasse.

— Onde está a Soledade? — perguntou. — Quasi que a não vi hoje, em todo o dia. A menina, a menina querida d'esta casa, não gosta de mim, bem o sei. Quer só quem lhe faça mimos; como se fôsse uma princeza. — E, como ninguem lhe respondesse, começou a D. Barbara, em soliloquio, um longo aranzel contra a Soledade, a quem ella não podia tragar. A senhoril cabreira era, no dizer de D. Barbara, uma preguiçosa, uma delambida, que se não lem-

brava da sua posição, nem de que por esmola estava naquella casa. Sendo uma rapariga «de pé descalço» andava agora toda vestida de sedas, como se fôra uma menina bem nascida; e até já fingia de sentimental, para melhor dominar o espirito da sua sobrinha, que só gostava de cousas exquisitas, e de gente choramigas. Ella, a D. Barbara, que tinha vivido muito com gente ordinaria, como uma das socias visitadoras que era da *associação dos misericordiosos*, bem sabia aonde se chegava por aquelle caminho por onde ia a Soledade. Já lhe não faltavam motivos para desconfiar de que andavam alli, n'aquelles esconderijos onde a protegida de Mathilde se occultava da vigilancia da beata, mysterios que um dia haviam de surdir, quando menos se esperasse. E, depois de discorrer por muito tempo ainda neste sentido, concluiu a D. Barbara, cançada e impaciente, a sua malevola declamação, pelo seguinte epiphonema: — Aquella ainda ha de dar bom burro ao dizimo!

— Seja mais *misericordiosa*, sr.ª D. Barbara — observou acremente a D. Carlota. — Lembre-se de que é socia visitadora da... confraria, que tem por preceito praticar obras de misericordia, e não degolar os innocentes.

D. Barbara fez-se vermelha como um pimentão, abriu a bocca para falar, mas engasgou-se; fechou com máo humor o cesto da costura, tirou a luneta que quebrou, pegou na palmatoria com luz que tinha defronte de si, e, pondo-se de pé, gaguejou por fim, quando ia a sahir... uma simples phrase de despedida. A beata tinha muito medo da rude franqueza de D. Carlota de Sousa, para querer com ella romper hostilidades.

Estava já a levantar o resposteiro para se ir embora, quando a porta que dava para a sala principal da casa se abriu, e um creado deu entrada, depois de os haver annunciado, a D. Antonio d'Almada e Luiz de Mello. D. Mathilde sobresaltou-se, e córou: D. Carlota fez um movimento, como se quizesse fixar melhor a attenção no lavor que tinha entre

mãos: D. Barbara estacou, e estendeu o pescoço como cão que fareja caça.

O apparecimento d'aquelles dois homens não era frequente n'aquella casa, apezar de alli os attrahirem os mais affectuosos sentimentos. Durante um anno o D. Antonio d'Almada tinha apenas visitado o Carlos do Arnal e sua filha umas cinco ou seis vezes, e outras tantas a D. Carlota de Sousa: o Luiz de Mello tinha vindo como medico prestar os seus cuidados a D. Mathilde e ao pae, mantendo sempre a maior reserva ácerca de tudo o que não era o especial fim das suas visitas.

Perdida a eleição, D. Antonio, para occupar a sua actividade, fez uma viagem d'alguns mezes pelo oriente. Não lhe havia causado mágoa o não sahir deputado; mas, na sua alma energica e cheia de rectidão, houve um momento de indignação, não porque julgasse grande injustiça não o haverem eleito, mas por ter o suffragio elevado ao parlamento um homem, cuja fortuna era um mysterio, cujas intenções deshonestas elle conhecia, e a quem quasi todos os eleitores accusavam severamente em segredo, e louvavam com ostentação em publico. Á indignação momentanea succedeu um profundo sentimento de asco pelo eleito, e de desprezo pelos eleitores. A este motivo, que lhe fez nascer o desejo de se afastar por algum tempo da patria, junctou-se outro não menos ponderoso; ainda que o D. Antonio o não ousasse formular de um modo claro no seu proprio espirito. Havia elle acceitado, quasi com alvoroço, a amizade que D. Carlota lhe offerecera, e recalcado no coração com resignação heroica as primeiras erupções de uma paixão, cujos impetos assustariam uma vontade menos energica, uma alma menos provada nas lutas da vida do que a sua; era-lhe comtudo necessario, sentia-o elle, consolidar a sua resignação, tornar inabalavelmente calmo o seu espirito, para poder acompanhar, sem se lhe revoltar o egoismo, a sua graciosa e sensivel amiga D. Carlota na seductora empreza de fazer

felizes dois entes que a ambos lhes eram caros. Prolongou-se a viagem por alguns mezes; e, á volta — que fôra poucos dias antes d'aquelle em que se passaram os successos que vamos narrando — foi o D. Antonio visitar a sua boa e sincera amiga.

Soube então da bocca de D. Carlota ser de urgencia o tomar resoluções energicas, para poder livrar o Luiz de Mello do perigo de perder para sempre a sua adorada Mathilde. Soube como haviam crescido de dia para dia as angustias do Carlos do Arnal, e se aproximara uma crise grave, a que era preciso acudir para salvar a honra e talvez a vida do velho advogado. Soube, emfim, a disposição em que estava este de conceder a mão de sua filha ao Adriano Ramires, e o como esperava, directa e indirectamente, convencer a D. Mathilde a acceder aos seus desejos: não só para assim lhe dar um amigo e um protector, senão tambem para salvar a sua fortuna e mais ainda a propria honra, que julgava gravemente compromettidas.

Foi procurar, logo que sahiu de casa da D. Carlota, o seu amigo Luiz de Mello. Contou-lhe em breves termos tudo que soubera; e, vendo a profunda mágoa que taes novas lhe causavam, tractou de o consolar e de lhe pôr no coração a esperança e com ella a energia para a luta. Aquella alma, fortemente temperada, do illustre medico sentia-se sem forças, em face de tão grande perigo para o seu entranhado amor por Mathilde. Para elle, aquella casta e melancolica donzella era como mimoso sonho do espirito, ou como aerea e tenuissima visão, que n'um instante se esvae e desapparece. Receiava sempre perdel-a, e este receio tornava-o pusillanime, ás vezes até ao desalento.

— Sinceramente t'o confesso, meu caro D. Antonio — dissera por fim o Luiz de Mello: — se não fôsse invencivel este amor, fugia para longe de Lisboa, para onde não ouvisse mais fallar em Mathilde. Não posso, não posso fugir d'ella... e cada vez lhe quero mais, apezar d'aquella fria indifferença que de dia para dia vai crescendo. É uma profunda

doença do espirito e do coração, aquella que assim paralysa todas as faculdades sensitivas de uma organisação tão primorosa. E não é só o moral que padece; a constituição physica deteriora-se tambem. Ha na suave e candida Mathilde agora umas agitações febris, umas excitações nervosas que eu não sei definir. N'outra mulher diria eu que eram as primeiras vibrações intimas de um amor nascente. Essas vibrações, nas mulheres inexperientes, fazem-se ás vezes sentir muito antes que ellas saibam interpretal-as; como expontaneas manifestações de uma exuberante actividade da alma. Preoccupa-me, assusta-me aquelle estado da filha de Carlos do Arnal.

— Quem sabe — havia observado o D. Antonio — se a... fascinação, que em ti exerce a D. Mathilde, te não offusca a razão, a ponto de não comprehenderes o que um ignorante... como eu, em cousas do coração, presente ou mesmo adivinha?

— Talvez... talvez que me illuda o proprio enleio, que me causa a presença de Mathilde — respondera o Luiz de Mello; accrescentando, depois de breve reflexão, com voz commovida: — Á cabeceira dos meus doentes tenho querido lutar com a morte, deter a destruição organica, quando ella já se manifesta na sua mais horrivel violencia. Tem sido grande a minha angustia nesses momentos supremos! Se tenho, porem, muitas vezes reconhecido a impotencia da medicina para vencer as causas destruidoras da vida, tambem algumas vezes tenho feito parar a morte diante da força da sciencia, e ido buscar ao intimo do organismo moribundo o poder vital, já quasi a extinguir-se. Ha, no amor que tenho á melancolica Mathilde, alguma cousa de similhante ao sentimento que me domina o espirito nesses momentos de luta contra a morte. Quizera ir buscar ao fundo d'aquelle coração, e trazel-os á vida, os thesouros de sensibilidade que nelle se escondem; quizera arrancal-os ao cadaver a que se uniram, para fazer d'elles a minha esplendida felicidade.

— E não percas a esperança de o conseguir — acudira o D. Antonio.— É curavel, meu caro doutor, a doença da tua Mathilde. Assim o creio eu; e, o que mais vale, julga-o tambem assim a D. Carlota de Sousa... que sabe mais do que tu da sciencia do coração. Não serei eu que te darei conselho egual áquelle que me déste quando... quando eu andava namorado de D. Carlota.—Suffocando involuntario suspiro, proseguira: — És medico, descobre um especifico para curar... de sentimentalismo. Permitte-me, porem, que te dê um modesto conselho sobre tão grave assumpto. Para pôr termo aos padecimentos da nossa enferma, é preciso não atacar de frente a causa primordial d'elles, que é, se me não engano... no diagnostico, um *sentimentalismo* agudo. É necessario... indispensavel mesmo, dar alimento áquella morbida exaltação; e esse não pode ser senão o teu amor. Tu estás quasi tão sentimental como a melancolica D. Mathilde. Consulta o coração, em vez de consultar a cabeça, e elle te dirá, meu pobre doutor, por que fórma has de fazer acceitar á tua enferma... tão acre medicina.

A estas sabias razões e ponderosos argumentos de D. Antonio d'Almada não soube resistir o namorado doutor. Nem ha que extranhar n'isto; porque é certo que sempre assiste razão, prudencia e grande lucidez de espirito a quem tem a condescendencia de lisongear as nossas paixões, ou de facilitar a satisfação dos nossos desejos. Isto explica, não só a acceitação que têm para os namorados as palavras dos que falam ao sabor da sua paixão, senão tambem, o que é mais grave e importante, a popularidade de muitos homens politicos. Prudentemente consultada a D. Carlota e obtida a sua approvação, resolveram-se os dois amigos a ir a casa do Carlos do Arnal. Convem saber ainda, para esclarecimento d'esta narrativa e para se não fazer injustiça ao grave dr. Luiz de Mello, que uma forte razão o movia, alem dos interesses do seu coração, a aproximar-se naquelle momento da familia do advogado. Estava justamente a fazer um anno que a mãe de Soledade, moribunda, confiára á sua guarda

uns papeis de grande interesse para a pobre orphã; recommendando-lhe que os guardasse com segredo, e só d'elles tomasse conhecimento um anno depois da sua morte. Nas vesperas de tão solemne acto, como era o de penetrar um mysterio que ia decidir da sorte de Soledade, o Luiz de Mello desejava vel-a; com o fim, talvez, de se dispôr para cumprir bem a importante missão de protector e defensor de uma infeliz. Vê-se pois que não faltavam razões ponderosas, para que o namorado dr. Luiz de Mello accedesse aos dictames do seu amigo D. Antonio, e aos conselhos de D. Carlota.

Grande foi a perplexidade da sr.ª D. Barbara, ao ver entrar na sala de sua sobrinda os dois homens que mais excitavam a sua curiosidade. Na sua chôcha cabeça penetravam só, e ainda assim mal e a custo, as trivialidades; a tudo que, pouco ou muito, sahia fóra do commum, era ella, por assim dizer, impermeavel; e por isso se exasperava a sua sêde de saber, quando, á difficuldade de descobrir os factos, se junctava a impossibilidade de os entender. Era isto o que lhe succedia com Luiz de Mello e D. Antonio, cujas palavras, cujas acções, cujo modo de ser e de sentir a impertinente beata não podia comprehender. Estava alli, mesmo ao pé d'ella, uma mina, onde a sua cubiça de mexericos podia largamente saciar-se; mas a porta estava já aberta para sahir, feitas as despedidas, e — o que era mais forte do que todas as considerações — em casa de D. Benedicta estavam-n'a esperando «grandes novidades»: aquellas «grandes novidades» de que, com tanta emphase, ella fallara a D. Mathilde, e que ainda não conhecia bem a fundo.

Feitos os primeiros comprimentos, e dada a banal explicação de uma visita de pura cortezia, travou-se uma d'essas conversações, cheias de vulgaridades que pouco significam, e de subtilezas que não significam nada: passa-tempo forçoso de quem ou não sabe em que ha de fallar, ou fez o firme proposito de afogar em nadas o muito que desejaria

dizer. A sr.ª D. Barbara desanimou. Cançada do supplicio de esperar, em vão, uma palavra ao menos que lhe satisfizesse a sua curiosidade, murmurou nova despedida e sahiu. Com a sahida da beata a conversação mudou, quasi instantaneamente, de tom.

— Tractemos de cousas graves — disse a D. Carlota, impondo silencio a todos com um gesto gracioso.— O sr. Luiz de Mello é um grande medico para doenças... moraes. Eu já lhe ouvi dizer, que a medicina não tinha só a occupar-se dos padecimentos physicos, mas devia buscar a origem d'esses padecimentos, que muitas vezes está em affecções moraes; atacar essas poderosamente era o meio unico de cortar o mal pela raiz. Parece-me que decorei bem a lição, sr. Luiz de Mello; o que prova a excellencia do mestre...

— E o elevado talento da discipula — acudiu o D. Antonio.

— Não me permitte a minha modestia que eu acceite tão injustificavel louvor, sr. D. Antonio; mas nem por isso o agradeço menos.

— A medicina é, para cada um de nós os profanos, uma questão de confiança, e nada mais — interrompeu elle, entre serio e jovial.— Eu, por mim, só em v. ex.ª tenho confiança, para a cura dos meus males moraes.

— Ingrato! — exclamou D. Carlota, tomando um ar de comica indignação.— Não ha muito que esteve... ou suppoz estar doente, o que em certos casos é o mesmo, de um mal... no coração ou na cabeça. Onde era, sr. D. Antonio?

Reprimindo um gesto de impaciencia, o D. Antonio respondeu: — Era no coração o mal... e verdadeiro.

— Ora vê que prodigio, Mathilde! O mal era no coração... de mais a mais verdadeiro; e o sr. Luiz de Mello soube combatel-o... victoriosamente.

— Elle!... — disse com espanto o D. Antonio.— Talvez. Quem sabe?...

— Sei-o eu... sabemol-o nós ambos — apressou-se em dizer a prudente interlocutora, offerecendo a mão a D. Antonio.— O mal não se extinguiu, é verdade; transformou-se n'um grande bem, o que é maravilha maior. E ainda duvida da cura, o sr. D. Antonio d'Almada?

— Não duvido... não torno mais a duvidar — disse este, beijando com respeitosa ternura a mão que lhe offereciam.

— E assim deve ser. Minha Mathilde — accrescentou a D. Carlota, pondo-se de pé e encaminhando-se para a janella — temos aqui um medico illustre...

— Minha senhora!... — balbuciou o Luiz de Mello, que estava um tanto fóra de si, esperando com pueril timidez o resultado d'aquella singular conversação.

— Temos um grande medico — proseguiu a D. Carlota — que é ao mesmo tempo... não se deve hesitar em dizer a verdade, uma grande alma e um nobre coração...

— Minha senhora!... Essas palavras de tanta bondade... confundem-me — exclamou o Mello, estendendo mãos supplicantes a D. Carlota.

— Minha querida Mathilde — proseguiu esta — com tal medico e tal homem espero ainda ver-te boa de todo... e feliz.— Dirigindo-se a D. Antonio, apenas acabou de pronunciar esta phrase intencionalmente imprudente, convidou-o para ir com ella á varanda admirar a belleza do Tejo, allumiado em cheio pelo luar.

Tinha por vezes o Luiz de Mello ficado só com a filha de Carlos do Arnal, mas sempre no seu caracter de medico; e presava elle muito a gravidade das suas funcções, considerava a sciencia como um sacerdocio por extremo elevado, para que, apezar dos impulsos do seu coração sinceramente apaixonado, ousasse soltar uma palavra, lançar um olhar, ou fazer um gesto que podesse desdizer da sua nobre missão, ou deixar-lhe na consciencia uma duvida sequer de haver faltado ao seu dever. N'esta occasião as circumstancias eram bem differentes. Estava alli o homem, de quem uma phrase imprudente acabava de patentear quasi

o mais intimo segredo, e não o medico que a sciencia defendia até da suspeita — pelo menos assim o suppunha o timido namorado — de ter coração e de poder amar. Singular e inexplicavel phenomeno! O homem, experiente das cousas da vida, possuidor de quanto a sciencia conhecia ácerca dos mais reconditos segredos physiologicos e psycologicos do espirito humano, e que havia estudado profundamente as paixões e affecções moraes, por reputar esse estudo indispensavel para o exercicio da medicina; o homem que era medico e philosopho, que tinha uma elevada intelligencia, um nobre coração, e empregára sempre uma e outra cousa em perscrutar os mysterios da organisação complexa do ser humano, para lhe saber dar remedio nas horas de angustia; esse homem não pôde comprehender o que nelle proprio se passava quando se viu em presença da mulher que amava: timida donzella que dos sentimentos affectivos conhecia só, alem do amor filial e da amizade, uma dôr aguda, subita, inesperada, e uma saudade pungente, que se transformara em sentimentalismo morbido, em inervadora melancolia. O espirito de Luiz de Mello vacillou, apavorado pela gravidade da situação. Sentiu, o sabio doutor, o sangue affluir-lhe todo em massa ao coração, e os nervos vibrarem-lhe todos como se os dedilhasse a mão trémula do amor. Ia a pôr-se de pé, mas um esforço da vontade deteve-o juncto da D. Mathilde; a qual, de certo, se não sentia tambem tranquilla, mas estava longe de ter emoções que podessem comparar-se ás que se davam em Luiz de Mello. Como era natural, os dois ficaram silenciosos sob a impressão das palavras da D. Carlota, e, principalmente, em consequencia dos pensamentos que lhes turvavam o espirito e que não ousavam exprimir.

Passados minutos foi a D. Mathilde que, enleiada, turvada por aquelle silencio, tentou levantar-se. O Luiz de Mello, detendo a por um gesto quasi supplicante, disse então: — Deixa-me só aqui, sr.ª D. Mathilde? Julgava... — era um sonho esperançoso do meu pobre espirito — julgava...

que tinha confiança em mim... como a sua amiga, a sr.ª D. Carlota.

— E tenho... E tanta! — acudiu a D. Mathilde com encantadora simpleza.

— Ia a levantar-se... — observou elle.

— Eu!... Pensei que queria ir admirar tambem a belleza da noite. O luar está lindo!

Seguiu-se novo silencio. Foi ainda o dr. Mello quem o interrompeu.

— Ás vezes, minha senhora — disse elle — as palavras como que se recusam a dizer o que pensamos. Agora é uma d'essas occasiões... em que eu não poderia exprimir o que se passa em mim: e comtudo — proseguiu com a voz presa em involuntario suspiro — sei, tenho consciencia do que sinto... Porque é grave, profundo, e está intimamente consubstanciado em mim este sentimento que me faz viver... e para o qual eu quizera viver só.

Olhou a D. Mathilde com sincera admiração para o seu interlocutor. Pareciam-lhe extranhas aquellas palavras, e ainda mais o tom em que eram dictas. — Não sei o que deva pensar da gravidade das suas palavras. Assustam-me... quasi — disse ella.

— Não, sr.ª D. Mathilde; não ha nas minhas palavras nada que a deva assustar — acudiu o Luiz de Mello. — Permitte-me que eu lhe fale... com inteira franqueza?... Como medico?

— Escuto-o... como a um amigo — respondeu ella, enternecida de ver tantas hesitações, tanta candura n'um homem cujo talento admirava, cuja superioridade moral reconheciam e respeitavam todos.

— Sei tudo: sei quanto tem padecido o seu coração — disse Luiz de Mello, buscando esconder o estado de commoção em que se sentia. — Foi sempre opinião minha que, nas affecções profundas, nos sentimentos intimos da alma, está as mais das vezes a explicação unica de longos padecimentos. Atalhar, ou ao menos mitigar essas causas moraes,

que deprimem a vontade e inervam as forças physicas, eis o meio unico de remediar males, a que muitas vezes a natureza humana succumbe. Bem vê que é o medico que falla, sr.ª D. Mathilde; e, se o ousasse, aconselharia...

— O que me aconselhava, doutor? — perguntou a formosa Mathilde, em cuja bocca brincou um ligeiro sorriso. A sua viva e delicada penetração de mulher estava-lhe dizendo que o doutor andava por caminho errado.

— Nada — respondeu elle, lendo subitamente no coração da sua amada, através d'aquelle sorriso. — Nada. Pois se eu sinto em mim o mal... um mal immenso, e não lhe posso acudir! Sei, sr.ª D. Mathilde — proseguiu depois de breve pausa, em voz commovida — sei que a morte a separou do homem, a quem o seu casto amor fizera sentir na terra as suaves alegrias do céo. Admiro a saudade, a sublime devoção pela memoria do que morreu. Quizera, Mathilde... não o impossivel de lhe fazer esquecer o que tão fundo se lhe gravou na alma, mas apenas convencel-a... da minha immensa dedicação; de que ha em mim um sentimento grande, exclusivo, que todo me absorve e em que eu sinto perder-se todo o meu ser... — Receioso de que o fogo das suas palavras podesse perturbar a melindrosa sensibilidade de D. Mathilde, calou-se; suffocando a paixão que lhe erompia da alma.

Levada de fascinação irresistivel, seguia a impressionavel Mathilde os impulsos d'aquella paixão, que as palavras pareciam não poder conter, e que se manifestava na bella, nobre e ardente expressão da physionomia, no relampejar fulgurante dos olhos, na vibração sonora, suave, anhelante da voz. Quando o Luiz de Mello se calou, fez ella um gesto gracioso e involuntario, com que parecia querer ir buscar-lhe aos labios a palavra que emmudecera. Córou, e a mão, que ficára esquecida nas de Luiz de Mello, retirou-se com precipitação.

— Porque não posso eu merecer a sua confiança! —

exclamou elle, enganando-se no apreciar a significação do gesto involuntario da D. Mathilde.

— Tem-na, sr. Luiz de Mello — disse ella.

— Então...

— Meu Deus! — exclamou a candida menina, como fallando comsigo propria.— Como hei de eu provar-lhe a minha... confiança!

Na alma de Luiz de Mello entrou uma como emanação purissima de todas as suavidades da candida alma da angelica Mathilde. Passou-lhe nos nervos uma inexplicavel sensação, que elle não pôde deixar de comparar, no seu espirito observador, com a que poderia ter um morto que resuscitasse por um impulso geral e subito da força vital. Nos olhos accendeu-se-lhe um vivo clarão, como o que produziriam, confundindo-se, os raios multicôres de todas as estrellas do céo; e pareceu-lhe que a voz sonorosissima de Mathilde se transformara em melodia mysteriosa, que lhe tomava o espirito e lh'o levava ás ethèreas regiões dos mysticos sonhos.

— Creia, Mathilde — balbuciou elle — creia que a adoro, como se adoram os espiritos celestes... e que daria mesmo a vida para a ver feliz! É só o que lhe peço, é a prova unica de confiança que lhe desejo merecer.

— Eu não mereço... tanto, sr. Luiz de Mello — respondeu ella. E a sua voz, ao dizer estas singelas palavras, tinha attingido a suprema doçura, e como que fluctuava entre a exaltação e o susto, entre o amor e a tristeza, entre a saudade e a esperança.

— Escute-me... Escute o seu coração... e talvez... que eu possa d'elle alcançar o que me nega ainda a sua vontade — disse elle, junctando mãos supplicantes.

Levantou-se perturbada, trémula a D. Mathilde; e, como impellida por irresistivel necessidade do seu coração, profundamente agitado, a buscar a explicação do que sentia, exclamou: — Não sei que confusão, que tumulto de

sentimentos tenho em mim. Não está, como d'antes, a minha alma serena na sua melancolia, tranquilla na immensidade da sua tristeza.

— É talvez... o coração que resurge á vida, Mathilde. É...

— Cale-se, Luiz de Mello, cale-se... agora.— E, escondendo a custo as lagrimas que lhe marejavam dos olhos, serenas e tranquillas como se as soltasse o poder benefico de uma intima e irresistivel alegria, a D. Mathilde sahiu lentamente da sala.

— O que é? O que tens, Mathilde? — perguntou sobresaltada a D. Carlota, que entrava naquelle momento seguida de D. Antonio.

Levantou-se o Luiz de Mello, e, apertando nas suas a mão de D. Carlota, murmurou suffocado: — Deixe... deixe correr aquellas lagrimas.

XVII

PLANOS DE UMA BEATA

Era a D. Benedicta Subtil uma senhora baixa, franzina e secca. A pasmosa rapidez dos seus movimentos mais parecia o resultado de uma fôrça mechanica, actuando n'um automato, do que da acção da fôrça vital em corpo feito de carne e osso. A cabeça parecia entalhada em coquilho por mão de artista dotado de veia satyrica. Angulosa; egualmente larga na barba e na fronte; ornada por uns olhos redondos, negros, buliçosos, que pareciam feitos de duas continhas de vidro; rasgada por uma bocca em linha recta, guarnecida de dentes agudos, pequenos e brancos, bons para roer, gastar e moer sem fazer bulha; coroada por cabellos pretos e duros como cerdas; aquella cabeça fixava a attenção de quantos a viam, porque era a manifestação quasi ideal da exuberancia de vitalidade, exaltada pelas excitações de uma vontade frenetica.

Não era nem velha nem moça a sr.ª D. Benedicta; tinha o raro privilegio de não ter edade. Casada com um homem nullo, que ella dominara e que apenas conseguira fazer-se notar por ser marido de uma mulher que toda a gente conhecia — no mundo dançante primeiro, e depois, mais tarde,

nos confissionarios e nas associações piedosas, caritativas, propagandistas e beatas de toda a especie —; viuva, depois de alguns annos de casada, e sem filhos; a prima do advogado Carlos do Arnal começára, logo que se viu só, a laboriosa tarefa de arrebanhar ovelhas desgarradas, encaminhar para o céo almas transviadas, e derramar sobre os peccadores o maná das suas orações. Tinha uma alma fervorosa, a incansavel beata; mas se o fervor era grande, a bondade não lhe correspondia. A pretexto de lamentar os erros do mundo, de censurar o peccado e de estigmatisar o crime, não escapavam pessoas nem cousas á sua sollicita maledicencia. Era um louvar a Deus!

O trajo de D. Benedicta condizia com os seus costumes e idéas. Tinham effectivamente seu quê de monacal, o vestido preto afogado, a romeira branca em fórma de escapulario, e a touca egualmente branca e ampla que em grande parte lhe cobria a cabeça. A casa, modestamente mobilada, era de um aceio extremo; casa e mobilia estavam dizendo que D. Benedicta mantinha uma ordem stricta, uma rigorosa disciplina em tudo e em todos sobre que se exercia a acção da sua vontade. Tinha apenas a beata uma criada velha e um criado novo: este andava tão barbeado, tão tosquiado, tão encolhido dentro da sua ampla sobre-casaca preta, que parecia um noviço; a criada era a viva imagem de sua ama em tudo, e só a excedia talvez na rabujice.

Andava a D. Benedicta n'uma roda viva, a concertar os bobeches dos castiçaes, a encrespar a franja do tapete, a remecher as flores das jarras ou a dar ás cadeiras uma posição mais symetrica. O criado estava no seu posto, á porta da rua; a criada, de pé entre-portas, vigiava os gestos da sua ama, para lhe obedecer com promptidão. Na salinha, moderadamente illuminada por um grande candieiro com largo *abat-jour* de flores de papel, parecia dispôr-se tudo para receber uma visita de importancia. Tocou-se a campainha. A D. Benedicta puxou as pontas da romeira; entufou os folhos da touca; fez diligencia por tornar esguias

as saias; olhou para o espelho; mirou as mãos para vêr se as unhas estavam irreprehensivelmente limpas; puxou por um cordãosinho de ouro que trazia ao pescoço, para descobrir uma larga cruz de esmalte, benta pelo Sancto Padre, cruz que em occasiões de pouca importancia andava escondida no seio; e sentou-se, por fim, n'uma poltrona, tomando um ar de grande serenidade e meditativo repouso. Era tempo. Entravam na sala, fazendo profundas saudações, curvando-se até ao chão, o Adriano Ramires seguido pelo retumbante e cascaveleiro orador, que o leitor conhece já, pelo dr. Farelorio.

A beata poz-se de pé para receber os seus hospedes; e, em comprimentos e reverencias, se dispendeu boa meia hora. O Adriano não era muito para aquellas cousas, que não entendia nem estava costumado a practicar, e o dr. Farelorio ainda menos; a necessidade, porem, obrigou-os, bem ou mal, a fazerem de cortezes com D. Benedicta, que o era em extremo, como quem sabia a fundo como se celebra de pontifical.

— Trago-lhe um modesto donativo para os pobresinhos que v. ex.ª protege — disse o Adriano Ramires logo que lh'o permittiram, entregando cincoenta mil réis a D. Benedicta.

Era o modo de entrar n'uma conversação util, e só d'essas gostava o rico proprietario da Ramalhosa. A beata ia responder-lhe, dando-lhe um voto de agradecimento em estylo official, como quem representa uma grave associação, quando o dr. Farelorio julgou do seu dever tomar a palavra.

— Accende-se rutilante o sol, nunca extincto, das grandes virtudes — disse elle com declamação oratoria. — D'aqui, d'esta modesta casa onde habita, veneranda e inconcussa, a mais acrisolada piedade, vão cahir as consolações, em chuva fecunda de luz e de esperança, nas pobresinhas choupanas dos desventurados. Rebôem no universo inteiro os hymnos de louvor ao Altissimo; e subam, como orvalho

mimoso, nas azas candidissimas dos anjos ao throno esplendente do Eterno, as lagrimas dos mal-aventurados que a caridade vai enchugar agora, pela mão de uma senhora virtuosissima, com o ouro abençoado de um homem bom e honrado cidadão. Ai! que suave é a commoção da minha alma, e como eu quizera que o mundo presenceasse a nobilissima generosidade de quem, para os outros que não para si, quer os thesouros que a fortuna — vidente e não cega como dizem — lhe depositou nas mãos immaculadas! Ainda ha corações endurecidos que duvidam do poder do bem sobre o mal, e não seguem os divinos preceitos da religião de Christo! Prosiga, minha senhora, prosiga, meu nobilissimo amigo, prosigam ambos em suas obras de misericordia. Estreite-se o pacto sacrosancto da virtude e da religião, do ex.^mo^ sr. Adriano Ramires e da ex.^ma^ sr.ª D. Benedicta Subtil.

O ex.^mo^ sr. Adriano Ramires extasiou-se por fóra e riu-se por dentro, e a ex.^ma^ sr.ª D. Benedicta Subtil extasiou-se por dentro e riu-se por fóra ao ouvir as bombasticas declamações do dr. Farelorio. Mas emfim, como o que é bom não dura sempre, o insigne doutor calou-se, e teve a beata occasião de formular o seu voto de agradecimento em nome da associação dos *misericordiosos*, de que era presidente.

— Eu sou um homem simples e que só tenho um desejo unico, o de ser util aos outros, minha sr.ª D. Benedicta — disse o Adriano tomando um tom humilde, e buscando imitar os ademanes clericaes do criado da beata.— É este um pequeno... óbulo... — e limpou a garganta, por onde custára a passar esta palavra — óbulo destinado a alcançar da misericordia divina perdão para os meus peccados. Espero que esse poucochincho que tenho sirva ao menos para dar pão aos infelizes. Guiado por v. ex.ª poderei talvez eu, humilde e pequeno como sou, alcançar a gloria de ser contado entre os que defendem hoje os interesses da nossa sancta religião.— Esta vil hypocrisia custava gran-

des esforços ao ingenho, pouco fecundo em phrases, do Adriano, e por isso elle tractou de lançar a pezada carga para os hombros do dr. Farelorio.— Creio ter prestado um bom serviço á causa que defendemos, trazendo aqui o eloquentissimo dr. Farelorio, meu amigo. É deputado, tem já reputação no paiz, e a sua palavra deve ser util; estando elle, como está, disposto a deixar-se guiar pelos conselhos de v. ex.ª

Um gesto de impaciencia do dr. Farelorio indicou ao Adriano Ramires que se ia compromettendo de mais, á fôrça de querer captar a benevolencia da presidente dos *misericordiosos;* e por isso elle proseguiu, mudando um tanto de entoação: — Bem sabe, minha sr.ª D. Benedicta Subtil, bem sabe que, nestes deploraveis tempos em que vivemos, não podem as almas piedosas deixar de transigir com os erros, para melhor conseguirem arrancal-os d'este mundo. — A beata fez um gesto de impaciencia mal soffrida; mas o Adriano Ramires proseguiu, porque lhe convinha pôr a questão de modo que podesse ficar bem com todos: — É uma necessidade d'esta epocha. O dr. Farelorio milita no partido progressista avançado, assim como eu tenho feito... porque...

— É verdade, é supinamente verdade o que diz o meu prezadissimo amigo, o ex.mo sr. Ramires — acudiu o Farelorio.— Quando os cambiantes multicôres da politica se enredam e entrecortam, de modo que os campos partidarios se não delimitam, os propugnadores de uma grande idéa devem, aqui e alli, buscar para ella adeptos e sectarios, embora para isso haja de empanar-se o brilho de suas consciencias. Eu vejo no futuro estreitarem-se, em intimo amplexo, aquelles principios que hoje parecem separados por insondavel e caliginoso abysmo. Trabalhemos, pois, com afan nessa obra do futuro, e veremos: unir-se a fé com a ampla discussão; a liberdade com esse direito super-humano, que unge os escolhidos por Deus para serem chefes dos povos; o progresso indefinido e tumultuoso, que tudo quer

transformar, com os principios immutaveis das sanctas tradições. Junctemos a luz com as trevas, o espiritualismo com o materialismo... unam-se emfim Sião e Babylonia; e o grande problema em que lida a humanidade será resolvido emfim, como o desejamos, nós, os incansaveis laboradores do futuro.

A sr.ª D. Benedicta não entendeu, mas sentiu um calafriosinho ao longo da espinha dorsal, signal certo de que soffria uma profunda commoção. O Ramires, que era fino observador quando se tractava de cousas do seu interesse, notou que havia alli ensejo favoravel para expor á beata o fim da sua visita.

— Minha senhora — disse elle, quando o dr. Farelorio concluiu a sua embrulhada arenga — o que acaba de dizer o nosso dr. Farelorio, lustre e gloria da patria, é por tal fórma claro e cheio de verdade, que nada se lhe pode accrescentar. Todos seguiremos o nobre caminho que elle nos traçou.— Depois de um leve esforço para disfarçar um sorriso de malevolo escarneo, o senhor da Ramalhosa proseguiu, feita uma breve pausa: — Os que querem, como eu, votar-se ao serviço da nossa sancta causa, e, pelo exercicio da caridade, conquistar almas para a religião, precisam de ter ao pé de si mão que saiba distribuir a esmola, e multiplicar-lhe o valor pela bondade e suavidade com que a dá. Um homem só, sem familia...

— Quer casar-se, o sr. Adriano Ramires? — perguntou um tanto alvoroçada a D. Benedicta. Era a beata intelligente, energica e experiente do mundo, e por isso pouco atreita a illusões; mas era mulher, viuva e conscia do seu merecimento. Ouvindo as palavras do Adriano Ramires deu-lhe um pulo o coração; a razão, porem, disse-lhe logo que era uma inepcia indigna de um tal coração o sobresaltar-se fóra do tempo; recalcou tudo dentro de si, armou um sorriso e disse: — E com quem?... E que tenho eu com isso?...

— Muito, minha senhora; tem muito. Sei o que pode a sua palavra, a sua influencia, o seu conselho...

..

A D. Benedicta comprehendeu tudo; e ficou contente de si: — Ah! O sr. Adriano Ramires é amigo de meu primo Carlos do Arnal!... — disse ella.

— É verdade — respondeu elle: — e a bondade, a virtude da sr.ª D. Mathilde fez-me nascer a esperança... vã esperança, talvez! de ter um dia ao pé de mim quem seja o meu anjo custodio, o amparo dos meus velhos annos, e... guia das minhas acções em beneficio da humanidade que soffre. — Aqui sacudiu elle uma lagrima com um dedo da mão esquerda, e proseguiu: — Eu sei que a minha cara sr.ª D. Benedicta exerce grande poder no espirito da sr.ª D. Mathilde... sei tudo. A resolução que a filha do meu presado amigo Arnal tomou, de se metter freira ou irmã da caridade, foi v. ex.ª quem lh'a suggeriu; levada pelo seu piedoso espirito, de certo. Ora, não seria melhor para os interesses da religião, que a sr.ª D. Mathilde, boa e virtuosa como é, acceitasse a minha mão em vez de se ir encerrar n'uma clausura?... O nosso pobre Arnal, minha senhora, perdeu toda a sua fortuna... toda até ao ultimo real. Muito positivamente o sei. A sr.ª D. Mathilde nada levaria para o convento... senão a sua muita virtude. Sendo minha mulher terá consideravel fortuna, de que dispunha para augmentar o thesouro dos pobresinhos. Será uma benção para todos, minha sr.ª D. Benedicta, este casamento, que tanto desejo realisar. E depende... muito! de v. ex.ª; bem o sabe.

Não era a D. Benedicta Subtil pessoa que fallasse ou obrasse sem reflectir, apezar da vivacidade do seu espirito, da actividade dos seus movimentos, e da energia das suas resoluções. Calou por um pouco; e, depois, com voz grave, disse: — Já me tinha passado pela mente a idéa d'esse casamento. Alguem me fallou — uma das minhas amigas e consocias — da vantagem que haveria em unir, pelos estreitos laços do casamento, um homem tão generoso e de tão bom pensar, como é o sr. Adriano, com uma menina desprendida de mundanidades, e mais cuidadosa em servir a Deus do que em sujeitar-se ás vaidades e futilidades de

vida. Não ha muitas horas que eu fallei d'isto mesmo com minha prima D. Barbara, que vive, como sabe, com a sobrinha... a nossa Mathildinha. Eu espero conseguir que a menina se resolva a não entrar no convento. É verdade que ha muito tempo ando a persuadil-a que deixe o mundo pela clausura... — proseguiu a D. Benedicta, como fallando comsigo propria — mas em lhe provando que serve melhor assim, casando-se, a religião, espero resolvel-a. O pae...

— Está resolvido a dar não só o consentimento, mas decidido apoio a este casamento — acudiu com vivacidade o Adriano Ramires.— Bem sabe que elle, o pobre Carlos do Arnal, está mal de fortuna...

— E não pode levar á paciencia que a filha se queira metter irmã da caridade... que é o que a pobre menina deseja! — accrescentou, em tom acerbo, a beata.

— É verdade. Elle tambem me disse, que nada o podia magoar tanto como ver-se separado da filha, por essa fórma.

— Pois assim, casando-se ella com o sr. Ramires, se lhe fará a vontade.

— E v. ex.ª crê que... conseguiremos? — perguntou, com anciedade mal dissimulada, o senhor da Ramalhosa.

— Conseguiremos, de certo — respondeu energicamente a D. Benedicta.

A physionomia do usurario hypocrita exprimiu uma alegria immensa.

O dr. Farelorio, pasmado do que ouvira e do que observara, não pôde ter-se que não perguntasse ao Adriano Ramires á sahida da casa de D. Benedicta: — O que lhe deu tamanha alegria, sr. Adriano Ramires?

— Gósto muito... muito d'ella.

— De D. Benedicta? — acudiu o Farelorio.

— Não, homem: da Mathildinha — respondeu o outro; encolhendo os hombros, rindo involuntariamente, e buscando aproximar as myrradas mãosinhas para as esfregar uma pela outra. O Adriano Ramires estava decididamente namorado.

No dia seguinte, logo de manhã cedo, a D. Benedicta Subtil — toda vestida de preto, esguia e espalmada, véo espesso a esconder-lhe a ossuda cara, e no braço um largo sacco de couro, que parecia ir dizendo «aqui vai um correio da caridade beata» — encaminhava-se á pressa para a egreja, onde a estava esperando o seu confessor e director espiritual. Ia consultal-o sobre o caso grave do casamento de Mathilde; mas levava tão estudado o recado, e expoz com tanta lucidez as vantagens que a religião tiraria do projectado enlace, que o astuto padre francez, que tinha a cargo a consciencia de D. Benedicta, não teve mais do que approvar-lhe a proposta, afagando-a com um sorriso, entre jubiloso e mordaz. D. Benedicta sahiu da egreja contente do padre, mais contente ainda de si, e firme no seu proposito de promover o casamento da filha de Carlos do Arnal com o rico Adriano Ramires, que tantos beneficios promettia fazer aos pobresinhos e tão valiosos serviços á religião.

Entrou a beata no escriptorio do Arnal, quando este estava folheando com distracção um volumoso processo; mais preoccupado das suas mágoas do que do trabalho que estava fazendo. Levantou os olhos o velho advogado, e, dando com a sua prima D. Benedicta, teve involuntario estremecimento de impaciencia, ao lembrar-lhe o que lhe dissera José de Sousa, das suggestões empregadas para lhe persuadirem a filha a entrar n'um convento, abandonando-o só, pobre e triste, nos ultimos dias da vida.

— Venho vel-o, primo Carlos — disse a beata ao entrar a porta.

— Ah! — fez o advogado, em tom de máo humor.

— Ha muitos dias que o não via — proseguiu D. Benedicta, sentando-se, deitando o véo para trás, e pondo sobre a mesa do advogado o pesado sacco que trazia no braço — e tinha saudades suas. Estava com cuidado... Como a ultima vez que cá estive me pareceu adoentado...

— Não era nada... não é nada — interrompeu o Arnal.

— Sei quanto lhe devo, Benedicta; e quanto é solicita em promover a minha felicidade... e a dos meus.

A beata sentiu a pungente allusão, e percebeu que era tempo de entrar em materia. Sorriu, e disse: — Vinha tambem para lhe fallar de uma cousa importante. A nossa Mathilde...

Ao ouvir o nome da filha o velho poz-se de pé, e com violencia interrompeu: — Já sei no que me vai falar, Benedicta. É inutil... é melhor não gastar palavras.

A beata sorriu de novo; tirou o chapéo tranquillamente, pol-o com muito geito sobre uma cadeira, passou a mão pelos cabellos, e, depois de uma pausa, disse: — Ora sente-se, Carlos; sente-se, e escute-me. O que lhe eu vou dizer não é inutil... nem se gastam palavras em balde, quando se tracta de assegurar a sorte da nossa querida Mathilde.

Cada vez mais impaciente, o Arnal exclamou: — Já sei tudo. Os seus projectos, as suas seducções... tudo emfim. Eu não quero a Mathilde para freira... —

— Nem eu — acudiu a D. Benedicta.

O advogado olhou com espanto e incredulidade para a sua interlocutora; mas a cara d'esta exprimia uma tal sinceridade de convicção, que elle ficou como fascinado, e se sentou para escutar, quasi com o intimo alvoroço que dá ás almas tristes uma esperança nascente.

— Não quero que a nossa Mathildinha se separe do mundo, onde tanto bem pode fazer — proseguiu a beata, com volubilidade. — Quando a vi triste... como ella andava, coitada! depois da morte d'aquelle excellente rapaz, que Deus haja, acreditei que nada podia ser melhor para consolar aquelle coração attribulado do que o socego da vida contemplativa, e a união intima com Deus pela oração. Mas... lembrando-me de que o separar-se de sua filha, Carlos, seria uma grande provação para essa sua alma... que é boa... mas onde, por desgraça, não penetrou ainda profundamente o suavissimo balsamo da religião.... — Quando conseguirei eu que escute, Carlos, as consoladoras pala-

vras de um padre intelligente, convicto, cheio de virtudes e de uncção...

— Prosiga no que ia dizendo a respeito da minha filha — interrompeu o Arnal com impaciencia.

— Pois sim, sim. N'outra occasião falaremos d'este grave assumpto. Agora é de Mathilde que se tracta — acudiu a D. Benedicta.— Dizia eu que, pensando quanto lhe custaria o separar-se da nossa Mathilde, resolvi... quero dizer, pareceu-me bem consultal-o, ouvil-o ácerca da conveniencia de a casarmos.

O advogado não gostava muito do modo por que se exprimia a prima Benedicta; mas a ultima palavra respondia tanto ao seu intimo pensamento, que não fez observação alguma e escutou attento.

— Uma rapariga nova e bonita como a Mathilde, e sem mãe... coitada! não pode estar muito tempo sem tomar estado. Ninguem sabe o que pode succeder... a gente é mortal...

— Bem sei que posso morrer... e bem cedo — acudiu o Arnal com um quasi gemido.

— Não digo isso, Carlos; mas a vida está nas mãos de Deus. Ainda não pensou em casar sua filha?

— Pensei.

— E com quem? Não diga, que eu já quasi que estou adivinhando com quem é. Um amigo seguro — proseguiu a beata, como querendo encaminhar com a palavra a vontade do velho advogado — homem honrado... portuguez de tempera antiga: e, de mais, abastado, em boa posição, de virtude e pessoa de juizo... que assim convem um marido a uma menina sizuda, boa e desprendida do mundo, como a nossa querida Mathilde é.

A D. Benedicta calou, como aguardando contestação do Arnal; mas, como este parecesse estar esperando e sem romper o silencio, não teve a beata mais remedio senão proseguir a descripção das qualidades e dotes que, segundo ella, era indispensavel que ornassem o futuro marido da

formosa Mathilde. Essa descripção devia parecer, no intuito da sagaz presidente dos *misericordiosos*, o retrato idealisado de Adriano Ramires: mas não foi mais do que a mascara da hypocrisia, cobrindo a face hedionda do vicio e do crime. O Arnal escutava attento; e a sua alma parecia tirar, da vivacidade febril da verbosa beata, força para suffocar a instinctiva repugnancia, que lhe causava a idéa de casar a sua filha querida com o *seu amigo* Adriano Ramires. As almas delicadas, nas quaes a honra é essencial constitutivo, têm muitas vezes subitas repugnancias, para actos e para pessoas, que a razão não justifica antes parece condemnar. Carlos do Arnal, que relações de estreita amizade haviam por largos annos unido a Adriano, sentia, no momento em que se lhe formava no espirito o projecto de casar a Mathilde com elle, um como vago terror, um mal definido remorso, que o attribulava, e que a energia da sua vontade não podia por fórma alguma destruir e nem sequer attenuar. Por isso o longo discurso da D. Benedicta, dictado pelo interesse e lubrificado pelas phrases unctuosas do estylo de sachristia, foi quasi allivio e consolação para o velho advogado.

— Vá, Benedicta, vá falar com a nossa Mathilde — concluiu o Arnal.— Falle-lhe com moderação... com doçura, sobretudo. Bem sabe como ella é; sempre melindrosa como uma sensitiva. Mas, emfim, você deve ter auctoridade sobre ella nesta questão... Foi quem lhe metteu em cabeça que se fizesse freira, que me deixasse e se não quizesse casar! Agora poder-lhe-ha tirar essa ruim idéa...

— Ruim lhe chama, Carlos? — exclamou a beata.— Sancta e pura lhe deveria chamar.

— Pois sim, chame-lhe o que quizer; mas o que precisamos agora é convencer a Mathildinha, de que deve casar-se... para sua e para nossa felicidade.— E um suspiro, fundo e doloroso como um gemido, veio cortar a palavra ao honrado velho.

Auctorisada pelo seu confessor, apoiada no consentimento

do Carlos do Arnal, e profundamente convencida da importancia da sua missão, foi a D. Benedicta ter com Mathilde, a qual encontrou só no quarto. Longa e astuciosamente melliflua foi a argumentação, com que a beata esteve preparando o espirito da sua «linda e bondosa priminha» para acceitar, sem grande sobresalto, a idéa de trocar o «seu amado» projecto de clausura por um projecto de casamento, com riquezas, com um titulo em perspectiva, e com a obrigação de entrar na vida activa e energica de uma promotora da caridade beata. D. Mathilde, mais surprehendida do que desgostada do que ouvia, escutou com attenção o longo e dulcificado sermão da prima Benedicta: e, sem se mostrar convencida pelos argumentos da beata, não se mostrou comtudo nem irritada, nem mesmo sobresaltada, com a idéa de não entrar n'uma clausura, como tantas vezes lh'o havia aconselhado a sua astuciosa prima.

Estava satisfeitissima a protectora de Adriano Ramires com o resultado da sua missão; resultado que ella unicamente attribuia á maravilhosa flexibilidade da sua palavra «inspirada pelos interesses da religião,» e á irresistivel influencia da sua auctoridade moral. Quando lhe pareceu que o espirito de D. Mathilde estava inteiramente fascinado pela seductora perspectiva de ser um dia rica; de occupar uma gloriosa posição entre as senhoras mais importantes nas associações, em que ella, a D. Benedicta Subtil, alcançára tanta influencia unicamente pelos seus meritos pessoaes; quando suppoz que não havia na candida menina outro desejo senão entregar-lhe a sua vontade, o seu futuro, o seu coração, a presidente dos *misericordiosos* pronunciou o nome de Adriano Ramires. A mudança subita na physionomia de D. Mathilde, o retrahimento que involuntariamente manifestou, a pallidez da face e o brilhar dos olhos humedecidos pelas lagrimas, fizeram comprehender á beata que havia commettido uma imprudencia, grave e perigosa. Sorriu para disfarçar a contrariedade que sentia. Pondo-se de pé e dando um beijo na testa da sua formosa prima, soltou estas pala-

vras: — Pensa no que te disse, menina. Tens muito juizo, e queres muito a teu pae, para não tomares uma resolução acertada. Elle, o teu pae, está velho e doente; deseja, para morrer descançado, ver-te casada com um homem que te adore... como elle te adora, coitado! Adeus. Pensa maduramente; e ámanhã falaremos outra vez com mais vagar e maior descanso de espirito.

Outro beijo foi a conclusão d'esta carinhosa peroração. Ao sahir, D. Benedicta ia dizendo comsigo: — Andará por aqui algum segredo de coração, que eu não conheça? Se assim é teremos maiores difficuldades a vencer. Melhor!

XVIII

SEGREDOS DA SOLEDADE

Foi com um vivo sentimento de hesitação e tristeza que o dr. Luiz de Mello abriu os papeis, que em Mortagua lhe confiara, havia um anno, a mãe de Soledade instantes antes de morrer. Era alta noite; e no escriptorio mal alumiado, onde os livros, os apparelhos de physica e chimica, os exemplares de historia natural, os bronzes e objectos de arte, os sinistros instrumentos cirurgicos, as preparações anatomicas de funebre aspecto, se achavam em promiscua confusão, as sombras e a luz pareciam lutar, torcer-se, quebrar-se nos angulos dos moveis, ou abraçar-se e fundir-se em vagos e mysteriosos reflexos. A physionomia do sabio medico, sempre grave, havia n'aquelle momento tomado uma expressão de severa e profunda melancolia, que condizia bem com a importancia do dever que ia cumprir, e se harmonisava pitorescamente com o phantastico quadro que o cercava. Eis o que se continha nos papeis que leu o dr. Luiz de Mello:

ESTA É A MINHA CONFISSÃO.

DEUS ME PERDOE, E PROTEJA A MINHA FILHA.

«A misericordia divina ha de permittir que eu tenha forças para dizer aqui toda a verdade. Será para expiação dos meus peccados; e talvez que Nosso Senhor m'a leve em conta e dê á minha Soledade dias de alegria e descanso de consciencia, já que a mim me couberam na vida tantos annos de angustia, tantas amarguras e padecimentos, tantas inquietações e remorsos. A Virgem, Nossa Senhora, oiça esta minha supplica e interceda por mim com o Senhor Jesus dos Afflictos. Amen.

«Sou filha de José da Gandara, um lavrador honrado da Beira, que trazia de renda a quinta do Desembargador, que pertence ao sr. visconde da Almeiroa. Em casa do pae do sr. visconde me criei, e vivi por muito tempo. Minha mãe morreu quando eu tinha tres annos apenas, e meu pae buscou um agasalho para mim na casa do fidalgo: mas sem deixar nunca de velar por tudo que podia dar-me alegrias, ou suavisar-me desgostos. Queria, o meu pobre pae, que eu me sentisse sempre involvida e amparada pelo seu sancto amor. Rude e severo com todos, para mim tinha tal carinho, solicitude e brandura, que não parecia senão que me buscava esconder a irreparavel falta de minha mãe, que Deus tinha chamado para si. Vinha ver-me todas as semanas a casa do senhor visconde, onde me tractavam com mimo, e me queriam e educavam com tanto esmero como se eu fôsse a filha da casa. Ás vezes levava-me comsigo: aos domingos, quando não tinha que trabalhar na quinta, quando o campo parecia enfeitar-se de flores e desatar-se em alegrias: e então eram tudo festas, era um não acabar nunca de afagos e caricias.

«Quando cheguei aos quinze annos meu pae veio pedir licença ao sr. visconde para me levar de todo para casa.

— Precisava — dizia elle — de quem governasse alli, onde havia tanto tempo faltava a auctoridade de uma mulher: o que sempre era outra cousa, para a ordem e para a economia, do que o não haver n'uma casa mais do que a descuidada vigilancia de um homem, que tinha de passar os dias inteiros no campo a trabalhar e as noites a descançar o corpo, já quebrado pelos annos.

«Sentiu a familia do bom fidalgo que eu me fosse com meu pae; porque todos me queriam muito. A mim, tal era a alegria de ir para nossa casa! custou-me a esconder o alvoroço com que parti para a quinta do Desembargador. Não era ingratidão — Deus o sabe! — a alegria que eu sentia ao separar-me dos meus protectores; mas sim o meu vivo desejo de dar consolação e conforto ao meu velho pae, desejo que, n'aquelle tempo, absorvia todas as potencias da minha alma. — Não quiz a minha triste sorte que fôsse sempre assim!

«Um sentimento, que eu mesma não podia nem sabia explicar, me fazia tambem, havia tempo, desejar sahir da casa do sr. visconde. Sempre bom, sempre generoso, o fidalgo tinha tomado sob a sua protecção e mandado educar o filho de um pobre caseiro. Tanto lhe queria o bom do visconde que até para Coimbra o mandou, para que se formasse. Quando o Adriano vinha a férias, recebiam-n'o todos de braços abertos. Era a quem mais o havia de festejar, e admirar-lhe as palavras e os gestos, e louvar-lhe o saber e a instrucção. Para os d'aquella casa, não havia quem podesse comparar-se com Adriano Ramires. Eu cá não gostava d'elle. Tinha como um calafrio quando o via chegar de Coimbra; e sentia medo quando elle me beijava com ares de protecção, ou me dizia palavras que, por affectuosas de mais, me faziam corar. Quando meu pae me foi buscar para casa estava Adriano para voltar, já formado, da Universidade: e a idéa de o ver todos os dias e sempre trazia-me inquieta, sobresaltada, temerosa, como se estivesse prevendo uma

grande e inevitavel desgraça: por isso ao chegar á quinta senti o coração dilatar-se-me no peito, como livre já de um perigo que o trazia sempre opprimido e assustado.

«Passaram dias serenos para mim n'aquella pobre casa, onde levei o sancto amor de filha dedicada, onde a minha mocidade resuscitou a antiga e já esquecida alegria do tempo em que minha mãe era viva. Meu pae até parecia mais novo; tanta era a actividade em que andava de casa para a quinta e da quinta para casa, rindo, brincando; ora trazendo-me um ramo de flores, ora colhendo para mim os fructos mais sazonados.—Eu era, dizia elle, a alma de minha pobre mãe, que muitos annos andara perdida, e que voltara trazendo-lhe a benção de Deus; porque até os campos estavam mais viçosos, e as vinhas se cobriam de uvas mais gradas e mais doces, e as seáras tinham mais espigas, e as aves cantavam melhor desde que eu viera para casa.—Lembram-me, como se as estivesse ouvindo agora, essas palavras, onde havia tantas saudades por minha mãe e tanto amor por mim: palavras que meu pae me dizia com a bocca cheia de riso e arrasando-se-lhe de lagrimas os olhos. Lembram-me essas palavras!... tudo me lembra, e é esse o meu mais cruel soffrimento, a minha dôr mais viva, o meu mais severo castigo. Manda-me Deus a cada momento essas sanctas recordações, para que eu possa medir melhor a grandeza do meu crime, e alcançar com o meu fraco entendimento o muito que perdi ao perder a paz da consciencia e a pureza do coração.

«Pouco tempo se demorou o Adriano Ramires depois de chegar de Coimbra: porque logo se foi a passar alguns mezes em Lisboa. Durante esse tempo nem sequer ouvi falar d'elle, a não ser em casa do sr. visconde d'Almeiroa, onde eu ia muitas vezes com meu pae. O meu espirito estava socegado, o meu coração alegre, a minha consciencia pura; e comtudo, cada vez que ouvia o nome de Adriano Ramires, sentia como uma dôr por todo o corpo; fugia-me a vista dos olhos; e ficava depois muito tempo scismando,

entre assustada e perplexa, sem poder atinar no que se passava em mim. Um dia, estava eu só em casa, vi entrar pela porta dentro o Adriano Ramires. Os annos tinham-n'o mudado: estava um homem feito. Vinha vestido como um senhor, e tinha na cara tal soberba que mais parecia um fidalgo do que o filho de um pobre cazeiro. Ao vel-o quasi que perdi os sentidos. Fiquei fria, immobil e calada. Elle chegou-se a mim, passou-me a mão pela cara com familiaridade, e logo senti uma commoção violenta, e como a impressão do fogo a queimar-me as faces. O Ramires tinha-me dado um beijo, como fazia quando eu e elle eramos pequenos. Tive medo. As lagrimas rebentaram-me dos olhos em borbotões. Desde aquelle dia não tornou a minha alma a ter ventura; a alegria nunca mais voltou, e na minha consciencia inquieta nasceu frio pavôr, que depois se trocou neste remorso que me mata.

«Eu não tinha nem força nem vontade para resistir a Adriano: e comtudo não sabia eu propria que sentimento era o que me levava a obedecer-lhe sempre, a sacrificar-lhe tudo, mesmo a felicidade de meu pae, a quem eu queria tanto e tanto respeitava. Uma vez disse-me o Adriano que fugisse de casa e o acompanhasse; de noite, quando meu pae estava dormindo, descuidado e tranquillo. Segui-o. E comtudo ao sahir da porta uma angustia, uma dôr sem par me traspassou o coração. Causava-me horror o homem que assim me arrancava dos braços de meu pobre pae; mas não lhe podia resistir, obedecia. Era poder de demonio o d'aquelle homem que me fazia cahir em tão negra culpa.

«O que meu pae padeceu, vendo-se por mim abandonado e deshonrado, não me atrevo eu a dizel-o, porque m'o não consentem os remorsos.—Poderá Deus perdoar um crime tão grande? Não ouso esperal-o, apezar de ser infinita a sua misericordia. Interceda por mim no céo o meu sancto pae, e reze por mim na terra a minha innocente filhinha, porque assim talvez Deus se amercêe da minha alma.

«Estive por alguns mezes escondida e como encarcerada

pelo meu cruel seductor. Os dias p assava-os em lagrimas, as noites em terrores quando o via juncto de mim. Eu estava perdida de reputação; amaldiçoada por meu pae, o meu nome era desprezado por todos. Adriano, escondendo com hypocrisia a sua negra acção, continuava a viver em casa do visconde, que o amava tanto como ao proprio filho; e até ousava ir consolar meu proprio pae das mágoas que a minha perversidade lhe causava. Sabia eu tudo isto; mas aterrada, tremendo de susto e de vergonha, não me atrevia a sahir da minha prisão, e desejava só que a morte pozesse emfim termo aos meus soffrimentos.

«Não pôde aquella minha dôr encontrar allivio, nem mesmo nesse sentimento puro e suave, que nasce na alma da mulher ao sentir-se mãe. Ás mulheres infelizes como eu, que se vêem isoladas no mundo pela sua deshonra, nem lhes é dado agradecer a Deus a alegria da maternidade: o que para as outras mulheres é uma esperança e uma gloria, é para ellas um terror e uma vergonha. A minha querida Soledade nasceu entre prantos; a primeira prova que lhe dei do meu immenso amor foi derramar sôbre ella amargas e sentidas lagrimas.

«De dia para dia me chegavam noticias mais assustadoras da saude de meu pae, pela unica pessoa com quem eu falava; que era uma pobre velha que de pequena me conhecia, e a cujos cuidados Adriano me confiára, porque lhe tinha comprado o segredo. Foi grande a minha dôr quando essa mulher, entrando em casa sinceramente afflicta, me annunciou que meu pae estava de cama, doente de muito perigo, e que o Adriano fôra vêl-o e passára com elle algumas horas. Esperei por Adriano em extremos de angustia. Quando á noite o vi entrar corri para elle, supplicante e suffocada pelo pranto, a pedir-lhe que me désse noticias de meu pae. Era a primeira vez que falava ao Adriano nesse que eu e elle tão cruelmente tinhamos offendido. As minhas supplicas, a minha voz, o meu pranto, pareceram commovel-o. Tomou-me nos braços, e, obrigando-me a sentar,

porque estava quasi desfallecida, disse-me que o estado de meu pae era gravissimo, e me devia ir dispondo para o perder. Ao ouvir estas palavras estancaram-se-me subitamente as lagrimas, e senti que me parava o coração. Levantei os olhos para o Adriano. Estava pallido, demudado e trémulo. Era dôr verdadeira? Eram remorsos? Era outro sentimento? N'aquelle momento não o podia decifrar; mas havia no meu espirito como que uma lucidez sobre-natural, e o meu espirito dizia-me que na alma d'aquelle homem se estava passando uma cousa infame. Levantei-me espavorida e convulsa, e caminhei para a porta que tinha ficado aberta. Adriano deteve-me, perguntando-me aonde ia.

— «A ver meu pae — lhe respondi, buscando soltar-me dos braços d'elle, que me enlaçavam — A ver meu pobre pae, e a pedir-lhe perdão. Se elle morresse, sem me perdoar, morreria eu tambem de remorsos e a minha alma ficaria perdida por toda a eternidade.

«Sem me soltar, disse-me que esperasse; que elle proprio me levaria juncto de meu pae; que tinha sollicitado o meu perdão e que esperava conseguil-o.

— «É preciso — accrescentou o Adriano — que vás para ao pé de teu pae antes d'elle espirar, e que todos saibam que te perdoou. Mas eu não consentirei que assim alcances a salvação da tua alma senão com uma condição.

— «Qual é? — perguntei anciosa. — Todas, todas as condições acceito, com tanto que me deixes ouvir da bocca de meu pae uma palavra de perdão. Bem sabes que a maldição que ficasse pezando sobre mim, pezaria tambem sobre a minha filha... sobre a nossa filha, Adriano.

— «Jura, pela vida de tua filha, pela alma de teu pae, que em poucas horas deixará de existir, jura que não dirás... a ninguem, que fugiste comigo de casa...

— «Juro — lhe respondi eu. — Mas deixa-me ir... deixa-me; que o tempo vôa, e posso já não encontrar meu pae vivo.

— «É preciso... entendes?... que todos, teu pae e os

outros, creiam que foste seduzida e roubada por um homem, cujo nome não queres dizer... e que eu te fui buscar aonde estavas escondida, para te levar a teu pae e alcançar o teu perdão. Entendes o que te digo, Salomé... entendes?

«A cara de Adriano mettia medo, ao dizer-me estas palavras. Prometti tudo.

«Chegámos a casa de meu pae: eu quasi morta de pavôr e de anciedade; Adriano agitado, convulso, medonho. Abriu-nos a porta um moço do campo: e, ao ver-me, ficou tão espavorido o pobre Silvestre, que nem sequer me respondeu quando lhe perguntei por meu pae. Estava silenciosa e escura a casa; só no quarto de meu pae havia luz, só ahi se ouvia o som lugubre de gemidos angustiosos.

«O Adriano entrou no quarto. Eu, tremendo de medo e mal podendo ter-me de pé, fiquei á porta, escondida na sombra. Meu pae estava estendido na cama, em completa immobilidade, como se já estivesse morto: a luz dava-lhe em cheio no rosto annuviado e pallido e reflectia-se-lhe nos olhos muito abertos, parados e como espavoridos; a bocca descerrada deixava passar a respiração, estertorosa e entrecortada de gemidos.— Este doloroso quadro, e tudo quanto vi e ouvi naquella noite, tão gravado na mente me ficou, que por momentos me parece estar ainda assistindo ao crime horrivel que se commetteu naquella casa. O que eu padeci n'essa hora maldicta, não ha palavras para o dizer. A dôr, o medo, o remorso, não matam quando ha no coração da mulher o amor de mãe!

«O Adriano chegou até ao pé da cama de meu pae, sem que este se apercebesse da sua presença; mas quando elle o chamou pelo seu nome estremeceu, como se houvesse sentido uma intensa dôr; levantou em sobre-salto a cabeça, que tornou logo a cahir pezada sobre o travesseiro; a cara, convulsivamente contrahida, tomou uma expressão medonha, e os olhos incenderam-se-lhe de furor. Adriano recuou espantado, e eu soltei um grito involuntario, que nem um nem outro ouviram.

• •

«Recobrando o animo, chegou-se o Adriano de novo á cama em que estava meu pae.— Que tem, José da Gandara? Que sente? — perguntou; e como meu pae lhe não respondesse, proseguiu: — Venho a pedir-lhe outra vez, para descanso da sua alma e allivio de uma desgraçada que soffre e se arrepende, venho a supplicar-lhe, José, que... perdôe a sua filha.

«Meu pae sentou-se na cama, como movido por uma força sobre-natural, e, com gesto ameaçador e voz trémula, mas resoante e irada, exclamou: — Como te atreves a vir aqui, e a fallar de minha filha, malvado?... Já sei tudo, tudo... Foste tu que a perdeste, que a roubaste de minha casa... que me roubaste a minha filha, a minha Salomé...

«A estas palavras o Adriano tornou-se livido, e n'uma horrivel contracção fez um gesto violento de colera feroz.— É mentira — bradou — mentira infame o que dizes.

— «Sei tudo... tudo — interrompeu meu pae.— Contaram-me o teu crime... contou-m'o quem não mente. E quérias-me enganar mesmo agora, que estou para morrer... Querias que eu perdoasse a essa mulher perdida... e que te abençoasse a ti que a perdeste. Não, não... nem a ti nem a ella perdoarei...

— «Enganaram-te, José da Gandara — disse, buscando dominar a propria colera, o Adriano.— Enganaram-te...

— «Não. Sei tudo... E ámanhã... — Deus ha de dar-me vida até ámanhã para teu castigo, Adriano — ámanhã todos saberão o teu crime... todos conhecerão a tua vileza.

«Agarrando o braço de meu pae, o Adriano soltou um grito de raiva.— Não digas tal, velho imbecil — disse, de modo que mal se lhe entendiam as palavras.— Não digas, que estás mentindo.

«O pobre enfermo cahira quasi desfallecido com o impulso que lhe déra o movimento violento de Adriano, e comtudo repetiu em voz debil e suffocada: — A todos direi... o teu crime... ámanhã: a todos...

— «Cala-te...—bradou o Adriano pondo a mão na bocca de meu pae.

«Um fraco murmurio, sahindo a custo da bocca do moribundo, respondeu ao horrivel grito de Adriano; depois, vi esse homem saltar, como uma fera, sobre o leito e apertar com ambas as mãos o pescoço descarnado de meu pae... Quiz correr, quiz gritar, mas os pés não se moveram, a voz morreu na garganta: uma como nuvem luminosa de sangue me passou por diante dos olhos, e cahi desmaiada. Deus, pela sua infinita misericordia, permittiu que eu não visse consummar-se aquelle horrendo crime.

«Quando recobrei os sentidos, estava inteiramente ás escuras; e não se ouvia rumor algum em tôrno de mim. Por alguns momentos estive sem poder encontrar, nas minhas faculdades entorpecidas, a lembrança do que se havia passado, sem poder explicar-me a causa da violenta dôr que me tomava todos os membros e me fazia soffrer a mais pungente angustia. De repente lembrou-me tudo; pareceu-me ter diante dos olhos um horrivel quadro: meu pae agonisante, e Adriano buscando suffocar-lhe na garganta o ultimo suspiro. Quiz gritar, mas apenas do peito confrangido me sahiu um fraco gemido. Senti logo que mão trémula me apertava o braço, e que uma voz, tão baixa que mal se podia ouvir, me dizia que me calasse. Era Silvestre, o pequeno que abrira a porta quando eu entrei em casa de meu pae. O Silvestre tinha visto tambem a ferocidade com que Adriano se lançára sobre o desgraçado moribundo, para lhe suffocar o ultimo suspiro e esconder n'um crime o segredo de outro crime. Mal conhecia o pobre moço o Adriano, que só por duas ou tres vezes vira em casa de meu pae; das palavras tremendas que se disseram naquelle pavoroso momento pouco ou nada percebeu; mas ao ver commetter assassinio tão cruel, sentiu que a sua propria vida corria grande perigo. Vendo-me cahir desmaiada, levado de generoso impulso e esquecendo o proprio risco, tomou-me nos braços, levou-me a custo até uma casa terrea, onde se guar-

dava lenha, e ahi me escondeu; voltando depois a espreitar o que se passava no quarto de meu pae. Quando tornei a mim acabava o Silvestre de chegar da sua arriscada empreza.

«Respondendo ás minhas angustiosas perguntas, contou-me elle, com a voz ainda embargada pelo susto e pelo horror, que o Adriano, depois de se certificar que meu pae estava morto, tomára a luz e entrára n'um escondrijo que havia na parede, afastando primeiro o leito que o occultava; e que ao cabo de alguns minutos voltára, trazendo nos braços um pesado sacco de dinheiro.—Os olhos d'aquelle homem — dizia o Silvestre, tremendo — deitavam lume ao tomar do sacco algumas mancheias de dinheiro em ouro. Mettia medo!

«Depois de contemplar por alguns momentos a sua preza, chegou-se á cama, dispoz o cadaver de modo que parecesse haver expirado sem uma longa e dolorosa agonia, cobriu-o, reclinou-lhe a cabeça no travesseiro e cerrou-lhe os olhos, que tinham ficado desmesuradamente abertos. Feito isto, tomou a luz e encaminhou-se para a porta do quarto como para buscar alguma cousa. Nesse momento teve o Silvestre um susto horrivel, porque sentia faltarem-lhe as forças para fugir e temia que o Adriano o matasse encontrando-o alli. O assassino, porem, ao chegar já proximo da porta, teve um subito sobresalto; voltou espantado a cabeça para onde estava o cadaver de meu pae; a luz escapou-se-lhe das mãos, e o corpo baqueou no chão. Ao ouvir esta narração toda eu era um tremor. A dôr suffocava-me: gelava-me o terror.

«Queria ir ver meu pae, mas Silvestre não m'o consentiu, com as suas supplicas e com os seus esforços: eu não tinha forças para nada, sentia-me desfallecida, quasi morta. De repente lembrei-me de minha filha, pobre criança que tinha ficado só no berço. Passou-me pela cabeça que era o Adriano capaz de a ir matar, ou de m'a roubar: apertou-me o coração uma mortal angustia, mas senti ao mesmo tempo em mim uma força quasi sobrenatural. Corri, corri sem parar, sem respirar, sem saber por onde ia, sem que

me detivessem os obstaculos, em vertiginosa carreira até casa. Entrei; tomei a minha filha nos braços, e sahi para nunca mais alli voltar.

«Do Adriano nunca mais sube. Eu vim com a minha filha para uma pobre casa ao pé de Mortagua, onde o meu trabalho e a caridade dos que me soccorrem me tem ido sustentando a vida. Nunca mais voltei á minha terra, nunca mais pronunciei o nome de meu pae, nem disse nunca a ninguem o meu segredo. Vive comigo, encerrado na minha alma, que os remorsos atormentam, esse terrivel segredo. Só o saberá quem ler esta confissão depois da minha morte; e queira Deus que a minha Soledade o ignore sempre, para que não amaldiçôe a minha memoria, para que não despreze sua mãe, que tanto lhe quer, que só para ella e por ella tem vivido. Deus me perdôe e tenha misericordia da minha alma.

Salomé.»

Ao terminar a leitura d'esta lugubre historia, o dr. Luiz de Mello ficou profundamente absorvido em tristes e graves cogitações. O segredo, que lhe acabava de ser confiado por modo tão extranho, pezava-lhe no espirito, porque não sabia o que havia fazer d'elle. Não esperava poder levar o arrependimento á alma de um homem que commettêra tão horriveis crimes, nem suppunha que um sentimento nobre podesse entrar n'um coração tão pervertido como era o de Adriano Ramires. Tinha comtudo um dever a cumprir; e não era o Luiz de Mello dos que faltam a um dever. Depois de longa meditação resolveu fazer um tentamen para mover a vontade, para acordar a consciencia de Adriano, empregando para conseguir isto todos os meios que a sua probidade e melindrosa delicadeza lhe permittiam; e depois, se nada conseguisse, esconderia para sempre á pobre Soledade o segredo do seu nascimento, a fim de não macular a memoria da mãe que ella tanto amara, e de quem conservava tão viva e pungente saudade.

A mesma hora em que o Luiz de Mello estava lendo a triste historia da Salomé, um homem, que pelo trajo parecia marinheiro, parava defronte da casa de Carlos do Arnal, e observava com a mais escrupulosa attenção se uma luz, um rumor qualquer, algum signal emfim indicava que ainda não estavam todos recolhidos. O silencio era completo, as janellas todas fechadas, a hora da noite adiantada já, na rua ninguem passava, e tudo isto pareceu levar o marinheiro a tomar uma singular resolução. Tirou debaixo do braço uma guitarra, e começou a tocar um d'aquelles *fados*, d'aquellas musicas populares portuguezas, que são como um murmurio melancolico, suave, melodiosamente monotono, que imita os murmurios da natureza em noite calmosa e tranquilla. Ha no *fado* alguma cousa de vago, de indefinido como a saudade que por vezes sente o coração, no meio do bulicio das cidades, ao pensar-se na aragem ciciando por entre as folhas, no arroio suspirando por entre os seixos, nos passaros gorgeando baixinho ao cahir da tarde, nas mil vozes da noite brandamente sussurrando nas azas ligeiras do vento que passa sobre os campos. O tocador, depois de estar alguns momentos como que a deleitar-se nos gemidos plangentes da sua guitarra, entoou a meia voz uma d'essas melodias, ou antes recitações rhythmicas, a que o *fado* serve de acompanhamento. Eis o que entoou o nocturno menestrel:

Não me falem d'olhos negros,
São negros dizem tristeza:
Dos verdes sim, côr d'esp'rança;
Mimo e luz da natureza.

Não são côr de verde prado
Os olhos da minha amada,
Tem mais doçura, tem brilho
Como a lua prateada.

Verdes são como o mar alto...
Olhos assim quem n'os viu?
A côr promette bonança...
Esta côr nunca mentiu.

Durante esta cantiga, uma das janellas baixas da casa do Carlos do Arnal se descerrou tão subtilmente que nenhum ruido se ouviu, e a ella assomou logo o vulto de uma mulher. O marinheiro, mal viu que o escutavam, cessou de cantar e aproximou-se com precipitação, como attrahido por aquella que assim, tão fóra de horas, lhe dava aquella manifesta prova de o querer ouvir.

— Não hão de mentir nunca, Soledade — disse, em voz baixa mas em que vibrava a alegria; o feliz trovador, logo que chegou a distancia de poder ser ouvido — não me hão de mentir os seus olhos, não é assim?

— Nem os meus olhos, nem a minha bocca, podem dizer senão a verdade — respondeu, com voz grave e triste, a Soledade.— E para lh'a dizer vim agora aqui.

— Que ha? Que tem? — perguntou elle sobresaltado.— Porque me fala assim? Offendi-a, Soledade?

— Não — respondeu ella — não me offendeu, Silvestre.

— Então, já me não quer?...

— Mais do que nunca lhe quero. Prometti dizer-lhe a verdade, e dir-lh'a-hei toda inteira. A minha vida é sua: o meu coração, a minha alma... tudo seu. Só uma cousa guardo para mim — accrescentou com voz trémula: — o meu dever... o dever da gratidão, que lhe não quero, nem posso sacrificar.

Silvestre Palmar, o ousado marinheiro que tinha arriscado cem vezes a vida para servir a cubiça de Adriano Ramires, a quem desprezava, ou para satisfazer o seu amor proprio de homem valente, ou para ganhar um pouco de ouro que desbaratava n'algumas horas, ficou manifestamente enleiado ao ouvir estas palavras da Soledade: e pôde apenas murmurar algumas phrases, que mostravam a mágoa, o susto

de se ver separado d'aquella a quem amava, e talvez um vago ciume. Buscou a Soledade tranquillisal-o, naquelle tom persuasivo e insinuante que só possuem as mulheres puras e candidas, quando amam devéras. Não pôde o Silvestre resistir ao influxo magico d'aquella voz; cujas modulações eram um hymno d'amor, embora lhe falasse unicamente do dever, da gratidão, do respeito aos seus protectores, da necessidade de se não verem, de se não falarem mais assim — «com risco de comprometter a casa do honrado advogado, e talvez o nome da mais virtuosa, da mais sancta, da mais bondosa menina que existia no mundo.»

Como se conheceram a Soledade e o Silvestre? Como nasceu esse amor, que Soledade parecia temer agora como um perigo, e considerar como uma falta aos deveres que lhe impunha a gratidão aos seus protectores, e sobretudo a D. Mathilde? É simples a historia, simples e vulgar como o são geralmente os namoros que o acaso se compraz em provocar a cada passo.

Silvestre encontrára a Soledade n'um passeio: e como sentisse ao vêl-a uma viva impressão, que abalou profundamente a sua natureza rude, apaixonavel e um tanto selvagem, parou extatico diante d'ella, e depois seguiu-a até casa. Impaciente, inquieto, obedecendo aos impulsos violentos do seu caracter, não pensou desde aquelle momento n'outra cousa mais do que em se fazer amar por aquella a quem cegamente entregára o coração, virgem ainda de todo o amor verdadeiro. Vendo-se importunada, perseguida, em toda a parte e sempre, pela presença de um homem que parecia não poder despregar d'ella os olhos, sentiu-se a pobre Soledade tomada, primeiro de susto, depois de impaciencia, mais tarde de colera... emfim de curiosidade. A curiosidade é, nestes casos, um primeiro symptoma de amor.

Uma noite Soledade, sentindo-se inquieta, perturbada por um desejo vago de emoções que ella propria não sabia comprehender, abriu a janella do quarto para respirar o ar

fresco da noite, pensando assim tranquillisar a exaltação quasi dolorosa da sua sensibilidade. Pouco a pouco o seu espirito perdeu-se n'um labyrintho de sonhos incoherentes, que a imaginação formava, desfazia, transformava com rapidez vertiginosa. Cançada já de tanto sonhar, Soledade cahiu n'uma especie de deliquio: os seus olhos pareciam buscar na profundidade obscura do céo, onde scintillavam as estrellas em suave harmonia de luz e côr, a explicação do mysterio que lhe transformara a alma, antes tão placida e serena: os seus ouvidos estavam como escutando se, entre os indefinidos rumores que a aragem trazia, vinha uma palavra, uma harmonia que podesse descerrar-lhe as trevas do espirito; e, mais de uma vez, suspiro involuntario veio mostrar que a luz não tinha dissipado as trevas, que o mysterio d'aquelle coração inexperiente estava por decifrar. De repente uma voz doce, acompanhada pelos sons tristes de uma guitarra, veio como fazer em segredo a Soledade a revelação que ella buscava. A voz entoava:

É pena ou prazer que sinto?
É alegria ou é dôr?
Baixou do céo? É da terra?
Quem n'o sabe?... É o amor.

— É o amor?! — exclamou ella, como acordando em sobresalto.

— É. O que eu sinto é amor, de certo — disse alguem debaixo da janella. Era Silvestre Palmar.

Surprehendida no momento em que a sua bocca respondia á anciedade do seu coração, Soledade não teve forças para fugir, nem soube occultar o seu pensamento. Aquella palavra arrancada pela surpreza fôra uma confissão; e a candida cabreira do Bussaco tinha conservado tanto a singeleza primitiva, que não soube, e nem sequer intentou esconder o segredo da sua alma, que ella propria só naquelle momento acabava de descobrir.

Duas vezes mais veio o Silvestre entoar cantigas populares debaixo das janellas da sua namorada; e de ambas as vezes foi recompensado com algumas d'essas palavras meigas e timidas, que são, na bocca da donzella, a mais pura e a mais apaixonada confissão de amor. Tinha porem a Soledade um espirito muito elevado, um coração muito delicado, uma alma muito pura para não sentir que aquellas conversações nocturnas eram uma offensa á familia, que a agasalhara e protegera como filha na hora mais angustiosa da sua vida, eram um perigo para a sua honra, e, cousa mais grave ainda! podiam sêl-o tambem para a immaculada reputação da sua querida D. Mathilde. A sua razão teve mais poder do que o seu amor; a rigidez do seu caracter foi superior á paixão violenta que se apossára de todo o seu ser. Resolveu dizer ao Silvestre toda a verdade.

—Que gratidão é essa, que pode mais do que o amor, e a que me sacrifica, Soledade? — perguntou, tremulo, humilde e quasi resignado o valente capitão negreiro, depois de ouvir as palavras graves e severas pelas quaes a Soledade o afastava de si.

Para responder a esta pergunta, em que se revelava a dôr que pungia o coração de Silvestre, Soledade contou, entre lagrimas, a sua triste historia. Silvestre escutou-a sinceramente commovido, e por fim exclamou: — Orphãos ambos, ambos sem familia, perdidos no mundo! Um para o outro nascemos, Soledade; e um do outro devemos ser.

— Talvez!... — suspirou ella.

— De certo. Para mim nunca houve difficuldade que eu não ousasse arrostar e não soubesse vencer.— E, cedendo aos impulsos violentos da sua natureza quasi selvagem, o Silvestre accrescentou: — Minha ha de ser, Soledade; ainda que para isso seja necessario... quebrar todos esses laços de gratidão que a prendem; ainda que eu tenha que a arrancar d'essa casa... onde me querem roubar um thesouro que é meu.

Os soluços da pobre menina, que se desatára em lagri-

mas, subitamente dominaram os impetos da paixão que avassallavam o espirito de Silvestre. Pediu perdão, humilde e prostrado; elle, que nunca tivera senão arrogancias, que nunca cedera senão ás suas proprias paixões; e o perdão não se fez esperar muito.

Depois de muitos e sentidos protestos de affecto, os dois amantes separaram-se; promettendo o Silvestre respeitar todos os melindres e obedecer a todos os desejos da sua namorada.

XIX

ANGUSTIAS DE ADRIANO RAMIRES

O Silvestre Palmar, como o leitor já sabe, era um capitão de navios ao serviço de Adriano Ramires. Havendo-o, encontrado na Africa ainda criança, como grumete a bordo de um navio mercante, e notado a sua natural perspicacia, a sua indomavel energia, a dureza, a quasi ferocidade do seu caracter, e sobre tudo o seu grande desprezo da vida juncto á insaciavel avidez de gozar e satisfazer as vulgares paixões que o dominavam, reconheceu o Adriano Ramires logo que era o Silvestre Palmar o melhor dos agentes, que podia encontrar para as suas ousadas emprezas de escravatura e contrabando. Tractou logo de o aproveitar: mandou-lhe ensinar pilotagem, metteu-o a bordo de um navio negreiro e dirigiu-o nas primeiras viagens; depois, reconhecendo que era o Silvestre um prodigio de ousadia e denodo, e sobre tudo que era perigoso o tomar pessoalmente parte no trafico clandestino dos negros, deu ao seu pupillo o commando do brigue *Açor*, e veio estabelecer-se na Ramalhosa, para recolher tranquillamente os fructos d'aquella energica actividade e inquebrantavel ousadia, que soubera descobrir e aproveitar com maravilhosa perspicacia.

Pela primeira vez na vida sentiu o Silvestre, depois da sua conversação com Soledade, actuar sobre a sua vontade e subjugal-a um influxo moral, um poder mysterioso que a sua razão não podia comprehender. Elle, que lutára sempre com os maiores perigos, que pela força, pela destreza physica conseguira vencel-os, estava agora sem vigor, irresoluto, fraco em face da grandeza de um sentimento que o dominava todo. Era superior e distincto do mundo que elle até alli conhecera, esse mundo de aspirações elevadas, de desejos puros que lhe apparecia, luminoso e bello, diante da alma sobresaltada e maravilhada. Na primeira hora tudo foram arrebatamentos, tudo esperanças suaves e aspirações quasi ideaes: aquelle espirito, entorpecido e brutalisado pelos asperos embates da vida grosseira e material, deliciava-se, extasiava-se ao entrar pela primeira vez nas puras regiões onde se expandem as paixões nobres e os grandes sentimentos. Não durou muito, porem, nem podia durar esse divagar de um espirito rude pelas alturas do ideal. A impaciencia, a inquietação substituiram-se ao extase sentimental. Uma colera, parecida com a da fera que se vê pela primeira vez encerrada n'uma jaula, agitou depois o Silvestre precipitando-o em paroxismos de raiva impotente contra os proprios sentimentos que lhe avassallavam o espirito. Mil projectos violentos lhe vieram á cabeça como em turbilhão malefico, mas todos se esvaeceram diante da imagem pura e nobre de Soledade. Cançado já d'aquella angustia, d'aquella luta dolorosissima entre o seu espirito, subitamente transformado, e as suas antigas e violentas paixões ainda não suffocadas, o namorado marinheiro reconheceu-se vencido. Orgulho quebrantado ou exaltada ternura, saudade do passado ou meiga esperança no futuro, uma causa emfim que elle mesmo não saberia explicar, lhe arrancou abundantes lagrimas, que em vão buscou esconder a si proprio, como envergonhado do que lhe parecia imperdoavel fraqueza. A noite

passou sem que para Silvestre houvesse um momento de descanço; o que era muito naquella robusta e rude natureza, onde as necessidades physicas haviam sempre dominado sobre todas as preoccupações moraes, onde a exuberancia da vida material tinha asphyxiado por assim dizer o coração e a consciencia. Quando chegou a manhã, e a luz lhe dissipou as trevas do espirito como dissipára as trevas da noite, o Silvestre pôde emfim fixar as suas idéas e tomar uma resolução.

— Irei ter com o Adriano — disse elle em voz alta, como para melhor se fixar no plano que formára — e exigirei d'elle que me restitua uma parte da riqueza... que me tem roubado. Não ha de querer, mas... Nada, não lhe exijo... peço-lhe que me dê vinte ou trinta contos, e prometto-lhe fazer ainda uma viagem á America com uma carregação de negros. Será a ultima... Que Soledade nem sequer ha de saber, ha de sonhar tal cousa: isso de nenhum modo, porque era capaz de me querer mal! Com trinta contos de réis, e a minha actividade e saber das cousas do mar... poderei viver honestamente... com minha mulher. Ah! O Adriano irá pedil-a ao Carlos do Arnal... São amigos, os dois! — E reflectindo um pouco, e recordando-se do que o Adriano Ramires lhe dissera das suas relações com o Arnal, exclamou: — É bem infame, aquelle Adriano. Pois eu hei de tirar-lhe das garras o honrado advogado; hei de... em sendo a Soledade minha mulher. Pois vamos, vamos fallar com Adriano. Vou dispôr tudo para poder fazer duas boas acções... e conseguir a minha felicidade.

Logo que lhe pareceu serem horas de poder encontrar o Adriano já levantado, encaminhou-se o Silvestre para casa d'elle. Como os criados do Adriano o conheciam e sabiam a familiaridade com que entrava em casa, a todas as horas do dia e da noite sem mesmo se mandar annunciar, abriram-lhe as portas, dizendo-lhe apenas que seu amo estava no escriptorio com um sugeito, que acabava de entrar mo-

mentos antes. Silvestre, sem ouvir quasi o que os criados lhe diziam, encaminhou-se precipitadamente para o escriptorio do Adriano. Quando ia porem a entrar ouviu uma voz que dizia, n'um tom severo e duro:

— É grave o assumpto de que lhe venho fallar, sr. Adriano Ramires. Tenho... esperança de que não será infructuosa a resolução que tomei de appellar para a sua consciencia, recordando-lhe um dever... que nenhum homem de bem se exime de cumprir.

Silvestre parou, escutando. O Adriano, com voz um tanto balbuciante, mas a que buscava dar um tom grave, acudiu: — Não posso entender o que significam os termos em que me falla, sr. dr. Luiz de Mello; mas seja qual fôr o motivo que o leva a appellar para a minha consciencia, e a recordar-me o meu dever, pode estar certo de que ha de encontrar em mim... aquella honra, probidade, e, permitta-me dizel-o, quasi exaggerada delicadeza de sentimentos, que me préso de ter mostrado sempre em toda a minha vida...

— Sentemo-nos, pois; e oiça-me — interrompeu seccamente o Luiz de Mello.

— Eu podia estranhar — observou o Adriano — o modo por que o sr. Luiz de Mello, que eu não tenho a honra de conhecer... senão de reputação, me julga obrigado a escutal-o, sem me dizer, sequer, o assumpto em que me vem fallar...

— Não acaba de me dizer que é homem de bem... probo e de sentimentos delicados? — disse o doutor, em tom no qual transparecia amarga ironia — pois é por isso que eu julgo ter direito a que me escute o sr. Ramires.

Depois de curta pausa, proseguiu: — Para cumprir o dever da minha profissão, fui, ha um anno, a uma pobre casa... na provincia, onde uma mulher estava agonisante. Antes de expirar, essa mulher confiou-me um papel... de grandissima importancia... para o sr. Adriano Ramires.

— Para mim? — perguntou sobresaltado o senhor da Ramalhosa.

— De certo. Nada mais importante, para um homem probo, do que mostrar-lhe um dever a cumprir.

— Ha, de certo, engano — interrompeu o Adriano.

— Não ha... de certo — acudiu logo o Mello. — Rogo-lhe, sr. Adriano, que me escute; peço-lhe que não interrompa esta leitura que lhe vou fazer. É breve.

Luiz de Mello leu então a *confissão* que, á hora da morte, lhe entregara a desgraçada mãe de Soledade. Ora impaciente; ora cheio de raiva; ora abalado, pelo pavôr que lhe causavam as lugubres imagens, evocadas diante do seu espirito aterrado por aquella leitura; ora movido pela esperança de esconder a perturbação da sua alma, o Adriano procurou por vezes interromper o dr. Luiz de Mello: este, porem, impondo-lhe silencio com um gesto, ou uma palavra severa, levou até ao fim a sua pathetica leitura. Ao terminar fitou olhos de anciedade no réo, a quem acabava de ler a historia de seus horriveis crimes; como para ver se descobria algum signal de remorso, algum indicio de arrependimento, alguma commoção, alguma cousa emfim que mostrasse haver naquelle homem uma consciencia. Era, porem, o Adriano d'aquelles em quem a vontade pode vencer todas as commoções ainda as mais violentas, e reprimir as paixões ainda as mais tumultuosas. A sua physionomia, naturalmente inexpressiva e impassivel, mostrava apenas naquelle momento a curiosidade e a surpreza, um tanto indignada, de uma pessoa a quem acabam de contar uma historia absurda, em que o seu nome apparece calumniosamente involvido. — Foi o Adriano quem primeiro rompeu o silencio.

— Ouvi, como me pediu, a leitura d'esse papel até ao fim, sr. Luiz de Mello — disse elle, com a voz pausada e solemne de um homem grave, e convencido da propria innocencia. — Ouvi, pela consideração que me merece a sua bem estabelecida reputação de homem de bem. A não ser

assim, por certo não teria soffrido que diante de mim se fizesse a leitura de um papel calumnioso... escripto não sei por que creatura mal intencionada, ou louca.

Tinha o Luiz de Mello ficado indignado de ver a expressão, hypocritamente calculada, da physionomia do Adriano; ao ouvir-lhe porem essas palavras, em que a sua infamia se escondia sob a mascara da virtude offendida, sentiu-se suffocado pela colera que lhe subia do coração; e, pondo-se de pé, disse com uma voz vibrante, aspera, impetuosa e de supremo orgulho:—Nada me admira de um tal homem! Vim aqui a cumprir um dever, mas quasi certo de que era inutil o querer acordar sentimentos de homem em alma tão vil.

—Sr. Luiz de Mello...—balbuciou o Ramires.

—Nem uma palavra mais. Melhor é que sua filha não saiba nunca que tem um tal pae... assassino por avareza e cobardia.

Ditas estas palavras o Luiz de Mello sahiu, sem que o Adriano Ramires ousasse acompanhal-o.

Silvestre Palmar, tomado de um inexprimivel horror, não tinha perdido uma unica palavra d'esta scena, á qual o acaso o levára a assistir. Mais de uma vez, durante a leitura feita por Luiz de Mello, esteve elle a ponto de soltar exclamações de indignação ou de colera: e a não ser o desejo ardente de escutar até ao fim uma narração, que lhe trazia á memoria sinistras recordações, e de ver como o Adriano tomava aquella sangrenta accusação, que uma das suas victimas lhe fizera na hora do passamento, teria elle cedido de certo aos impetos violentos do seu indomavel caracter. Aquella historia dos horriveis crimes perpetrados por Adriano foi, para o Silvestre Palmar, uma verdadeira revelação. Toda a sua vida lhe passou n'um relance pela mente, pavorosa e sinistra, manchada pelo sangue, pervertida pelo vicio, deshonrada pelo crime; e, n'essa rapida e vertiginosa apparição, sobre-levava a tudo, como se fôra o espirito do mal, a lugubre figura de Adriano. Ao

rude marinheiro figurou-se estar assistindo áquella inaudita ferocidade, áquelle cobarde assassinato de um moribundo: pareceu-lhe estar ouvindo o estertor suffocado do miseravel velho, expirando ás mãos do seductor de sua filha; e estendeu involuntariamente os braços para suster essa infeliz mulher, que elle, levado de uma completa allucinação, como que estava sentindo juncto de si a estorcer-se de angustia. Não era um sonho, não era uma allucinação aquillo: era uma recordação. Custou-lhe a conter um grito de dôr e de colera, mas reportou-se, e teve força em si para escutar até ao cabo o que se passava no escriptorio de Adriano Ramires. Pouco a pouco recobrou totalmente o sangue frio; e, quando sentiu sahir o dr. Luiz de Mello, levantou o reposteiro e entrou, sem o menor ruido e fazendo mostra da mais perfeita tranquillidade.

Estava o Adriano Ramires de pé, hirto, extatico, como assombrado. Uma das mãos apertava o figado, que parecia haver-lhe subitamente crescido pela violencia das paixões comprimidas; a outra como que se lhe tinha incrustado nas costas de uma cadeira. A côr verde-negra da face, o descahido da bocca, o afilado do nariz, o repuxado dos musculos, e a negrura dos oculos que pareciam duas orbitas despejadas de olhos, tudo dava á cara d'aquelle homem um aspecto cadaverico. Tal era o estado de concentração e entorpecimento em que tinha todas as faculdades sensitivas, que só deu pela presença de Palmar quando este lhe bateu no hombro, exclamando: — Então que tem, homem? Está dormindo em pé?

O Adriano deu um pulo, soltou um grito, como se acordasse espavorido depois de um pezadelo. As pernas fraquejaram-lhe, pela cabeça passou-lhe rapida vertigem, os braços estenderam-se automaticamente, e, depois de um momento de oscillação, foi cahir quasi sem sentidos n'uma cadeira. Era horrivel e burlesco.

O Silvestre Palmar soltou uma estridente gargalhada: — Que era medroso já eu sabia, sr. Adriano — disse elle,

rindo sempre — mas tanto, isso não. Pois tal susto lhe metti, que até desmaiou como uma mulher... velha e feia. Ah! Ah! Ah! Muito feia! Ah! Ah! Ah!

Havia tanto escarneo e desprezo na gargalhada nervosa do capitão negreiro, que o Adriano a sentiu a flagellar-lhe as faces como uma affronta; e, de raiva e dôr, tornou a si.

— Não ria, Silvestre; não se ria — disse elle, afogado de colera.—Eu não estou agora disposto a soffrer, que você se ria de mim.

— Pois que quer que eu faça, vendo-o desmaiar porque lhe bati no hombro? — acudiu o Silvestre, continuando ainda a rir.— A gente não é sempre senhor de si... Haja vista o que lhe está succedendo agora.

— Basta, capitão: basta de riso — disse o Adriano, já menos desorientado.— Eu estou que me não posso ter... de raiva.

— E porque?

— Porque... aqui mesmo na minha casa, um homem me acaba de injuriar; calumniando-me, accusando-me de crimes...

— Que o bom do sr. Adriano Ramires é incapaz de commetter — interrompeu o Silvestre com amarga ironia.— A quem o diz, meu caro sr. Adriano!... Pois desabafe comigo, e diga-me que calumnias lhe levantaram, de que crime o accusaram.

— Disseram... Que importa o que me disseram? O que eu quero é elevar-me tanto na opinião publica, que me não possam chegar esses golpes, com que a inveja procura manchar a reputação...

— Dos homens de bem — concluiu o Silvestre, com um gesto de verberante desprezo.— Este foi fundo...

— Este que?... — perguntou o Adriano, a quem a violencia dos apaixonados sentimentos, que lhe haviam agitado o espirito, tinha deixado como estupefacto.

— Este golpe... da inveja.

— Porque diz isso, Silvestre?

O capitão negreiro fitou no seu sobresaltado interlocutor os olhos, tão incendidos pelo odio profundo e implacavel que lhe lavrava no coração, que este, como fascinado, se levantou trémulo e frio.

—Que tem, capitão? —balbuciou o Adriano.— Não sei porque está assim, tão fóra de si!

—Eu?... —acudiu o Silvestre, cuja cara se contrahiu n'um sorriso forçado.— Ouvi tudo.

—Ouviu... tudo! —balbuciou o senhor da Ramalhosa.

—Tudo — confirmou o outro.— Estava alli, e ouvi tudo...

—Que invenção tão atroz, Silvestre! —observou, depois de breve pausa, o Adriano, tomando um tom de innocencia offendida.— Como se eu fôsse capaz de matar alguem!... E depois, a fallar a verdade... aquelle papel... Você ouviu ler...

—... O papel todo, que escreveu a Salomé, ouvi— acudiu o negreiro, em tom peremptorio.

Apezar de desconcertado pelo modo suspeitoso com que fallava o Silvestre, o Adriano proseguiu: — Aquelle papel nada prova, senão contra quem o apresenta... como escripto por uma mulher, não sei de que aldeia... com o fim de extorquir dinheiro... a um homem rico... e de reputação illibada...

—Olhe lá, ó sr. Adriano... —interrompeu o capitão, pondo-lhe a mão no hombro.— E se aquelle rapaz... aquelle de que reza o papel... se aquelle rapaz vivesse ainda, e se lembrasse... de tudo?

O Adriano Ramires contrahiu-se todo, como se lhe tivesse mordido uma vibora: —Que diz você, homem?... Pois se aquillo tudo é uma invenção... uma calumnia...

—Pois não fallemos mais em tal... por agora. Silvestre se chamava o rapaz... como eu, nem mais, nem menos. Olhe que sempre ha exquisitices grandes neste mundo, sr. Adriano.

De novo as pernas do senhor da Ramalhosa fraquejaram e se lhe turvou a cabeça. Fitando o Silvestre, como para lhe buscar na cara uma recordação, os seus olhos encontraram os olhos claros e metallicos d'este: desappareceu-lhe então do espirito toda a duvida. Estava em presença da unica testemunha do seu nefando crime. Adriano perdeu um instante os sentidos, e cahiu, como uma massa inerte, sobre a cadeira de que momentos antes se levantara.

— Capitão — tartamudeou elle alguns minutos depois, tornando em si e pondo a mão familiarmente no hombro de Silvestre:—capitão... você bem sabe que sempre fui seu amigo... e agora, mais do que nunca, lhe quero bem... pela sua perspicacia, e... porque sei que é um homem que merece... em tudo a minha confiança. Quando veio aqui hoje, Silvestre, de certo trazia o fito posto n'alguma cousa... em que suppunha que eu lhe podia ser util. Se é assim, diga francamente o que deseja; porque, se eu lh'o podér fazer, muito gôsto terei em lhe mostrar mais uma vez... a minha amizade...

O Silvestre escutou, n'uma grande tranquillidade apparente mas com um máo sorriso na bocca, estas palavras, arrancadas pelo susto ao Adriano Ramires. Quando este porem fallou da sua amizade, o capitão afastou-se um pouco sacudindo a mão que lhe pozera sobre o hombro, e interrompeu-o bruscamente: — Deixemos esse palavreado, sr. Adriano. A sua amizade ninguem a deseja menos do que eu.

— Olhe, Silvestre, que eu sempre lhe dei mostras de lhe querer bem.

— Já lhe disse o que lhe devia de dizer.

O Adriano teve medo da colera que via ir crescendo no rude marinheiro, e entendeu que era melhor pôr de parte todas as blandicias apparentes, com que estava buscando amansal-o. Mudou de tom, pensando que era occasião de recorrer a meios suasorios mais positivos, para o levar a melhores termos.— Com que tenções vinha você, quando...

chegou alli áquella porta? Diga abertamente, porque bem sabe que eu tenho mãos largas, e... alma grande.

— Não falle na sua alma, sr. Adriano — acudiu o Silvestre: — e nas mãos largas... n'essas ainda menos; porque se lhe fizeram pequenas dês que tanto as apertou no pescoço de um velho moribundo. Olhe que por isso lhe ficaram assim, homem.

O Adriano involuntariamente olhou para as mãos, e sentiu um estremecimento quando as viu pequenas, seccas, mumificadas. Parecia que n'ellas reparava pela primeira vez, e que lhe faziam medo.— Olhe que ainda não disse a que veio aqui hoje, Silvestre — insistiu elle, depois de uma pausa.

— Trazia uma idéa...

— E qual era?

— Abandonei-a já.

— Por outra?

— Talvez.

— Pois diga uma e outra, Silvestre — deu-se pressa em dizer o espavorido senhor da Ramalhosa.

— Resolvido, como estou, a casar-me, vinha-lhe pedir um dote — disse o Silvestre; recobrando inteiramente o sangue-frio que a colera lhe fizera perder por um instante, e observando astutamente o Adriano.

Este, acordada com estas palavras a avareza, não pôde ter-se que não exclamasse: — Um dote!... Grande, talvez? Hein?

O capitão riu-se com desprezo, e proseguiu: — Vinha-lhe pedir um dote... d'aquelle dinheiro que eu tenho ganho com perigo de vida, e que... o futuro visconde da Ramalhosa tem arrecadado, ou empregado em engrandecer o seu solar. Vinha-lhe pedir um dote... mas agora já o não quero. Mudei de idéa, e exijo outra cousa.

Ao ouvir estas palavras, o Adriano Ramires ficou ainda mais verde do que estava. Como o Silvestre porem ficára calado, teve elle tempo para reflexionar; ponderando os pe-

rigos de se deixar dominar pelo susto; pezando as vantagens de repellir toda a accusação, de negar quanto contra elle se dissesse, e, sobretudo, de recusar o que lhe pedissem. Foi debaixo da impressão d'estas idéas que, tomando subitamente um ar resoluto que mal lhe podia encobrir as perplexidades e terrores do espirito, disse por fim ao Silvestre com ironia: — Exigir é muito, capitão; exigir, quem nem sequer tem direito de pedir, é demasiado. Melhor seria que mudasse... que perdesse essa segunda idéa, como já perdeu a primeira.

Vendo tão subita transformação, sentiu o Silvestre a colera subir-lhe outra vez á cabeça, e teve um instante a tentação de fazer ao Adriano o que vira este fazer ao pae da Salomé. Chegou a levantar os braços, com as mãos curvas e hirtas, para lh'os deitar ao pescoço. Se naquelle momento o Adriano tivesse mostrado medo estava perdido; mas, já senhor de si, não fez nenhum gesto que denotasse terror, antes metteu tranquillamente a mão no bolço, em que o Silvestre sabia que elle trazia sempre um rewolver.

— Não ha que hesitar, meu caro capitão — proseguiu o Adriano, depois d'esta expressiva mimica. — Entre a guerra e a paz, o melhor é a paz.

O capitão negreiro não teve nem sombra de medo do rewolver do Ramires: costumado, porem, ao perigo, era nas occasiões arriscadas que a razão se lhe tornava lucida, e abrangia n'um relanço o bom e o máo das situações. Não havia vantagem nenhuma em travar uma luta com Adriano. Este podia defender-se porque estava armado; os criados acudir-lhe-iam ao primeiro signal; e a explicação de qualquer cousa que se passasse seria favoravel ao homem rico, deputado, amigo dos ministros e influente politico, e contrária completamente ao homem a quem ninguem protegia, nem sequer conhecia, e cuja vida aventurosa tinha sido um attentado permanente contra as leis da sociedade e os principios da moral e da philantropia.

— O melhor é a guerra — exclamou o Silvestre, re-

spondendo ao aphorismo do seu antigo patrono — e a guerra teremos.

— Ora diga-me cá, meu capitão; não é melhor virmos ás boas? — disse o Adriano, tomando um tom que queria ser bonançoso.— Primeiro que tudo fallemos claro. Aquillo que você ouviu lêr é uma falsidade, é louca historia que não tem pés nem cabeça. E mesmo apparecendo alguem, cousa impossivel! que sonhasse ou fingisse sonhar que era aquelle Silvestre... o tal pequeno de que falla a historia... tudo quanto dissesse seria tido por mentira, e não haveria ninguem mais para confirmar o seu testemunho.

— Veremos — murmurou o Silvestre.

— Não ha que ver — concluiu o outro. Logo depois proseguiu: — Vamos ás boas; já lhe disse que era o melhor, Silvestre. Qual era a sua segunda idéa? Se fôr cousa que possa fazer-se... já você sabe que eu lhe desejo ser util.

Meditou um pouco o marinheiro, e depois respondeu:

— Se eu tivesse que lhe pedir outra cousa que não fosse... um acto de virtude, não duvidaria que m'o fizesse, mas...

— Pois quer-me pedir... o que você chama um acto de virtude?— acudiu o Adriano, entre admirado e desconfiado.

De uma grande mobilidade nos seus sentimentos, o Silvestre teve vontade de rir da expressão ambigua e comica que tomára a cara do seu patrão.— Que singular cousa! Admira-se o sr. Adriano, tão temente a Deus e bom catholico como é... admira-se que lhe eu queira pedir um acto de virtude, tanto como se espanta das minhas blasphemias... d'aquellas blasphemias que elle practicamente me ensinou, com as suas carregações de sanctos para o Brazil.

— Mas diga o que quer por fim, Silvestre!— exclamou com impaciencia o Adriano.

— Quero que reconheça a sua filha — disse o Silvestre, tomando subitamente um tom grave e commovido: — quero que repare... os crimes passados, cumprindo o seu dever de pae.

Grande foi a surpreza de Adriano ao ouvir estas palavras. No seu espirito malevolo as surprezas, porem, duravam pouco; porque para tudo encontrava explicação nas ruins paixões, que attribuia a todos os homens.— É bom achado, isso! — exclamou elle, passado um momento.— Com que pensa, Silvestre, que, reconhecendo eu por minha filha a sua noiva... ou dando-lhe em casamento uma mulher a quem eu reconheça por filha, fica completa a novella de que ha pouco ouvimos ler a primeira parte; e, o que é melhor ainda, fica você sendo meu herdeiro! Ora diga-me, Silvestre, já tem noiva escolhida? N'esse caso, se ella tem pae e mãe, não é facil fazel-a passar por minha filha.

O Silvestre sentiu-se suffocar de indignação, e não pôde senão dizer: — Cale-se... cale-se!

Passados alguns minutos o capitão negreiro, que déra agitado algumas voltas pela casa, murmurando de instante a instante palavras de colera, parou em face de Adriano, e, com voz imperiosa e breve, clamou:— Quer ou não quer fazer o que lhe disse?

— O que?... — perguntou o outro.

— Deixemos-nos de gracejos, sr. Adriano. Eu vi-o matar um homem... sei-lhe de todos os crimes. Não ha para que esconder-lhe o meu pensamento. Quero casar-me com a sua filha, e é preciso que a reconheça e lhe dê um dote em proporção com a sua riqueza.

— Está tudo muito bem disposto — interrompeu o Adriano, não sem inquietação.— E onde está a... a sua noiva?

— Sabel-o-ha quando se decidir a cumprir o seu dever... e a entender bem os seus interesses.

E, sem dizer mais uma palavra nem escutar o senhor da Ramalhosa que se dispunha a responder-lhe, sahiu o Silvestre precipitadamente, fazendo um gesto de ameaça.

XX

DESALENTOS E ESPERANÇAS DE ADRIANO RAMIRES

Não podia o Adriano Ramires dissimular a gravidade da sua situação, nem desconhecer os perigos que, de propalar-se a historia de seus crimes passados, resultariam para as suas ambiciosas esperanças. Por mais que cogitasse não encontrava modo de destruir o effeito das terrives revelações que, de um dia para o outro, podiam fazer ao publico dois homens; um dos quaes tinha a auctoridade que dá uma reputação illibada de honradez e gravidade, e o outro a força que, contra os criminosos, tem sempre uma testemunha ocular e um cumplice. Tinha caminhado rapida a sua fortuna pelos caminhos que conduzem á prosperidade, á influencia, ás distincções sociaes, ás grandezas politicas, e era doloroso ver de repente abrir-se um abysmo debaixo dos pés, não achar meio de o evitar e perceber que no fundo d'elle estava a deshonra publica, o desprezo do mundo, a perda de todas as vantagens penosamente obtidas por muitas horas amarguradas pelas mais insalubres paixões, por muitos dias de terror, por muitos annos de ambição febril, de insaciavel e lugubre avareza.

A poder de hypocrisia e do sacrificio dolorosissimo do seu amor ao dinheiro, tinha o Adriano Ramires conseguido que a voz publica, entre reticencias mais ou menos accentuadas, dissesse d'elle: — É boa pessoa: faz muito bem aos pobres — e que as beatas accrescentassem: — temente a Deus é elle tambem, e sabe cumprir todos os preceitos da religião. — Os seus incessantes trabalhos n'isso a que o vulgo chama politica — e que não é mais do que a intriga mesquinha, a actividade esteril, a declamação banal, e sobretudo a baixa lisonja aos que estão no poder e aos que pela eleição dão o poder — esses trabalhos infecundos para o bem mas profundamente corruptores, tinham valido ao Adriano uma certa importancia social, de que lhe resultava o ser deputado, o ter entrada nos gabinetes dos ministros, e o estar em vesperas de se pavonear com o titulo de visconde. Tudo isto porem estava em falso, e elle bem o sentia. Vagos rumores, pouco lisongeiros, corriam de bocca em bocca sobre o seu passado. Os que o haviam conhecido em Coimbra, quando estudante, conservavam d'elle más recordações; porque, abusando da posição que lhe grangeara a sua sordida parcimonia, exercera com os seus condiscipulos a mais vergonhosa usura. As queixas amargas do visconde da Almeiroa, e as historias mais ou menos nebulosas que os seus inimigos, e principalmente os *seus amigos*, contavam do tempo em que elle andara pela Africa e estivera no Brazil, haviam lançado nos espiritos, sempre dispostos a buscar o mal e a denegrir reputações, suspeitas, que um incidente qualquer podia transformar em vehementes ataques, em irresistiveis violencias. Em taes circumstancias, como não havia de temer pelo seu futuro o ambicioso senhor da Ramalhosa?

Estava o Adriano Ramires absorvido nestas tristes cogitações, quando lhe entrou no escriptorio um criado trazendo tres cartas. Mirou-as com attenção, e, conhecendo as letras dos sobrescriptos, classificou-as pela ordem de importancia que elle dava a cada uma d'ellas.

A primeira carta que abriu era de um ministro, e dizia assim:

«Illmo ex.^mo sr. e meu presado amigo.—Sáio agora mesmo do conselho de ministros, e com verdadeira satisfação annuncio a v. ex.ª que o governo resolveu propôr a Sua Magestade haja por bem conceder a v. ex.ª o titulo de visconde da Ramalhosa, em remuneração dos seus serviços ao paiz, e para dar um testemunho publico do apreço em que são tidos pelo governo os beneficios, que v. ex.ª ultimamente tem feito aos estabelecimentos de caridade. Creia v. ex.ª, etc., etc.»

Esta carta, que em outra occasião faria a felicidade de Ramires, não veio senão augmentar-lhe a anciedade do espirito, e tornar-lhe mais viva e dolorosa a desesperação, por ver a ponto de se mallograrem todas as suas esperanças. Depois de curta meditação abriu a segunda carta. Era de D. Benedicta Subtil, e concebida nos seguintes termos:

«Illmo ex.^mo sr.—Não me atreveria eu a escrever-lhe, se não fôsse o muito que quero á minha Mathilde, e o desejo de assegurar a felicidade d'essa que eu tracto como filha, e a quem, desde pequena, tenho cercado dos meus carinhos. A esperança de ver, em breve, a minha Mathilde protegida por um homem tão respeitado no mundo como v. ex.ª é, e de conseguir por esta forma levar a paz á alma attribulada de meu velho primo Carlos do Arnal; a confiança que me merece, com razão, o coração piedoso e o elevado caracter de v. ex.ª; a certeza de que, promovendo o seu casamento com a Mathilde, faço um bom serviço aos pobresinhos, que tanto precisam da generosa protecção das pessoas caridosas, tudo me leva a escrever a v. ex.ª, para o pôr ao facto do que se passa e lhe recommendar que empregue toda a sua actividade, para que prompto se consiga o que desejamos.

«A minha prima não está ainda em tão boa disposição de espirito como eu desejava. Como v. ex.ª sabe, mágoas antigas lhe deixaram no coração uma ferida, que ainda não

cicatrisou. Eu busquei, por muito tempo, lançar o balsamo suave da religião n'aquella ferida dolorosa; e a pobre Mathilde tanto se acostumou ás doces consolações, que a fé, e só a fé pode dar ás almas magoadas, que hoje nem eu mesma posso ainda mudar-lhe a resolução que tomou de entrar n'uma clausura, a unir-se em mystico consorcio com o pae de todos os desgraçados, com o Deus de misericordia. Se não fôsse, creia-me v. ex.ª, a persuasão em que estou, de que o casamento de minha prima com um homem de tão altos dotes, como v. ex.ª é, será mais proveitoso á religião do que a entrada d'ella n'um convento, não seria eu quem a desviasse de tão sancto proposito; mas Deus, Nosso Senhor, que conhece as minhas intenções, de certo as abençoará e as tomará sob a sua divina protecção, para que se realisem.

«Não ha tempo a perder, meu caro senhor: é preciso acabar promptamente com as hesitações da nossa Mathilde. O meio mais seguro de o conseguir, é que o pae se resolva a fallar-lhe claro; mostrando-lhe que quer o casamento, e o julga indispensavel para a felicidade d'ella e d'elle. D'elle sobretudo; porque a menina, coitada! — isso é verdade — tudo faria pelo pae, ainda que muito lhe custasse: que lhe não custará de certo o casar-se com v. ex.ª, logo que perca a idéa de se fazer freira. Que mais pode ella desejar, que mais se pode desejar n'este mundo? O Carlos é fraco de animo, e diante da filha não tem forças para nada; mas v. ex.ª tem sobre elle tanto poder, e tem *nas suas mãos* tantos meios de o resolver, que pode de um dia para o outro leval-o a impôr á filha a sua vontade. Repito; não ha tempo a perder. Conto, pois, com a sua energia. Nem um momento posso pôr em duvida, que v. ex.ª fará justiça ás minhas rectas intenções, e comprehenderá os motivos que me levaram a escrever esta carta. Queira v. ex.ª mandar n'esta sua

Fiel captiva
D. Benedicta Subtil.»

Esta carta dizia mais do que n'ella se lia. A anciedade da beata era evidente. Adriano presentiu uma difficuldade grave á realisação do casamento, que desejava ardentemente; porque a paixão, uma paixão vulgar, brutal mas irresistivel, se havia apossado d'elle. A sua angustia foi grande quando esta idéa lhe atravessou o espirito; e, por muito tempo, ficou como paralysado e sem se lembrar, que tinha diante de si ainda uma carta por abrir. Por fim rasgou o sobreescripto, e leu com grande agitação o seguinte:

«Sancta Eulalia.

«Ex.mo sr. Adriano.—Ha por cá grandes novidades. Vou prevenil-o, para que nos não apanhem descuidados e não fiquemos entalados, quando já não haja remedio. A fabrica de fiação até hoje tem continuado a trabalhar, e por isso não nos temos descuidado, aproveitando o tempo em preparar a *partida de fazenda,* que o sr. Adriano mandou encommendar para o Brazil. Mas agora parece que vão, hoje ou ámanhã, parar os trabalhos na fabrica; os operarios já tiveram aviso de que faltavam os fundos, para se lhes continuar a pagar. Neste caso nós tambem temos de parar com a nossa tarefa. Mas isto não é o peior, sr. Adriano: o peior é que a justiça, segundo me consta, já farejou que havia por aqui trabalhos, que não são do gôsto do governo; e até me chegou aos ouvidos que havia uma denuncia, de que na fabrica de Sancta Eulalia se ouviam ruidos de noite, como de machina trabalhando debaixo do chão; e não sei mesmo se a denuncia vai mais adiante. Por aqui todos dizem que a fabrica de Sancta Eulalia é do sr. Carlos do Arnal, e só d'elle; e accrescentam, uns que elle está arruinado, outros que se finge arruinado. Em todo o caso era bem melhor que nada transpirasse d'este segredo; mas agora parece-me que já não pode, sem risco, continuar isto aqui. Se, como se diz, houver penhora na fabrica de fiação, por causa da letra ao Manuel Agueda, que o Arnal passou faz agora um anno, é facil que a justiça dê com os balancés e cunhos que temos aqui, sobretudo estando já prevenida.

É provavel que as suspeitas cáiam sobre o Carlos do Arnal, mas é possivel tambem que o salve a sua reputação de homem honrado. Emfim, com isso não tenho nada. Resolva o sr. Adriano o que lhe parecer melhor. Eu, por mim, é que estou decidido a ir-me d'aqui já, porque me não quero ver compromettido. Conto que, pela volta do correio, me mande as suas ordens, e dinheiro para eu ir até á America. Preciso já d'aquelles seis contos, que o senhor me prometteu quando eu vim para a fabrica, se chegasse ao Brazil uma partida de notas; e mais do preço das moedas que já estão em circulação no paiz, e que eu fabriquei por sua conta.

«Esta carta leva-a um portador seguro, que é o sr. Henriques Furavidas. Elle explicará melhor a v. ex.ª o que vai por aqui. Repito: espero pela volta do correio as suas ordens, e *o dinheiro*. Bem sabe que primeiro que tudo está o salvar um homem a propria pelle; o sr. Adriano deve lembrar-se de que, em ultimo caso, a gente pode descobrir a verdade á justiça, e alcançar assim o seu descanço.

«Sou sempre de v. ex.ª

humilde criado

Manuel Moita.»

Sentiu-se esfriar todo, ao acabar a leitura d'esta carta, o Adriano Ramires. Tão fortes emoções haviam-lhe abalado profundamente o espirito. Á ousadia succedeu por um momento o terror, á confiança o desalento, ao cynismo o remorso; não o remorso que resulta de uma fórte reacção moral, senão o remorso cobarde que nasce do medo. Depois de dar, como fóra de si, algumas voltas desordenadas pela casa, tocou a campainha com violencia, e ao criado, que acudiu correndo, deu ordem para que fosse chamar o Henriques Furavidas.

Quando este entrou, e viu a agitação de seu amo, não pôde conter um frio riso. Com voz, em que o escarneo se escondia mal debaixo de apparente respeito, disse: — Aqui estou, sr. visconde. Os jornaes já dão conta do seu despa-

cho, e eu dou-lhe os parabens... a v. ex.ª... É um acto de justiça...

— Que ha? — interrompeu bruscamente o Adriano.— O que quer dizer esta carta do Moita?

— Pouca cousa — respondeu fleugmaticamente o Furavidas, levantando com gesto tranquillo os pesados braços, como para poupar palavras.

— Mas o Moita está assustado.

— Está, e tem razão... por si tem razão. A fabrica... a de moeda não pode deixar de ser descoberta; e elle, se não se escapa, com a lei nova fica perdido. Mas a v. ex.ª não se lhe dá muito d'isso?

— Pois você, não sabe, Furavidas, que elle na carta ameaça-me de denunciar tudo á justiça, se eu lhe não dér... uma dinheirama — acudiu o Adriano.

— Pois é dar-lh'a; porque assim deve ser — respondeu o guarda-livros.— Elle, o Moita, recommendou-me muito que lhe dissesse, que só tres dias esperava pelo dinheiro, porque está sobre espinhos, parecendo-lhe a cada momento ver entrar as auctoridades pela fabrica dentro.

— Então, não ha mais que dar dinheiro?... — perguntou angustiado o senhor da Ramalhosa.

— O seu interesse, sr. visconde, é dal-o, e depressa. Ámanhã vence-se a letra que o Arnal passou ao Manuel Agueda... Quer um conselho de uma ruim cabeça, sr. Adriano? Eu, no seu logar, desfazia-me do Manuel Moita, dando-lhe o dinheiro; e, depois, mandava ao Agueda que procedesse a respeito da letra. Fica tudo salvo. A proposito: devo dizer-lhe tambem, sr. Adria... sr. visconde, que eu me quero retirar á vida privada. Quero viver por minha conta, e preciso... dinheiro; o meu dinheiro.

Um paroxismo de avareza e de colera cegou o Adriano Ramires. Tomando de sobre a meza uma estatua de bronze, atirou com ella ao Furavidas com tal violencia, que o haveria provavelmente matado se este não desviasse a tempo a cabeça. — Infames! — bradou o Adriano como louco.—

Infames ladrões... que me devem tudo: e agora ameaçam-me e querem-me deixar na miseria... deshonrar-me. Todos, todos... todos contra mim! — E, agarrando a cabeça com ambas as mãos, cahiu quasi sem sentidos, roxo, suffocado, sobre uma cadeira.

O Furavidas levantou placidamente a estatua, pôl-a sobre a meza, e disse apenas: — Isto é que não são modos de ajustar contas, sr. Adriano: entende? Verá como eu sei ajustar esta... Verá.

Já ia a sahir o Furavidas, quando o Adriano se levantou precipitadamente para o deter: — Não se vá, Furavidas; não me deixe agora — balbuciou elle, supplicante.— Você é o meu unico amigo... Desculpe... foi a afflicção que me cegou... a idéa de o perder.

O guarda-livros fez-se mais pallido do que estava; os olhos brilharam-lhe um momento; contrahiu-se-lhe a bocca n'uma especie de sorriso; e, voltando a entrar no escriptorio, disse seccamente: — Aqui estou!

O sangue-frio do guarda-livros humilhou profundamente o patrão. Este, para não insistir mais tempo sobre assumpto que lhe era penoso, porque o rebaixava a seus proprios olhos, proseguiu fallando sobre negocios, e deu ordem ao Furavidas para no dia seguinte ser apresentada a letra ao Arnal, e logo depois protestada. Ao terminar as suas instrucções disse, batendo familiarmente no braço do seu agente: — As nossas contas hão de ajustar-se em breve, Furavidas; e você não se ha de arrepender de me ter servido com zêlo. O que a mim me péza é vel-o na resolução de me deixar... Bem sabe que sou seu amigo. Ainda ha de pensar...

— Já pensei — respondeu o outro: — e já resolvi. Agora a respeito do Manuel Moita nada se decide?

— Veremos — respondeu o Adriano, diante de cuja imaginação assustada passou a seductora imagem dos contos de réis, que o Moita lhe pedia.

— Deus queira que não se faça tarde — concluiu o Furavidas, sahindo do escriptorio.

• •

Passada a excitação, que o levára por mais de uma vez n'aquella manhã ao ponto quasi de perder a vida por uma congestão cerebral, cahiu o Adriano em profundo abatimento. Os membros estavam como paralysados, os sentidos como embotados; e só, no fundo do espirito, o perigo mantinha em confusa agitação o indeciso pensamento.

Pouco a pouco se foram esclarecendo as idéas; á confusão succedendo a lucidez, e o desalento dando logar á energia de resoluções, que era propria d'aquella alma depravada e immoral. Era preciso a todo o custo afastar de si suspeitas, que em breve se podiam transformar em asserções claramente formuladas: era indispensavel collocar-se em situação de poder repellir, com energia, a accusação de assassinato, que contra elle se levantava: era urgente contrahir allianças, que o cercassem de uma atmosphera de probidade, onde difficilmente podessem penetrar os ataques dos seus inimigos. Vencer, de um pulo, a distancia que o separava do termo das suas ambições: tomar logar entre os *bemfeitores da humanidade,* fazendo do beaterio um escudo para cobrir a sua depravação: casar-se com Mathilde, a filha do advogado honrado, para crear assim uma familia, e satisfazer ao mesmo tempo a sua paixão: tomar na camara o papel de defensor da moral publica, atacando a corrupção social em todas as suas manifestações, e principalmente fazendo cahir a sua colera, estudada e ornada de alguns rasgos de eloquencia preparados pelo dr. Farelorio, sobre os moedeiros falsos e os negreiros: aspirar a tudo com o apoio de periodiqueiros complacentes e flexiveis: eis o que resolveu fazer o sr. Adriano. Traçado o plano, era preciso não perder tempo, porque o bom exito dependia da promptidão e energia da acção. Encommendando-se mentalmente a todos os sanctos, o senhor da Ramalhosa sacudiu o torpôr que ainda lhe tolhia os membros. Ao sahir do seu escriptorio levava a fronte erguida e o espirito animado por lisongeiras esperanças.

XXI

PROPOSTA DE CASAMENTO

Os dias tinham passado como annos para o infeliz Carlos do Arnal: tantos e tão grandes eram os estragos causados pela angustia na sua sensivel e delicada organisação, já profundamente deteriorada pelos trabalhos e soffrimentos moraes. A cabeça pendia-lhe sobre o peito; ás duas rugas que lhe sulcavam a cara havia a dôr accrescentado outras não menos fundas; os olhos estavam como embaciados e sem vida; a respiração, curta e ruidosa, mantinha-lhe sempre aberta a bocca, com uma expressão afflictiva: por vezes, nas faces pallidas passava um rapido rubor, e então o corpo estremecia todo, e o velho advogado levava as mãos ao coração, como para lhe acalmar as agitações convulsivas.

Estava o Arnal sentado diante da meza de trabalho no seu escriptorio; e, ao lado, triste, inquieta, assustada, a D. Mathilde parecia esperar com anciedade que seu pae rompesse longo e obstinado silencio.

Por fim o velho disse, em voz trémula e quebrada, com sensivel emoção, ao passo que apertava entre as suas a mão da filha: — É tempo de que te diga tudo, minha Mathilde. A desgraça entrou em nossa casa, filha; e entrou

com o tristissimo aspecto da miseria... e com a terrivel ameaça da deshonra. Tudo quanto eu tinha, perdi... Mas não é o peior, isso; o peior é que devo, e não posso pagar. Peza sobre mim uma grande responsabilidade... e eu, que cumpri sempre o meu dever, que sempre honrei a minha palavra, vou faltar ao dever e... ficar deshonrado... no fim da vida, quando não tenho forças já para lutar com a adversidade. Filha... como te hei de eu explicar o que sinto e o que penso... sem que tu vejas em mim... o egoismo, talvez, de um velho, que não escuta senão o seu orgulho.

— Meu pae... não seja injusto comigo, que lh'o não mereço — acudiu a Mathilde, detendo no peito os soluços que a suffocavam.— Para o livrar de uma angustia, para lhe poupar um desgosto, estou a tudo resignada. A minha vida é sua, meu pae; disponha de mim.

O Carlos do Arnal deu um beijo na filha; e, depois de um esforço para acalmar a grande agitação do seu espirito e os sobresaltos violentos do seu coração: — Sei que és uma boa filha — disse: — mas o meu amor de pae é que me está dizendo, que devo nesta occasião oppor-me aos desejos que tens de te isolares na tua saudade, de te afastares da sociedade e da vida... quando mal conheces o que são vida e sociedade. És uma criança, minha Mathilde; e deves viver no mundo e para o mundo. Queres servir a Deus, porque a tua alma está attribulada, e já não pode sentir nem esperança nem alegria, dizes tu? Filha! a mulher que vive na familia, que participa das nossas angustias ou das nossas alegrias, que nos ajuda em nossos trabalhos, que chora ou ri com os que a cercam... essa pode melhor servir a Deus do que as que se separam da humanidade, e se occultam n'um claustro... e sacrificam o coração, a intelligencia, a consciencia e tudo á obediencia passiva... Para acudir aos que padecem é preciso saber padecer com elles. Aos infelizes são mais gratas as consolações carinhosas dos que vivem como elles, dos que lutam tambem com as amarguras do mundo, do que o são os conselhos e as

esmolas dos que cumprem preceitos impostos por uma lei severa, em vez de obedecerem aos impulsos espontaneos do coração. Tens, minha querida Mathilde — proseguiu o Arnal, que tinha buscado por este longo rodeio afastar o momento de dizer á filha o que queria d'ella — tens um espirito elevado e um puro coração. O que te disse basta. Desejo ver-te casada, antes de morrer.

— Não falle em morrer, meu pae — exclamou a D. Mathilde.

— Olha para mim, filha; e vê se não tenho razão de pensar na morte! Mas... não desejava morrer deixando-te desamparada no mundo... pobre e com um nome deshonrado por teu pae. Deshonrado, sim... deshonrado depois de uma longa e laboriosa vida, gasta em cumprir o meu dever, consumida em trabalho honesto.

Então, o Carlos do Arnal contou á filha a triste historia da sua ruina, e expoz-lhe com o pranto a embargar-lhe a voz, o perigo em que estava a sua honra: — Hoje foi-me apresentada a fatal letra que eu passei a Manuel Agueda, e não tenho com que a pagar — concluiu elle. — Eu, que sempre timbrei de homem de bem, estou agora em risco de passar por um devedor de má fé... Isto não pode ser, minha filha. Não pode Carlos do Arnal ver o seu nome manchado por tão injuriosa suspeita!

As lagrimas cahiam lentamente pelas faces enrugadas do pobre velho, ao dizer estas angustiosas palavras.

— O que se ha de fazer? — acudiu a D. Mathilde, beijando-o. — O que posso eu fazer, meu pae?

— Tu já has de saber — respondeu o advogado com grandissima hesitação — que... o Adriano Ramires, o meu antigo amigo... deseja a tua mão. É um homem... n'uma elevada posição. É deputado; e vai ser visconde, e par do reino, talvez. É senhor de uma grande casa, e... generoso. Será para ti como um segundo pae, e... quando eu morrer ficarás tu amparada e feliz.

A desventurada Mathilde estava já esperando as palavras

de seu pae; mas quando ouviu o nome do Adriano sentiu-se esfriar toda. Empallideceu, e, por um supremo esforço, como que absorveu em si as lagrimas que, em borbotão, lhe affluiam aos olhos.

— O sr. Adriano Ramires — disse ella — é um amigo seu... Foi elle que o levou a entrar na empreza da fabrica de Sancta Eulalia. Generoso... como meu pae diz que elle é, não poderá negar-se a ajudal-o n'um momento de tanta angustia... Ainda que... nós não acceitassemos o seu offerecimento.

— Pois eu hei de... deixar-te desamparada no mundo, filha?... Hei de rejeitar o offerecimento do Adriano, e... lançar-te assim na miseria; perdendo tambem o ultimo recurso que tenho de salvar o meu nome da deshonra?

A afflicta menina esperava encontrar nas palavras de seu pae uma esperança, ao menos, de escapar ao perigo horrivel que a ameaçava. Com energia sublime buscou recalcar no coração a dôr immensa que sentiu, ao ver que não podia eximir-se ao sacrificio que d'ella exigia a auctoridade paterna, á qual o padecimento e a afflicção davam ainda n'aquella instancia maior poder.

— Será o que meu pae quizer — disse ella, pondo-se de pé e dando alguns passos para sahir.

Sentia a necessidade de estar só; queria esconder a sua extrema angustia. Faltaram-lhe as forças. Buscou encostar-se á parede, e não pôde; dando um grito, rouco e inarticulado, foi cahir desanimada aos pés de seu desgraçado pae.

Uma hora depois o Carlos do Arnal, ainda vivamente agitado pelo susto que lhe causára o desmaio da filha, a qual acabava apenas de tornar a si, recebia no seu escriptorio a visita do Adriano Ramires.

— Sabe a que venho, meu caro Arnal? — disse o Adriano, depois de algumas palavras de mero comprimento.— Venho a fallar-lhe de um negocio grave para mim, sobre que lhe disse já algumas palavras. Mas... vejo-o inquieto, afflicto, e não sei se é esta occasião para eu tractar dos

meus projectos de felicidade. Que tem, Carlos? Diga-me primeiro o que tem.

— Eu estava pensando em o ir procurar, Adriano — respondeu o advogado.— Tenho, infelizmente, cousas que me dão cuidado... e muito. É uma d'estas occasiões em que a grandeza do perigo dá direito a recorrer á amizade... e a contar com ella.

— Certamente... certamente — acudiu o Adriano, não sem esforço, porque sentia a necessidade de vencer os seus instinctos de avareza, e de esconder as paixões ruins que lhe referviam na alma.— Certamente que pode contar... com a amizade. Eu, por mim, estou sempre disposto a servir os meus amigos. É costume antigo meu, como sabe. Ainda que não tive nunca quem me ajudasse, quando era pobre, nem por isso deixo de servir, até onde posso, os meus amigos.

Este elogio proprio, que fazia o senhor da Ramalhosa em tal occasião, impressionou dolorosamente o Carlos do Arnal: e foi elevando um tanto a voz, e em tom em que transparecia o sentimento da dignidade offendida, que elle disse:

— Sei que é bom e... generoso com os pobres, Adriano. Eu nunca, até hoje, lhe pedi nada; mas contei sempre que, no dia em que precisasse, acharia um amigo no homem a quem confiei tudo... Esse pouco que tinha!

— Falle... diga, sem hesitação, o que posso fazer-lhe. A pedir venho eu tambem, Arnal; já vê que não deve hesitar... porque o escutarei. Vamos, diga; o que ha?

— Já sabe, Ramires, como n'aquelle deploravel negocio da fabrica de fiação perdi quanto tinha. Não tive a fortuna de sahir a tempo...

— Como eu — acudiu o Adriano.— Eu creio que o aconselhei...

— Não me lembro; antes me parece...

— Não fallemos no que passou; fallemos no que interessa... agora — interrompeu outra vez o Adriano.

— Agora estou não só arruinado, mas ainda com respon-

sabilidade de uma divida que não posso pagar. Sabe tudo isto, meu amigo; mas o que não sabe é que esta responsabilidade é a minha deshonra... que a letra que possuia o Manuel Agueda se vence hoje... e que morrerei de vergonha, que me sinto morrer já. O dote unico que eu podia dar ainda á minha filha — accrescentou o Arnal, suffocado pela dôr — um nome honrado... não lh'o poderei dar já, se me não acudir a mão generosa de um amigo.

Como todos os homens profundamente corrompidos, o Adriano Ramires não comprehendia os grandes sentimentos das almas elevadas e virtuosas; tinha-os por um symptoma de idiotismo, ou por uma mascara hypocrita, destinada a encobrir os calculos do interesse vil e torpe. Nas palavras do velho e nobre advogado viu elle uma proposta de negociação; e como, apezar de intelligente, era de espirito grosseiro e tinha a alma invadida de ruins e vulgares paixões, entrou sem hesitar no assumpto que naquelle momento o preoccupava.

— Facil lhe será dar á sr.ª D. Mathilde esse dote, Arnal — disse o antigo negreiro.— Mas como nem todos acceitariam a mão de sua filha, apezar das suas qualidades preciosas, com um dote... tão ligeiro, posso esperar que serei attendido, pedindo-lhe, meu caro amigo, que me conceda a mão... da sr.ª D. Mathilde.

As palavras do Adriano irritaram todos os melindres do velho advogado, que teve de levar a mão ao coração para lhe comprimir os desordenados movimentos. Estava suffocado: havia, porem, resolvido ser prudente; e dava-lhe animo a idéa, em que estava, de que assegurava por aquelle modo o futuro da sua filha.

— Pede-me a mão de Mathilde? — disse.

— Peço; já vê. E em vez de lhe pedir que a dote, sou eu que lhe trago, como presente de casamento, o... tomar a mim a divida do Agueda. Mais tarde... á medida que o podér ir fazendo, Arnal, me pagará a mim essa quantia... que é forte. Doze contos de réis!

— Pagarei... se Deus me dér vida, e alguma fortuna — acudiu o Arnal, cada vez mais irritado e commovido.— Mas... antes de tudo é necessario que minha filha consinta...

— Consinta? Pois ella ha de negar-se a cumprir a vontade de seu pae?

— Em cousa tão grave... e tão d'ella, como é o casamento, não deve um pae impôr a sua vontade á filha... mas sim empregar a sua influencia para que lhe escutem os conselhos. A minha opinião é que a auctoridade de pae se exerce pelo coração, pelo amor; e não pela energia da vontade.— Estas palavras disse-as o advogado n'um tom severo e grave, como para moderar os termos indelicados com que fallara o Adriano.

— Não fallou ainda... á sr.ª D. Mathilde neste projecto de casamento? — perguntou este, cohibindo um tanto os impulsos da sua natureza rude e corrompida.

— Fallei já... mas a natural hesitação n'uma criança, a quem se propõe um casamento... depois do triste acontecimento que ainda... lhe não esqueceu... — Estas palavras eram pronunciadas com visivel embaraço e perplexidade. As illusões, com que elle buscára esconder a si proprio o que havia de infundado nas suas esperanças, de fazer a felicidade de Mathilde casando-a com Adriano, cahiam de todo naquelle momento; e d'ahi nascia a agitação do seu espirito, e uma irritação que mal podia conter.

— É natural a hesitação da sr.ª D. Mathilde, diz o sr. Arnal! — exclamou o Ramires.— Pode ser que o seja; mas eu espero que ella não tardará muito em tomar uma resolução. É preciso dizer-lhe — proseguiu, rindo com riso forçado e grosseiro — é preciso dizer-lhe que sou rico, e que terá, em sendo minha mulher, uma corôa de viscondessa, palacios, carruagens, diamantes... tudo que pode satisfazer a vaidade das mulheres. Em taes condições, Arnal, o casamento é um *sacrificio* facil para uma rapariga de vinte annos.

— Minha filha — balbuciou o advogado fóra de si — não tem d'essas vaidades. É uma sancta e pura menina...

— Sim, sim, já sei. Mas como eu não sou nenhum rapaz, a minha riqueza ha de ajudal-a a consolar-se de ter um marido como eu. Não é desagradavel passar da... miseria, a ter milhões.

A colera tinha subido a tal extremo em Carlos do Arnal, que se havia posto de pé, pallido, com os olhos desmesuradamente abertos, a respiração entrecortada, e uma convulsão a sacudir-lhe os membros enfraquecidos.

— Insulta... insultar minha filha!... — bradou elle, quasi asphixiado.— Fóra... fóra d'esta casa: e já.

— Está doido, este homem! — exclamou o Adriano.

— Fóra... senão!...

— Senão morre... que é o que lhe está quasi a acontecer — disse o senhor da Ramalhosa, fixando os olhos com raiva no advogado.

— Fóra... d'aqui, já!... — bradou este ainda uma vez.— A voz morreu-lhe nos labios, os olhos cerraram-se, contrahiu-se-lhe a cara com uma horrivel expressão de agonia, e cahiu no chão, no mesmo logar onde pouco antes desmaiara sua filha.

O Adriano tocou a campainha, para avisar um criado do accidente que déra em Carlos do Arnal; e, tomando o chapéo, sahiu precipitadamente.

XXII

CONVERSAÇÕES SENTIMENTAES

Os primeiros clarões da manhã alumiavam, com pallida e melancolica luz, a pequena sala de lavor da D. Mathilde do Arnal. Estava a filha do desditoso advogado abatida, triste, pallida, com os olhos incendidos pelo pranto, os cabellos em desordem, não sentada senão cahida sobre uma marqueza: ao lado d'ella a D. Carlota de Sousa, tambem profundamente triste, fazia esforços para occultar as suas preoccupações e buscava cercar a sua amiga de carinhos e consolal-a na sua dôr.

— Não te afflijas tanto, Mathilde — dizia a D. Carlota, passando-lhe suavemente a mão pelas madeixas soltas, a que a luz da manhã dava reflexos de ouro fosco.— Deus ha de ter commiseração de ti... Apenas sube que teu pae, coitado! adoecera, vim. Não suppunha que fosse cousa de tanto cuidado... mas o ver-te assim, faz-me tremer.

— Está mal, Carlota; está muito mal, meu pae — murmurou a D. Mathilde, com voz trémula e entrecortada por suspiros.

— O que foi?... o que succedeu?

— Hontem, como sabes, meu pae teve emfim o terrivel

desengano de que estava perdida de todo a esperança... não de salvar a sua modesta fortuna, que isso pouco importava, mas de salvar a sua propria honra. Meu pae, Carlota, é um homem de caracter rigido; tem uma alma sensivel, exaltada, irritavel, melindrosa... Ser tido por capaz de um acto de má fé... a duvida mesmo ácerca da sua probidade não a pôde meu pae supportar. Contou-me tudo, Carlota... tudo; e eu, quando me elle fallou em casar com o... esse homem que hontem ahi esteve e tanto o affligiu... Deus lhe perdôe! senti um tal horror, que ia morrendo alli mesmo.

— Recusaste? — perguntou a D. Carlota.

— Não. Disse-lhe que faria a sua vontade; mas essas palavras foram um esforço supremo que me paralysou a vida. Levaram-me em braços para o meu quarto, e só muito tempo depois voltei a mim... para soffrer uma grande, uma immensa dôr, Carlota.

— Estava aqui o Adriano, quando teu pae adoeceu? — perguntou a D. Carlota.

— Estava. Pouco tempo havia que eu tinha tornado em mim, quando ouvi fallar alto no escriptorio de meu pae: perguntei o que era, e disseram-me que estava lá o Adriano. Pouco depois entrou-me no quarto uma criada, espavorida e gritando... Meu pae estava sem sentidos. Tive forças para levantar-me, para correr, para lhe acudir... O meu pobre pae estava como morto! Mandei chamar o medico... o dr. Luiz de Mello, que veio logo. Esteve toda a noite aqui... não ha ainda duas horas que se foi.

— Está em muito perigo ainda, o doente?

— O Luiz de Mello nada me disse. Mas nos olhos d'elle não vi eu ainda a esperança de o salvar.

— Não percas o animo, Mathilde — acudiu a D. Carlota. — O Luiz de Mello é um medico de grande saber...

— De saber... assim o dizem todos. Mas o que todos não sabem — exclamou com exaltação a D. Mathilde — é que elle tem uma grande alma, um coração bom e sensi-

vel... Muito espero d'elle, Carlota; muito... Mas milagres... quem os pode fazer? Deus, só.

— De que te posso servir, minha querida Mathilde? — perguntou a D. Carlota.— Eu venho para ao pé de ti... dispõe de mim. N'estes momentos de angustia a amizade é um allivio ao menos...

— É... — interrompeu a D. Mathilde — é; tens razão. N'este transe doloroso foi-me lenitivo sentir que tinha amigos ao pé de mim... Tu mal podes imaginar — proseguiu ella — que horrivel noite foi essa que passei! Meu pae desmaiado, livido, frio... sem signal de vida. Eu como louca... opprimido o coração, paralysadas todas as faculdades da alma, a esperar a cada instante ouvir exhalar-se-lhe o ultimo suspiro. A pobre Soledade, coitada! estava como animada por uma força sobrenatural. A tudo acudia, via tudo, tinha sempre na bocca uma palavra de consolação; rezava, para acordar em mim a esperança e dar-me resignação: e as lagrimas, que lhe cahiam pelas faces, pareciam-me a mim um como orvalho celeste, que me suavisava a intensidade da minha dôr. Olha, Carlota, só esta noite comprehendi quanto valia a grande alma de Soledade...

— E o Luiz de Mello... quando veio? O que disse? — perguntou a D. Carlota, dando um beijo na sua amiga.— Esta, apezar da sua afflicção profunda e sincera, córou ligeiramente, e não foi sem hesitação que pronunciou as phrases seguintes:

— Quando elle veio, pareceu-me que um anjo misericordioso entrava nesta casa, para dar vida a meu pae... Cobrei forças; e, com os olhos fixos na pallida e expressiva cara do... doutor, obedecendo a quanto me ordenava, estive por muito tempo, entre viva e morta, á espera que elle me dissesse se ainda tinha pae, ou se já estava de todo só neste mundo.

— E então? Elle socegou-te... — acudiu a D. Carlota.

— Uma subita vibração me correu por todo o corpo, Carlota, quando a mão de Luiz me apertou convulsivamente

a minha mão. Meu pae abria os olhos, e murmurava o meu nome. Renasceu-me então a esperança, e a oração acudiu-me á bocca para dar graças a Deus. Eu e a Soledade cahimos de joelhos ao pé do leito, e ahi recebemos ambas a benção de meu pae.

— Como está agora o doente?

— Mal ainda... de muito perigo. Bem sabes, Carlota, que causas moraes, grandes cuidados e profundos soffrimentos, aggravam ainda o seu estado, e tornam talvez impossivel a cura. Ai! Carlota, que posso eu fazer para tranquillisar o animo afflicto de meu pae? Se fosses rica... minha boa Carlota, pedia-te que me ajudasses a salval-o. Mas... não podes senão dar-me conforto com a tua amizade. Vou ver meu pae... a Soledade está ao pé d'elle. Sentia necessidade de desabafar, de chorar livremente. Agora estou com mais forças. Vou para ao pé d'elle.

Levantando-se então, e dando um longo beijo na sua amiga, a D. Mathilde sahiu. Poucos momentos depois entrava na pequena sala o D. Antonio d'Almada, profundamente commovido, e era recebido por D. Carlota com um movimento de expansiva satisfação e de sincera confiança.

— Que ha? — disse elle ao entrar. — Foram levar-me a noticia de que está em perigo de vida o pobre Carlos do Arnal...

— É verdade — respondeu a D. Carlota. — É grande a desgraça que peza nesta casa, e... só um acto de grande dedicação e generosidade poderia, talvez, minorar os perigos que ameaçam a minha querida Mathilde.

— Já sei que o Luiz de Mello veio ver o doente — acudiu o D. Antonio. — O que diz elle?

— Sahiu d'aqui ha pouco; e não tardará em voltar. Segundo me disse a Mathilde, elle não mostrou muita esperança de salvar o doente. Ha, sr. D. Antonio, uma causa de grande soffrimento para o honrado velho... e é o que o mata.

— Ha muito que eu suspeitava isso mesmo. Era a opi-

nião do nosso Luiz de Mello; e algumas palavras de v. ex.ª, sr.ª D. Carlota, deram força ás minhas suspeitas. Busquei indagar a verdade... Desejava nesta occasião justificar a confiança que mostrou ter em mim, minha senhora; associando-me ao seu nobre empenho de salvar a sr.ª D. Mathilde e fazer a felicidade do meu amigo Luiz de Mello...

— E que soube? — interrompeu a D. Carlota, buscando occultar a sua emoção.

— Soube que ha uma lettra a pagar; e que o desgraçado Arnal está arruinado, e o ameaça a deshonra. Soube tambem que a causa de tudo é esse miseravel, que quer casar-se com Mathilde; esse Adriano Ramires, a quem vão dar, ou deram já um titulo, e que merecia a forca...

— É isso mesmo que faz a desgraça de Carlos do Arnal — acudiu a D. Carlota. — Mas que remedio se lhe ha de dar?

— Dentro em pouco o saberemos — respondeu o D. Antonio d'Almada. — Eu tenho esperança de que tudo se remedeiará. Estou resolvido a empregar todos os meios de que disponho, para alcançar esse fim.

— É nobre uma tal resolução, D. Antonio.

— Digna-se approval-a, sr.ª D. Carlota? — acudiu elle, beijando-lhe a mão. — Tenho então a maior gloria a que podia aspirar... e julgo-me feliz.

— Feliz! — exclamou involuntariamente a D. Carlota. E, córando vivamente, accrescentou: — Deve ser felicidade... a maior das felicidades acudir aos desventurados.

— A maior das felicidades... possiveis, para mim, é sujeitar-me aos preceitos que me impoz, minha senhora... e alcançar por essa fórma a sua amizade.

— Prometti-lhe — disse ella, com um sorriso meigo e suave e os olhos humedecidos pelas lagrimas, — prometti-lhe que em si proprio encontraria a felicidade, sr. D. Antonio, se a buscasse na bondade natural do seu coração. Não o enganei... Não é verdade?

— É singular a transformação por que passou o meu espirito e o meu coração! — respondeu o D. Antonio.— Eu, nada propenso á ternura, estou agora com o coração a vibrar sempre ao choque de todas as ternuras. Estou quasi sentimental... Não importa; porque é bom o sentimentalismo assim. Sinto-me com uma alegria... triste, que me satisfaz mais, muito mais! a alma do que as alegrias delirantes de outro tempo.

— Ainda bem — acudiu a D. Carlota. E, levantando-se, disse: — Vou ver como está o doente. Quer esperar aqui?... Eu volto.

— Espero, minha senhora.

Quando ia a sahir a D. Carlota, deteve-a o Luiz de Mello, que entrava apressado.

— O que ha? — perguntou elle.— Como está o doente?

— Ia agora vel-o: mas creio que está na mesma — respondeu a D. Carlota.

— E Mathilde... a sr.ª D. Mathilde? — interrompeu o doutor, ainda com maior anciedade.

— Está no quarto do pae... sempre afflicta, coitada! Vou dizer-lhe que chegou. A Mathilde de si espera tudo... A sua presença nesta casa, sr. Luiz de Mello, é consolação, confôrto e esperança para a triste Mathilde.

— Que pensas do estado do Arnal? — perguntou o D. Antonio.

— Poucas, muito poucas esperanças tenho de o poder salvar. Uma dôr profunda, uma angustia immensa e prolongada lhe paralysam toda a energia moral, e lhe deprimem as fôrças physicas. Em quanto existir essa causa primordial da doença, serão sem effeito todos os meios de que a medicina dispõe.

— E se essa causa desapparecesse? — perguntou o D. Antonio ao seu amigo.

— Talvez que então se podesse conseguir pôr obstaculo aos progressos assustadores, que a doença está fazendo do

hora para hora — respondeu o medico.— Tirar-lhe a dôr que lhe punge a alma seria o melhor remedio.

— Não devemos então perder a esperança, Luiz. Eu vou aviar essa tua receita, meu querido doutor.— E, despedindo-se de D. Carlota, sahiu, promettendo voltar em poucas horas.

Era lugubre o aspecto do quarto de Carlos do Arnal, quando nelle entrou o dr. Luiz de Mello, acompanhado por D. Carlota. O doente, pallido como um morto, os olhos cerrados, a face contrahida, os cabellos brancos desordenadamente cahidos sobre a testa, estava como uma massa inerte, prostrado sobre as almofadas da cama: e, a não ser o ruido sinistro da respiração curta e entrecortada, nenhum outro signal de vida se observava no desditoso ancião. De joelhos ao pé do leito, a D. Mathilde apertava aos labios a mão insensivel do pae, e buscava, cobrindo-a de beijos, suffocar os soluços que o pranto lhe arrancava do peito confrangido. As linhas, puras e ondulosas, das bellas fórmas e do puro rosto de Mathilde contrastavam com as linhas, duras e vigorosamente angulosas, com que se desenhava o corpo do moribundo na alvura das roupas da cama em desordem. Vivamente illuminada, pela luz que vinha da janella meio aberta, a Soledade contemplava, com expressão de resignada angustia e dolorosissima commiseração, aquelle funebre quadro de dôr filial: e as lagrimas cahiam-lhe em fio pelas faces descoradas.

Ao ruido que fizeram, entrando, a D. Carlota e o doutor, a Mathilde levantou os olhos e, sem pronunciar uma palavra, apontou para o pae. O Luiz de Mello aproximou-se; procedeu a uma attenta e minuciosa observação, e depois respondeu ao gesto de interrogação, que lhe dirigiram as tres mulheres, com estas palavras apenas: — Não está melhor.

— Tem estado sempre assim — disse a D. Mathilde, levantando-se e levando o Luiz de Mello para um canto do

quarto.—Abatido, prostrado, com a respiração difficil, sem dizer palavra... Elle está muito mal!... meu pae está em muito perigo; não é assim, sr. Luiz de Mello? Diga-m'o, que eu tenho coragem para tudo.

— O perigo é grande; o seu estado é grave — disse o medico, apertando com ternura a mão que D. Mathilde lhe abandonára.— Não devemos porem desesperar... não de o pôr bom de todo, minha senhora, mas de vencer este ataque. Á força de soffrer, aquelle coração como que estalou de dôr!

— É a minha unica esperança, Luiz de Mello. Salve... salve-me meu pobre pae! A minha gratidão será... o que deve ser para quem tem sido tão bom para mim nesta angustia.

— Deus ha de proteger um dos seus anjos — exclamou o Luiz de Mello.

— Tenho confiança em Deus. Não a perdi, nem a perderei nunca — acudiu ella.— As provações, por que passamos no mundo, são ainda um signal da sua misericordia. Mas nem sempre a alma se sabe resignar aos decretos da Providencia.

Neste momento a voz enfraquecida do doente murmurou, com um gemido: — Mathilde!... Filha!

— Que me quer, meu pae? — respondeu esta, correndo para juncto do leito de Carlos do Arnal.— Como se sente?

— Cançado, e mal... muito mal. Diz-me, filha — acrescentou elle com esforço doloroso — o que se sabe da letra?... Já foi protestada... já é publica a minha deshonra?...

— Não pense n'isso — acudiu o Luiz de Mello.— Tudo se arranjará... de modo que a sua honra fique salva de toda a macula.

— Não é possivel — respondeu o advogado.— Todos dirão que eu enganei... que menti... que abusei da confiança de um homem.

— Uma vida de probidade, como a sua, sr. Carlos do Arnal, basta para afastar toda a suspeita — disse a D. Carlota. — De mais, eu tenho razões para esperar que tudo se remediará promptamente.

O enfermo sorriu com muita tristeza, e, estendendo a mão a D. Carlota: — Todos aqui são bons para mim; e a sr.ª D. Carlota é sempre um anjo, para mim e para a minha Mathilde. Recommendo-lh'a... a minha pobre filha: agora que ella vai ficar sem pae... e sem ninguem no mundo.

O Luiz de Mello esteve a ponto quasi de soltar uma exclamação, e revelar o seu amado segredo. Deteve-o, porem, a idéa de que a D. Mathilde se poderia offender, não o havendo auctorisado ainda senão a conceber vagas e incertas esperanças.

— Não se deixe levar de tão tristes idéas — disse elle, depois de uma pausa. — Depressa ha de melhorar... mas o seu medico exige, que o ajudem a esperança e a confiança do doente.

— Eu não tenho medo de morrer — interrompeu o advogado. — Se não fosse a minha querida filha... e se não estivesse em tanto perigo a minha honra... desejaria acabar por uma vez com esta longa luta, a que se chama a vida.

E depois de um longo silencio disse, dirigindo-se á filha: — Vê se sabes o que se tem passado, Mathilde?... Estou inquieto, afflicto... mas, não sei porque, tenho ainda uma esperança. Deus tenha misericordia de mim!

A D. Mathilde ia para sahir, obedecendo ás ordens do pae, quando a D. Carlota a deteve. — Vou eu, Mathilde. E espero trazer alguma boa nova.

— Pois vá, sr.ª D. Carlota; e deixe-me aqui a minha filha.

E, olhando longamente para Mathilde e para o dr. Luiz de Mello, tomou entre as suas as mãos de ambos. Os olhos

iluminaram-se-lhe um instante com um brilho suavissimo, e d'elles se desprenderam duas lagrimas silenciosas.

Os dois namorados sentiram-se córar; e nos labios e nos olhos passou-lhes aquelle movimento convulsivo, que precede as lagrimas quando são promovidas por forte abalo do coração.

XXIII

UMA SESSÃO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

De bocca em bocca correra a noticia, de que na camara haveria uma interpellação sobre moeda falsa, e de que a interpellação daria logar a um escandalo. Faria a interpellação o Adriano Ramires, que dias antes fôra despachado visconde da Ramalhosa; o qual ia, por assim dizer, *debutar* na camara sobre um assumpto grave. Muita gente não acreditava na innocencia do novo visconde, e julgava que a interpellação tinha por intuito desviar as suspeitas publicas: e d'ahi, e de vagos rumores, provinha *a esperança* de que haveria n'aquelle dia *escandalo* grande na camara. Isto explicava a affluencia de gente nas galerias publicas, e a concorrencia nos corredores da camara de pessoas que pediam entradas para as galerias reservadas, e conversavam sobre o *assumpto do dia,* saboreando um successo, que todos esperavam sem poder bem atinar qual seria.

N'um dos corredores, dois homens passeavam de braço dado com a sobranceria de homens importantes que estavam alli como em sua casa, e olhavam com ares protecto-

res para a turba de pretendentes de varias especies, que fervilhavam por todos os lados. Fallavam elles com intimativa; gesticulavam; paravam instantes, para proseguirem depois no seu grave passeio, afastando os curiosos e importunos com um gesto, ou com uma palavra secca; davam ás caras expressão, ora de violencia, ora de meditação, ora de enthusiasmo; emfim, mostravam em tudo ser *pessoas graves*, que tinham, a pesar-lhes nos hombros, uma parte importante dos destinos da patria, e discutiam entre si a complicada questão do enredado e *inextricavel* problema das finanças do paiz, ou a questão da descentralisação, ou alguma d'essas outras questões, já resolvidas na práctica, que os politicos de polpa desejam *resolver* n'uma lei machucha, que sirva de *deitar poeira aos olhos* da democracia, cobrindo de gloria os seus gloriosos auctores. Eram os dois passeadores, o deputado democrata-ultramontano dr. Farelorio, e o jornalista-pamphletario Francisco da Ribaldeira, seu amigo.

— Tomaste posição no partido reaccionario, meu caro. Todos o dizem — observou o Ribaldeira ao seu amigo, depois de caloroso debate.— As tuas relações com as beatas e os jesuitas são conhecidas. Não queiras enganar os antigos amigos politicos, porque é inutil. Ser ao mesmo tempo radical, democrata, homem do futuro, e estar recebendo favores do beaterio e conselhos dos ultramontanos, a quem serves... isso é que é impossivel.

— Ribaldeira, tu és uma criança — respondia o Farelorio.— A verdadeira base, em que deve estabelecer-se a politica democratica, para não cahir em erros e excessos deploraveis que a podem perder, é a religião... Na fronte immaculada e candida da democracia, em cujo seio se abraçam a justiça e a verdade, deve radiar fulgurante a religião. Andam mal avisados aquelles que crêem, que d'esse grande poder do clero se deve divorciar a democracia. Não, não, Ribaldeira. Unidas devem caminhar as duas grandes potencias, para derrubarem esses falsos principios d'essa

falsa liberdade, que nada tem feito senão assegurar e consolidar as velhas oppressões, chamadas direito de propriedade, direito de representação, direito de sociedade, direito...

— Olha, eu não te entendo, meu Farelorio; nem creio que tu a ti proprio te entendas — interrompeu o Ribaldeira.

— Não tenho culpa de que a tua cabeça seja como uma avelã chôcha. Eu sei que estou dizendo uma grande verdade, mas que tu a não entendes.

— Grande verdade em relação ao teu interesse; assim o creio — disse com azedume o Ribaldeira.— Eu não entendo as tuas theorias de união da democracia com o jesuitismo; mas o que eu entendo, é que a democracia pode e deve vencer por si todas as velhas peias da humanidade. Á alliança dos reis deve substituir-se a federação dos povos. A humanidade é uma só, entendes? e as nações não têm razão de ser. Façam-se os estados-unidos da Europa: fundam-se as nações n'um grande pacto federal: e sejamos nós, os habitantes da peninsula, os que iniciemos essa portentosa transformação da Europa.

— Queres dizer na tua — acudiu o dr. Farelorio — que seja Portugal a primeira nação, e provavelmente a unica nação sacrificada a essa utopia... ou antes apanhada nessa ratoeira. Quem te metteu n'essa propaganda, meu caro? Porque tu, que não crês em nada, não te mettias n'isso sem motivo.— E o Farelorio deu dois piparotes no bolço, para fazer tinir o dinheiro, accrescentando: — Ares de Castella!

— Sempre a calumnia! — exclamou o Ribaldeira, afogueado e fingindo-se indignado.— É arma de jesuitas...

— De theatro — concluiu o outro.

Calaram-se os dois alguns instantes, e n'esses instantes acalmou-se-lhes a irritação produzida pela calorosa, hypocrita e acerba discussão. Quando olharam um para o outro, ambos se riram. De quem? Um do outro, não. Ria-se cada

um de si, e da scena que acabava de representar, tomando-a quasi a serio.

— Vamos ao que importa agora, meu caro Farelorio, e diz-me o que é esse escandalo de que tanto se falla e que hoje se vai passar — disse o Ribaldeira parando e detendo o seu amigo.— Tu é que fizeste o discurso que vai pronunciar o sr. Adriano Ramires, hein?

— Eu não. Dei-lhe algumas phrases de effeito, para lhe levantar o discurso — respondeu com emphase o dr. Farelorio: — ensinei-lhe quatro ou cinco dos segredos da oratoria, mas o discurso quem o fez foi elle. O Adriano não é tolo.

— Tolo, não; pelo contrario. Esperto de mais é elle — acudiu o Ribaldeira.— É homem de letras gordas, e, como tem todas as vaidades, quererá passar tambem por orador. Mas ainda me não disseste, em que consiste o escandalo que todos esperam, de que todos fallam, e que todos desconhecem.

— A fallar a verdade, eu não te posso esclarecer, meu caro Ribaldeira. Espera, como eu, e verás...

— Não te faças diplomatico comigo, Farelorio. Diz para ahi o que sabes.

— Já te disse sinceramente que nada sei. Affirma alguem que o Adriano atacará o governo... o decreto que o nomeia visconde está já assignado... por não tomar rigorosas medidas sobre a immoralissima industria da moeda falsa para o Brazil; e, depois de lançar neste sentido os raios da sua eloquencia, acabará por soltar uma accusação, quasi formal, contra o advogado Carlos do Arnal...

— Isso é uma infamia! — exclamou com sentida indignação o Ribaldeira.

— Não te digo que não — acudiu fleugmaticamente o dr. Farelorio.— Isto, se succeder, tem duas explicações: Primeira, afugentar de si o novo visconde o perigo de ser accusado de fazer moeda falsa... Falla-se hoje vagamente

na denuncia de uma fabrica de moeda falsa, em Sancta Eulalia. Segunda, tirar o nobre visconde uma vingança do Arnal, que lhe negou a filha, quando elle ultimamente lh'a pediu em casamento.

— De tudo isso é capaz o Adriano — disse o Ribaldeira. — Eu conheço-o bem, e sei que não ha paixão ruim, que não prospére naquella alma depravadissima. Como, porem, o pobre Carlos do Arnal não está na camara, não vejo como d'ahi possa vir um escandalo, que divirta o publico das galerias.

— Ah! Mas é que, não sei que inimigo do nosso pobre visconde espalhou a noticia, de que um successo inesperado lhe ha de cortar o fio do discurso; e como ha muita gente que tem inveja ao novo fidalgo, fazem-se sobre este annuncio os commentarios... mais lisongeiros para a sua honra e reputação. Calumnias! — proseguiu o dr. Farelorio, rindo. — Calumnias! Mas estas não são de jesuitas; porque os jesuitas são amigos do visconde da Ramalhosa, que é homem temente a Deus, e muito dado a obras de caridade.

— Mas o que será esse escandalo annunciado?

— Já o veremos, porque a interpellação de Adriano Ramires vai começar, e nós vamos assistir a ella. — E, despedindo-se do seu amigo, o dr. Farelorio entrou na sala da camara. O Ribaldeira subiu para a galeria reservada e tomou logar ao pé do Silvestre Palmar, que estava de pé, escutando attento o exordio do discurso de Adriano, com visiveis signaes de emoção.

Na sala havia o maior silencio; de modo que, apezar de fallar a principio em voz suffocada e trémula, se ouviam distinctamente as palavras do deputado Adriano Ramires, o qual, para maior solemnidade, tinha subido á tribuna.

A camara parecia presentir um grave acontecimento, porque nella se notava aquella indefinida inquietação, aquella como vibração nervosa, que é nas assembléas a mais evidente manifestação da vida e do sentir collectivo,

— Sr. presidente! — principiou o Adriano Ramires, buscando vencer a emoção que o fazia tremer, e limpando com impaciencia o suor que lhe inundava a cara.— Sr. presidente! Se não fosse a gravidade das circumstancias, e a importancia do assumpto sobre que vou chamar a attenção da camara e do governo, eu de certo não ousaria levantar a voz nesta casa, onde tantas vozes eloquentes têm sabido arrebatar-nos, e tem conquistado gloriosos triumphos para a liberdade e para a justiça.

Até aqui a phrase estudada correu sem tropêço, mas neste ponto houve uma pausa forçada. Da garganta sahiu, por alguns segundos, um *ronquido* inarticulado, e o suor tornou-se mais abundante. Não eram de certo modestias nem escrupulos litterarios que assim enleiavam o orador; uma causa mais poderosa actuava sobre elle, e lhe paralysava a ousadia, que todos lhe conheciam. Depois de um esforço, o orador proseguiu: — Venho denunciar um grande crime... — A palavra *denunciar* causou um ligeiro rumor na assembléa.— Venho denunciar um crime que nos deshonra como nação, e afasta de nós a amizade e o respeito dos nossos irmãos da America. Homens sem probidade, a quem a vil cubiça do lucro cega e arrasta ao crime, estão inundando os mercados do Brazil de moeda falsa: não contentes com deshonrar-nos alli, affirma-se que emprehendem agora introduzir moeda falsa tambem em Portugal. Sr. presidente! Eu, pelo interesse da moral publica, tenho, por mim proprio, emprehendido um largo inquerito sobre este *negocio* da moeda falsa, e creio poder hoje dar á camara minuciosos detalhes, que a hão de esclarecer e encaminhar o governo tambem; se este se resolver por fim a abandonar uma indulgencia *culposa,* direi mais, criminosa, e a perseguir e punir os auctores do crime de moeda falsa.

O Adriano Ramires entrou então em largos desenvolvimentos sobre o modo de organisação da criminosa industria da moeda falsa; sobre os meios variados de introducção

d'essa moeda no Brazil; sobre os agentes d'essa desmoralisadora e funestissima falsificação; emfim, sobre os grandes lucros que excitam homens deshonestos e sem probidade a sacrificar a felicidade das nações, o lucro honesto das familias laboriosas, á sua cubiça desenfreada, á sua ousadia implacavel, á sua insaciavel sêde de riquezas. Como era este um dos trechos estudados do discurso, em que tinha posto mão o dr. Farelorio, disse-o o Adriano com facilidade e expedição, estropiando apenas de quando em quando alguma palavra. Quando, porem, estava fallando da grandeza dos lucros que auferem os fabricantes de moeda falsa, uma voz disse de modo que toda a camara ouviu: — D'aquillo entende elle; fez o inquerito na propria bolça.— Um riso de assentimento correu por toda a assembléa, e o novo visconde da Ramalhosa, perplexo e mudando de côr, mal pôde terminar a phrase que estava declamando por algumas palavras incoherentes, que denotavam uma grande perturbação.

Para encobrir a agitação do seu espirito e a perplexidade que sentia crescer de momento para momento, o orador emprehendeu uma *apostrophe* contra o governo, pela debilidade que mostrava em perseguir e punir os criminosos, dando assim animo aos que não respeitam, nem a moral, nem as leis para ousarem tudo, e tudo conseguirem com impunidade.— Eu sinto, dizia elle, ter de accusar tão severamente um governo a que não faço opposição; mas a honra do paiz, a justiça e a lei estão acima das affeições pessoaes. Os srs. ministros, levados por interesses politicos talvez, ou talvez apenas pela bondade do seu caracter, não usam da severidade das leis para pôr côbro a um crime que ameaça a sociedade e que cobre de vergonha esta nossa terra de Portugal. Sim, sr. presidente, o governo não pune, como deve, os que grangeiam illicitas fortunas, já no trafico da escravatura, já na fabricação da moeda falsa...

A mesma voz, que pouco antes interrompera o orador, veio de novo soltar estas palavras com visivel assentimento da assembléa: — Não pune esses criminosos: fal-os viscondes! — O Adriano fez-se pallido, e ficou alguns segundos engasgado, antes de poder proseguir no seu *mal-aventurado* discurso. Cada vez menos senhor de si, e com visivel medo, entrou o orador na parte mais espinhosa do assumpto, isto é, na exposição dos factos que motivavam a sua interpellação. A voz era balbuciante, as phrases enredavam-se umas nas outras, a lingua parecia queimar-se ao buscar formular uma accusação definida e, o que devia ser aguda e mortifera arma para ferir no coração o Carlos do Arnal e saciar uma vingança ignobil, parecia tornar-se em lancinante espinho, em que se dilaceravam as carnes do desorientado visconde da Ramalhosa. Em quanto as palavras se succediam convulsas e hesitantes, sem traduzir nenhum pensamento definido, e a camara dava visiveis mostras de impaciencia e de indignação, uma folha impressa, distribuida sem se saber como, era lida com curiosa avidez por todos os deputados, e passava tambem de mão em mão nas galerias. Um continuo entrou na sala e poz diante de Adriano Ramires uma carta, em cujo sobrescripto se lia, em grossos caracteres, a palavra — *urgentissimo*. — Um verdadeiro terror se apoderou d'elle em vista d'aquella carta. Olhou em roda de si, e vendo nas mãos dos deputados a folha impressa que se havia rapidamente distribuido, pareceu-lhe ver sahir d'ella, em caracteres de fogo, a horrivel historia dos seus crimes. Levantou os olhos e deu, na galeria, com a cara pallida e sinistra do Silvestre Palmar, contrahida n'um riso convulsivo e cruel, em que lhe pareceu ver a alegria feroz de uma vingança satisfeita. Teve uma como vertigem, e o sangue todo affluiu-lhe tumultuosamente do coração á cabeça. A mesma voz, que por duas vezes lhe interrompera o discurso, bradou em tom imperioso: — Leia a carta... leia, para a camara ouvir.

— O Adriano Ramires, sem saber o que fazia, abriu a carta. Continha um dos papeis impressos que se haviam distribuido na camara. Começou a ler. Era um telegramma, e dizia assim:

«Porto, 20 de junho de 186..., 9 horas da manhã.

«Acaba de ser denunciada uma fabrica de moeda falsa, no sitio de Sancta Eulalia. A justiça tomou já posse de tudo o que ahi se encontrava. Existem provas plenas de que a fabrica é de...»

O Adriano, ao chegar a este ponto, cahiu no chão como uma massa inerte.

«... é do Adriano Ramires, o novo visconde da Ramalhosa», leu, com voz clara o deputado que o interrompera, no meio do silencio da camara.

Houve um momento em que todos ficaram como paralysados, sob a impressão da scena violenta e inesperada que acabava de ter logar: depois, alguns deputados e os continuos da camara levaram da sala para o gabinete da presidencia o Adriano Ramires, que ficára como morto.

Depois dos primeiros soccorros o Ramires, que cahira fulminado por uma apoplexia, deu alguns signaes de vida; pouco a pouco começou a ouvir; os olhos abriram-se e mostraram distinguir e conhecer as pessoas. A voz porem não voltou; a paralysia tomára-lhe a lingua. Juncto d'elle estava o Silvestre Palmar, e a sua presença pareceu causar-lhe um profundo terror.

— Está um pouco melhor — disse o Silvestre — e eu vou conduzil-o a casa. É o meu melhor amigo.

Ao ouvir estas palavras a cara do Ramires contrahiu-se toda, exprimindo raiva e susto ao mesmo tempo: fez um esforço para fallar, mas da garganta sahiu só um som cavo e rouco, que parecia o rugido suffocado de um tigre.

— Está afflicto, coitado! — observou o Palmar. — Em casa estará melhor, e, se os meus cuidados o podérem salvar, de certo que lhe não faltarão um instante.

— Ainda tem um amigo este miseravel do Ramires! — disseram entre si alguns deputados, mas de modo que o enfermo os ouviu. A bocca estava muda, e a raiva impotente serviu só para lhe fazer soffrer uma nova e vivissima dôr.

XXIV

MORTE DE ADRIANO RAMIRES

Logo que fez transportar a sua casa o Adriano Ramires, escreveu o Silvestre Palmar ao dr. Luiz de Mello, dando-lhe noticia do estado em que se encontrava o enfermo, e rogando-lhe que viesse, sem perda de tempo, prestar-lhe os soccorros da sua sciencia e illustrada experiencia. Pouco tempo depois entrava o Luiz de Mello em casa do moribundo visconde da Ramalhosa, e era recebido por Palmar.

— Pedi-lhe que viesse ver o Ramires — disse este ao doutor; — mas não porque supponha que elle se pode salvar. O golpe foi fundo, e creio que mortal. Ouvi, porem, tudo quanto se passou no escriptorio de Adriano, quando leu, sr. Luiz de Mello, o papel em que se fazem áquelle homem as mais horriveis accusações. As accusações são verdadeiras; eu assísti ao assassinato, e depois tenho sabido de todos os mais crimes d'esse, que está ahi quasi a expirar naquelle quarto. Deixemos porem tudo, que já passou e já não tem remedio. O de que se tracta agora é de fazer com que elle reconheça a filha, a boa e formosa Soledade, e lhe deixe a fortuna...

— O sr. Palmar conhece-a? — perguntou o dr. Luiz de Mello, com certa desconfiança.

— Conheço... — respondeu o Silvestre, um tanto perturbado.— Conheço-a... de a ver em casa do sr. Carlos do Arnal... Mas que importa isso? Não tomou o sr. Luiz de Mello o *compromisso* de a proteger? Agora é a occasião de realisar esse seu desejo.

Depois de breves palavras ácerca de Soledade, o medico foi observar o doente; declarando logo que tinha poucas horas de vida, e que, provavelmente, a voltar-lhe a falla seria por curtos momentos, os quaes era indispensavel aproveitar. Recommendou um tractamento energico, sem esperança de resultado proficuo, e sahiu, encaminhando-se logo para casa de Carlos do Arnal.

Não foi sem difficuldade que o Luiz de Mello pôde revelar á sensivel e melindrosa Soledade o segredo do seu nascimento; sem comtudo lhe contar a verdade toda, ácerca dos terriveis acontecimentos, dos pavorosos crimes que lhe haviam cercado o berço. Os sentimentos da pobre Soledade foram uma dôr pungente, e ao mesmo tempo uma vaga esperança misturada de terror e de angustia indiziveis. Encontrava um pae, mas á beira da sepultura, involvido em tenebrosos mysterios, deshonrado publicamente, esmagado pelo desprezo e pela execração publica. Abandonal-o era um crime; e, comtudo, na alma pura e elevada da innocente menina havia uma como pudica repugnancia, em se aproximar do homem que sempre se esquecera da sua mãe e d'ella, que as deixára na miseria, e que dias antes mesmo recusára reconhecel-a por filha e abençoal-a; a ella que nunca fizera mal algum, que tinha a consciencia e o coração com toda a candidez da innocencia; a ella que nada queria, nem nome, nem riqueza, e nada desejava senão offerecer a seu pae os immensos thesouros da sua ternura. Ao mesmo tempo pesava-lhe o separar-se, mesmo por algumas horas, d'aquelle que para ella fôra o verdadeiro pae, de Carlos do Arnal, que jazia no leito lutando entre a vida e a morte:

parecia-lhe que era uma ingratidão, deixar assim quem para ella fôra como a providencia divina na hora da sua maior angustia e nas tristezas da orphandade. Para vencer os escrupulos d'aquella alma elevada e sensivel foi necessaria a palavra doce e persuasiva de Mathilde, e a consciencia do dever.

Soledade, vestida de negro, pallida e triste como a estatua da angustia, absorvida pela amargura dos seus dolorosos pensamentos, quasi insensivel a tudo e como obedecendo a uma força extranha que lhe constrangia a vontade, seguiu o dr. Luiz de Mello a casa do Adriano Ramires. A irmã do Arnal, a sr.ª D. Barbara, acompanhava a Soledade. A alma da beata estava cheia de jubilo, porque ia cevar a sua insaciavel curiosidade, o seu desejo inexgotavel de successos extraordinarios e escandalosos. Os olhos gottejavam-lhe lagrimas, como compostura e como necessidade impreterivel da doença d'olhos que a *achacava*.

Duas horas depois de ter sahido da casa do Adriano Rámires voltava alli o dr. Luiz de Mello, acompanhado da filha d'esse criminoso negreiro; e na alma verdadeiramente bondosa — e a que a bondade dava illusões — do sabio doutor, havia a esperança vaga de fazer a fortuna de Soledade; dando ao mesmo tempo á consciencia do moribundo, que elle suppunha attribulada pelos remorsos, as consolações do arrependimento e a alegria de uma boa acção. Nessas duas horas, porem, os successos haviam corrido rapidamente, e as esperanças de Luiz de Mello tinham-se tornado irrealisaveis.

Mal o Silvestre Palmar, verdadeiramente interessado na conservação da vida do Adriano Ramires ao menos por algumas horas, tinha disposto tudo, para que ao enfermo se applicassem os remedios que havia recommendado o dr. Luiz de Mello, entrou em casa, *impavida* e com ares de mando, a sr.ª D. Benedicta Subtil, acompanhada por outra beata, sua amiga e thesoureira da associação dos *misericordiosos*, e seguida pelo criado esguio e com fórmas e cara

de noviço, que era, como já vimos, um dos ornamentos da casa da prima de Carlos do Arnal.

— Que desgraça! Que desgraça esta! — exclamou a D. Benedicta logo ao entrar, tirando o chapéo de rendas pretas, pondo sôbre uma cadeira o sacco de couro que era a mala da caridade, e desembaraçando-se de um chaile côr de tabaco e ornado de franja que a involvia toda.— Soubemos agora mesmo esta grande desgraça, e vimos tractar do sr. visconde. Coitadinho! Estava ainda ha dois dias tão bom, e agora... quasi a morrer. Não é verdade que está muito mal? — perguntou ella, voltando-se para o Silvestre Palmar, para quem até alli nem sequer havia olhado.

— Está de bastante perigo — respondeu este secoamente.— Mas aqui em casa ha quem o tracte.

— Jesus! Sancto nome de Jesus! Ha quem tracte aqui do pobre visconde! Uma casa d'homens, só. Eu já mandei chamar o dr. Eleutherio... É um medico muito bom: e os padres Benin e Timide não devem tardar ahi.

— Mas eu não tenho o gôsto de a conhecer, minha senhora; e devo dizer-lhe que o dr. Luiz de Mello... — interrompeu o Palmar.

— Onde é o quarto do doente? — perguntou a beata, sem fazer caso do que lhe diziam. E como o Palmar, fascinado por aquella energica agitação, lhe indicasse a porta do quarto, a D. Benedicta entrou, dizendo á sua companheira: — Vamos, Leocadia; vamos exercer esta obra de misericordia. O visconde está por nossa conta.

D'ahi a um quarto de hora entrava o dr. Eleutherio, seguido pouco depois pelos dois padres francezes, Benin e Timide. E a D. Benedicta tomava triumphalmente posse da alma e do corpo de Adriano Ramires.

Com a applicação dos meios mais energicos de que a medicina pode dispôr, o doente recobrou a falla, sufficientemente para poder balbuciar algumas palavras apenas intelligiveis; e logo este successo foi celebrado pelas beatas e pelos padres como um milagre. Para não perder tempo

levaram o enfermo a confessar-se, ou antes a escutar uma breve *homilia* do padre Benin; porque o Adriano nada dizia, e só de quando em quando soltava gemidos estertorosos, que revelavam extrema angustia. Mais de uma vez, comtudo, os gemidos do enfermo acabaram n'algumas palavras que mal se podiam perceber, e ao mesmo tempo nos olhos, desmesuradamente abertos e embaciados, se lhe deixara ver a mais anciosa expressão de terror.

Durante este tempo o Silvestre Palmar, agitado e impaciente, passeava na sala proxima á porta de entrada; soltando de quando em quando algumas exclamações violentas contra as beatas e os padres, e indo muitas vezes á janella para ver se chegavam o dr. Luiz de Mello e Soledade. Quando ouviu dizer, em tom jubiloso, á beata D. Leocadia que «o doente havia feito uma devota confissão e recebido a absolvição do padre Benin» encaminhou-se rapidamente para o quarto de Adriano Ramires, na esperança de lhe poder dizer uma palavra, que o levasse a cumprir o seu dever para com a filha que abandonára. Quando entrou já estava á cabeceira do leito a D. Benedicta Subtil, arranjando as almofadas, puxando a roupa, pondo sobre o peito do enfermo um crucifixo de marfim e debaixo do travesseiro um saquinho de damasco cheio de reliquias.

— Agora deve ter a alma mais socegada, sr. visconde — dizia à beata.— Fez a sua paz com Deus, e ouviu sanctas palavras de confôrto da bocca inspirada do nosso padre Benin. É preciso que todos nos conformemos com a vontade de Deus. Todos havemos de morrer; e, estando bem com Deus, a morte é um descanso.

A cara aterrada de Adriano Ramires, ao ouvir fallar da morte, não mostrava nem resignação, nem paz de consciencia.

O Silvestre Palmar aproximou-se da cama; mas, apenas o Adriano o viu, antes mesmo que elle tivesse pronunciado uma palavra, soltou um grito rouco e suffocado, que fez estremecer quantos o ouviram. Com os braços estendidos, os

olhos quasi a saltarem-lhe das orbitas, a bocca contrahida e toda torcida para um lado, levantando-se um instante por um sobresalto violentissimo, o senhor da Ramalhosa balbuciou, entre gemidos: — Elle... não... não... levem-n'o d'aqui... vem matar-me... matar... lev...

Silvestre Palmar recuou espavorido. Logo as duas beatas e os dois padres o cercaram, e, fallando todos ao mesmo tempo e impellindo-o brandamente, o pozeram fóra do quarto. Era tempo; porque na sala de fóra estava esperando o dr. Farelorio, acompanhado de cinco homens, cujo aspecto sinistro, fato todo negro, modos encolhidos e pausados movimentos, faziam logo pensar em enterro.

— Aqui estão as cinco testemunhas — disse á D. Benedicta o dr. Farelorio. — Com estes homens e mais o sr. dr. Eleutherio temos seis testemunhas para o testamento nuncupativo. O estado do doente justifica o testamento, cujas disposições eu trago aqui apontadas neste papel, que v. ex.ª vai ouvir, a fim de lhe dar a sua approvação.

Então o dr. Farelorio leu á D. Benedicta um projecto de testamento, pelo qual o Adriano deixava a sua fortuna a diversos estabelecimentos de caridade, á associação dos *misericordiosos*, etc., etc., sem esquecer com pingues legados a sr.ª D. Benedicta, os padres francezes e o proprio dr. Farelorio. Depois de uma hypocrita discussão, a beata concordou na redacção do testamento. Encheu-se logo o quarto do enfermo de gente; os padres, as testemunhas do testamento, as duas beatas, o dr. Farelorio, e o honrado medico, o sr. Eleutherio, o qual se collocou ao pé de Adriano Ramires, a fim de attestar o bom estado das suas faculdades mentaes, a perspicacia do seu juizo, a energia da sua vontade e a clareza da sua palavra.

Sophismadas as prescripções da lei, deu-se ao testamento a apparencia de *validade* indispensavel, no meio da mais pungente angustia do enfermo e da mais viva satisfação dos que haviam preparado aquella scena ignobil.

A actividade febril de D. Benedicta não lhe consentia

ficar em meio de nenhuma das emprezas que tomava sobre si; ora ella tinha tomado a sancta empreza de preparar devidamente o Adriano Ramires para a eterna viagem. Por isso, mal se acabou de fabricar o testamento, logo a beata, ajudada pelo seu seraphico criado, começou a preparar um altar, com toalha de rendas, grande crucifixo e quatro castiçaes com velas de cera, defronte da cama do moribundo. Estava quasi terminada esta tarefa, quando na sala de fóra se ouviram vozes altercando e o ruido de passos. D. Benedicta, a quem nada escapava, e que sabia prever todos os perigos, correu logo para ver o que se passava, deixando a D. Leocadia o cuidado de acabar de armar o altar.

Os dois padres Benin e Timide, auxiliados pelo dr. Farelorio, buscavam impedir a entrada no quarto do Adriano a Silvestre Palmar, a quem acompanhavam o dr. Luiz de Mello, a Soledade e a sr.ª D. Barbara.

— Entrar agora não é possivel — dizia um dos padres. — Seria perturbar a paz de consciencia do sr. visconde, que já se confessou e vai d'aqui a pouco receber os sacramentos.

— Para lhe dar a paz da consciencia é que nós queremos entrar — dizia o Silvestre. — Elle tem um dever a cumprir...

— Já cumpriu todos os preceitos da religião — acudiu o outro padre: — e, depois de absolvido, nada pode perturbar-lhe a paz da consciencia, senão inquietal-o... com as paixões mundanas.

— É gravissima esta responsabilidade que tomam sobre si — disse o dr. Luiz de Mello, dirigindo-se aos dois padres, — afastando de um homem moribundo a filha que lhe vem trazer as consolações do seu amor, e dar-lhe occasião para arrancar da consciencia um grande remorso.

— A filha! — exclamou a D. Benedicta, assomando-se á porta da sala. — A filha de quem?

— A filha do visconde — acudiu a D. Barbara, a quem

a presença da prima, presidente dos *misericordiosos*, dava animo para fallar.— A Soledade é filha do visconde da Ramalhosa. Não o sabias, Benedicta? Pois tudo se descobriu agora. E nós vimos trazel-a para ao pé do pae.

A sr.ª D. Benedicta fez-se verde de colera; e com a voz trémula e um gesto de ameaça: — Sempre has de ser assim, Barbara — disse. — Todos te enganam; todos se servem da fraqueza do teu... coração, para fins illicitos. O visconde não tem filhos. Acaba de fazer uma devota confissão geral, e nada disse a tal respeito. Não é verdade, sr. padre Benin?

— É, minha sr.ª D. Benedicta — respondeu o padre, cruzando humildemente os braços sobre o peito.

— Já vês, Barbara — proseguiu a D. Benedicta.— O que se quer é...

— Não diga mais, minha senhora — interrompeu em tom severo e digno a Soledade.— O que eu quero é ver meu pae antes de elle morrer... para lhe beijar a mão, e nada mais.

— O que me parece impossivel é que a Soledade acceitasse um tão triste papel... isto é, que podesse acreditar as falsidades que lhe diziam! — exclamou a beata.

A triste Soledade não pôde ter as lagrimas; lagrimas de dôr, a que se misturava a indignação pela injuria que D. Benedicta lhe fazia.

— Eu sempre suppuz — exclamou indignado o Silvestre Palmar — que de um homem, como Adriano, só gente assim se podia acercar! Viveu entre crimes, e morrerá cercado de criminosos!

O dr. Farelorio entendeu que era chegada a occasião de intervir no debate com a sua eloquencia, e com o que elle chamava a sua auctoridade.— A virtude — disse elle — é superior ás injurias que lhe pretendem fazer homens, que nem sequer a podem comprehender. A caridade e a religião inspiram quanto nesta hora cérca o leito do moribundo; e o seu dever é afastar os que buscam especular com as fraquezas do homem, que luta nas *vascas* da morte.

O Silvestre deu alguns passos, agarrou no braço do dr. Farelorio, que se sentiu como preso n'uma *algema* de ferro, e puxando-o com violencia para a porta, disse-lhe: — Cá fóra acabará o discurso, sr. Farelorio... Veremos quem especula com as fraquezas do moribundo!

O perigo era imminente para o dr. Farelorio. Os olhos metallicos de Silvestre tinham uma expressão de furor que o paralysava; um como rugido de fera sahia a custo da garganta, contrahida pela colera, do capitão negreiro; e a sua mão de ferro cada vez lhe apertava mais o braço que, com a violencia da dôr, perdera toda a acção. As beatas e os padres buscavam salvar o dr. Farelorio; o proprio Luiz de Mello interpunha em vão a sua palavra persuasiva; a nada cedia a cega colera do Silvestre Palmar.

Já elle ia a sahir a porta, levando segura a sua preza, que tremia de medo e pedia, em voz clamorosa, misericordia, quando a Soledade lhe disse, detendo-o: — Sr. Silvestre Palmar, deixe esse homem. Lembre-se que está na casa... de meu pae.

O furor de Silvestre como que se fundiu ao ouvir as palavras de Soledade. A sua mão soltou logo o braço do dr. Farelorio, e apenas pôde dizer, para desculpar a sua violencia: — Este homem offendeu-a, Soledade.

O som pausado e solemne de uma campainha na rua, e o ruido de muitos passos subindo a escada vieram chamar a attenção de todos, e acalmar apparentemente as paixões que agitavam os espiritos. Os criados abriram as portas de par em par, os homens tomaram nas mãos velas accesas, os padres levantaram em voz alta e sonora as suas orações, e todos acompanharam o viatico ao quarto de Adriano Ramires.

São graves, solemnes, profundamente tristes, commovem o espirito, enternecem o coração de quantos a ellas assistem, as ceremonias e orações com que a religião catholica prepara a alma dos que estão proximos ao passamento, para acceitar a morte com resignação e até com es-

perança: alli, porem, no quarto do Adriano Ramires agonisante, ninguem estava commovido senão a Soledade. Ajoelhada aos pés da cama do pae, a filha esquecida, abandonada, sacrificada á mais criminosa cubiça, ás mais repugnantes paixões, chorava lagrimas sentidas, porque da sua alma se haviam naquelle momento apagado todas as lembranças do passado, e só dominava um puro sentimento de amor filial.

Depois de sacramentado o Adriano Ramires, ou fôsse terror ou emoção, cahiu n'um deliquio, a que acudiu o Luiz de Mello com grande desgosto das beatas. A Soledade aproximou-se tambem do enfermo, e, quando este tornou a si, deu-lhe na fronte um longo e ternissimo beijo, que o fez estremecer e lhe animou um instante os olhos, dando-lhe uma expressão de admiração e reconhecimento.

O dr. Luiz de Mello inclinou-se sobre o leito, e murmurou ao ouvido do moribundo: — É a sua filha... a sua filha Soledade.

As rapidas transformações por que, quasi repentinamente, passou a physionomia de Adriano Ramires não poderiam descrever-se. Ouvindo as palavras de Luiz de Mello, uma esperança e uma alegria lhe illuminaram os olhos e lhe animaram o rosto; depois, vendo a Soledade, o terror, o espanto, o susto, o remorso, se lhe pintaram successivamente na face decomposta e livida. A presença da pura e candida menina trazia á alma, aterrada em presença da morte, do miseravel Adriano a imagem pavorosa de todos os seus crimes, a recordação sinistra de todas as suas torpezas.

— É minha... é ella... minha... — a palavra filha não pôde elle soltal-a dos labios convulsos. Os braços agitaram-se desordenadamente; percorreu-lhe o corpo uma ligeira convulsão; os olhos abriram-se-lhe espavoridos, injectados de sangue; um suor frio lhe marejou da fronte; e, entre dois gemidos fundos e estertorosos, expirou.

A Soledade cahiu chorando sobre o corpo inanimado do pae, cobrindo-lhe de beijos as mãos e a face.

Os padres cercaram o defuncto, e as beatas buscaram arrancar a pobre Soledade do leito, em que jazia morto aquelle a que ella dera naquella hora solemne, pela primeira vez, o nome de pae.

— Vamo-nos, Soledade — disse o Luiz de Mello.

— Meu Deus! — exclamou ella. — Já?

— Espera-nos a sr.ª D. Mathilde... e aquelle que tem sido o seu verdadeiro pae, Soledade — acudiu o doutor.

— Vamos — respondeu ella singelamente.

E depois de depôr um beijo mais na mão de Adriano, sahiu seguida da D. Barbara, que assistira, aterrada e muda, a toda aquella scena.

Quando Soledade ia para sahir, aproximou-se-lhe o Silvestre Palmar, e, com voz profundamente commovida, disse sem que o ouvissem as pessoas que os cercavam: — Soledade, amo-a com toda a minha alma. Receba esta carta; n'ella verá o que resolvi fazer. Adeus, Soledade.

A carta, que Soledade leu ao chegar a casa, dizia:

«Soledade. — O amor que lhe tenho transformou-me a alma. Não me julgo digno de obter a sua mão, em quanto não alcançar pelo trabalho honrado uma posição no mundo. Vou fazer uma longa viagem. Se não morrer, virei pedir-lhe que me dê a felicidade. Toda a minha vida é sua, Soledade; e o meu ultimo pensamento, se morrer sem a tornar a ver, será para si. Permitta-me ainda uma vez que lhe diga que a amo. Será talvez a ultima.

Silvestre.»

Depois de ler esta singela carta, a Soledade ficou muito tempo chorando, porque na sua alma sentira ella morrer naquelle momento uma indefinida e vaga esperança. Triste presentimento lhe estava dizendo, que não tornaria mais a ver o Silvestre Palmar.

XXV

ACTOS DE ABNEGAÇÃO

O D. Antonio d'Almada, apeando-se rapidamente da sua carruagem, subiu quasi correndo as escadas da casa de Carlos do Arnal, poucos momentos depois de alli terem voltado o dr. Luiz de Mello, Soledade e D. Barbara.

Ao entrar perguntou por D. Carlota, e disse ao criado que o recebeu, que lhe pedisse o favor de lhe vir immediatamente fallar. Nos poucos minutos que esteve esperando, no espirito do D. Antonio d'Almada correram rapidos os pensamentos: uns tristes, outros alegres; uns graves, outros de uma ironia suave; pensamentos, com que elle buscava encobrir os impulsos generosos do seu coração.

— Vai-me tardando o momento — pensava elle — de fazer de consolador de afflictos. Deve ser um espectaculo bom... e curioso, o da felicidade de toda esta familia, que está agora na angustia. Não o poderei gozar, eu. Veda-m'o... o desejo de... de que? Creio que m'o veda a timidez... ou a esperança de agradar assim mais á minha generosa... bemfeitora. Pois não foi a Carlota quem me deu estas expansões da alma, que tanta surpreza me causam? No fim de tudo é barato o prazer que estou já saboreando, e que vão

gozar... a minha querida Carlota, o meu pobre Luiz, e a linda Mathilde. Doze contos de réis! Poucos ricos no mundo sabem dar á sua vaidade uma satisfação egual a esta! É uma verdadeira excentricidade... e pouco commum, o que vale mais do que tudo. Aqui está a letra fatal — proseguiu pensando o D. Antonio, que havia tirado da carteira um papel dobrado: — Essa letra, causa miseravel que tem ás portas da morte um homem de talento, que faz a desesperação de uma rapariga bonita, e que poderia tornar impossivel, talvez, a felicidade do meu melhor amigo!... Eil-a, e com ella vou eu transformar tudo. O que a sciencia, o talento, a honra, as lagrimas e a oração não poderam conseguir, pôde conseguil-o... o dinheiro... de um extravagante!... É falso. Estou-me calumniando. Quem faz isto tudo... todo este bem... são os conselhos, a bondade, a virtude, a generosidade de D. Carlota.

Ao seguir o fio incoherente dos seus pensamentos, umas vezes o riso, outras as lagrimas davam á physionomia do D. Antonio variada expressão: e quando D. Carlota entrou na sala não pôde deixar de ver, que duas lagrimas deslisavam pelas faces do generoso fidalgo.

— Estava agora mesmo, sr.ª D. Carlota, a levantar-lhe um altar humilde no meu espirito — disse elle sorrindo e beijando a mão de Carlota, para assim esconder as lagrimas. — O templo não é digno de v. ex.ª, mas a minha fervorosa... sinceridade deve tornar perdoavel uma tal ousadia.

— Nesta occasião, D. Antonio, a dizer-me finezas! — exclamou com doçura a D. Carlota. — E foi para isso que me mandou chamar? Esqueceu já o que me prometteu?

— Prometti, minha senhora, lembrar-me sempre das suas virtudes, e imital-as... de longe.

— Deixemos esses louvores... que são acto de benevolencia, e nada mais — acudiu ella com um movimento gracioso, para impôr silencio ao seu *interlocutor*. — O que deseja dizer-me no interesse dos nossos amigos?... Porque eu bem sei que me vem fallar d'elles.

— Venho entregar-lhe, sr.ª D. Carlota, essa letra fatal, que tanto perturbava o espirito do honrado Carlos do Arnal.

— A letra! E porque m'a entrega a mim, D. Antonio?... porque a não dá a Mathilde? — disse a D. Carlota, limpando as lagrimas que lhe cahiam, sem que ella as podesse deter.

— Porque não basta só salvar o Carlos do Arnal — respondeu elle: — é tambem necessario fazer a felicidade da sr.ª D. Mathilde e do meu amigo Luiz de Mello. V. ex.ª, que concebeu este generoso plano, de que eu não fui mais do que humilde e obediente auxiliar, é quem pode leval-o a feliz termo... com a delicadeza do seu espirito e a bondade do seu coração.

— Não pode ser, D. Antonio...

— A minha missão acabou, e nem o meu nome deve tornar a ser lembrado em tudo isto.

— Bem vê — acudiu ella muito commovida — que é irrealisavel esse seu desejo. O Carlos do Arnal não acceitará um favor d'estes... sem saber quem lh'o faz. Os melindres do seu nobre caracter, que têm com a doença crescido ainda, resistirão a tudo que não seja comprehensivel e claro.

— É justa essa observação, sr.ª D. Carlota... mas não sou eu que lhe faço este pequeno serviço, é v. ex.ª. Em mim não houve senão o desejo ambicioso de me associar com a... minha boa amiga n'uma obra de misericordia.

Não pôde por alguns instantes a D. Carlota articular uma palavra, tão profunda era a sua emoção. Estendeu uma das mãos ao D. Antonio, e com a outra buscou encobrir os affectos que se lhe retratavam involuntariamente no rosto. Pouco a pouco recobrou alguma tranquillidade, e então, escondendo n'um sorriso forçado a extrema exaltação da sua sensibilidade, disse em voz pouco firme: — Visto que me deu direito, D. Antonio, de influir nesta... intriga que estamos tramando, proponho...

— O que, minha senhora?...

— Proponho que seja esta letra entregue ao Luiz de Mello.

— Eu tinha esse desejo — acudiu vivamente o D. Antonio d'Almada: — mas não me atrevia, sem o seu consentimento, sr.ª D. Carlota, a... a lembrar uma tal solução, em negocio que é todo seu.

— Estava capaz de o ter por máo, D. Antonio — disse a D. Carlota, já senhora de si, e com um sorriso sincero. — Tinha uma boa idéa, e pensou que eu não concordaria com ella?

— Não... não pensei tal: mas queria deixar-lhe o prazer de a exprimir primeiro do que eu.

— É uma alma nobilissima, a sua...

— Cale-se... — interrompeu o D. Antonio. E, em tom quasi jovial, proseguiu: — Nunca tive sangue-frio para escutar louvores, nem para receber agradecimentos... É falta de costume, talvez. Não fallemos mais de mim. Permitta-me que lhe peça ainda um favor...

— Qual é?

— Não consinta que o Luiz diga o meu nome, quando entregar esta letra ao Carlos do Arnal. O medico é quem dá ao doente o medicamento que o ha de salvar.

— Talvez não queira o dr. Luiz de Mello...

— Peça-lh'o... exija-lh'o, minha sr.ª D. Carlota, em nome da amizade que um ao outro nos une. Ah! — exclamou o D. Antonio d'Almada, depois de curta pausa: — É facil convencel-o a fazer o que ambos nós desejamos. Diga-lhe v. ex.ª que elle fica sendo meu devedor... e me pagará quando puder. Já vê, sr.ª D. Carlota, que tudo quanto eu fiz pouco vale. A bondade com que v. ex.ª me tracta é recompensa valiosissima de quanto eu possa ter feito, para se realisarem as suas generosas idéas.

— Agora digo eu tambem: não fallemos mais de mim. Estou tão commovida — proseguiu ella — que não sei como hei de exprimir... o que se passa em mim. É melhor escondel-o no silencio.

— Tem razão — disse com voz trémula e suffocada, mas que elle buscava tornar firme e sonora, o D. Antonio d'Almada. — Esconderemos no silencio o que em nós se passa: e para que seja mais facil esse silencio, resolvi...

— O que?... — perguntou ella, vendo que o D. Antonio hesitava em exprimir o seu pensamento, ou antes parecia não ter força para o fazer.

— Resolvi... — proseguiu elle, fazendo um esforço sobre si proprio — resolvi fazer uma viagem... de um anno pela America.

— Quando?...

— Agora mesmo venho despedir-me de v. ex.ª, minha senhora. Parto hoje no paquete para Inglaterra.

A D. Carlota de Sousa fez-se muito pallida, e teve de se encostar a uma meza para não cahir: comtudo, passado um instante, perguntou com voz bastante firme: — Porque... porque tomou a resolução de fazer essa viagem?

— Porque — respondeu elle — é muito perigoso... para mim, o associar-me ás suas boas obras, Carlota... Eu sou medroso. Adeus.

E tomando as mãos de D. Carlota deu-lhe fervidos beijos. Ella teve uma como vertigem: e os seus labios pousaram ligeiramente na fronte d'aquelle que a amava com tanta e tão sincera dedicação.

Passou tudo como um sonho.

— Vá, D. Antonio — disse ella. — Deve ir... É preciso que vá fazer uma viagem... longa.

Olharam um para o outro um instante. Ambos sentiram que podiam ter tranquilla a consciencia; porque era nobre, puro e sancto o sentimento que os unia.

Sem pronunciarem nem mais uma palavra separaram-se. Só as lagrimas diziam que era dolorosa aquella separação, e n'um e n'outro ficava viva e pungente a saudade.

A entrada do dr. Luiz de Mello na sala veio tirar a D. Carlota da sua melancolica e vaga meditação. Sacudiu o torpor que se lhe havia apoderado do espirito; e, lembran-

do-se dos deveres que tinha a cumprir, pôde vencer com a energia do seu caracter a momentanea fraqueza do seu coração.

— Como está o doente, dr. Luiz de Mello? — perguntou ella com precipitação.

— Não o acho melhor — respondeu este.

— Mas o que é que elle tem? — acudiu ella, para distrahir a attenção do doutor, e occultar-lhe assim a sua perturbação.

— Ha dois males, ambos graves, que ameaçam a vida do pobre Arnal: uma lesão profunda do coração, consequencia de trabalho demasiado e de longos soffrimentos moraes: uma grande excitação nervosa, uma excessiva exaltação moral, consequencia da angustia que lhe causa o que elle suppõe um perigo imminente para a sua honra... essa divida que elle não pode pagar. Se podessemos remover esta excitação accidental, conseguiriamos talvez tornar mais lentos os progressos da doença do coração, dar-lhe algum tempo de vida... e mais tarde uma morte mais tranquilla, do que aquella que eu receio possa chegar de um momento para o outro.

— Fico um pouco menos inquieta agora — disse a D. Carlota.

— Como?

— A causa d'essa tão perigosa excitação sendo, como é, um grande desgosto, podemos, sr. Luiz de Mello, pôr-lhe termo immediatamente. Aqui está a letra...

— Esta letra! — exclamou o Luiz de Mello com alegria, tomando a letra da mão de D. Carlota.— Como está esta letra em seu poder?... Perdão, minha senhora, por esta indiscrição... Isto é a vida para o Carlos do Arnal!

— Essa letra deu-m'a, para lh'a entregar, o seu amigo D. Antonio — se apressou em dizer a D. Carlota.

— Onde está elle... o meu bom, o meu querido amigo? — exclamou elle, em calorosa expansão de reconhecimento.

Novamente as lagrimas saltaram com irresistivel violen-

cia dos olhos de D. Carlota, quando disse: — Hoje mesmo parte para Inglaterra, e de lá vai fazer uma longa viagem pela America.

— Sem se despedir de mim!

— É um segredo esta viagem, que... elle me não quiz explicar — balbuciou a D. Carlota, corando vivamente.

— Mas nem uma palavra para mim?...

— Elle recommendou-me que lhe entregasse essa letra, e lhe dissesse que não queria... que lhe pedia, em nome da amizade, absoluto segredo. Não deseja elle que o seu nome seja lembrado.

— Mas é impossivel... Eu não posso calar o nome...

— É a vontade d'elle, é preciso obedecer-lhe — acudiu gravemente a D. Carlota; a qual, por um sentimento de intima ternura, não designava o D. Antonio pelo seu nome. — Quando lhe fiz essa mesma reflexão, disse-me que não era isto mais do que... um simples adiantamento, que o sr. Luiz de Mello lhe restituiria depois... quando podesse.

— Que nobre, que grande alma! — exclamou o Luiz de Mello, com os olhos arrasados das mais suaves lagrimas, as lagrimas da gratidão. — Mas o segredo d'esta viagem!... Não m'o sabe explicar, sr.ª D. Carlota?

— Creio que sei — respondeu ella singelamente. — Elle não quer... seduzir todos pela gratidão.

Ambos ficaram silenciosos por longo tempo: absorvidos ambos na pura e intima contemplação das sublimes virtudes de D. Antonio d'Almada. Por fim o dr. Luiz de Mello quebrou o silencio.

— Agora espero... ouso esperar ainda — disse elle — alguns dias de paz e de vida, sem soffrimento, para o nosso pobre enfermo.

— A alegria é tambem perigosa — observou a D. Carlota.

— Consultemos a sr.ª D. Mathilde sobre o que se ha de fazer — acudiu elle.

— Escute, sr. Luiz de Mello. Para Mathilde é ainda mais

necessario o segredo que lhe recommendei, do que para o proprio Carlos do Arnal.

— E porque?

— Pois não vê — disse ella com aquelle *ineffavel* sorriso, que era o seu grande encanto e a mais esplendida manifestação da bondade da sua alma — pois não vê que, devendo-lhe a vida do pae... será completa a felicidade da nossa querida Mathilde?

XXVI

ALEGRIAS E PENAS

A filha de Carlos do Arnal, por muito tempo sujeita ao deleterio influxo do *sentimentalismo* — d'essa melancolica e inervante morbidez, que desalenta o espirito e exalta os nervos, que debilita as forças physicas e faz até perder a faculdade de sentir os grandes affectos — a pallida e formosa Mathilde havia passado por uma rapida e profunda transformação. A dôr de ver soffrer seu pae, a quem ella queria muito; o receio de o perder; o perigo de se ver unida a um homem que lhe era odioso; a necessidade de lutar com as difficuldades da vida e, por isso mesmo, de as comprehender em toda a sua dura realidade; o embate violento entre os seus desejos e o que ella julgava serem os seus deveres; tudo tinha accordado a entorpecida energia d'aquella alma pura, elevada, suave e amoravel, que por tanto tempo estivera perdida n'um como vago e funebre sonho.

Ao passo que a verdadeira dôr, em toda a sua cruel realidade, se substituia á falsa dôr que a exaltação da phantasia desenvolvera e quasi creára; ao passo que as duras provações da vida lhe faziam esquecer soffrimentos, formados pela imaginação e por ella excitados; ao passo que as

angustias do amor filial sobresaltado extinguiam os tormentos de uma excessiva sensibilidade nervosa, reagindo sobre uma alma impressionavel; ao passo que a verdade rude e inexoravel apagava os sonhos evocados pelo sentimentalismo; tinha a candida Mathilde encontrado em torno de si carinhosos affectos, amizades dedicadas e ternas; e, sobretudo, o sentimento profundo de um homem nobre e dotado de elevadas faculdades, que a involvia n'uma como atmosphera de penetrantes effluvios de amor.

Pouco a pouco se fez a metamorphose da sentimental Mathilde. As pallidas saudades esvaeceram-se para dar logar a fagueiras esperanças. As recordações desmaiaram e nasceu o amor: amor suavissimo, que se lhe apossou de todas as faculdades sensitivas e a trouxe á plenitude da vida; com todas as suas alegrias e tristezas; com toda a sua luz e sombra; com tudo quanto nos deixa entrever o céo, e tudo quanto nos faz dolorosamente sentir que estamos presos á terra.

Sentada á cabeceira do leito de seu pae, affagando entre as suas a mão do velho enfermo, deixava a D. Mathilde divagar o seu pensamento, ora triste e desalentado, ora esperançoso, pelos largos campos da phantasia. Nessas divagações nunca o pensamento se lhe desprendia nem do seu querido pae nem do Luiz de Mello, a quem a unia um amor que ella já não buscava a si propria esconder. Soledade, de pé a pouca distancia, pallida, amortecidos os olhos de que se desprendiam grossas lagrimas, parecia a estatua da dôr resignada. Nada interrompia o silencio do funebre aposento senão a respiração, entrecortada de suspiros, do enfermo adormecido. O dr. Luiz de Mello sahira havia pouco do quarto; e a triste Mathilde sentia-se como só e abandonada, desde que o não tinha juncto de si. Inquieta, assustada, a candida menina buscava em vão vencer as suas apprehensões, suffocar os impulsos do seu coração, reprimir os funebres devaneios da sua imaginação. Era o Luiz de Mello para ella como anjo custodio, na presença do qual

não podia succeder nenhuma desgraça: logo que o não sentia juncto de si, affigurava-se-lhe que se aggravavam os padecimentos d'aquelle, cuja vida preciosa ella temia a cada instante vêr extinguir-se. Tudo era então observar anciosa se no rosto livido se lhe notava alguma mudança assustadora; se lhe augmentava o abatimento; se a respiracão se lhe tornava mais desegual; se lhe crescia a febre; se, emfim, a doença ganhava novas forças e vencia a resistencia, já frouxa e quasi impotente, da vida. Contava os minutos; sentia o tempo correr lento e pesado, e como opprimir-lhe o coração; e parecia-lhe até, que em roda d'ella se condensavam as trevas e se alargava um deserto.

Não podendo resistir já á inquietação angustiosa que lhe desolava o coração, fez um signal a Soledade. Esta approximou-se sem ruido e tomou o logar que occupava a D. Mathilde á cabeceira do doente.

Quando entrou na sala onde estavam a D. Carlota e o dr. Luiz de Mello, terminava a conversação a que anteriormente assistimos. Estavam ainda os dois profundamente commovidos, e por isso foi grande o seu sobresalto quando viram entrar a D. Mathilde, em cujo rosto, por extremo pallido, havia uma expressão dolorosa de susto e de angustia.

— O que ha? — perguntaram ambos, ao verem entrar a D. Mathilde.

— Nada de novo — respondeu ella. — Meu pobre pae continúa profundamente abatido. Está dormindo, mas o seu somno é afflicto, entrecortado de gemidos... Parece que mesmo em sonhos o perseguem as angustias, que o atormentam durante a vigilia. Dentro em pouco despertará... e terá um d'aquelles ataques de dolorosa desesperação, que tanto me assustam. Não posso... não tenho coração para tamanha dôr, meu Deus! Não quizera estar só... — accrescentou, olhando supplicante para o Luiz de Mello.

— Não te deixamos só, Mathilde — acudiu a D. Carlota. — O sr. Luiz de Mello espera ver melhorar teu pae... Ha razões para o esperar, agora.

— Bem sabes as causas que tanto lhe deprimem o espirito, minha querida Carlota.

— Devemos ter esperança de o ver animar-se e resistir á doença, Mathilde — disse a D. Carlota.— Está salva já a honra de teu pae. Essa responsabilidade, que era a desesperação da sua alma tão honrada e de tanta probidade, acabou.

— Como?

— Aqui está a letra que o sr. Carlos do Arnal assignou, para acudir á ruina da fabrica de Sancta Eulalia — disse o Luiz de Mello.— Foi tudo uma horrivel traição d'aquelle... do Adriano Ramires. A letra está paga... e o Adriano morreu já.

— Sem mesmo, á hora da morte, cumprir um dever sagrado — observou D. Carlota.— Pobre Soledade!

Depois de um curto silencio a filha de Carlos do Arnal, recobrando o sangue-frio que a esperança e alegria lhe haviam feito perder, exclamou: — E quem foi... quem foi que salvou meu pae?

— Um amigo... — balbuciou o doutor.

— O sr. Luiz de Mello — interrompeu a D. Carlota.

Afflicto, enleiado o Luiz de Mello exclamou, com um gesto de verdadeira afflicção: — Sr.ª D. Carlota... que diz?

Approximou-se d'elle, e em tom imperioso, disse-lhe ao ouvido a D. Carlota: — É a vontade de D. Antonio... É dever de gratidão obedecer-lhe.

O coração da terna e namorada Mathilde transbordava de reconhecimento e suavissima alegria. Os olhos derramavam lagrimas, a bocca sorria. N'um impulso de verdadeira paixão tomou as mãos do Luiz de Mello, apertou-as convulsa, e exclamou: — Não sei dizer-lhe o que sinto, Luiz... Devo-lhe tudo.

— Tudo... dizes bem, Mathilde — disse a D. Carlota, exultando de alegria.— O sr. Luiz de Mello deu-te... quanto um homem de grande alma pode dar a uma mulher digna d'elle.

N'aquelle momento os espiritos dos dois amantes uniram-se n'um extase sublime.

— Vou dar a meu pae a feliz nova... — disse, vencendo o enlevo em que estava, a D. Mathilde. — É como resuscital-o...

— É preciso não lhe dar de repente um grande abalo — observou, solicito, o doutor.

— Eu não tenho força para lhe esconder a verdade! — exclamou a candida menina, que se não podia ter de impaciencia. — A alegria é tanta no meu coração, que não a posso conter. Venha, Luiz... dr. Luiz de Mello; venha comigo... Tem mais animo do que eu. Vem tambem, minha Carlota.

Apezar de entrarem cautelosamente no quarto do enfermo, este despertou como em sobresalto, ao ouvir os passos das duas senhoras e do dr. Luiz de Mello.

— Mathilde — disse elle — o que ha?... Diz-me a verdade inteira, filha... que eu para tudo estou já preparado.

A Soledade levantou-se para deixar o logar a D. Mathilde. A D. Carlota e o Luiz de Mello aproximaram-se tambem do doente.

— Deus protege os desgraçados, meu pae. Tenhamos confiança n'elle — disse a D. Mathilde. — Diga-me: como se sente agora?

— Muito afflicto... — respondeu elle. — Não posso já com o peso d'estas angustias, que me opprimem. Este coração parece que me estala no peito.

— Vamos. Tranquillise-se, sr. Carlos do Arnal — disse o doutor. — Essa agitação de espirito aggrava a cada instante os seus padecimentos.

— Bem o sinto. Mas que quer, Luiz de Mello? Como hei de eu ter força para ver... perdida a honra, depois de sessenta annos de vida pura?

— São exaggerados esses seus receios. Um amigo, talvez... — ia observando a D. Carlota,

— Amigos! — interrompeu com vehemencia o velho advogado.— Amigos!... Não os ha já.— Mudando, porem, de tom, e banhado em lagrimas, proseguiu: — Perdão... perdão, sr.ª D. Carlota... perdão, Luiz de Mello. Ha amigos... mas são raros... Sinto uma dôr, uma agonia mortal.

— A esperança é o melhor balsamo para essa ferida — observou o Luiz de Mello.

— Deve ter mais do que esperança — ousou dizer a D. Carlota. — Deve ter a certeza... de que ninguem porá em duvida a sua probidade. Todos o conhecem e o respeitam...

— É sempre desapiedado o mundo para os que... o assombraram com a rigidez do seu caracter.

— Não terá que dizer... o mundo — interrompeu o Luiz de Mello.

— É porque não sabe, Luiz de Mello...

— Sei tudo.

— E então?...

— A sua responsabilidade... essa responsabilidade que tanto lhe pesava...

— Sim?!

— Acabou.

— Acabou! Como? Que me diz?...

— A verdade.

— E a letra?

— Paga. Aqui está ella.

O doente sentou-se subitamente na cama. Tomou nas mãos a letra; observou-a com soffreguidão. Uma expressão de indizivel alegria o animou; um ligeiro rubor lhe minorou a pallidez. E, tomando entre os braços a pallida e convulsa Mathilde, deu-lhe um longo beijo, em que se concentraram todos os sanctos ardores do seu amor paternal.

— Tranquillise-se, meu pae — disse a D. Mathilde affagando-o.— Essa exaltação... pode fazer-lhe mal.

— Não, não faz mal a felicidade — acudiu elle. E, depois de uma curta meditação, mudando subitamente de tom

e de physionomia, perguntou com hesitação: — Quem pagou... quem me pagou a minha divida? Digam-m'o, para eu saber se posso acceitar... se tenho direito de viver.

— Meu pae — observou a filha, assustada de tanta exaltação — descanse um pouco... Depois saberá tudo.

— Não... Já — interrompeu elle.— A quem devo eu a honra e a vida?... Quem me fez esta esmola?

A D. Carlota de Sousa aproximou-se então do pae de Mathilde: tomando-lhe uma das mãos, disse com voz suave e solemne ao mesmo tempo, e com um d'aquelles sorrisos formosissimos que lhe davam luz á physionomia: — Não foi esmola, sr. Carlos do Arnal. Pagou-lhe essa divida de honra quem lhe pede que o acceite por filho... quem lhe pede a mão da nossa querida Mathilde.

O pobre Luiz de Mello fez-se pallido, tornou-se convulso, e apenas balbuciou: — E consentirá ella!?

O velho advogado estava n'um extase de alegria.

— Senhor, meu Deus! — exclamou elle, levantando as mãos.— Em que mereci eu que fosse tanta a vossa misericordia?... Mathilde... filha... tu consentes... queres pagar a divida de teu pae?

Foi sublime, de candido enthusiasmo e innocente paixão, a palavra que a formosa Mathilde pronunciou, ajoelhando e beijando a mão do pae.

— Quero — disse ella simplesmente.

— E serás feliz, tu?...

— Amo-o, meu pae.

O dr. Luiz de Mello ajoelhou tambem, balbuciando apenas: — Mathilde!...

Uma nuvem de tristeza passou no rosto da D. Carlota. — E D. Antonio não vê esta felicidade! — pensou ella.

Mezes depois celebrou-se, n'uma festa de familia, o casamento do dr. Luiz de Mello com Mathilde. A felicidade

do velho advogado Carlos do Arnal era completa. Durante essa festa só duas pessoas sentiam o coração opprimido pela tristeza; apezar do muito que queriam aos noivos, e dos votos sinceros que faziam pela sua felicidade. Eram D. Carlota de Sousa e Soledade.

A D. Carlota tinha saudades de D. Antonio d'Almada. Parecia-lhe incompleta a festa sem a presença d'aquelle que, pela sua grandeza d'alma, a sua generosidade e a sua dedicação sublime, havia salvado um homem honrado da desolação e da morte, para lhe dar a felicidade restituindo-lhe a honra: d'aquelle a quem o Luiz de Mello e Mathilde deviam a ventura ineffavel de que estavam gozando.

Não se escondia nenhum outro sentimento no intimo do coração da D. Carlota? Quem sabe? — Ella propria o não poderia dizer.

A Soledade tinha o lucto no coração; mas escondia a propria dôr, para que ella não perturbasse a alegria da sua protectora, da sua querida Mathilde. Dias antes lêra n'um jornal a noticia de ter morrido no Brazil o Silvestre Palmar.

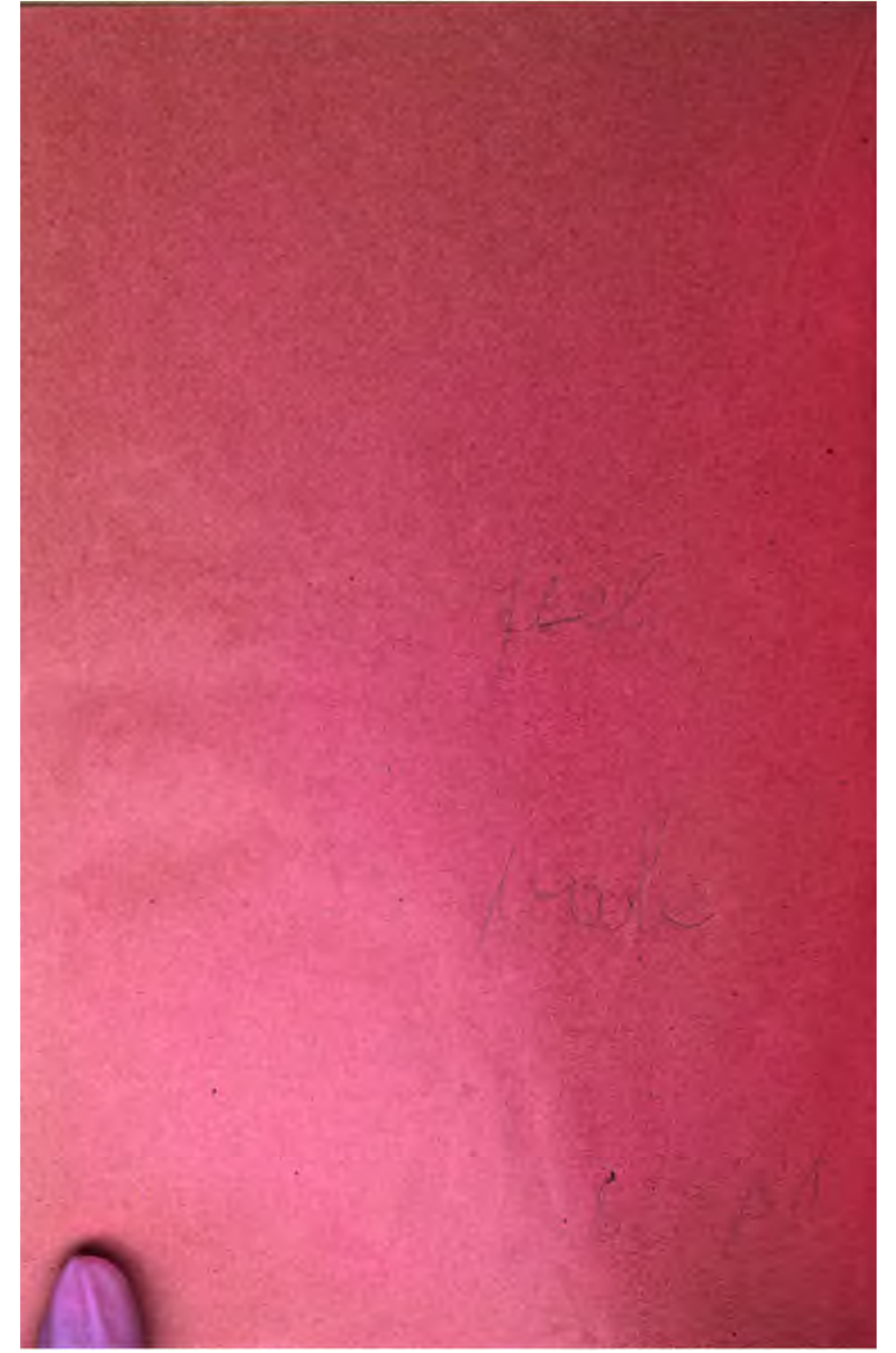
FIM.

INDICE

		Pag.
I	Cartas	5
II	Os dois amigos	9
III	Temporal e bonança	26
IV	O céo e a caridade	38
V	Politica e amores	51
VI	A via-sacra	62
VII	Conversações graves	74
VIII	Hora da agonia	88
IX	Trabalhos eleitoraes	97
X	Uma assembléa de eleitores	108
XI	Mercado de votos	122
XII	O braço direito do sr. Adriano Ramires	140
XIII	Suave desengano	150
XIV	Tristezas e confidencias	163
XV	Uma leitura com commentarios	178
XVI	Falas de amor	192
XVII	Planos de uma beata	206
XVIII	Segredos da Soledade	220
XIX	Angustias de Adriano Ramires	230
XX	Desalentos e esperanças de Adriano Ramires	252

Pag.

XXI Proposta de casamento 261
XXII Conversações sentimentaes 269
XXIII Uma sessão da camara dos deputados 279
XXIV Morte de Adriano Ramires 290
XXV Actos de abnegação..... 300
XXVI Alegrias e penas 308



Stanford University Libraries
3 6105 124 449 294

PQ
9261
A687

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.